



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO ACADÊMICO EM EDUCAÇÃO
LINHA DE PESQUISA: EDUCAÇÃO, CULTURA e SOCIEDADE**

PATRÍCIA RODRIGUES DE OLIVEIRA KIMURA



Belém-Pará

2013



PATRÍCIA RODRIGUES DE OLIVEIRA KIMURA

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE ALUNAS DO ENSINO FUNDAMENTAL
SOBRE O BULLYING.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, do Instituto de Ciências da Educação da Universidade Federal do Pará, linha de pesquisa Educação, Cultura e Sociedade, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof.^a Dra. Ivany Pinto Nascimento.

Belém-Pará

2013

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Biblioteca Central/UFPA, Belém-PA

Kimura, Patrícia Rodrigues de Oliveira, 1978-

Representações sociais de alunas do ensino fundamental sobre bullying /
Patrícia Rodrigues de Oliveira Kimura. — 2013

Orientadora: Ivany Pinto do Nascimento

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de
Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Belém,
2013.

1. Assédio nas escolas. 2. Violência na escola – Castanhal (PA). 3.
Adolescentes (Meninas) – Castanhal (PA) - Conduta. I. Título.

CDD - 23. ed. 371.782098115

PATRÍCIA RODRIGUES DE OLIVEIRA KIMURA

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE ALUNAS DO ENSINO FUNDAMENTAL
SOBRE O BULLYING.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, do Instituto de Ciências da Educação da Universidade Federal do Pará, linha de pesquisa Educação, Cultura e Sociedade, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação, sob a orientação da Prof.^a Dra. Ivany Pinto Nascimento.

Avaliado em: 26/06/2013

Conceito: Excelente

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Ivany Pinto Nascimento - Orientadora
Universidade Federal do Pará
Instituto de Ciências da Educação – ICED/PPGED

Prof. Dra. Laura Maria da Silva Araújo Alves - Membro interno
Universidade Federal do Pará
Instituto de Ciências da Educação – ICED/PPGED

Profa. Dra. Adelma do Socorro Gonçalves Pimentel - Membro externo
Universidade Federal do Pará
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - IFCH

Profa. Dra. Ivanilde Apoluceno de Oliveira – Membro externo
Universidade do Estado do Pará – Centro de Ciências Sociais e Educação

Belém/PA
2013

Dedico este trabalho a meu doce e amado pai, **Luíz Othon de Oliveira** (em memória), tão orgulhoso por ter sido nesta vida, filho e pai de professora, pelos anos que pude conviver com você meu adorado pai, por ter sido amigo de seus filhos, como você tão carinhosamente nos dizia, por seu amor, por seu auxílio, por sua ternura e carinho. Este trabalho é fruto do amor e confiança que sempre depositou em mim. Obrigada por tudo... Querido pai. Dedico-o também a uma **terna e singela criatura**. Grandes e eternos amores que partiram para junto de Deus no decurso desta caminhada.

AGRADECIMENTOS

À Jesus Cristo, pela compassiva escuta, mesmo diante da inconformidade de meu coração. Por me mostrar que por mais difíceis que pareçam os caminhos, sempre existe uma possibilidade... Uma saída... Pelo amor, força e alento para continuar... Obrigada, amor perfeito!

Aqueles a quem meus olhos por primeiro buscarão... Sempre... Ainda que nas imagens guardadas em meu coração. Meus amados pais, Luíz e Geralda, “bençãos de Deus”. Pelos doces e ternos olhares, sempre tão cheios de amor e confiança... Pelo carinho, cuidado e dedicação incondicionais, pelo exemplo de vida, entrega e doação, somente possíveis pelos indescritíveis laços de amor que unem pais e filhos. À vocês, luzes de minha vida, meu eterno amor... Minha eterna gratidão...

Aos meus amados irmãos, Michelle e Rogério pela amizade fraterna, pelo amor e lealdade sincera, pelo companheirismo e alegria, por acreditarem e partilharem os meus sonhos, como se fossem os de vocês. Obrigada, meus grandes amores!

Ao meu amado e querido esposo Masato, por seu amor e paciência, zelo e dedicação, sobretudo, por sempre me apoiar em todos os meus projetos, dando-me força e incentivo para seguir adiante. Obrigada, meu amor!

A professora Dr.^a Ivany Pinto do Nascimento, pelo compromisso, ética e reponsabilidade com a qual realiza o seu trabalho de mestra e pesquisadora, pelos preciosos ensinamentos que me proporcionou, pela compreensão e incentivo diante dos percalços do caminho e, por sua incansável dedicação para nos tornar sempre melhores. À você querida mestra, toda a minha gratidão.

A todas as alunas que tão gentilmente aceitaram participar deste estudo. Aos profissionais da escola lócus de minha pesquisa, pelo acolhimento e disponibilidade em me ajudarem a coletar as informações necessárias ao desenvolvimento deste trabalho.

À Professora Dr.^a Adelma Pimentel, sempre tão gentil, à Professora Dr.^a Laura Alves, por suas grandes contribuições e ensinamentos e pela compreensão no período da disciplina Seminário de Dissertação III, momento muito difícil de minha trajetória neste curso. Obrigada pelas grandes contribuições que me trouxeram, por ocasião do exame de qualificação. À Professora Dr.^a Ivanilde Apoluceno, por sua prontidão e disponibilidade para compor a banca de defesa.

Aos (as) professores (as) doutores (as) deste Instituto de Educação, especialmente àqueles que participaram diretamente de nossa formação, pelos valorosos ensinamentos.

A todos os colegas da turma de Mestrado em Educação 2011, pelas trocas produtivas de conhecimento e convivência alegre e agradável. Em especial ao meu querido amigo Welington Pinheiro, pelos momentos de apoio, partilha e amizade.

Aos meus queridos amigos da Assessoria de Educação de Jovens e Adultos – SEMED, Perpétua, Dijé, Silvia, Maristela e José, pelo apoio e compreensão que sempre me dispensaram. A todos os amigos da Escola Cônego Leitão, especialmente a grande e querida amiga Eli de Nazaré, pela doçura de seu coração, pela pessoa que é, pelo privilégio de ter podido contar com sua amizade, obrigada por seu apoio. À querida Maria Mendes, pessoa especial, doce e abençoada, exemplo de vida e doação, inspiração para todos nós que tivemos a oportunidade de convivemos com você, fazermo-nos melhores a cada dia.

Aos queridos professores e amigos da UFPA – Campus de Castanhal, Madison Ribeiro, Débora Alfaia e Adriano Silva pela compreensão e carinho e porque de muitas formas me inspiraram para prosseguir minha jornada acadêmica. Agradeço especialmente a minha querida amiga Gerlândia Castro, exemplo no qual me espelhei, pessoa iluminada que plantou em mim, as primeiras sementes do desejo de cursar o mestrado. À você, minha grande admiração!

Às minhas grandes e queridas amigas Priscila e Luciana, pela admiração, incentivo, carinho e amizade incondicionais, sem cobranças, sem pressões, pelos momentos de descontração e alegria e pelas muitas pizzas que ainda comeremos juntas.

Aos meus queridos colegas do Grupo de Estudos e Pesquisas em Juventude e Representações Sociais (GEPJURSE) Joana Neves, Sonia Eli, Vivian Lobato, João Torres, Neide Rodrigues, Mariléia Trindade, Kleber Fernandes, Ermelinda e Arlete, pelos momentos de aprendizado, pelas partilhas e alegres encontros. Em especial à Andréa Vieira, Francisco Anjos e Marlene Feitosa pelo apoio e disposição em me ajudarem, sempre que precisei.

Cada época não só sonha a seguinte,
como sonhadoramente apressa seu
despertar.

Walter Benjamin.

RESUMO

KIMURA, Patrícia Rodrigues de Oliveira. **Representações Sociais de alunas do ensino fundamental sobre o *bullying***. 2013. 254 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Pará, Belém, Pará, 2013

Este estudo consiste na investigação das representações sociais de alunas da 8ª série do ensino fundamental sobre o fenômeno *bullying* e suas implicações no processo de escolarização. O problema da pesquisa teve como foco as representações sociais das alunas sobre o *bullying*. Os sujeitos são estudantes do sexo feminino, com idade entre 13 e 18 anos, regularmente matriculadas em três turmas da 8ª série do ensino fundamental de uma escola da rede estadual de ensino. O lócus da pesquisa foi uma instituição de ensino fundamental e médio da rede pública estadual do município de Castanhal, localizado na região nordeste do estado do Pará. Os objetivos do estudo foram os seguintes: a) Identificar e caracterizar, a partir do pensamento consensual de jovens do ensino fundamental, as imagens e os significados que elas possuem sobre as intimidações, agressões e /ou assédio, caracterizados como *bullying*; b) Verificar em que situações o *bullying* ocorre e quais as formas utilizadas com maior frequência entre as alunas; c) Destacar as causas que concorrem para a afirmação de práticas de *bullying* no ambiente escolar e suas consequências; d) Destacar as percepções das alunas sobre as implicações decorrentes do *bullying* no processo de escolarização; e) Evidenciar as objetivações e as ancoragens que compõem o processo de construção das RS de jovens sobre o *bullying*. O estudo teve uma abordagem qualitativa e teve como referencial teórico a Teoria das Representações Sociais de Moscovici (1978) e Jodelet (2001). Dentre os referenciais teóricos utilizados constam: Abramavay, 2003; Beaudoin e Taylor (2006), Boneti e Priotto (2009) Constantine (2004) Fante (2005), Lopes Neto e Saavedra (2003) Nascimento (2006; 2011), Middleton-Moz e Zawadski (2007), e Silva (2010). Os instrumentos utilizados para a coleta dos dados foram o questionário semi-estruturado e a entrevista grupal. O tratamento dos dados pautou-se na análise de conteúdo de acordo com a abordagem proposta por Franco (2003). Os resultados assinalaram que as representações sociais das alunas sobre o *bullying*, constituíram-se em maus tratos, cuja imagem se assenta em condutas de agressão verbal, psicológica e física; Ameaça e invisibilidade, na qual a imagem se constitui pelos elementos, diferença, intolerância, desrespeito, inveja, competição e rivalidade; Contradição que corresponde à imagem da escola como um espaço de aprendizagem que se fragiliza e se descaracteriza diante da disseminação da violência e; Educação familiar e escolar que corresponde a imagem do papel da família e da escola como instâncias que partilham a responsabilidade pela orientação e formação dos alunos. As implicações escolares evidenciadas a partir das representações sociais das estudantes sobre o *bullying*, relacionam-se à uma série de repercussões negativas no processo de escolarização, dentre as quais: dificuldades de aprendizagem, queda do rendimento escolar, absenteísmo e evasão escolar.

PALAVRAS-CHAVE: Bullying, Representações Sociais, Escola, Violência.

ABSTRACT

KIMURA, Patrícia Rodrigues de Oliveira. **Social Representations of middle school students about bullying.** In 2013. 254 f. Dissertation (Master of Education) - Federal University of Pará, Belém, Pará, 2013

This study aims to investigate the social representations of the 8th grade students of elementary school about the bullying phenomenon and its implications in the schooling process. The problem of the research focused on the social representations of students about bullying. The subjects are female students, aged between 13 and 18 years, regularly attending three classes of 8th grade of middle school in a state school. The locus of the research was an institution of middle and high school in the city of Castanhal, located in the northeastern state of Pará. The objectives of the study were the following ones: a) identify and describe, having as basis the consensual thought of middle school youth, the images and the meanings they have about the intimidation, assault and /or harassment, characterized as bullying b) Check the situations in which bullying occurs and which forms are most frequently used among female students c) highlight the causes that contribute to the practical assertion of bullying in the school environment and its consequences; d) Highlight the perceptions of students about the implications of bullying in the schooling process, e) Demonstrate the objectifications and the basis that are part of the process construction of social representations of young people about bullying. The study had a qualitative approach and had as theoretical reference the Moscovici (1978) and Jodelet (2001) Theory of Social Representations. Among the theoretical references used, it is included: Abramavay (2003), Beaudoin and Taylor (2006), Boneti and Priotto (2009), Constantine (2004), Fante (2005), Lopes Neto and Saavedra (2003), Nascimento (2006; 2011), Middleton-Moz and Zawadski (2007), e Silva (2010). The instruments used for data collection were the semi-structured questionnaire and group interview. The data was based on content analysis according to the approach proposed by Franco (2003). The results indicated that the social representations of students about bullying, and they were violent treatment, whose image is based on verbal, psychological and physical aggression; Threat and invisibility, whose image is constituted by the following elements: difference, intolerance, disrespect, envy, competition and rivalry; Contradiction that matches the image of the school as a learning space that becomes weak before the spread of violence; Family and school education that matches the image of the role of family and school as instances that share responsibility for the guidance and training of students. The implications of school evidenced from the social representations of female students about bullying lead to negative repercussions in the schooling process, among which: learning difficulties, low school performance, absenteeism and school evasion.

KEY WORDS: bullying, social representations, school, violence.

LISTA DE SIGLAS

- ABRAPIA**– Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência
- APEOESP**– Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo
- CAPES** – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
- EJA** – Educação de jovens e adultos
- EVAP** – Escala de Agressão e Vitimização entre Pares
- FIPE**– Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas
- GEPJURSE** – Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Representações Sociais e Educação
- IBCT**– Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia
- IBGE** – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
- ICED** – Instituto de Ciências da Educação
- INEP** – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
- INFOPEN** – Sistema Integrado de Informações Penitenciárias
- IPEA** – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
- LDB**– Lei de Diretrizes e Bases
- MEC**– Ministério da Educação
- OMS** – Organização Mundial de Saúde
- OPAS** – Organização Pan-Americana da Saúde
- PNE** – Plano Nacional de Educação
- PUC** – Pontifícia Universidade Católica
- SCAN** – Scripted-Cartoon Narrative
- SCIELO** – Scientific Electronic Library Online
- SP** – São Paulo
- TALP** – Técnica de Associação Livre de Palavras
- TCC** – Trabalho de Conclusão de Curso
- TRS** – Teoria das Representações Sociais

UEFS– Universidade Estadual de Feira de Santana

UFPA – Universidade Federal do Pará

UFPB – Universidade Federal da Paraíba

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

UNIFESP– Universidade Federal de São Paulo

URE–Unidade Regional de Educação

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

LISTA DE DIAGRAMAS

Diagrama 01- Síntese das temáticas e subtemáticas interpretativas 134

Diagrama 02- Síntese das temáticas analíticas e objetivações e ancoragens das alunas sobre o fenômeno *bullying* 194

LISTA DE FIGURAS

Figura 01- Figura 01: Correio do povo, 10 de outubro de 2012 – Folha Geral, p. 17 82

Figura 02- Figura 02: Folha da região, 2011 – Folha Educação, p.10 83

LISTA DE FOTOS

Foto 01- Fachada da E.E.E.F.M. Casa do saber. 108

Foto 02- Entrevista em grupo com as alunas. 114

Foto 03- Entrevista em grupo com as alunas. 115

Foto 04- Entrevista em grupo com as alunas. 115

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01- Faixa etária das alunas 116

Gráfico 02- Cor da pele 117

Gráfico 03- Religião das alunas 117

Gráfico 04- Percepção sobre a segurança na entrada e saída da escola	122
Gráfico 05- Sentimento em relação à escola	123
Gráfico 06- Ambiente que as alunas mais gostam na escola	123
Gráfico 07- Percepção sobre a segurança na sala de aula	124
Gráfico 08- Percepção sobre a segurança no recreio	124
Gráfico 09- Incidência de vitimização por <i>bullying</i>	128
Gráfico 10- Local de maior incidência de <i>bullying</i>	129

LISTA DE QUADROS

Quadro 01- Síntese de informações sobre produções acadêmicas	25
Quadro 02- Produções midiáticas sobre o <i>bullying</i>	85
Quadro 03- Síntese das questões e respostas que surgiram das falas das estudantes	132

LISTA DE TABELAS

Tabela 01- Número de moradores na casa	118
Tabela 02: Número de trabalhadores	119
Tabela 03: Atividades extraescolares	120
Tabela 04: Veículos de informação sobre o <i>bullying</i>	125
Tabela 05: Incidência de <i>bullying</i> por faixa etária	126
Tabela 06: Incidência de condutas e exposição ao <i>bullying</i> conforme o sexo	127
Tabela 07: Reações a vitimização por <i>bullying</i>	130
Tabela 08: Motivos relacionados à vitimização por <i>bullying</i> .	137
Tabela 09: Formas de agressão usadas na prática de <i>bullying</i>	138
Tabela 10: Identificação dos tipos de agressões mais praticadas	152
Tabela 11: Identificação dos tipos de agressões sofridas	152
Tabela 12: Identificação dos tipos de agressões presenciadas	153
Tabela 13: Sentimentos decorrentes da observação de <i>bullying</i> .	168

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
I SEÇÃO – BULLYING: UMA MODALIDADE DE VIOLÊNCIA.....	38
1.1 Delimitando perspectivas sobre a violência.....	43
1.2 <i>Bullying</i> : manifestações da agressividade e violência no contexto escolar.....	51
1.3 Conceituando o bullying	60
1.4 <i>Bullying</i> uma prática de gênero: prevalência do problema entre estudantes do sexo feminino.....	64
1.5 Caracterizando as personagens do bullying.....	75
1.5.1 Alvos ou vítimas.....	75
1.5.2 Autores ou agressores.....	77
1.5.3 Testemunhas ou espectadores.....	79
1.6 Repercussões do <i>bullying</i> na mídia.....	82
 II SEÇÃO – TECENDO CAMINHOS: O PERCURSO METODOLÓGICO.....	88
2.1 A Teoria das Representações Sociais.....	89
2.2 O desenvolvimento da pesquisa.....	103
2.3 O campo de estudo: Caracterização do lócus da pesquisa.....	104
2.4 O perfil da escola	107
2.4.1 Aspectos físicos	107
2.4.2 Aspectos humanos.....	108
2.4.3 Corpo docente.....	109
2.4.4 O corpo discente.....	109
2.4.5 Administrativo	110
2.5 Os sujeitos da pesquisa.....	111
2.6 Técnica, instrumentos e coleta de dados.....	111
2.7 Procedimentos de coleta dos dados	112
2.7.1 I Etapa: Aplicação dos questionários.....	112
2.7.2 II Etapa: Entrevista grupal.....	113
2.7.3 Aplicação da técnica de entrevista grupal.....	114
2.8 Perfil dos sujeitos da pesquisa.....	116
2.8.1 A ambiência escolar	122

2.8.2	Questões sobre o bullying.....	125
2.8.3	Processo de elaboração das temáticas interpretativas e temáticas analíticas....	130

III SEÇÃO – ENTRE DIÁLOGOS E ESCUTAS: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE ALUNAS DO ENSINO FUNDAMENTAL SOBRE O BULLYING.....135

3.1	Percepções sobre o <i>bullying</i>	135
3.1.2	Modalidades de agressão.....	135
3.1.3	Fatores determinantes.....	142
3.2	O <i>bullying</i> na perspectiva feminina.....	148
3.2.1	Formas típicas	148
3.2.2	Desencadeadores.....	154
3.3	Implicações do fenômeno <i>bullying</i>	162
3.3.1	Reflexos do <i>bullying</i>	162
3.3.2	Escola x <i>Bullying</i>	169
3.4	Medidas de enfrentamento.....	174
3.4.1	Ações articuladas: O papel da escola e da família.....	175
3.5	Penas e sanções à prática de bullying.....	177
3.5.1	Impunidade	178
3.5.2	Reparação	180
3.6	Imagens e significados de alunas do ensino fundamental sobre o <i>bullying</i> e suas implicações no processo de escolarização.....	182
3.6.1	Implicações do fenômeno <i>bullying</i> no processo de escolarização.....	194
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	199
	REFERÊNCIAS.....	207
	APÊNDICES.....	221

INTRODUÇÃO

O tema abordado no presente estudo versa sobre o *bullying* e tem como foco central as representações sociais que alunas do ensino fundamental desenvolvem sobre o fenômeno, bem como suas repercussões na vida escolar, dado que o *bullying* é identificado como uma prática recorrente nas relações que se desenvolvem no cotidiano das escolas. Designado como uma modalidade de violência que ocorre a partir das interações entre pares, configura-se como uma prática prejudicial ao desenvolvimento social e cognitivo dos indivíduos que a ela permanecem expostos.

A violência tem tomado proporções alarmantes, sendo retratada diariamente nos meios de comunicação. Crimes bárbaros estampam as capas dos jornais todos os dias, assim como são noticiados ostensivamente por programas televisivos. Neste cenário a violência segue, como um problema persistente que se deflagra em todas as camadas sociais e se faz presente na vida cotidiana das pessoas.

Propagando-se em suas diferentes nuances a violência se tornou lugar comum à todos e se constitui como um fato permanente, com o qual aprendemos a conviver com certa naturalidade, ainda que, em um primeiro momento lancemos sobre ela um olhar de perplexidade e indignação, é possível que por sua expressiva incidência, tenhamos nos condicionado a percebê-la como uma prática incontrolável e inerente ao ser humano.

Estas questões só realçam a dimensão da violência e de suas implicações, resultantes dos reflexos negativos e ameaçadores ao convívio e a vida em sociedade. Sobretudo, quando se avaliam as consequências nefastas de sua prática, uma vez que, dados levantados em diversos estudos alertam para os impactos, não só físicos, mas também de ordem emocional, psíquica e social que a contínua exposição a atos violentos pode provocar nas pessoas. Este fato faz com que a violência se torne pauta emergencial no âmbito do debate das políticas públicas e educacionais para o enfrentamento e prevenção do problema.

Diante deste cenário a violência se configura como uma das principais preocupações da sociedade, e enquanto um fenômeno social se reproduz nos ambientes de atuação e interação humana. Dada a sua relevância, é um tema bastante discutido em diferentes campos do conhecimento, e destaca-se nos estudos de cunho antropológico, histórico, psicológico e sociológico, bem como nas pesquisas que se voltam às áreas da Educação e Saúde.

O termo violência estabelece em seu campo semântico relações tanto com a ideia de agressão física, quanto com a ideia de violência simbólica, a qual tem seus efeitos mais prejudiciais no campo emocional e psicológico, e se configura como uma prática constante nas relações de muitos sujeitos.

A Organização Mundial de Saúde – OMS, com base na resolução WHA 49.25, define a violência como o maior problema de saúde pública que assola o mundo na atualidade, onde destaca a gravidade do problema e as sérias consequências decorrentes de sua naturalização, uma vez que a violência “representa um risco maior para a realização do processo vital humano: ameaça a vida, altera a saúde, produz enfermidade e provoca a morte como realidade ou como possibilidade próxima” (AGUDELO, 1990 apud MINAYO, 1994).

O alerta deixa explícita a grande preocupação com o tema, que se deve, sobretudo, ao campo de abrangência deste fenômeno na vida social. Presente nos mais variados contextos da vida em sociedade, “a violência é um dos eternos problemas da teoria social e da prática política e relacional da humanidade. Não se conhece nenhuma sociedade onde a violência não tenha estado presente.” (MINAYO, 1994, p. 01).

As estatísticas apontam para a violência como um problema que se expande em larga escala, tanto a nível global, quanto regional. Nesta dinâmica, a escola, enquanto ambiente de interação e difusão de ideias e práticas culturais e sociais, toma parte deste processo, e reproduz em seu interior relações sociais dicotômicas e conflituosas. O que faz com que o ambiente escolar, torne-se um local em que, sob uma perspectiva marcadamente contraditória, a violência em suas diferentes nuances ganhe espaço.

No Brasil, a violência escolar tem sido tema de vários debates e intensas discussões, que colocam em pauta os reflexos negativos destas práticas no processo de formação de homens e mulheres e dos agravantes sociais e psíquicos que delas possam emergir.

As notícias sobre a violência no contexto das instituições de ensino são recorrentes e velhas conhecidas dos que vivenciam a escola, sejam estes profissionais ou estudantes. A violência entre alunos e até mesmo entre profissionais é comum e faz parte do cotidiano escolar, onde são na maior parte dos casos, justificadas por razões banais.

Esta realidade perturbadora, motiva a busca pela compreensão de como estes eventos vão tomando corpo no interior das escolas, e de como elas poderão instituir

meios mais efetivos para trabalhar tais questões, com a intenção tanto de evitar consequências mais sérias, como paralelamente de resgatar a escola enquanto espaço de trocas e partilhas, de aprendizados e acolhimento.

Embora se saiba que as raízes do problema não estejam fincadas propriamente no chão da escola, é necessário que ela implemente ações direcionadas à eliminação ou minimização dos efeitos nocivos que as práticas de violência possam trazer àqueles que as vivenciam, na medida em que a escola assume o papel de instituição formativa que, para além de estar comprometida com os processos de apreensão dos conhecimentos cientificamente sistematizados, deve também contribuir com a formação cidadã dos sujeitos.

As reflexões feitas até aqui, apontam para a emergência de outras questões que o problema da violência traz à baila das discussões e que se manifestam como agravantes de seu processo de naturalização, materializadas pelas novas faces decorrentes de seus desdobramentos.

Esta variação no campo da violência é resultado da interação de múltiplos fatores e de contínuas transformações que interferem sobremaneira no contexto social mais amplo e fazem com que os fenômenos sociais, dentre eles, a violência, assumam outras formas de expressão, que desembocam na ampliação do seu território de abrangência. Deste modo, “a violência não se restringe ao físico, suas consequências podem resultar também em sequelas biopsicossociais” (ORNELLAS, RADEL & NASCIMENTO, 2010, p.36).

As sequelas biopsicossociais acima destacadas são referentes principalmente, aquelas que se encontram circunscritas ao campo psicológico, que envolvem os aspectos emocionais e morais, desencadeando reações biológicas que podem comprometer tanto a saúde física, quanto mental dos indivíduos e que espraíam seus efeitos para a vida social.

O *bullying*, fenômeno que nos últimos anos tem grande repercussão, caracteriza-se como uma variante da violência que apresenta grande incidência nas relações entre pares. Este fenômeno compreende tanto as agressões físicas propriamente ditas, quanto as que se localizam na esfera simbólica, ambas capazes de provocar efeitos prejudiciais da mesma magnitude. (LOPES NETO E SAAVEDRA, 2004).

Neste cenário, onde o real e o simbólico se entrelaçam, a prática do *bullying* emerge delineada pelos conflitos recorrentes nas relações entre pares. O fenômeno

apresenta entre suas principais características, os insultos, os constrangimentos, as gozações e intimidações e as acusações injustas e sem fundamentos.

A frequência e regularidade destes atos e a existência de uma relação assimétrica de poder, materializada pelo sentimento de superioridade do agressor em relação à vítima, são outras características que definem a prática do *bullying*. Estes eventos ao conduzirem suas vítimas a um processo de exclusão podem causar além de danos físicos, traumas psíquicos, morais e materiais.

Acerca do conceito de *bullying*, Fante (2005), assinala que por não haver um termo equivalente no vocabulário de muitos países, o fenômeno é definido universalmente como um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas. A este respeito a autora avalia que:

O bullying é um conceito específico e muito bem definido, uma vez que não se deixa confundir com outras formas de violência. Isso se justifica pelo fato de apresentar características próprias, dentre elas, talvez a mais grave, seja a propriedade de causar “traumas” ao psiquismo de suas vítimas e envolvidos. (FANTE, 2005 p.26)

Identificado como uma das formas de violência mais comuns entre os jovens na atualidade. Pesquisas recentes têm revelado que em todo o mundo as taxas de prevalência do *bullying* apontam para um percentual que varia entre 5% a 35% de alunos envolvidos no fenômeno. Caracterizado como um exercício de poder de um indivíduo sobre o outro, visa impor o controle por meio da coerção, onde habitualmente se faz uso de ações vexatórias, humilhantes e discriminatórias como forma de sujeição e inferiorização do outro. (FANTE, 2005).

O termo *bullying* surge como uma nova terminologia para definir um fenômeno que já se faz presente há bastante tempo nas relações interpessoais. Ocorram estas na escola ou fora dela, e configura-se como um problema que atinge progressivamente um número cada vez maior de pessoas. Segundo Boneti e Priotto (2009, p.32)

As atitudes como ofender, ignorar, excluir, ferir e humilhar sempre existiram nas escolas públicas e privadas, tanto nas séries de ensino fundamental ou médio, porém o fenômeno tem se estendido para as séries iniciais e repercute muitas vezes não só na escola como também na vida pessoal.

No âmbito educacional, a recorrência deste problema pode levar ao desenvolvimento de quadros de violência contínua, mediante práticas de afirmação ou por atitudes revanchistas. Os estudos realizados por Olweus (1978), revelaram que o

bullying pode contribuir substancialmente para o baixo rendimento dos alunos envolvidos e para o problema do abandono e da evasão escolar, diante da compreensão da escola como um ambiente hostil e segregativo. Nos casos mais graves, o *bullying* contínuo pode culminar no desenvolvimento de severas patologias psicossociais. (FANTE, 2005).

Diante do amplo caráter formativo inerente ao papel da escola, consubstanciado pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB. 9394/96), que postula a educação como processo vinculado às práticas sociais, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, que tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando e seu preparo para o exercício da cidadania, posto que, está ancorada nos princípios de respeito à liberdade e apreço à tolerância, é que educadores, pais e sociedade, de modo geral, não poderão ignorar os reflexos negativos que o *bullying*, enquanto violência que atinge as instituições escolares, poderá trazer à formação dos sujeitos.

O alto índice de ocorrência deste fenômeno, que se faz presente em maior ou menor grau na totalidade de nossas escolas, bem como a sua complexidade, aponta para a necessidade de compreender como esta questão é percebida por aqueles que a vivenciam. Sejam como vítimas, agressores ou espectadores, e de verificar as reais consequências que esta forma de violência possa trazer a todos aqueles que dela tomam parte, estejam estes direta ou indiretamente envolvidos.

A escola como um ambiente saudável e profícuo, que tem como uma de suas principais atribuições contribuir para a formação integral dos sujeitos; ao abranger os processos formativos que se desenvolvem, entre outros fatores, a partir da convivência humana (LDB. 9394/96), deve se voltar para a necessidade de trabalhar práticas que atendam a estes aspectos da formação. Do contrário, pode-se correr o risco de colaborar com a atual condição de exclusão e mal estar em que muitos jovens se encontram, seja no papel de vítimas ou de agressores.

Diante da recorrência de fatos que não raras às vezes, tornam a escola palco de acontecimentos contraditórios ao ato educativo, torna-se relevante que os profissionais que nela atuam reconheçam os impactos e consequências que a prática do *bullying*, possa trazer aos estudantes. Nesta ótica, é necessário que as instituições escolares elaborem medidas eficientes para reduzi-la, uma vez que, comprovadamente este

fenômeno pode influenciar de forma negativa, em aspectos que se relacionam ao processo de ensino e aprendizagem, como observado nas palavras de Silva (2010, p.14).

Omitir-se é ser cúmplice da violência entre crianças e adolescentes no seu despertar, justamente no berço da educação e da socialização de cada ser humano. É na escola que iniciamos nossa longa jornada rumo a vida adulta, que nos transforma em cidadãos produtivos e solidários.

Em que pese estas considerações, o *bullying* ainda é tratado em muitos casos de forma banal e desinteressada, e compreendido como modismo ou exagero dos novos tempos, percepção que contribui para que suas manifestações sejam confundidas com “brincadeiras naturais” e mesmo positivas para o processo de amadurecimento. Ou ainda, que comportamentos desta natureza sejam justificados em função do estado de imaturidade que se atribui a criança ou ao jovem, e qualificadas como inerentes a fase de desenvolvimento na qual se encontram.

Esta percepção sobre o problema faz com que as condutas de *bullying* sejam frequentemente relevadas e até mesmo aceitas, na medida em que se desconsideram as causas e efeitos destas ações, ignorando-as enquanto objetos de reflexão.

Entretanto, sobre este ponto de vista, é necessário ter cuidado para evitar que se instaure uma atmosfera de convivência com o problema, que contribuirá para a sua manutenção e disseminação. A este respeito, Lopes Neto (2011, p.28) nos fala que:

A prática de *bullying* não deve ser considerada como característica normal do desenvolvimento do adolescente, mas, sim, um indicador de risco para a adoção de comportamentos violentos mais graves, incluindo o porte de armas, brigas frequentes e lesões relacionadas a brigas, uso de drogas (drogadição) e crimes.

Daí decorre a inviabilidade de tratar como brincadeira, algo que acena com a possibilidade de resultar em sérios problemas. Neste caso, é necessário desvelar a tênue linha que separa atos inofensivos de práticas cruéis e arbitrárias, uma vez que a “tolerância ou a negação ao *bullying* é a essência básica para a impunidade e o incentivo para o crescimento da agressividade, da vitimização e da omissão” (LOPES NETO, 2005, p. 41).

Não se trata de superdimensionar o problema, imputando à sua ocorrência, efeitos que não venham a se confirmar, mas de percebê-lo enquanto uma prática inadequada ao contexto educativo. A qual pode resultar em dificuldades futuras, especialmente ao se levar em conta o modo pelo qual os alvos ou vítimas responderão a estas ações, posto

que os efeitos do *bullying* têm estreita relação com uma série de fatores, dentre eles, emocionais, biológicos, psicológicos e sociais, que interferem diretamente para que os traumas decorrentes destes eventos sejam ou não superados.

Não obstante, cumpre esclarecer que nem todas as brincadeiras podem ser classificadas como *bullying*, como por exemplo, as que ocorrem de forma despretensiosa, e são consentidas pelas duas partes, por meio de acordos e negociações que assinalam a reciprocidade entre os sujeitos e seus grupos. Para que configure a ocorrência de *bullying*, existem aspectos específicos ao fenômeno que o caracterizam e o diferenciam, e que são definidos principalmente quanto à regularidade, a intencionalidade de maltratar e atingir o outro e a relação que se estabelece entre agressores e vítimas, que de modo geral é cingida pela desigualdade de poder.

De acordo com Olweus (1978), o *bullying* distingue-se de outros conflitos tolerados e percebidos como normais nas relações entre pares, porque há em sua prática uma clara intenção de prejudicar o outro. Além de ser delineado por ações contínuas, cuja frequência ocorre de forma repetida e persistente. Onde o agressor mantém com a vítima uma relação de poder e coerção, marcada por uma desigualdade que pode ser relativa a aspectos variados, que dizem respeito à diferença de idade, força, gênero e tamanho, dentre outros.

O envolvimento em situações de *bullying* é avaliado como algo significativamente prejudicial, especialmente às vítimas, pois estas são feridas em sua autoestima. Visto que, esta exposição, poderá resultar em distúrbios psicopatológicos relacionados à depressão, medo ou pânico e ausência de confiança, dentre outros agravantes que podem convergir para o desenvolvimento de problemas relacionados à autoimagem e ajustamento emocional. (SILVA, 2010).

Cumpre notar que as condutas de *bullying* são decorrentes de diversos fatores, pois além dos condicionantes de ordem interpessoal, relativos às motivações individuais, a personalidade e as características pessoais, estas envolvem outros aspectos relevantes, na medida em que o comportamento agressivo ou violento pode ser decorrente de determinantes estruturais que incluem contextos sociais e econômicos, como a pobreza, o desemprego, a exclusão social, o tráfico de drogas e a competitividade, estimulada pela ordem capitalista, dentre outros. Neste sentido, Fante (2005, p.170), destaca que:

A exclusão social, principalmente da infância e da juventude, é uma das causas que fazem com que prolifere a violência, pois uma vez excluídos do

convívio social, os jovens não encontram outra alternativa senão a violência - uma forma de mostrarem que existem e que também fazem parte do mesmo contexto social.

Diante destes aspectos, a problemática do *bullying* deve ser analisada sob uma perspectiva crítica, contextualizada pelos fatores ideológicos, culturais, sociais e econômicos que a determinam, sendo consideradas as interações entre os fatores interpessoais e macrosociais. Deve-se, portanto, compreender a dimensão inter-relacional deste fenômeno, decorrente das relações dialéticas entre sujeito e sociedade.

Inicialmente, o caráter problemático do *bullying* foi identificado e trazido para o campo da discussão no âmbito científico em países escandinavos, mais especificamente na Noruega e na Suécia, onde a prática de *bullying* era habitual e rotineira nas escolas, tanto que não demorou a se manifestarem os reflexos negativos do fenômeno para o desenvolvimento dos alunos.

Nestes países, o *bullying* passou a ser alvo de preocupação coletiva, fato que mobilizou pais e responsáveis em torno da reivindicação de ações mais efetivas por parte das instâncias governamentais e das escolas. Sobretudo, após um caso de suicídio envolvendo uma criança e dois adolescentes ser atribuído a vitimização por *bullying* em uma escola norueguesa.

O episódio que chocou a opinião pública, não só naquele país, mas a nível internacional, motivou o interesse sobre o assunto em diferentes países e nos mais variados campos de estudo. O tema se destacou particularmente nas áreas da educação e da saúde, nas quais se podem encontrar diversas abordagens de pesquisa que concentram suas análises sobre o fenômeno *bullying* e as implicações dele decorrentes.

No Brasil, casos de violência envolvendo alunos e tendo a escola como cenário, no qual o *bullying* encontra-se subjacente a ocorrência destes episódios, também tiveram grande repercussão, e influenciaram na produção de trabalhos e pesquisas sobre a temática. Os estudos produzidos problematizaram a questão em diferentes áreas do conhecimento. Deste modo, encontra-se uma vasta gama de estudos referentes ao *bullying*, principalmente em trabalhos de conclusão de curso (TCC), nível no qual as produções são mais frequentes, e de dissertações, teses e livros, ainda que, quanto a estes dois últimos, as produções apresentem-se em menor quantidade.

Em uma pesquisa mais geral sobre a produção brasileira de estudos acadêmicos que tratam deste assunto, encontramos uma série de trabalhos cujos temas são referentes

ao *bullying* em uma correlação com o espaço escolar; com as consequências de sua prática no processo de ensino e aprendizagem; com a agressividade entre estudantes; com a intolerância ao diferente; com questões relativas ao gênero; com o processo de vitimização entre pares; e com a incidência da violência velada no ambiente de trabalho, dentre outras questões.

Encontram-se ainda análises sobre o *bullying* em uma interface com aspectos e instituições sociais como a família, a situação socioeconômica e a mídia, dentre outros. No que tange a realização de estudos voltados à abordagem do *bullying* em uma interlocução com a Teoria das Representações Sociais, verifica-se uma produção relativamente restrita.

Como parâmetro para a realização desta pesquisa, levantamos o quantitativo de estudos realizados no Brasil em nível de dissertações de mestrado e teses de doutorado, sobre o tema em questão, indexados no banco de teses da CAPES, nos últimos dez anos.

Orientou-se a pesquisa na busca por trabalhos que abordassem o fenômeno *bullying* em uma correlação com o espaço escolar, enquanto ambiente de interação e socialização dos alunos. Inicialmente, definimos pela pesquisa voltada à temática do *bullying*, sem fazer referência à Teoria das Representações Sociais, para que pudéssemos ter uma visão mais geral acerca dos estudos produzidos. Para a realização da busca, utilizaram-se os descritores: *bullying*, escola e educação. Definiu-se por delimitar as pesquisas que tivessem a instituição escolar como lócus dos estudos.

A partir desta análise verificamos que os objetivos apresentados nos estudos foram bastante variados, e remetem-se à aspectos que tratam desde questões de gênero à questões relativas a qualidade de vida. Identificou-se como pontos análogos, resguardadas as especificidades de seus objetos de pesquisa, a quantificação da incidência do fenômeno entre os alunos; o contexto de produção destas práticas; as condutas mais usuais e; os fatores predisponentes à ocorrência de *bullying*.

Posteriormente, buscamos por pesquisas que abordassem de modo específico à temática *bullying* em uma interlocução com a Teoria das Representações Sociais. A busca foi realizada, utilizando-se os descritores: representações sociais, *bullying* e educação. Da mesma forma, estabelecemos como critério, delimitar a pesquisa a estudos que foram realizados entre escolares.

Com base neste levantamento foram encontrados cinquenta e um (51) trabalhos produzidos em nível de pós-graduação, dos quais quarenta e um (41), tratam-se de

dissertações de mestrado, e dez (10) são teses de doutorado. Dentre estes, oito abordam o fenômeno *bullying* à luz da Teoria das Representações Sociais.

Dentre as oito produções identificadas, duas se tratam de teses de doutorado e as outras seis são dissertações de mestrado, todas produzidas em uma interlocução com o campo das RS. Estas pesquisas se detiveram tanto à análise das representações elaboradas pelos alunos de modo geral, quanto às de representações de professores e outros sujeitos que integram o cenário escolar (gestores, técnicos, auxiliares administrativos, entre outros).

A seguir, encontra-se disposto um quadro demonstrativo, contendo tema, ano da defesa, nome dos autores (as), respectivas instituições e programas a que se encontram vinculados os oito trabalhos encontrados, cujas abordagens estabelecem aproximações com a pesquisa ora apresentada.

Quadro 01: Síntese de informações sobre produções acadêmicas.

LEVANTAMENTO DA PRODUÇÃO BIBLIOGRÁFICA SOBRE AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO BULLYING NO CONTEXTO ESCOLAR					
Nº	TEMA	ANO	AUTOR (A)	INSTITUIÇÃO	PROGRAMA
01	❖ Representações sociais de bullying por professores	2008	Cristina Helena Bernardini	Universidade Estácio de Sá – Rio de Janeiro	Programa de Pós-graduação em Educação
02	❖ <i>Bullying</i> e depressão no contexto escolar: um estudo psicossociológico.	2010	Celeste Moura Lins Silva	UFPB	Programa de Pós-graduação em Psicologia
03	❖ Adolescência e violência escolar: das representações sociais às propostas de prevenção	2011	Jaqueline Batista de Oliveira Costa	PUC-São Paulo	Programa de Pós-graduação em Educação (Psicologia da Educação)
04	❖ As representações sociais de estudantes acerca do bullying: um estudo sobre os diferentes tipos de desenvolvimento no contexto escolar	2011	Luciene da Costa Araújo	UFPB	Programa de Pós-graduação em Psicologia
05	❖ O bullying a partir das representações sociais de estudantes e da análise de produções científicas.	2011	Roseane de Sousa Miranda	UFPB	Programa de Pós-graduação em Psicologia
06	❖ Representação da violência na perspectiva do escolar: contribuição para a prevenção da violência contra a criança	2012	Carolina Jacomini Carmo	UNIFESP	Programa de Pós-graduação em Enfermagem

07	❖ Representações sociais da infância indócil: análise dos registros nos livros de ocorrência em uma escola municipal de Santa Maria/RS.	2012	Sibila Luft	UFSM	Programa de Pós-Graduação em Educação
08	❖ Representações Sociais e Atitudes Face a Violência Escolar Elaboradas por Alunos em Uma Comunidade Rural.	2012	Dayse Mota Rosa Pinto	UEFS	Programa de Pós-graduação em Saúde Coletiva

As referidas pesquisas, como anteriormente citado, são relativas a duas teses de doutorado e seis dissertações de mestrado desenvolvidas nas áreas da educação e da psicologia. Observamos que os estudos produzidos sobre o *bullying*, tendo a Teoria das Representações Sociais como aporte teórico-metodológico começaram a ser indexados no banco de teses da CAPES a partir do ano de 2008, como mostra a tabela acima. Cumpre notar que três destes trabalhos são oriundos do programa de pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), que apresenta um número expressivo de trabalhos que versam sobre a violência e suas variantes.

O estudo nº. 01 - “Representações sociais de bullying por professores”, voltou-se a investigação das representações sociais do *bullying* elaboradas por professores do segundo segmento do ensino fundamental, sendo realizado em uma escola pública municipal situada na Ilha do Governador baía de Guanabara, no Estado do Rio de Janeiro. Para a coleta dos dados procedeu-se a técnica de grupo focal com doze (12) professores que atuam em turmas de 6º a 9º anos. A análise dos dados mostrou que os professores representaram o *bullying* entre os adolescentes, como uma moléstia que necessita de remédio para ser curada, os docentes revelaram ainda, sentirem-se impotentes diante das situações desta natureza que vem sendo detectadas na escola, visto que, de acordo com suas representações, o Conselho Tutelar os impede de tomar qualquer atitude ou desenvolver ações mais eficazes que possam acabar com o *bullying* no ambiente escolar.

O estudo nº.02 – “*Bullying* e depressão no contexto escolar: um estudo psicossociológico” teve como objeto as representações sociais (RS) dos estudantes acerca da depressão e do *bullying*, e orientou-se no sentido de verificar a existência de relações entre os dois fenômenos. Participaram da pesquisa trezentos (300) adolescentes, meninos e meninas, com idade entre 12 e 18 anos. A análise dos dados mostrou que o *bullying* foi objetivado através de brincadeiras de mau gosto e por meio

da agressão física, dentre estas: derrubar, empurrar, bater e dar socos, puxar cabelos e roupas e verbal entre as quais: apelidar, proibir de participar das brincadeiras, chamar palavrões, excluir, e xingar, e ancorado na violência física e psicológica. Os dados revelaram ainda que tanto a violência, quanto a depressão provocam consequências como desequilíbrio nas esferas psicológicas, cognitivas, afetivas, físicas e comportamentais.

Na pesquisa nº.03 – “Adolescência e violência escolar: das representações sociais às propostas de prevenção”, a autora objetivou identificar as representações sociais (RS) de adolescentes sobre violência física e não física, com destaque para o *bullying*, recorrentes na escola e suas sugestões para a prevenção e redução de ocorrências desta ordem. Para tanto, voltou-se a investigação das representações sociais dos adolescentes sobre violência à escola, da escola e na escola, bem como as possíveis relações que eles estabelecem entre estas categorias; verificando se nestas representações os adolescentes faziam distinção entre os diversos tipos de violência. Participaram da pesquisa um grupo de quarenta e oito (48) adolescentes, de 6º a 9º ano do Ensino Fundamental de duas escolas públicas do município de Presidente Prudente (SP). As análises apontaram como fontes que contribuem para a produção e disseminação das representações sociais dos adolescentes, a mídia televisiva, a própria escola, seus familiares e amigos, identificando que os alunos apesar de distinguirem a violência física, da não física, conseguindo relacioná-las, não estabelecem relações entre as modalidades de violência simbólica (da escola) e a violência praticada na e contra a escola. A pesquisa mostra ainda que os alunos consideram como propostas válidas para a prevenção e redução da violência escolar, ações que envolvem mecanismos punitivos e repressivos; as relações interpessoais que se estabelecem no ambiente escolar e a construção de valores, dentre os quais foram citados o respeito mútuo, a autoridade, a união, o diálogo e a reconciliação.

Do estudo nº.04 – “As representações sociais de estudantes acerca do bullying: um estudo sobre os diferentes tipos de envolvimento no contexto escolar”, realizado em instituições de ensino fundamental da rede pública de ensino da cidade de João Pessoa, na Paraíba, participaram inicialmente, um quantitativo de trezentos e quarenta e seis (346) estudantes do sexo feminino e masculino, com faixa etária variando entre 10 e 17anos, utilizando-se para a coleta de dados a técnica de associação livre de palavras; um questionário de dados sociodemográficos e experiências escolares; e a Escala de

Agressão e Vitimização entre Pares – EVAP. Posteriormente retirou-se uma subamostra de trinta e dois (32) estudantes, aos quais foi aplicado o instrumento SCAN-bullying. A análise mostrou que 39% dos estudantes não estavam envolvidos com o *bullying*, 27% foram identificados como agressores, 23% comportavam-se como vítimas-agressoras e 11% foram identificados como vítimas.

Na análise dos dados obtidos através do teste de Associação Livre de Palavras, detectou-se que o *bullying* foi representado de forma similar à sua definição teórica, categorizado como agressões diretas (chutes e socos), indiretas (através de ameaças) e como agressões verbais (apelidos e xingamentos), sendo também associado ao racismo e ao preconceito. Observou-se também que os estudantes identificados como vítimas representaram o *bullying* a partir de suas experiências de vitimização. Os agressores atribuíram sentimentos positivos aos seus papéis, associando a figura do agressor à ideia de poder e popularidade e justificando a vitimização a partir das características pessoais da vítima ou em função dos estereótipos sócio-culturais. As vítimas-agressoras representaram o *bullying* como agressões físicas diretas e indiretas, manifestando comportamentos de revidar a agressão sofrida. Os estudantes que não estavam envolvidos com *bullying* revelaram uma preocupação com as estratégias de enfrentamento.

A pesquisa nº.05 - “O bullying a partir das representações sociais de estudantes e da análise de produções científicas”, foi realizada em uma escola pública localizada no município de João Pessoa, na Paraíba, apresentando como objetivo, apreender as representações sociais de estudantes acerca do *bullying* no contexto escolar e os conteúdos que emergem na produção científica sobre o *bullying*. O estudo precedeu da pesquisa documental intercalada a pesquisa de campo, da qual participaram inicialmente, um quantitativo de duzentos e sessenta e sete (267) escolares com idade média de 16 anos.

Posteriormente foi composta uma subamostra, em que se garantiu a participação de no mínimo dois alunos para cada nível de variáveis estabelecidas, as quais: faixa etária, sexo, cor da pele, satisfação com o corpo e tipo de envolvimento. A análise do material mostrou que os jovens representaram socialmente o *bullying*, ancorando-o no preconceito e na ausência de suporte escolar e familiar, e o objetivaram em minorias como os “gays”; na responsabilização da vítima e banalização da violência, nos signos “brincadeira” e “rir”; e na falta de educação” e de “providências”.

Em relação à análise dos artigos científicos, constatou-se que houve um predomínio de investigações empíricas orientadas principalmente por uma classificação padrão do conceito de *bullying*, destacando-se a carência de programas de intervenção no Brasil. Analisados conjuntamente, as representações sociais dos adolescentes e os temas abordados nos artigos científicos aproximaram-se das elaborações que atentam para a carência de providências e intervenções relativas ao problema. O estudo identificou ainda um movimento contrário entre o discurso, neste caso específico, o dos alunos, cujas falas denotaram o *bullying* associado ao preconceito (perspectiva intergrupala), e os artigos científicos, que por sua vez, sinalizaram para análises ligadas às correlações com variáveis sociodemográficas (perspectiva interindividual).

O estudo N.º 06, intitulado “Representação da violência na perspectiva do escolar: contribuição para a prevenção da violência contra a criança”, trata-se de uma dissertação de mestrado, cujo objetivo geral foi conhecer as representações de escolares sobre as situações de violência que ocorrem no cotidiano. Para tanto, foram desenvolvidas oficinas que facilitassem a criança falar sobre como compreendem o fenômeno da violência. Ouvir o que as crianças pensam ser violência e quem faz parte dela, implicou o aprofundamento teórico nos seguintes aspectos: criança, violência e representações. Os resultados revelaram que a violência foi identificada em situações como humilhação, alteração de comportamento pelo uso de substâncias ilícitas, tráfico de drogas, brigas, agressões, matar, *bullying*, guerra e desrespeitar o outro. Como agentes da agressão, as crianças identificaram os pais, os filhos, alunos, namorados, traficantes, usuários de drogas, colegas e assaltantes e os locais de maior incidência da violência foram em casa, na casa de parentes, na vizinhança, na escola, nas baladas, na prisão, na rua, na favela, nos trens e na televisão.

O estudo N.º 07, cujo título é: “Representações sociais da infância indócil: análise dos registros nos livros de ocorrência em uma escola municipal de Santa Maria/RS”, refere-se a uma tese de doutorado que teve como objetivo conhecer, analisar e compreender como são produzidas as representações sociais dos indóceis escolares, a partir dos registros nos livros de ocorrência dos anos iniciais de uma escola municipal de Santa Maria/RS. Os resultados evidenciaram que, no contexto da realidade pesquisada, questões envolvendo a infância indócil são de âmbito comportamental em detrimento das questões cognitivas. Os dados mostraram que na atualidade saem de cena as demandas com problemas de aprendizado, bem como as que apresentam

transtornos e hiperatividade medicada, para darem lugar aos indóceis escolares, os quais provavelmente irão fomentar a instância jurídica, e estão relacionados à questão da infância infratora, a qual é sistematicamente divulgada e propagandeada nas reportagens sobre a infância infratora, que as relaciona com o surgimento do fenômeno de âmbito internacional, denominado *bullying*. O estudo apontou ainda para a necessidade de formação adequada para professores, da introdução de abordagens interdisciplinares, bem como para a elaboração de políticas públicas em educação, que se voltem a estas demandas, e contribuam para a sua permanência na escola, minimizando os impactos da exclusão.

O estudo N.º 8, denominado “Representações sociais e atitudes face a violência escolar elaboradas por alunos em uma comunidade rural.” É relativo a uma dissertação de mestrado, que teve por objetivos apreender e analisar as representações sociais e atitudes face à violência escolar elaboradas por alunos de uma escola pública municipal localizada na zona rural do interior da Bahia. Para a coleta de dados foram utilizadas as técnicas projetivas e falas dos sujeitos. Participaram do estudo cinquenta e três (53) alunos do Ensino Médio do turno matutino. A coleta de dados ocorreu por meio de quatro técnicas. Quais sejam: a técnica de associação livre de palavras (TALP); o desenho-estória com tema; a entrevista semiestruturada e a observação sistemática. Para análise dos dados coletados, as técnicas utilizadas pela pesquisadora foram: os dados emergidos através da TALP e as falas coletadas durante as entrevistas, as quais foram analisadas segundo a análise de conteúdo temática de Bardin (2004); e os desenhos-estória com temas foram analisados segundo o modelo proposto por Coutinho (2001). Os resultados do estudo mostraram que as representações elaboradas pelo grupo enfatizaram os aspectos físicos da violência, ocultando a relevância de outras formas de violência mais sutis, como a violência psicológica e mostraram também que a abertura de espaços para a discussão das bases da violência escolar é fundamental para a elaboração de mecanismos de enfrentamento à este problema.

Ao procedermos esta incursão encontramos ainda dois estudos nos quais o objeto da pesquisa consiste nas representações sociais de indivíduos do sexo feminino sobre o *bullying*. Contudo, a escola não fora delimitada como o lócus da investigação, não sendo focado, portanto, o processo de escolarização. Além de identificarmos a inexistência de um estudo desta natureza nos programas de pós-graduação de nossa região, o que vem a somar com os aspectos que acrescentam relevância a este estudo, na

medida em que o mesmo intenciona conduzir suas reflexões considerando a perspectiva de alunas e suas representações sobre o *bullying* no contexto escolar.

Em síntese, o contato com as produções que analisam o *bullying* em uma interface com a Teoria das Representações Sociais, permitiu-nos perceber de que maneira este fenômeno figura no imaginário coletivo de alunos, professores e outros sujeitos que atuam no espaço escolar, possibilitando-nos reconhecer os aspectos que ainda podem ser explorados neste campo. Neste sentido, outro fator se faz pertinente para que empreguemos nossos esforços para a realização desta pesquisa, o qual consiste na confirmação via dados estatísticos de que há um movimento ascendente dos casos de mulheres envolvidas em diversos tipos de violência e tendo colocadas em risco sua integridade física e mental, mostrando-se deste modo, significativo reconhecer em que medida o *bullying*, dentre outras modalidades de violência, pode se configurar como um fator que contribui para o envolvimento da população feminina nestas situações.

Além destas considerações retomamos nosso entendimento de que identificar as representações sociais destas jovens, parece-nos um meio eficaz para compreendermos como as práticas relacionadas ao *bullying* operam no cotidiano das escolas e de que maneira se refletem no processo de escolarização destas estudantes, visto que as representações incidem diretamente nas posturas adotadas pelos sujeitos, influenciando suas ações.

Vale ressaltar, que inicialmente as pesquisas apontavam para uma maior incidência deste comportamento entre jovens do sexo masculino, contudo a prevalência deste problema entre as jovens do sexo feminino vem se ampliando gradativamente. Esta afirmativa pode ser constatada a partir de estudos realizados sobre a temática abordada. Um estudo que ilustra esta assertiva foi realizado pela Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência (ABRAPIA), instituição que vem se dedicando a estudos sobre violência e *bullying*.

Estes dados são confirmados em pesquisa mais recente, realizada em 2009 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), cujos resultados mostraram que, embora a ocorrência de *bullying* ainda seja identificada com maior frequência entre os meninos, comportamentos desta natureza tornam-se cada vez mais comuns entre indivíduos de ambos os sexos, e que tanto meninas quanto meninos têm protagonizado os casos detectados nas escolas, seja no papel de alvos/vítimas ou no de autores/agressores.

Autores como Boulton (1992), Craig e Pepler (1995), Samivalli et al (1996), Simmons (2004) e Wiseman (2012) são unânimes em afirmar que, enquanto os meninos tendem a agredir tanto meninos, quanto meninas, as meninas costumam vitimizar na maioria dos casos, outras meninas, utilizando-se geralmente de formas mais indiretas de *bullying*, entre as quais, agressões verbais, exclusão proposital dos grupos sociais, insulto, fofocas e difamações, recorrendo com menor frequência a agressão física. Estudos apontam ainda que as meninas são mais suscetíveis a sofrerem *bullying* do que os meninos.

Embora esteja comprovado que as meninas têm protagonizado em menor grau que os meninos episódios de violência extrema, estudos realizados na área comprovam que os efeitos do *bullying* em moldes mais sutis e camuflados, são da mesma forma negativos, dado que a exclusão por seus pares pode trazer mais prejuízos que qualquer outra forma de violência (SIMMONS, 2004). Assim, não são raros os casos em que após uma exposição contínua a situações de constrangimento, humilhação e exclusão, muitas delas incorram em atos de agressão física.

Diante do exposto, a importância desta pesquisa reside na compreensão do *bullying*, enquanto uma modalidade de violência que permeia o ambiente educacional, articulado às representações sociais de alunas do ensino fundamental, uma vez que a ocorrência do *bullying* está associada a problemas socioeducacionais que podem comprometer o desenvolvimento escolar.

Com a intenção de aprofundar as discussões que se voltam às implicações da violência nos espaços de formação, onde destacamos o fenômeno *bullying* enquanto termo que cada vez mais é incorporado ao nosso universo vocabular e semântico, e para, além disto, enquanto prática recorrente entre os escolares, acrescido, conforme indicado pelo levantamento bibliográfico, à escassa produção de estudos que abordam as representações sociais acerca do *bullying*, o estudo ora apresentado objetiva responder:

Quais as Representações Sociais que alunas do ensino fundamental têm sobre o bullying e suas implicações no processo de escolarização?

No intuito de responder a este problema, o estudo terá como aspectos norteadores, as seguintes questões:

- Que representações sociais as discentes possuem sobre o *bullying* ?

- Como as representações sociais sobre o *bullying* têm influenciado nas atitudes das adolescentes?
- Quais as causas que concorrem para a afirmação de práticas de *bullying* entre estudantes no ambiente escolar?
- Que implicações a ocorrência de *bullying* pode trazer ao processo de escolarização?

Ao procurarmos a ancoragem teórico-metodológica na Teoria das Representações Sociais, compreendemos que ela está diretamente relacionada ao estudo das simbologias sociais, ou seja, à análise das trocas simbólicas permanentemente desenvolvidas nos ambientes sociais, por meio das relações interpessoais que se estabelecem entre os indivíduos, e destaca-se pela influência que exerce na construção e desenvolvimento do conhecimento compartilhado que é produzido e acumulado historicamente pelo homem, e que na acepção de Moscovici (1978, apud PLACCO, 2007, p. 133) configura-se como:

Uma modalidade de conhecimento particular, cuja função é elaborar o comportamento e a comunicação entre indivíduos. Partindo do pressuposto de que o indivíduo se constrói na relação com o outro e com a sua sociedade, o processo de construção de suas Representações Sociais se dá nessas relações.

Sob esta lógica, compreender como esses processos são percebidos pelos discentes no contexto de sua produção, pode se constituir em meios de identificar os elementos que corroboram para a prática do *bullying* escolar, como elemento prejudicial às ações formativas, visando subsidiar práticas efetivas de enfrentamento deste problema, uma vez que as representações sociais estão diretamente ligadas às tomadas de decisões e as atitudes e posturas assumidas diante de determinado objeto, realidade ou fenômeno, influenciando nas ações e nas práticas dos sujeitos. É nesse contexto que se faz imprescindível, ouvi-los, saber o que pensam, sentem, como se estruturam suas percepções e conceitos, ou seja, suas representações.

Para a realização do presente estudo, considerando que este será subsidiado pela Teoria das Representações Sociais, nos fundamentaremos na produção bibliográfica de Jodelet (2001), Moscovici (1978) e Sá (1998). Da mesma forma, buscar-se-á dialogar com autores que têm se preocupado com a abordagem da

violência, bem como a do bullying, enquanto uma de suas matizes, são eles: Abramavay (2003), Beaudoin e Taylor (2006), Boneti e Priotto (2009), Constantine (2004), Fante (2005), Middleton-Moz e Zawadski (2007), Nascimento (2011), Neto e Saavedra (2003), e Silva (2010), dentre outros.

A pesquisa ora apresentada, objetiva analisar as representações sociais de estudantes do sexo feminino matriculadas no ensino fundamental acerca do *bullying* e as implicações desse fenômeno no processo de escolarização, apresentando como objetivos específicos:

- Identificar e caracterizar, a partir do pensamento consensual de jovens do ensino fundamental, as imagens e os significados que elas possuem sobre as intimidações, agressões e /ou assédio, caracterizados como *bullying*.
- Verificar em que situações o *bullying* ocorre e quais as formas utilizadas com maior frequência entre as alunas.
- Destacar as causas que concorrem para a afirmação de práticas de *bullying* no ambiente escolar e suas consequências.
- Destacar as percepções das alunas sobre as implicações decorrentes do *bullying* no processo de escolarização.
- Evidenciar as objetivações e as ancoragens que compõem o processo de construção das representações sociais de jovens sobre o *bullying*.

Além dos aspectos acima destacados, que enfatizam a função social da escola e a impossibilidade da mesma em abster-se da discussão e da busca por soluções de enfrentamento a este problema, a realização da presente pesquisa é motivada pelas situações vivenciadas em nossa prática profissional, pois enquanto coordenadora pedagógica e também docente do ensino básico na rede estadual e municipal de ensino, sou levada a perceber a extrema necessidade de se buscar soluções para esta problemática que aflige a formação de nossos jovens, fragilizando-a quanto ao seu caráter ético e social e trazendo para o interior de nossas escolas, realidades contraditórias ao contexto escolar, que acabam por desvirtuar a ação educativa.

A possibilidade de desenvolver este estudo foi viabilizada pelo ingresso no Programa de Pós-Graduação em Educação, sediado pelo Instituto de Ciências da

Educação – ICED, da Universidade Federal do Pará, que na linha Educação, cultura e sociedade, através da inserção no grupo de Estudos e Pesquisas sobre Representações Sociais e Educação – GEPJURSE, coordenado pela professora Dra. Ivany Pinto Nascimento, oportunizou o diálogo com estudos que abordam a educação, transversalizada por temas importantes que permeiam o cenário contemporâneo e que são materializadas nas práticas culturais e sociais dos indivíduos em sua relação com seus pares e com o mundo.

É nesta perspectiva que a pesquisa intitulada, Representações Sociais de alunas do Ensino Fundamental sobre o *bullying*, foi estruturada, sedimentada pelos debates e reflexões realizados neste percurso de aprendizados.

Diante dos aspectos considerados, no contexto acadêmico acreditamos que a pesquisa ora apresentada aprofundará os estudos que discutem a questão da violência escolar, oportunizando reflexões e suscitando novos olhares e novos caminhos, àqueles que se debruçam sobre os estudos referentes às relações estabelecidas nas instituições de educação e suas implicações no processo de ensino e aprendizagem.

No âmbito profissional, representa a possibilidade de aprofundar os conhecimentos sobre a realidade na qual estou inserida, oportunizando a compreensão dos diferentes aspectos que atravessam o processo educativo e que interferem no resultado das ações formativas realizadas na escola.

Este estudo pretende contribuir com resultados que possam colaborar com outras pesquisas, ampliando os conhecimentos já existentes e servindo como possível fonte para outros estudos que abordem esta temática, abrindo novas possibilidades para se repensar as práticas que se desenvolvem nos ambientes escolares, visando à formação em um contexto amplo e ancorada em uma perspectiva cidadã.

Considera-se ainda, que a pesquisa será de significativa relevância tanto para a comunidade local, quanto às demais comunidades acadêmicas, provocando reflexões a respeito de como as relações interpessoais entre o alunado são constituídas no atual contexto das escolas e as práticas que contribuem para os casos de violência, ultimamente tão frequentes no ambiente educacional, subsidiando na busca de alternativas que embora não sendo capazes de solucionar, nos permitam ao menos amenizar tal questão, que na atualidade figura entre as principais problemáticas vivenciadas na escola.

Deste modo, o processo de investigação no qual se assenta o presente estudo, orientou-se no sentido de identificar as representações sociais de estudantes do sexo feminino, matriculadas no sistema regular de ensino da rede pública estadual, em nível fundamental, sobre o *bullying*, identificando em que contextos são produzidas estas representações e como estas influenciam nas posturas adotadas pelas discentes, analisando ainda os efeitos que esta prática possa ter no processo de escolarização do grupo pesquisado.

A definição dos sujeitos, considerada a particularidade de sexo, foi realizada, tomando-se como parâmetro a incipiente produção de estudos que versam sobre o fenômeno *bullying*, sob a lente das alunas que vivenciam este problema nas escolas, uma vez que é crescente o número das jovens que tem se envolvido em situações de conflito interpessoal, os quais não raro evoluem para episódios de extrema violência, a exemplo das agressões físicas com graves lesões corporais, frequentemente relatadas por aqueles que testemunham os casos e pela própria mídia.

O presente estudo foi desenvolvido em uma Instituição de Ensino Fundamental e Médio da rede pública estadual, situada em um bairro periférico do município de Castanhal, nordeste do estado do Pará, que foi escolhida como lócus da pesquisa por ter apresentado um alto índice de violência escolar envolvendo os alunos nos anos de 2010 e 2011.

Neste percurso, iniciamos a coleta dos dados nos meses de setembro, outubro e novembro de 2012, para o recolhimento do material a ser analisado os procedimentos adotados foram realizados em duas etapas. Inicialmente, aplicamos um questionário semiestruturado, a um total de 55 alunas, com idades entre 13 e 18 anos, distribuídas em três turmas do último ano do ensino fundamental (8ª série), que frequentavam regularmente as aulas, nos turnos manhã e tarde. No segundo momento foi retirada uma subamostra equivalente a 25% da amostragem inicial, é pertinente ressaltar que as estudantes que compõem a amostra da segunda etapa da coleta de dados são as que manifestaram interesse em continuar participando da pesquisa. Para a análise e tratamento dos dados utilizamos a técnica de Análise de Conteúdo, na perspectiva de captar o sentido simbólico expresso nos enunciados destes sujeitos.

No intuito de responder as questões ora levantadas, o presente estudo está estruturado em três seções.

Na primeira seção, intitulada **BULLYING: UMA MODALIDADE DE VIOLÊNCIA**, abordamos a emergência do *bullying*, enquanto elemento resultante do processo de ressignificação do fenômeno da violência, que assume novas nuances e redimensiona seu campo de abrangência. Para tanto, discorremos sobre a violência de modo geral, situando-a enquanto um fenômeno histórico e social, abordando algumas concepções vigentes acerca do termo, em que se destacam os desdobramentos resultantes de seus múltiplos condicionantes, responsáveis por instituírem novas formas de violência, dentre estas o *bullying*, caracterizado como uma de suas variações. Tratar-se-á ainda de sua configuração e disseminação no ambiente escolar, ressaltando-se aspectos relativos à sua manifestação, causas e efeitos, os papéis assumidos e a prevalência do problema entre estudantes do sexo feminino.

Na segunda seção, nomeada **TECENDO CAMINHOS: O PERCURSO METODOLÓGICO**, tratamos da organização metodológica utilizada para o desenvolvimento de nosso trabalho, no qual buscamos conceituar a Teoria das Representações Sociais, enquanto aporte teórico-metodológico que balizou este estudo. Posteriormente, apontamos os procedimentos que subsidiaram a pesquisa de campo, constituídos pelos instrumentos e técnicas para coleta de dados, procedendo a caracterização do lócus pesquisado e dos sujeitos participantes.

A terceira seção, intitulada **ENTRE DIÁLOGOS E ESCUTAS: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE ALUNAS DO ENSINO FUNDAMENTAL SOBRE O BULLYING**, apresenta as representações sociais dos sujeitos deste estudo, com base nas temáticas analíticas que foram estruturadas para subsidiar a compreensão dos conteúdos presentes nos discursos das participantes. Destacando-se os sentidos e os significados que as estudantes atribuem ao *bullying* e aos seus efeitos no processo de escolarização, na medida em que este fenômeno se constitui em uma prática presente no contexto escolar no qual elas estão inseridas. Finalmente, apresentamos as considerações finais, onde discorremos sobre os resultados das representações sociais das alunas do ensino fundamental sobre o *bullying*.

I SEÇÃO

BULLYING: UMA MODALIDADE DE VIOLÊNCIA

“Violência gera violência.
Violência doméstica, violência cotidiana,
São gemidos de dor, todo mundo se engana...
Você não tem o que fazer, saia pra rua,
Pra quebrar minha cabeça ou pra que quebrem a sua.
Violência gera violência.
Com os amigos que tenho não preciso de inimigos.
Aí fora ninguém fala comigo.
Será que tudo está podre, será que todos estão vazios?
Não existe razão, nem existem motivos.”
(Violência – Titãs)

Este fragmento retirado da canção do grupo Titãs, nos convida a refletir sobre a violência e o impacto de suas consequências em todas as dimensões da vida em comunidade. O fenômeno se naturaliza em proporções intrigantes, dado que a violência se faz presente em todos os âmbitos das relações interpessoais.

Cumpramos notar, a contradição que o fato ora exposto representa, sobretudo, quando consideramos o grau de evolução atingido pela humanidade. Este, imensurável, tanto nos campos científico e tecnológico que compreendem as áreas sociais e da saúde, quanto no campo da jurisprudência, materializado pela instituição das leis e dos órgãos de guarda e proteção aos direitos humanos, mecanismos que, conforme revelam os indicadores, têm-se mostrado pouco efetivos para a redução ou mesmo minimização do problema.

No horizonte destas questões, indagamo-nos sobre as causas que concorrem para que homens e mulheres, sob os ares da civilidade e racionalidade ainda incorram com tanta tendenciosidade à práticas impregnadas pelos instintos mais primitivos.

Estes, entre outros questionamentos conduzem à busca pela compreensão do fenômeno da violência e sua condição de permanência, como um problema que cada vez mais se aprofunda e se diversifica em uma sociedade erigida sob o paradigma do desenvolvimento. A luz destas reflexões Ribeiro (2004, p.20), assinala que:

Ao longo dos tempos, o homem procura incansavelmente compreender os factores condicionantes que incitam o ser humano a demonstrar o seu instinto mais básico para com o seu semelhante, visando o seu prejuízo. Apesar das inúmeras explicações possíveis, parece-nos, numa primeira visão, plenamente impossível justificar o injustificável.

A violência figura entre as principais questões que emergem como problemáticas oriundas das complexas relações instituídas entre os sujeitos. Trata-se de um fenómeno preocupante que se alastra pelos mais diversos ambientes de convivência humana, em um ritmo acelerado e contínuo, imprimindo sua marca em espaços anteriormente considerados imunes à sua ação, dentre estes, as instituições de ensino.

No contexto da educação brasileira, a disseminação da violência nas escolas é um problema que aflige e mobiliza a comunidade educacional, sobretudo aqueles que frequentam estes espaços de formação humana (NASCIMENTO, 2011). As pesquisas que abordam a temática sobre a violência, assinalam que a intensificação deste fenómeno nos dias atuais se constitui em um desafio para o ambiente escolar, no que tange às providencias necessárias e cabíveis, diante da necessidade de romper com a naturalização e banalização do problema no ambiente educacional.

De modo geral, o que se tem evidenciado é uma crescente manifestação de formas violentas de relacionamento, em que o cotidiano escolar é alvo de situações e acontecimentos nos quais a violência invade, permanentemente e de forma diversa, as aprendizagens e as relações, de modo a dificultar a vida na escola.

Ao sofrer desdobramentos, a violência assume outras formas de manifestação, que fogem a representação clássica materializada pelos danos e violações corporais, na medida em que, adentra a esfera do simbólico e alarga seu campo de abrangência.

Dentre as novas formas de manifestação da violência, situa-se o *bullying*, fenómeno que na atualidade recebe grande destaque, seja pela projeção que a mídia tem lhe dado, seja pela denuncia das vítimas, ou ainda por sua expressiva incidência nas relações entre pares, sobretudo, nas instituições de grande fluxo relacional e interação social, como é o caso da escola.

Os estudos sobre o fenómeno *bullying* começaram na Suécia em 1970, posteriormente, o interesse pelo tema se estendeu a outros países escandinavos e seguiu para outras regiões da Europa e para os Estados Unidos.

O termo *bullying* foi cunhado pelo pesquisador Dan Olweus, professor na Universidade de Bergen na Noruega, que se dedicou aos estudos e a pesquisa da agressividade e violência entre estudantes. Olweus coordenou as pesquisas iniciais de

grande abrangência voltadas à investigação do problema, cujos achados embasaram um programa elaborado por este pesquisador, destinado ao combate e prevenção do *bullying* e a produção do primeiro livro sobre o tema, intitulado *Aggression in the Schools: Bullies and Whipping Boys*, também de sua autoria.

No Brasil o tema passou a despertar maior interesse a partir da década de 1990. As primeiras pesquisas foram realizadas pela Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência (ABRAPIA) seguidas por outros estudos acadêmicos que pretendiam situar o fenômeno no contexto nacional e verificar a sua incidência em determinadas regiões ou cidades.

De acordo com Olweus (1993), o *bullying* se configura como uma subcategoria do comportamento agressivo que ocorre a partir das relações entre os pares, podendo evoluir para condutas violentas, e é caracterizado predominantemente, por ações intencionais e repetitivas, de um ou mais indivíduos contra outro(s). Tais ações ocorrem sem motivação aparente e podem infligir grande dor e sofrimento. Outro aspecto importante, diz respeito à prática de atitudes pautadas por uma relação desigual de poder, na qual o desequilíbrio de forças entre o agressor e a vítima, constitui-se em um elemento determinante para que o fenômeno seja identificado.

Trata-se de um comportamento pontuado por relações assimétricas de poder, ações repetitivas e sistemáticas, comportamentos prejudiciais e deliberados. Lopes Neto (2011, p.21) o define como:

A forma mais frequente de violência contra crianças e adolescentes é a que ocorre entre eles próprios, conhecida como *bullying*. Trata-se do conjunto de comportamentos agressivos e repetitivos de opressão, tirania, agressão e dominação de uma pessoa ou grupos sobre outra pessoa ou grupos, subjugados pela força dos primeiros.

Constantini (2004) ressalta que o *bullying* é delimitado por um contexto social onde há um relacionamento duradouro entre os indivíduos envolvidos, caracterizado por práticas que podem ser realizadas tanto no âmbito individual quanto no coletivo e se manifesta no campo das relações interpessoais empreendidas em um determinado espaço e tempo. Trata-se de um comportamento relacionado à agressão verbal, física ou psicológica.

Segundo Martins (2005), há três grandes formas de classificar o *bullying*. A primeira delas abrange comportamentos diretos e físicos, o que inclui ações como agressões físicas, roubar ou danificar objetos alheios, extorsão de dinheiro, forçar

comportamentos de conotação sexual, impor práticas servis, ou fazer ameaças desta natureza. A segunda forma, inclui comportamentos diretos e verbais, como, apelidar, insultar, “tirar sarro”, tecer comentários racistas, homofóbicos ou que se refiram a qualquer diferença relativa ao outro. A terceira está relacionada a comportamentos “indiretos” de *bullying*, como excluir sistematicamente o outro ou mesmo ameaçá-lo de exclusão, caluniar e fazer fofocas ou ainda manipular a vida social de outrem.

Vale ressaltar que na sua forma direta de ocorrência os ataques são visíveis, e as vítimas veem e sabem que são os agressores (OLWEUS, 1993). Já a forma indireta de ocorrência, caracteriza-se pela dissimulação das ações, que são efetivadas por meio de condutas propositadas e intencionais que visam à exclusão e o isolamento social, via calúnias e difamações (ROLLIN, 2008).

Há na literatura sobre o tema, categorizações mais específicas que se relacionam a prática do *bullying*, e que definem a sua ocorrência por meio de agressões pontuadas por ações específicas. Estas, estão circunscritas a uma categoria particular de agressão praticada.

Deste modo, encontram-se bem definidos, o *bullying* verbal que inclui ações como: insultar, ofender, falar mal, “zoar”, colocar apelidos pejorativos, relativos a diferenças religiosas, físicas, econômico-sociais, culturais e morais (ROLIN, 2008), e que tende a ser mais comum, sobretudo, à medida que a idade avança. O *bullying* físico e material que é caracterizado por atitudes como: bater, chutar, empurrar, beliscar, roubar, furtar ou destruir pertences da vítima, é uma prática mais comum em indivíduos bem jovens (BERGER, 2007). O *bullying* psicológico e moral que inclui práticas pautadas por atos entre os quais constam: humilhar, excluir, discriminar, chantagear, intimidar, difamar. As duas últimas definições dão origem a mais uma categoria, designada como *bullying* relacional, que incide diretamente no relacionamento social da vítima com seus pares, e ocorre quando um indivíduo ignora ou impede deliberadamente a tentativa de aproximação de outro indivíduo. A prevalência desta forma é mais comum a partir da puberdade, e se torna muito prejudicial, em razão de esta ser uma fase em que a integração aos grupos de pertença e a aceitação dos pares é essencial (BERGER, 2007).

Há ainda o *bullying* sexual, que compreende as ações de: abusar, violentar, assediar, insinuar, dentre outros, e o *bullying* virtual ou *Ciberbullying*, que se trata de

agressões executadas por meio de ferramentas tecnológicas: celulares, filmadoras, internet, dentre outros.

O *cyberbullying* obteve maior repercussão a partir do ano de 2010, e é uma prática intrínseca ao *bullying*, ou seja, a sua versão eletrônica, que consiste na prática de agressões verbais e escritas por meio do uso da internet. Neste caso, as vítimas são atingidas através de mensagens ameaçadoras, conteúdos difamatórios, imagens obscenas, exposição de sua imagem e de sua intimidade, palavras maldosas e cruéis, insultos, ofensas, extorsões e outros. Estas ações tem um amplo poder de alcance, uma vez que, um grande contingente de pessoas, terá acesso a estas informações de forma quase que imediata.

Na prática de *cyberbullying* a violência de repercussão física e material não é perpetrada, ou seja, não há ferimentos físicos, roupas rasgadas, ou sumiço de objetos, porém seu aspecto velado é ainda mais danoso, uma vez que as dificuldades de identificar os agressores serão bem maiores. Estes, por estarem no anonimato encontram impulso extra para seus ataques, diante da grande dificuldade da vítima em apresentar provas concretas, o que dá ao *cyberbullying* uma conotação ainda mais perversa. (MALDONADO, 2009).

Esta característica é responsável por uma ampla disseminação do problema, são inúmeros os casos de *cyberbullying*, que como o *bullying* resultaram em trágicos desfechos, sobretudo, quando utilizado o meio de exposição da intimidade do indivíduo para atingi-lo.

Conforme Lopes Neto (2011), o *bullying* não é um fenômeno isolado, ou exclusivo a culturas específicas, mas um problema recorrente em todo o mundo e é encontrado em praticamente todas as escolas, independente dos aspectos sociais, culturais e econômicos de seus usuários.

Embora o *bullying* se constitua em uma prática utilizada há bastante tempo, pois se trata do emprego de um novo termo “para uma situação antiga” (FELIZARDO, p. 21, 2011). Sendo consenso entre os pesquisadores de que esta conduta é uma modalidade de violência entre pares que sempre esteve presente nas relações de muitos sujeitos. O fenômeno recebeu o *status* de novidade e só despertou maior interesse na comunidade científica, a partir das décadas de 1990 e 2000, quando passou a ser compreendido como um componente potencial para o agravamento de problemas de ordem psicossocial. (SILVA, 2010)

As pesquisas sobre o fenômeno *bullying* atestam que este é um problema que pode ocorrer em todos os níveis de relação, como também em diferentes espaços. Contudo, dentre estes, a escola aparece como o ambiente em que mais ocorrem situações deste tipo.

Uma das hipóteses consideradas para explicar esta situação, refere-se ao fato de que, no microambiente escolar são reproduzidas as relações que ocorrem na esfera macro do tecido social. Estes fatores fazem com que a escola se constitua em um terreno permeado por conflitos que, dentre outros aspectos, pautam-se também nas diferenças culturais, sociais e econômicas entre os indivíduos. Estas, ao se entrelaçarem, tendem a imprimir no universo social divergências marcantes quanto às formas de ser e estar no mundo, traduzindo realidades distintas, mas que coexistem em um mesmo espaço e tempo.

Neste contexto, o presente estudo constitui-se na busca por desvelar as representações sociais que estudantes do sexo feminino possuem sobre o *bullying* e suas implicações no processo de escolarização.

Nesta seção, faremos uma incursão sobre a temática violência, para posteriormente assinalar a emergência do *bullying* enquanto um elemento resultante dos processos de ressignificação deste fenômeno social, delimitando o seu campo conceitual, suas personagens, implicações e demais questões pertinentes à sua interferência no processo de formação dos indivíduos, sobretudo àqueles que comprometem o campo educacional.

1.1 Delimitando perspectivas sobre a violência

Em uma perspectiva sócio-histórica a violência tem sido designada como um fenômeno mutante, visto que no decorrer do tempo e de acordo com valores e culturas sociais diversas, há violências toleradas e violências condenadas (MINAYO, 2003). Sua aceitação ou repúdio relaciona-se diretamente às normas de condutas sociais, legalmente instituídas pelos códigos e instâncias reguladoras ou pela naturalização de hábitos e costumes. Daí decorre a inviabilidade de sua análise sob uma ótica atemporal, genérica e singular.

Neste decurso histórico a violência tem agregado diferentes sentidos e significados, circunscritos em um tempo e espaço específicos na história da humanidade. Tais inferências mostram-se comuns a um número significativo de

pesquisadores que tem na violência seu objeto de estudo, conforme observado nas palavras de Abramovay (2005, p.53).

Apresentar um conceito de violência requer uma certa cautela, isso porque ela é, inegavelmente, algo dinâmico e mutável. Suas representações, suas dimensões e seus significados passam por adaptações à medida que as sociedades se transformam. A dependência do momento histórico, da localidade, do contexto cultural e de uma série de outros fatores lhe atribui um caráter de dinamismo próprio dos fenômenos sociais.

Caracterizada como um sério problema social, a violência se configura como uma questão de ordem mundial, abrangendo uma parcela expressiva do percentual de mortalidade da população, além de ser um sério agravante para o desenvolvimento de doenças de ordem psíquica, “a violência, pelo número de vítimas e pela magnitude de sequelas orgânicas e emocionais que produz, adquiriu um caráter endêmico e se converteu num problema de saúde pública em muitos países”. (OPAS, 1994, p.5).

No Brasil, constitui-se atualmente como um dos três maiores problemas que afligem o país, sendo apontada nas regiões norte e nordeste, como o problema mais grave na ordem da preocupação popular, segundo pesquisa¹ divulgada em dezembro de 2011, pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA).

A percepção e preocupação das pessoas quanto à falta de segurança a que se encontram cotidianamente expostas, confirma a dimensão da incidência e do impacto da violência nos diferentes estratos sociais, que a despeito da implementação de políticas públicas destinadas ao seu enfrentamento, continua a apresentar índices bastante elevados, o que pode ser constatado ao compararmos os indicadores nacionais para a ocorrência do fenômeno, com os de outros países, ocupamos atualmente a 4ª posição no ranking da violência.

Estudos apontam para o fato de que a violência é um dos problemas mais antigos da sociedade e, por sua complexidade, vem despertando grande interesse por parte da comunidade científica, que já há algum tempo tem se debruçado sobre o problema da violência e suas implicações sociais. Tais estudos ancoram-se em determinadas correntes que se propõem a explicar as causas e os determinantes que condicionam a violência. Inicialmente, três destas concepções destacaram-se como teorias balizadoras para o trato desta questão. A primeira, parte do princípio de que a

¹ Os dados da pesquisa citada podem ser acessados através do link: <http://www.ipea.gov.br>.

violência seria decorrente de fatores biológicos; esta concepção está pautada na ideia de que o homem pode trazer em si, desde o nascimento, traços da agressividade. A violência é, nesta perspectiva, caracterizada como algo inerente à natureza humana, pois seria determinada por agentes biogenéticos. A segunda proposição, explica a ocorrência do fenômeno exclusivamente a partir do arbítrio dos sujeitos, isto é, os indivíduos praticam a violência por escolha própria. Neste enfoque, não são consideradas as intervenções internas ou externas provenientes do meio e da situação na qual o indivíduo está inserido; aqui a violência aparece relacionada à provável existência de transtornos mentais ou ainda a determinadas concepções de fundo moral e religioso. A terceira vertente identifica o âmbito social como o ambiente dominante para a produção e vitimização da violência. Este seria um contexto dinamizador, no qual os fatores biológicos e emocionais se entrecruzariam, sofrendo transformações em decorrência deste intercâmbio e influenciando potencialmente nas práticas dos sujeitos. (BRASIL, 2005).

Cabe ressaltar que à concepção biologicista foi largamente criticada em produções de cunho sociológico e no campo da saúde, sobretudo, por sua ênfase exclusivamente inatista (MINAYO & SOUZA, 1997, 1999). Posteriormente, as reflexões de Laborit (1981) e Klineberg (1981), registradas no livro *La Violência y sus causas* (1981), introduziram à discussão, elementos relativos a interação social e a frustração, respectivamente, como aspectos pertinentes a serem considerados no campo dos estudos sobre violência.

Um dos pontos centrais na abordagem de Laborit (1981), aponta para a importância de se considerar a íntima relação existente entre os aspectos inatos e o que é socialmente aprendido, tais aspectos segundo este autor, não podem ser ignorados em sistemas hipercomplexos, visto que, nestes contextos não é possível identificar com precisão as causas para uma ação, uma vez que a causalidade já não pode ser compreendida de modo linear (causa-efeito), como pressupunha a interpretação determinista.

Partindo da Psicologia social, Klinenberg (1981), levanta a hipótese da teoria da frustração-agressão, na qual considera que a frustração, atrelada obviamente a uma série de outros fatores, pode constituir-se em um elemento capaz de aumentar a probabilidade de incidência do comportamento violento. Em suas reflexões, admite a existência de outras categorias, onde fatores sociais e biológicos estão imbricados, e favorecem as

diferenciações na probabilidade de práticas de violência, tanto no campo individual quanto no coletivo.

Além de considerar a importância dos aspectos culturais para a configuração do problema da violência, o autor pontua as questões étnicas, raciais e de classe, para enfatizar que não existem comprovações de que os negros seriam geneticamente mais violentos que os brancos, ou que os pobres mais que os ricos, em seu entendimento fatores ligados à dominação política, econômica e social podem ser muito mais elucidativos para a questão da violência, que o caráter biológico das diferenças. (BRASIL, 2005).

Para Minayo (2003), as críticas relacionadas às concepções reducionistas de determinismo ou causalidade biológica, ou àquelas que de forma genérica, tentam explicar o fenômeno baseado na interpretação unicausal, macro ou microsocial, fundamentam-se na percepção da violência como algo que possui uma natureza complexa, dinâmica e multicausal, permeada pela dialética de causa e efeito, e da qual, não se pode desconsiderar as especificidades de suas manifestações, bem como as articulações com a totalidade circundante, onde os processos subjetivos em contextualização com o âmbito socio-histórico, deverão ser considerados para efeito de análise.

Na busca de uma definição que contemple o fenômeno da violência, outros autores trouxeram importantes reflexões para a discussão acerca do tema. Chesnais (1981), pautado em uma análise sobre a visão do senso comum, ressalta que pode-se encontrar no discurso contemporâneo, algumas definições sobre o termo violência, são elas: a ‘Violência física’ que se configura pelo ataque à integridade física do indivíduo, a ‘Violência econômica’ que corresponde à apropriação indevida de propriedade ou dos bens de outra pessoa, contra a sua vontade ou de forma agressiva e a ‘Violência moral e simbólica’ que está relacionada à dominação cultural, e compreende práticas de desrespeito ao direito do outro e ataques ofensivos à dignidade.

Freud (1980), ao tratar sobre a violência, apresentou interpretações que vieram sofrendo alterações no decorrer de suas análises. Inicialmente ele estabelece associações entre a violência e a agressividade instintiva do ser humano, traço natural que o tornaria propenso a impor o sofrimento e a morte aos seus semelhantes. Posteriormente, ele aborda a concepção de violência como instrumento utilizado na arbitragem de conflitos de interesse, e a coloca na condição de um princípio geral da ação humana diante de

situações competitivas. Mais à frente, elabora o conceito de identidade de interesse, onde formula que, é com base nesta identidade que se originam os vínculos emocionais entre os integrantes de uma comunidade, fazendo com que estes sujeitos desejem gradativamente abandonar o uso da força física como meio de imposição, e instituem a civilidade, o diálogo e a convivência pacífica, nas relações com seus pares. (MINAYO, 2003).

Para Hannah Arendt (1973), embora a violência possa configurar-se em um instrumento frequentemente utilizado para a conquista do poder, ela não deve ser confundida com o poder, em seu entendimento:

Poder e violência se opõem; onde um deles domina totalmente o outro está ausente. A violência aparece onde o poder está em perigo, mas se a permitem seguir seus próprios caminhos, resulta no desaparecimento do poder. Isto não implica pensar no oposto da violência como sendo a não violência; falar em poder não violento é redundância. A violência pode destruir o poder, mas é totalmente incapaz de criá-lo. (ARENDT, 1973, p.132).

A autora justifica que a violência decorre dentre outras questões, pela falta de habilidade no campo da argumentação e do convencimento, e contrariamente a outros teóricos que explicam a violência como um instrumento necessário a promoção de mudanças dentro da sociedade, ou ainda como algo inevitável diante de situações de escassez e necessidades extremas enfrentadas pelo homem, Arendt argumenta que a violência não promove as causas, nem as revoluções sociais ou políticas, nem a história, menos ainda, os avanços ou retrocessos, contudo ela pode servir para dramatizar as causas e trazê-las à atenção pública.

A difusão do conceito de democracia e a reflexão acerca dos direitos humanos, ampliados no contexto da modernidade, foram elementos fundamentais para que a sociedade passasse a perceber a violência como um sério problema social. É neste cenário que as análises sobre o fenômeno ganham novos vieses, assinalando o surgimento de conceitos que classificam a violência como algo que agrega diferentes fatores, e que a definem como um problema que além de estar arraigado nas relações sociais, mantém suas estruturas alicerçadas no interior das consciências e subjetividades.

O caráter multifacetado da violência é exposto na obra de Denisov (1986), que ao analisar as diversas formas de coerção e aniquilamento impostos de maneira direta ou indireta, como expedientes utilizados para a obtenção de poder e privilégios,

evidenciadas nas relações interpessoais de indivíduos, grupos classes e instituições, identificou as características externas e internas, coletivas e subjetivas da violência. (ALBUQUERQUE, 2010)

Nesta direção, tem-se buscado um conceito amplo para a violência, que contemple as diversas questões implícitas à sua configuração e que defina as consequências materiais e morais que dela resultam. A Organização Mundial de Saúde (OMS), instituição que tem desenvolvido uma ampla discussão sobre o tema, concebe a violência como:

O uso de força física ou do poder, real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha qualquer possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação (OMS, 2002, p. 05).

De acordo com Dahlberg e Krug (2007), ao incluir o termo poder na definição da violência, a OMS permite a ampliação da natureza dos atos violentos, e expande o conceito usual, incluindo atos que resultem das relações de poder, entre eles, as ameaças e intimidações, além de outras práticas como a negligência e todos os tipos de abuso físico, psicológico e sexual, inclui ainda o suicídio, dentre outros, como forma de violência autoinfligida.

Deste modo, a violência ganha contornos cada vez mais elaborados e específicos que se desdobram em modalidades ou formas de agressão identificadas por ações peculiares, entre as quais podemos relacionar: I) a violência física, que envolve o uso de força com objetivo de ferir e a qual pode ou não ser detectada por meio de marcas e hematomas; II) a violência verbal, que é configurada pelo uso pontual de ofensas morais, como insultos e depreciações, ou mesmo por meio do silêncio como forma de ignorar e anular o outro; III) a violência sexual, que consiste na prática abusiva do ato sexual não consentido; IV) a negligência que também é considerada como um ato de violência, configurada pela omissão do responsável pela criança, idoso ou outra pessoa que seja dependente no sentido de ter suas necessidades básicas, essenciais à sobrevivência e ao desenvolvimento atendidas por outrem, e; V) a violência psicológica que constitui mais um viés e caracteriza-se pela agressão emocional da vítima.

Sob este prisma, reconheceu-se a necessidade da inclusão das formas de violência que não resultem necessariamente em lesão corporal, incapacidade ou morte, mas que abranjam outros eventos que impõem pesada carga de sequelas aos indivíduos,

uma vez que considerar apenas os números relativos à mortalidade pode ser insuficiente para mensurar os reais efeitos da violência, partindo do pressuposto de que as mortes em todo o mundo, possivelmente representem apenas indícios da verdadeira proporção do problema, se levarmos em conta que não se possuem estimativas nacionais e internacionais para quantificar com precisão o número de ocorrências de ataques físicos, sexuais, psicológicos e negligências, deflagrados cotidianamente (DAHLBERG E KRUG, 2007).

Esta percepção é ratificada no parecer dado pelo Manual de Avaliação de Programas de Prevenção a violência (2010), ao destacar a impossibilidade de se avaliar a exata dimensão do problema da violência, diante de suas múltiplas manifestações e da dificuldade de um controle eficaz quanto à identificação e o registro destas ocorrências:

Mais nebuloso, mas certamente não menos grave, são os números referentes ao abuso e violência sexual contra crianças e adolescentes, a violência contra mulheres e crianças dentro do ambiente doméstico, a violência contra o idoso, a violência na escola, o assédio moral no trabalho, a violência de motivação racial/étnica e sexual e outras formas de violência, cuja ocorrência está a vista de todos, mas cujos registros oficiais são precários. (MANUAL DE AVALIAÇÃO DE PROGRAMAS DE PREVENÇÃO A VIOLÊNCIA, 2010, p.11),

A partir destas considerações pode-se inferir que é neste contexto de pós-modernidade, em que múltiplos agentes repercutem diretamente nas práticas culturais, políticas e sociais, que a violência passa por um processo de reconceitualização, no qual sua definição é ampliada, ganhando novos significados que apontam para formas emergentes de manifestação do problema, permitindo-nos incluir e identificar como violência, ações que outrora eram percebidas como práticas habituais de regulamentação das relações sociais (PORTO, 2000).

Transcendendo a sua forma mais primitiva, com desdobramentos que não mais compreendem somente os ataques físicos e institucionais, cujas consequências estão restritas a ferimentos e mortes ou a danos patrimoniais, a violência desloca-se por outros territórios e adentra o campo do simbólico, onde assume novos sentidos, incorporando ações que transgridem a esfera do ético e do moral e produzem efeitos negativos no âmbito emocional e psíquico.

O termo violência simbólica, foi cunhado pelo sociólogo francês, Pierre Bourdieu, que o conceitua como toda e qualquer prática que se fundamente no reconhecimento de uma imposição determinada, seja esta de ordem cultural, econômica,

política ou social, e consiste na contínua produção de crenças que devem ser internalizadas no processo de socialização, levando o indivíduo a se posicionar no âmbito social em conformidade com os padrões do discurso dominante.

Assim, a violência simbólica constitui-se em um mecanismo pelo qual as instituições dominantes legitimam suas crenças, ideias e valores, impondo-as aos demais grupos sociais, e se configura por um processo arbitrário e camuflado, que objetiva naturalizar uma dada realidade, cuja principal motivação é a dominação. Neste enfoque Bourdieu (1989, p.25), a define sob a forma de:

Violência suave que ocorre onde se apresentam encobertas as relações de poder que regem os agentes e a ordem da sociedade global. Neste sentido, o reconhecimento da legitimidade dos valores produzidos e administrados pela classe dominante implica o “desconhecimento” social do espaço, onde se trava, simbolicamente, a luta de classes.

Este autor analisa que no decorrer da história, a violência transpôs o terreno das relações estabelecidas entre guerra, política e poder, e sua forma concreta e visível evoluiu para formas mais sutis e veladas de manifestação, em que pese à manutenção de seu caráter cruel e recorrente. Sob este ângulo, buscou-se naturalizar a violência, que neste processo de transfiguração, tornou-se um campo propício à manifestação de atos discriminatórios, introduzidos e perpetuados nas práticas sociais.

Nem sempre a violência se apresenta como um ato, como uma relação, como um fato, que possua estrutura facilmente identificável. O contrário, talvez, fosse mais próximo da realidade. Ou seja, o ato violento se insinua, frequentemente, como um ato natural, cuja essência passa despercebida. Perceber um ato como violento demanda do homem um esforço para superar sua aparência de ato rotineiro, natural e como que inscrito na ordem das coisas (BOURDIEU, 1989, p. 22, 23).

Neste sentido, a violência simbólica também expande o seu campo de atuação, caracterizando-se por ações mais dissimuladas, sutis e silenciosas, abrange as manifestações de violência instituídas no âmbito psicológico e emocional. Dentre estas formas emergentes, encontra-se o fenômeno denominado *bullying*, que nas últimas décadas foi identificado como uma das variantes da violência, manifestada tanto na sua forma simbólica, quanto por ações que caracterizam a violência física.

1.2 *Bullying*: manifestações de agressividade e violência no contexto escolar

Por seu caráter social, a escola tem sido historicamente uma instituição permeada por situações conflituosas e antagônicas, são inúmeras as dificuldades que atravessam o processo educativo, e que são trazidas a tona por um conjunto de fatores, sejam eles, sociais, políticos, econômicos ou culturais, que ao se engendrarem materializam cenários sociais complexos e contraditórios.

A escola, enquanto um organismo social vivo, passa a sofrer influências de toda ordem, o que significa dizer que sua dinâmica de trabalho acaba por ser “determinada por fins e exigências sociais, políticas e ideológicas” (LIBÂNEO, 2004, p.18), presentes em cada época e contexto históricos, refletindo e reproduzindo as questões de seu tempo. Nesta ótica, o processo educativo está condicionado a estes fatores, tendo em vista que “ao realizar suas tarefas básicas, a escola cumpre responsabilidades sociais e políticas” (LIBÂNEO, 2004, p.33).

Na atualidade, figuram entre as grandes preocupações da escola, o fenômeno da violência enquanto prática crescente que vem se disseminando no interior das instituições de ensino. Pesquisas recentes mostram que a violência tem crescido gradativamente em âmbito global e no aprofundamento desta discussão, aponta-se para o fato de que a violência entre crianças e adolescentes tem se destacado, aparecendo como uma das mais presentes na sociedade contemporânea.

Diante disso, a escola vem se tornando um espaço comum para ações dessa natureza, tendo em vista que enquanto instituição na qual são construídas as relações sociais, nela se reproduzem as diferentes formas de relação de poder que se dão entre os sujeitos.

As discussões sobre o tema apontam para o ambiente escolar como um local onde comportamentos agressivos entre alunos são constantes, fato que se configura em uma problemática social de expressiva gravidade, pois de maneira contraditória este vai se tornando um *locus*, no qual a violência juvenil vai sendo disseminada. Nesta direção, Fante (2005, p. 30, 168), assinala que:

As más relações entre escolares não são fatos esporádicos do cotidiano escolar, uma vez que apresentam no repertório comportamental de muitos alunos, transformando-se numa questão social extremamente preocupante. Porém, a atenção da sociedade só se volta para o problema quando os meios de comunicação, de forma sensacionalista, divulgam as tragédias ocorridas nas escolas, gerando insegurança para a comunidade escolar, sem que suas verdadeiras causas sejam focadas [...] o comportamento agressivo e violento

nas escolas é hoje um fenômeno social complexo e difícil de compreender, por afetar a sociedade como um todo, atingindo diretamente as crianças de todas as idades, em todas as escolas do país e do mundo.

Em estudos realizados pela UNESCO, o ambiente escolar aparece como um espaço tão inseguro quanto às ruas, no qual os alunos se percebem desprotegidos e vulneráveis a situações de violência e risco, sendo este um aspecto que se mostra cada vez mais presente em seu cotidiano, materializando-se por meio de ações indevidas, caracterizadas pela falta de respeito e tolerância entre os jovens.

Nesta direção, Lopes Neto (2005, p.156), tece a seguinte consideração:

O modelo do mundo exterior é reproduzido nas escolas, fazendo com que essas instituições deixem de ser ambientes seguros, modulados pela disciplina, amizade e cooperação e se transformem em espaços onde há violência, sofrimento e medo.

Na abordagem de temas que tratam da violência, preferencialmente no ambiente escolar, em contexto nacional, estudos de autores como Aquino (1996); Sposito (2001); Abramovay e Rua (2003); e Martins (2005); dentre outros, destacam-se, na medida em que trazem reflexões importantes sobre esta questão, localizando-a em suas especificidades, e delimitando práticas e posturas distintas no processo de conceituação deste fenômeno e na elaboração de propostas que constituem-se em frentes de intervenção e enfrentamento do problema. De acordo com estes autores, a violência no âmbito escolar não é um problema recente e se estaca em todo o mundo como um grave problema social, cujas formas mais comuns decorrem de fatores como: delinquência; indisciplina; dificuldades nos relacionamentos interpessoais entre professores e alunos ou entre os próprios alunos, além de fatores contextuais, como o tráfico de drogas, a pobreza e a marginalidade que atingem a comunidade onde a escola está inserida.

As discussões sobre o tema apontam que, em um contexto mais amplo, verifica-se uma relativa dificuldade de se definir com precisão todas as práticas que tipifiquem a violência escolar, Abramovay (2003), mostra que há uma diversidade de interpretações, que podem variar de acordo com diferentes fatores, que são influenciados por aspectos ligados a questões culturais, históricas e sociais, podendo também sofrer diferenciações de ordem subjetiva, relativas à idade, ao sexo ou ao status social.

Outro aspecto que pode contribuir para as divergências de ordem conceitual, é o contexto local em que os estudos são realizados, como ilustra o caso das pesquisas realizadas na Inglaterra, onde é comum que o conceito de violência escolar não se

estenda a episódios de violência cometidos por professores contra alunos ou vice-versa. No caso dos estudos norte-americanos, há uma tendência a localizar a violência escolar em condutas de vandalismo, configurados pelas ações de gangues, utilizando-se com frequência de termos como delinquência juvenil e comportamentos antissociais. (ABRAMOVAY, 2003).

Debarbieux (2002) diz que é preciso tomar cuidado com a intenção de se instituir uma única definição para o termo violência escolar, para não incorrer em uma generalização que impeça a identificação daquilo que é real e pertinente dentro do conceito, os limites e a configuração de uma definição capaz de subsidiar uma prática adequada, possibilitando a elaboração de um conceito eficaz. Assim, este autor assinala que:

Não deveríamos estar pesquisando a violência como um todo indivisível; deveríamos, pelo contrário, estarmos multiplicando os pontos de vista (os indicadores), [...] Não pode haver um conhecimento total acerca da violência nas escolas, porque ela só pode ser representada de formas parciais, e devemos ou aceitá-las como tal ou nos permitir cair na fantasia da onisciência. (DEBARBIEUX, 2002, p.65).

Neste sentido as violências que se manifestam no interior das escolas, devem ser analisadas sob a mesma perspectiva utilizada para a sua ocorrência em contextos mais amplos da sociedade, visto que as instituições de ensino são agências que reproduzem as relações engendradas fora delas, ou seja, aquelas que ocorrem nas dimensões macro do tecido social.

As referências e os valores que guiam os comportamentos individuais e, conseqüentemente, as ações educativas dos adultos para com os jovens, com frequência, entram em crise, porque também estão em crise os sistemas sociais, culturais, econômicos e familiares que reproduzem a visão de mundo que esses sistemas refletem. Com isso, as novas gerações, muitas vezes, se ressentem de uma base sólida e segura sobre a qual elas possam se estruturar de forma gradual e, até mesmo, modificar suas próprias referências. (SILVA, 2010, p.57).

Desta maneira, é consenso entre estes pesquisadores que a questão da violência é um tema que demanda um olhar mais acurado, especialmente em relação às questões que a tornam tão recorrentes na contemporaneidade. Devendo-se considerar os diferentes fatores que se articulam na conformação de espaços marcados pela violência.

De acordo com Sposito (2001), o sistema educacional brasileiro sofre um impacto significativo que é proveniente da violência escolar, e que converge para um sentimento de insegurança generalizado em muitas unidades de ensino. O clima de

insegurança é um dos fatores que podem afetar o desempenho escolar, além de deixar toda a comunidade em estado de tensão, repercute de modo negativo e modifica a rotina da escola.

Desta forma, as instituições de ensino se constituem em locais onde as relações entre os sujeitos que a compõem, tornam-se cada vez mais tensas, e convergem para a problemática da violência em seus diferentes enfoques.

Sposito (2001) destaca que no Brasil, os impactos da violência no ambiente escolar começaram a ser estudados mais amiúde, a partir da década de 1980. Neste período, a maior parte dos estudos sobre o tema, discorriam sobre casos locais e tendiam a abordar o assunto de modo genérico, com destaque para a incidência das infrações cometidas nas instituições de ensino, cujo foco, centrava-se na análise dos danos e depredações aos prédios e patrimônio das instituições, pelo ataque de gangues organizadas dentro da própria escola ou oriundas da comunidade local. Nos anos de 1990 e 2000 emerge uma nova perspectiva de análise, onde os estudos se voltam às relações interpessoais e os índices de agressividade envolvendo alunos, professores e demais profissionais que atuam nos estabelecimentos de ensino.

O interesse pela abordagem de temas relativos às manifestações de violência interpessoal, com foco para a agressão entre pares e, propriamente para o *bullying* no contexto escolar, só apareceu mais expressivamente na primeira década do século XXI, período em que alguns estudiosos, dentre os quais, Lopes Neto, Saavedra (2003), Lisboa (2005), Fante (2005), dentre outros, iniciaram suas investigações sobre este fenômeno, problematizando-o para a realidade brasileira.

O padrão de comportamento definido como *bullying*, é uma conduta muito frequente entre os escolares, e conforme os dados levantados por diversas pesquisas, encontra-se presente em praticamente todos os estabelecimentos de ensino, onde exerce efeitos negativos no processo de formação e desenvolvimento dos jovens. A este respeito, Fante (2005, p.61), ressalta que:

A presença do fenômeno constitui realidade inegável em nossas escolas, sendo responsável pelo estabelecimento de um clima de medo e perplexidade em torno das vítimas, bem como dos demais membros da comunidade educativa, que indiretamente, se envolvem no fenômeno sem saber o que fazer.

Diante desta constatação, a incidência de *bullying* nas escolas tem sido alvo de pesquisas em todo o mundo. Contudo, cabe esclarecer que, embora o conceito mais

adotado para a definição do fenômeno seja o que foi elaborado pelo professor Dan Olweus, é possível encontrar variações, sobretudo, quanto à caracterização e a regularidade do problema, em diversos países.

Com relação à prevalência do *bullying*, uma pesquisa internacional comparativa que contou com a participação de 113.200 estudantes oriundos de 25 países, mostrou que há uma grande variação no percentual relativo ao número de escolares envolvidos em situações de *bullying*. Com base nos resultados desta amostra, o país que apresentou menor incidência de estudantes envolvidos em casos de *bullying* foi a Suécia, com um percentual de 9%, contra cerca de 54% dos estudantes envolvidos na Lituânia, país que apresentou maior incidência de envolvimento de estudantes com o problema. Quanto aos papéis desempenhados, foram encontrados os seguintes dados: na condição de vítimas, o estudo apresentou média internacional de 11%, com variações entre 5% na Suécia e 20% na Dinamarca; na condição de agressores, a média internacional foi de 10%, com variação de 3% na Suécia e 20% na Dinamarca, e na dupla condição agressor/vítima, a média internacional ficou em 6%, com variação de 1% na Suécia e 20% na Lituânia. (NANSEL et al, 2004).

Cumprir notar que estes dados provêm de diferentes países, havendo, portanto, que se considerar os parâmetros estabelecidos em cada pesquisa com relação as definições de *bullying*, e a frequência das ações que correspondem a esta conduta, fatores que incidem diretamente nos resultados obtidos, uma vez que, não há um padrão único ou uma uniformidade das ações e condutas caracterizadas como *bullying*, comum a todos estes países.

Uma pesquisa ligada à UNESCO sobre a violência escolar no Brasil, desenvolvida nos anos de 2003 e 2004, coordenada pelo especialista francês em violência escolar Eric Debarbieux, e da qual participaram 11.500 alunos, revelou que o *bullying* no país, segue o perfil identificado em outros países, pois se manifesta em diferentes seguimentos sociais e atinge, principalmente, os alunos que se diferem do grupo.

No Brasil foram realizadas outras pesquisas com objetivo de levantar dados sobre a incidência do fenômeno *bullying* nas escolas, cujos resultados foram divulgados pela ABRAPIA, que em 2004, realizou uma pesquisa sobre a incidência de *bullying* no Rio de Janeiro; pela pesquisa “*Bullying* Escolar no Brasil”, divulgada em 2010, pelo

Instituto PLAN-Brasil (CEATS/FIA); pela “Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar”, divulgada em 2009 e vinculada ao IBGE; pela pesquisa sobre “Preconceito e Discriminação em Contexto Escolar”, vinculada a Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (FIPE) e ao Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), também divulgada em 2009 e, pela pesquisa realizada nas escolas do Estado de São Paulo, sobre o tema “Violência nas escolas: o olhar dos professores” divulgada em maio de 2013, pelo Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo. (APEOESP).

A pesquisa desenvolvida pela ABRAPIA, no período de 2002 à 2003, no Estado do Rio de Janeiro, contou com a participação de 5.482 alunos, onde cerca de 50,5% deles, eram do sexo masculino e 49,5%, do sexo feminino, e apontou para o fato de que todos os participantes declararam terem se envolvido em alguma situação de *bullying*, seja na condição de vítima, ou na de agressor. Este, por ser um dos primeiros estudos realizados sobre o tema, é um referencial importante que indica a abrangência do *bullying* nas relações entre os estudantes no país.

A pesquisa *Bullying* Escolar no Brasil, realizada em 2009 e divulgada em 2010, pelo Instituto PLAN, órgão não governamental de procedência inglesa, que desde 1997 atua no Brasil, foi uma pesquisa de abrangência nacional, desenvolvida nas cinco regiões do país e reuniu 5.168 estudantes de 5ª a 8ª séries, oriundos de 25 escolas públicas e privadas. O referido estudo teve como lócus cerca de duas a três escolas por região, nas quais foram realizadas a coleta dos dados, e compreendeu, na região Norte, as cidades de Belém e Ananindeua, no Pará; na região Sul, as cidades de Porto Alegre e São Leopoldo, no Rio Grande do Sul; na região Sudeste, as cidades de São Paulo e São José do Rio Preto, em São Paulo; na região Nordeste, as cidades de São Luís, Codó e Timbiras, no Maranhão e; na região Centro-Oeste, as cidades de Brasília, Samambaia e Brazlândia, no Distrito Federal.

Este estudo revelou que a ocorrência do *bullying* emerge em um clima generalizado de violência no ambiente escolar, considerando-se que 70% da amostra de estudantes responderam ter presenciado cenas de agressões entre colegas durante o ano letivo de 2009, enquanto 30% deles declararam ter vivenciado ao menos uma situação violenta no mesmo período. A pesquisa aponta ainda para o fato de que o *bullying*, caracterizado como ações de maus tratos entre colegas ocorridas com frequência superior a três vezes, foi praticado e sofrido por 10% do total de alunos pesquisados, e

sua ocorrência é mais comum nas regiões Sudeste e Centro-Oeste do país. A pesquisa teve como parâmetro, o número de vezes em que os alunos disseram terem sofrido ou praticado maus tratos durante o ano letivo, sendo caracterizada a ocorrência de *bullying*, somente nos casos de agressão com frequência superior a três vezes. Segundo este estudo as condutas de *bullying* são mais comuns nas regiões Sudeste e Centro-oeste.

A Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar, desenvolvida pelo IBGE em 2009, foi realizada em todas as capitais brasileiras e do Distrito Federal, e contou com a participação de 60.973 escolares, matriculados no 9º ano (8ª série) do ensino fundamental, provenientes de escolas públicas e privadas. Em relação ao sentimento de insegurança e a ocorrência de *bullying* nas escolas, os dados indicaram que a insegurança atinge cerca de 10% dos alunos da rede pública, com foco para os estudantes que disseram terem faltado aula, nos últimos trinta dias, por se sentirem inseguros no trajeto percorrido entre a casa e a escola. Neste quesito, os maiores percentuais foram encontrados em Belém (7,8%) e em Maceió (7,7%) e o menor em Florianópolis (4,3%). Entre os alunos da rede pública, este percentual ficou em 9,7%, para uma proporção de 5,5% na rede particular. Com relação aos estudantes que deixaram de ir à escola por se sentirem inseguros dentro do próprio estabelecimento escolar, a média nacional ficou em 5,5%, com variação de 3,4% em Porto Velho e 7,3% em Macapá. Para a ocorrência de *bullying*, a pesquisa revelou os seguintes dados: 30,8% dos participantes disseram terem sofrido *bullying*, este número corresponde a quase um terço dos alunos pesquisados. Com relação a frequência destes eventos, 25,4% dos estudantes disseram terem sido vítimas deste tipo de violência raramente ou as vezes; e os que informaram terem sofrido *bullying* na maior parte das vezes ou sempre, representam 5,4% dos alunos pesquisados.

Os dados levantados nesta pesquisa revelaram ainda que a incidência do problema é maior na rede particular de ensino, que apresentou um percentual de 35,9%, referente à ocorrência de *bullying* entre os alunos destas escolas, para uma proporção de 29,5% relativa ao envolvimento dos estudantes em situações desta natureza, na rede pública de ensino. Quanta a ocorrência do problema entre gêneros, o estudo indicou que o fenômeno atinge 32,6% de estudantes do sexo masculino e 28,8% de estudantes do sexo feminino, e aponta para o fato de que esta variação tem decrescido nos últimos anos. Conforme os dados, as capitais com maior incidência de escolares que informaram

ter sido alvo deste tipo de violência pelo menos uma vez, nos últimos trinta dias, foram: Brasília com 35,6%, Belo Horizonte com 35,2% e Curitiba com 35,2%.

A pesquisa sobre Preconceito e Discriminação em Contexto Escolar, desenvolvida pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (FIPE) e pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), também em 2009, contou com a participação de 18.599 pessoas (entre alunos, pais e responsáveis e profissionais da educação) distribuídas em 501 instituições de ensino de todas as capitais do país. Os resultados do estudo mostraram que 19% dos alunos disseram que foram discriminados por serem negros, 18,2% informaram que foram discriminados por serem pobres; ser homossexual foi a causa informada por cerca de 17,4% dos estudantes.

Vale acrescentar, que esta pesquisa é citada neste estudo em razão de fatores como o preconceito e a discriminação manterem uma estreita relação com as condutas de *bullying*. Este entendimento é reforçado pelo fato de que, em muitos casos, o preconceito e a discriminação presentes nas instituições de ensino, bem como em outros ambientes de convívio social, levam a condutas de agressão e humilhação direcionadas à pessoas ou a grupos sociais específicos.

A pesquisa “Violência nas escolas: o olhar dos professores”, realizada pela APEOESP e divulgada em maio de 2013, traça o perfil da violência escolar no Estado de São Paulo, a amostra foi composta por 1.400 docentes da rede estadual de ensino, provenientes de 167 cidades do estado. Os resultados deste estudo mostraram que 87% dos professores entrevistados disseram que casos de violência são ocorrências constantes nas escolas em que trabalham, e as situações de violência mais comuns na escolas são: brigas entre alunos (72%); ser xingado por algum aluno (62%), presenciar alunos se ameaçando (57%); ser ameaçado por algum aluno (35%), ter algum bem pessoal danificado por algum aluno (35%) e ser roubado ou furtado (24%). Com relação às situações de violência que os docentes disseram ter presenciado com maior frequência foram: alunos sob o efeito de drogas (42%), tráfico de drogas (29%), alunos sob o efeito de bebidas alcoólicas (29%), ter conhecimento de gangues (21%), alunos portando armas brancas (15%) e alunos portando armas de fogo (3%). A falta de educação, de respeito e de valores foi citada como a principal causa da violência nas escolas (74%). Os casos citados pelos professores como de maior incidência nas escolas em que lecionaram em 2012 foram: agressão verbal (74%); *bullying* (60%); vandalismo

(53%); agressão física (52%); furto (45%) e, discriminação (39%). As escolas localizadas em bairros periféricos foram apontadas por 63% dos professores como as mais violentas. Na opinião de 95% dos professores, os alunos são os principais autores da violência nas escolas, e também são apontados por 83% dos entrevistados, como as maiores vítimas.

Quanto ao contexto local, em relação aos índices de violência nas instituições de ensino, as pesquisas de alcance nacional revelam que o Estado do Pará, embora não possua os indicadores mais elevados quanto à incidência do problema, apresenta características preocupantes, a “Pesquisa Nacional Violência, AIDS e Drogas nas Escolas”, realizada pela UNESCO em 2001, apontou que no Pará o percentual de alunos que informaram não conseguirem se concentrar nas salas de aula por causa da violência, correspondeu a 46%; os que disseram sentirem-se nervosos e revoltados com esta situação representaram 28%, também um total de 28% informou não sentir vontade de frequentar a escola por este mesmo motivo. A “Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar”, desenvolvida pelo IBGE em 2009, revelou que o Estado ocupa a primeira posição no que se refere ao sentimento de insegurança desenvolvido pelos alunos em função dos atos de violência. Os resultados revelam que Belém apresentou os maiores índices de estudantes que deixaram de ir à escola no mesmo mês, por se sentirem inseguros, durante o caminho percorrido. Neste quesito o percentual registrado foi de 7,8%.

A pesquisa “A violência nas escolas: um estudo sobre sua dinâmica e alternativas de resolução” desenvolvida por Nascimento (2009), entre os anos de 2007 e 2009, com a participação de 649 jovens provenientes de escolas do centro e da periferia da rede pública de ensino de Belém, capital do Estado do Pará, revelou que esta população, na faixa etária entre 15 e 24 anos é a mais atingida pela violência. Estes jovens representam os maiores envolvidos em episódios de violência, seja como autores ou vítimas. Os resultados do estudo apontaram que a inserção em gangues, o envolvimento com as drogas, a desestrutura familiar, e a falta de educação e de sentido à vida são os principais fatores que estimulam a disseminação da violência nas instituições de ensino. Estes aspectos também se manifestam nas demais escolas da região, nas quais os episódios de violência se reproduzem cotidianamente.

Os estudos apresentados acima, retratam o atual cenário escolar, no que tange a interferência de fatores adversos que atravessam o processo de escolarização e repercutem em sua dinâmica. Os resultados mostram como a violência em suas diferentes variações, dentre estas o *bullying*, está inserida no cotidiano das escolas, e indicam em que nível este problema afeta as relações e o desenvolvimento dos sujeitos que se integram a estes ambientes. Assim como, alerta para a necessidade de serem desenvolvidas ações de enfrentamento mais efetivas, na medida em que os resultados obtidos, mostram que este problema permanece presente no contexto escolar, trazendo implicações para o trabalho que é desenvolvido nestes espaços.

Deste modo, é necessário que gestores, professores e demais profissionais da escola elaborem uma proposta de trabalho que se articule a realidade dos alunos que recebem, sendo adequada ao contexto no qual a instituição está inserida, a qual leve em consideração todos os fatores que concorrem para a disseminação e manutenção de diferentes problemas que podem emergir nos espaços de formação humana, dentre eles o fenômeno *bullying*.

1.3 Conceituando o *bullying*

O termo *bullying* é utilizado para nomear uma forma de violência muito recorrente em ambientes de interação social e cujas pesquisas revelam que atinge uma parcela considerável de pessoas. A palavra é de origem inglesa e foi adotada no Brasil e em alguns países, por não haver um termo equivalente no vocabulário local, que abranja de maneira fiel o seu significado.

A designação deriva da palavra *bully*, que na forma substantiva pode ser traduzido como “valentão” ou “tirano” e na forma verbal corresponde aos termos “amedrontar”, “brutalizar” ou “tiranizar”, e compreende “um subconjunto de comportamentos agressivos, caracterizados por sua natureza repetitiva e por desequilíbrio de poder” (FANTE, 2005, p.28).

O *bullying* se constitui em uma modalidade de violência que pode manifestar-se em diferentes espaços de socialização, entretanto, é no ambiente escolar que se verifica sua maior incidência, por esta razão muitos pesquisadores se detiveram à sua investigação no universo das instituições de ensino.

As primeiras discussões sobre *bullying* tiveram início em função dos altos índices de ocorrência deste comportamento entre alunos nas escolas da Noruega, fato que deixava tanto pais, quanto professores apreensivos e temerosos em relação às consequências que a exposição contínua dos escolares a estes eventos pudessem ocasionar. Diante do crescimento do problema naquele país, passou-se a utilizar como alternativa de intervenção sobre os casos, os meios de comunicação, sobretudo as emissoras de rádio, locais nos quais se promovia o debate sobre o *bullying* com o objetivo de mobilizar as autoridades educacionais e demais instâncias no combate ao problema. (SILVA, 2010).

Foi na Noruega que os primeiros estudos sobre o *bullying* tiveram início, na década de 1970 foram desenvolvidas amplas pesquisas sobre o fenômeno, coordenadas pelo psicólogo Dan Olweus, pesquisador da Universidade de Berger, que se voltou à investigação da agressividade entre estudantes nas escolas norueguesas. Inicialmente a temática não despertou grande interesse na comunidade científica, ganhando repercussão somente a partir de 1980, diante de um trágico incidente envolvendo jovens naquele país.

No ano de 1982, a morte de três meninos que cometeram suicídio por causas supostamente associadas à ocorrência de *bullying*, motivou o ministério da educação a intervir no problema, criando uma campanha nacional para combatê-lo. Na ocasião, Dan Olweus que já vinha desenvolvendo estudos na área, foi designado para organizar o movimento, o que contribuiu para o aprofundamento de suas pesquisas na área e o transformou em uma referência mundial no assunto, seu livro “*Bullying at School*”, obra relevante na literatura sobre o tema, além de apresentar o conceito, e abordar os elementos que permitem uma análise mais complexa do fenômeno, traz uma proposta de intervenção que se mostrou eficaz nas instituições de ensino.

Considerado um marco na abordagem do tema, os estudos de Olweus fomentaram a produção de novas pesquisas, a princípio nos países escandinavos, Suécia, Noruega, Finlândia e Dinamarca, que foram pioneiros no alerta da comunidade educacional e científica sobre o problema e suas implicações, e atualmente têm orientado diversos estudos em âmbito mundial.

Como uma das ações pertinentes à campanha de combate ao *bullying*, Dan Olweus, sinalizou para a necessidade de se realizar uma pesquisa de longo alcance, que pudesse fornecer indicadores reais da incidência deste comportamento nas escolas. Com

este objetivo, a primeira pesquisa de longo espectro foi implementada, utilizando-se como instrumento um questionário sobre vitimização, que foi aplicado em um número considerável de escolas em funcionamento no país.

Na ocasião, todas as escolas de níveis primários e secundários da Noruega foram chamadas a compor a amostra. O público alvo, foram alunos com idades entre oito e dezesseis anos, aproximadamente. Com a participação efetiva de 85% das escolas, a análise foi realizada a partir de uma amostra representativa coletada em 830 instituições, das quais 715 forneceram dados válidos. Aproximadamente 130.000 alunos responderam o questionário, cujos dados fornecidos permitiram mensurar a frequência com a qual ocorrem os problemas relacionados ao *bullying*, considerando-se as diferentes variáveis envolvidas, como série, faixa etária e sexo. (OLWEUS, 1993).

Na década de 1990, houve um significativo incremento nas pesquisas sobre o *bullying*, que elevaram-se consideravelmente em todo o mundo, fato devido à grande repercussão de atitudes extremas de violência levadas a cabo por muitos jovens e que foram consideradas como consequências da exposição prolongada a esta forma de agressão.

Ao final desta mesma década, acontecimentos dramáticos envolvendo jovens escolares tornaram o tema ainda mais relevante, especialmente no âmbito educacional, em face da escola ter sido o cenário de algumas tragédias de repercussão mundial, que envolviam alunos vitimizados pelo *bullying*, como nos casos de Kentucky² (1997), Arkansas³ (1998), Oregon⁴ (1998), e o de maior notoriedade, o episódio de Colorado⁵ (1999), palco da tragédia de Columbine. Estes acontecimentos provocaram maior interesse sobre a temática, cuja abordagem atualmente abrange diferentes áreas de conhecimento.

Cabe mencionar que o *bullying* é caracterizado como um fenômeno global, que pode ser detectado em escolas do mundo todo, e embora o conceito formulado por Dan Olweus seja bastante difundido e aceito, em alguns países o termo é ampliado, aspecto que o torna mais abrangente quanto às práticas que podem ser classificadas como manifestações do problema. Podem ainda receber outras terminologias, que embora não

² Em 1997, na cidade de West Paducah, Kentucky, um jovem de 14 anos executou a tiros três colegas de sala, deixando mais cinco feridos, logo após a oração matinal realizada nas dependências da escola.

³ Em 1998, dois alunos de 11 e 13 anos de idade atiraram contra a escola que estudavam, matando três alunas e uma professora

⁴ Em 1998, um adolescente matou a tiros dois colegas, deixando mais vinte feridos.

⁵ Dois jovens de 17 e 18 anos, com explosivos e armas de fogo, foram responsáveis pelo assassinato de doze colegas e um professor, deixando dezenas de pessoas feridas, suicidando-se logo em seguida.

se oponham de forma substancial em suas definições práticas, diferenciam-se em certa medida da proposição de Olweus, porque trazem naturalmente intrínsecas ao conceito, diferenças contextuais e culturais que se manifestam nas referidas condutas.

No Japão o termo utilizado para nomear tais atitudes é *ijime*, definido por Morita (apud CATINI, 2004), como uma espécie de comportamento agressivo pelo qual alguém que sustenta uma posição dominante num processo de integração grupal, por atos intencionais ou coletivos, causa sofrimento mental ou físico a outra pessoa que integra o grupo. A expressão mental que precede a palavra física, bem como a utilização da expressão “dentro do grupo” demarcam, segundo este autor, as principais diferenças entre as duas definições.

Fante (2005) mostra que em alguns países há outros termos similares ao *bullying*, sendo utilizados para denominar práticas desta natureza nas escolas, na Alemanha se utiliza a expressão “*agressionen unter schüllen*”, na Espanha, o termo utilizado é “*acoso y amenaza entre escolares*”, na Itália, é chamado de “*prepotenza ou bullismo*”, e em Portugal o termo correspondente é “*maus tratos entre pares*”. Embora estes países tenham optado pela conceituação do fenômeno a partir de seu próprio vocabulário, de um modo geral há semelhanças e aproximações entre as atitudes circunscritas a estes conceitos.

Na França, país em que a violência escolar se constitui como o objeto de muitas pesquisas na área educacional, denomina-se como *bullying*, todas as ações que consistem no uso indevido ou inadequado da força, como crimes e ofensas contra pessoas, funcionários ou patrimônio da escola; todas as formas de violência da própria escola, enquanto órgão institucional; e todas as manifestações de incivildades, que possam perturbar a dinâmica escolar, como por exemplo, atitudes grosseiras, barulho e desordens, entre outras. Neste caso, não há referências a aspectos como a repetitividade e o desequilíbrio de forças, características essenciais na definição de *bullying* cunhada por Olweus.

É importante acrescentar que embora o *bullying* inicialmente tenha provocado maior interesse em países escandinavos, a exemplo da Noruega e posteriormente nos Estados Unidos e Japão, atualmente é percebido como um problema que cada vez mais atinge as pessoas em todo o mundo.

O *bullying* tem como correspondentes o assédio, a intimidação, a ameaça ou atitudes provocativas, e de acordo com a Associação Brasileira de Proteção à Infância e

Adolescência (ABRAPIA), pode ser identificado através de ações depreciativas, entre as quais constam: apelidar, ofender, zoar, humilhar, ferir, excluir, entre outras, ligadas a maus tratos psicológicos e físicos que partem de uma pessoa ou de um grupo em direção a outra pessoa.

Caracterizado como uma ação de crueldade praticada de forma deliberada e intencional, visando à intimidação e a imposição de controle e poder sobre o outro (MIDDELTON-MOZ e ZAWADSKI, 2007). O problema é ainda identificado por atitudes agressivas, propositadas e repetitivas, que ocorrem sem causa aparente ou justificada, e provocam constrangimento, angústia e sofrimento às vítimas. As relações entre estas e seus agressores são marcadas por desigualdades de força e poder, de modo geral as vítimas de *bullying* são pessoas vulneráveis e submissas.

Diante disto, é pertinente ressaltar que tanto aqueles que praticam o *bullying*, como os que dele são vítimas ou espectadores, poderão desenvolver traços negativos, que se manifestarão imediata ou tardiamente. Estas consequências podem ocasionar traumas psicológicos que irão do sentimento de baixa autoestima à transtornos depressivos e psicopatologias graves, que podem resultar em reações extremas e destrutivas, pautadas em atitudes vingativas e suicidas.

1.4 *Bullying* uma prática de gênero: prevalência do problema entre estudantes do sexo feminino.

Atualmente presenciamos um índice crescente dos eventos de violência pelo mundo, os casos ocorrem com uma frequência assustadora e envolvem as mais diversas camadas sociais, em uma dinâmica que é indiferente a condição emocional, financeira psicológica ou social dos envolvidos.

Embora as pesquisas ainda apontem para a prevalência de pessoas jovens e do sexo masculino no envolvimento em situações de violência, os estudos sobre o tema mostram que neste cenário a participação de outros sujeitos aumentou consideravelmente nos últimos anos. Deste modo, evidencia-se um crescimento significativo no número de homens e mulheres, crianças, jovens e idosos que indiscriminadamente têm protagonizado episódios desta natureza.

Os resultados da pesquisa sobre violência contra a mulher, realizada pela Secretaria de Transparência Data Senado⁶ e divulgados no início do corrente ano (2013), mostraram que no Brasil, cerca de 19% da população feminina com 16 anos ou mais já foram vítimas de algum tipo de agressão. Vale ressaltar que este percentual corresponde a aproximadamente 13 milhões e 500 mil mulheres, um indicador preocupante que revela as proporções que o problema tem alcançado.

Outro dado relevante para esta discussão foi apontado pela pesquisa Mapa da Violência 2012, no caderno complementar 1¹ Homicídio de Mulheres no Brasil, realizada pelo Instituto Sangari. Os resultados desta pesquisa indicam que em um ranking de 84 países, ordenados segundo as taxas de homicídio de mulheres, o Brasil ocupa a posição de 7º país onde mais se matam mulheres.

No que tange a taxa de atos infracionais cometidos por mulheres, o relatório final apresentado pelo Grupo de Trabalho Interministerial: Reorganização e Reformulação do Sistema Prisional feminino - INFOPEN⁷, publicado em 2008, revela que a população feminina em cumprimento de pena pelo exercício de prática delituosa passou de 5.601 no ano de 2001 para 20.262 no ano de 2008, o que representa um aumento de 260% da população feminina em cumprimento de pena carcerária, ocorrido nos últimos oito anos.

A referida pesquisa mostra ainda que os crimes praticados por mulheres são predominantemente aqueles relacionados ao tráfico de entorpecentes, porém ressalta que houve um aumento no percentual da população feminina em cumprimento de pena por homicídio qualificado.

Os dados acima comentados, referem-se à pesquisas de ampla abrangência nacional realizadas recentemente, os quais nos permitem inferir que a figura feminina, tem-se destacado no cenário da violência, sobretudo na condição de vítima, mas também, conforme indicam os números, no papel de agressora.

Ao destacarmos estas informações, compreendemos que diversos fatores estão associados à elevação dos percentuais apresentados nestas pesquisas, os quais apontam

⁶ Data Senado é o instituto de pesquisas do Senado Federal e tem por objetivo mostrar aos senadores qual é a opinião da população do Brasil sobre os temas e projetos de lei.

⁷ Sistema de Informações Penitenciárias - INFOPEN é um programa de computador (software) de coleta de Dados do Sistema Penitenciário no Brasil, para a integração dos órgãos de administração penitenciária de todo Brasil, possibilitando a criação dos bancos de dados federal e estaduais sobre os estabelecimentos penais e populações penitenciárias. É um mecanismo de comunicação entre os órgãos de administração penitenciária, criando “pontes estratégicas” para os órgãos da execução penal, possibilitando a execução de ações articuladas dos agentes na proposição de políticas públicas.

para o crescimento da população feminina envolvida nestes casos. Contudo, interessa-nos destacar a estreita relação entre os fenômenos da violência e da criminalidade. Sobretudo, quando atrelados a outros fatores, dentre os quais podemos citar a ausência de redes de proteção às pessoas em situação de vulnerabilidade. (PERALVA, 2000). Além disso, buscamos estabelecer um nexo entre a ideia de que a agressividade implícita a prática de *bullying*, vincula-se a probabilidade do desenvolvimento de desajustes emocionais e sociais que podem favorecer o ingresso dos envolvidos no mundo da criminalidade, conforme enfatizado por muitos autores que discorrem sobre a problemática do *bullying* e sintetizado nas palavras de Fante. (2010, p. 80,81):

[...] a sensação de consolidação de condutas autoritárias, tem como resultados previstos: o distanciamento e a falta de adaptação aos objetivos escolares, a supervalorização da violência como forma de obtenção de poder, o desenvolvimento de habilidades para futuras condutas delituosas – caminho que pode conduzir ao mundo do crime –, além da projeção dessas condutas violentas na vida adulta, tornando-se pessoa de difícil convivência nas mais diversas áreas da vida: pessoal, profissional e social. O agressor (de ambos os sexos) envolvido no fenômeno estará propenso a adotar comportamentos delinquentes, tais como: agregação a grupos delinquentes, agressão sem motivo aparente, uso de drogas, porte ilegal de armas, furtos, indiferença à realidade que o cerca, crença de que deve levar vantagem em tudo, crença de que é impondo-se com violência que conseguirá o que quer.

Ao focalizarmos as imagens e significados que as alunas alvos deste estudo têm sobre o fenômeno *bullying*, buscamos também perceber como este problema se manifesta no universo feminino, quais as motivações destas práticas e em que contextos e por quais razões elas ocorrem. Assim não poderíamos deixar de fazer um recorte sobre o papel da mulher e o simbolismo da figura feminina no imaginário social.

O modelo social baseado na estrutura patriarcal reservou a mulher o papel de guardiã do lar, e responsável pelo cuidado e educação dos filhos, delegando a ela padrões de comportamento pré-estabelecidos e bem delineados. Embora as lutas dos movimentos feministas efervescessem no século XX, no intento de desmistificar tais estigmas, a figura feminina caracteriza-se ainda hoje por atributos de docilidade, fragilidade e recato, condição esta que parece manter-se cristalizada no imaginário popular.

A inserção da mulher no mercado de trabalho, o direito ao voto e o movimento da liberação sexual foram eventos que assinalaram a participação mais ampla da mulher na sociedade e corroboraram a afirmação e reconhecimento de seus direitos, em um movimento que contribuiu para a reconfiguração da organização familiar e social.

Em um movimento de desconstrução do estigma do sexo frágil, a participação da mulher nos diferentes setores da vida social assinala uma mudança no paradigma da sociedade patriarcal e desloca a figura feminina para outros espaços que anteriormente pertenciam somente ao domínio masculino.

Estes deslocamentos redimensionam o lugar ocupado pela mulher e a levam a desempenhar papéis diversos. Esta inversão nas práticas de homens e mulheres tem efeitos cambiantes, pois ao mesmo tempo em que representam nítidos avanços, porquanto apontam para a superação de papéis estereotipados e visões preconceituosas. Paradoxalmente, também produzem efeitos que contribuem para a manutenção do preconceito, posto que, ao assumir outras posturas, a mulher deixará em segundo plano as características socialmente instituídas como próprias à sua natureza. De modo que, assumir determinadas posturas poderá ser interpretado como um desvio da conduta padrão.

Nesta lógica a aceitação das diferenças é fragilizada e se torna, em muitos casos, algo intolerável, sobretudo, se analisarmos os estereótipos e ideias pré-concebidas como elementos cristalizados que levam certo tempo para serem modificados ou recontextualizados.

As mudanças sociais que possibilitaram a mulher se dividir entre seu papel de esposa, mãe e cuidadora do lar, e de sujeito emancipado que pode ocupar outros espaços, levando-a a assumir a condição de trabalhadora que desempenha atividades não só em cargos pré-estabelecidos para o seu perfil, mas também naqueles que outrora eram ocupados apenas pelos homens, não foram por si só, suficientes para desmistificar o estereótipo socialmente construído acerca da figura feminina. Wiseman (2012, p.169) ao analisar estes fatores, observa que:

Naturalmente, as definições de feminilidade se tornaram cada vez mais complexas e cheias de nuances, já que meninas e mulheres também podem ser vistas como atletas fortes, agressivas e competitivas. Contudo se observarmos as atletas de maior sucesso comercial quando estão fora do campo ou da quadra. Todas também se encaixam no padrão Agir Como Mulher. Tal como essas atletas, para obter validação da sociedade as meninas ainda precisam ser delicadas, bonitas e nada ameaçadoras.

Tais aspectos, resultantes do contexto sócio-histórico e cultural, que determinou um lugar social a ser ocupado por homens e mulheres e produziu discursividades acerca das identidades destes sujeitos, implicaram no desenvolvimento de atitudes,

comportamentos e interesses que os acompanharão por toda a vida. Neste sentido, ao se elegerem práticas e condutas específicas que devem ser exercidas por homens e mulheres, determinou-se a emergência de padrões de comportamento socialmente aceitos e instituídos pelas relações de gênero.

De acordo com Papalia e Olds (1998), a identidade de gênero é um fator determinante na construção da personalidade, na medida em que, estabelece o conjunto de crenças, valores, atitudes e estereótipos dos sujeitos em relação ao gênero a que pertencem, e os influencia no modo de ser, pensar e agir, situando-os quanto ao seu papel social.

Enquanto à figura masculina está relacionada ao domínio da autoridade, força e decisão, aspectos que estariam diretamente associados à maior incidência do envolvimento destes sujeitos em brigas e discussões que com frequência convergem para eventos de agressão e violência física. À mulher, foram atribuídas características opostas, cujas ações comedidas e delicadas, denotam a adoção de posturas pautadas pela fragilidade e recato, o que as leva a recorrerem a outras formas de extravasar sentimentos inapropriados a sua condição. Tais padrões veiculados nos discursos sociais conformaram as ações e o papel destes sujeitos na sociedade.

Não obstante as diferenças atribuídas à homens e mulheres, deve-se considerar que estes sujeitos se inscrevem no campo das relações humanas, que por sua vez, são pautadas por relações assimétricas de poder, seja por meio do binarismo homem e mulher, seja através das relações intragênero, que envolvem sujeitos do mesmo sexo, posto que, [...] em uma sociedade como a nossa, mas no fundo em qualquer sociedade, existem relações de poder múltiplas que atravessam, caracterizam e constituem o corpo social. (FOUCAULT, 1979, p. 179).

Os estudos que se voltaram à abordagem dos temas agressividade e violência, por um longo período focalizaram este problema como um fenômeno tipicamente masculino, isto se deve, principalmente, ao foco destas análises estar centrado na identificação do comportamento agressivo e violento de maior gravidade, designado pela conduta da agressão física. Esta compreensão balizou as primeiras pesquisas realizadas sobre o fenômeno *bullying*, nas quais foram estabelecidas uma forte associação entre agressividade e violência e o gênero masculino.

Inicialmente as amostras selecionadas nas pesquisas sobre *bullying* foram compostas exclusivamente por rapazes, com foco para o estudo dos comportamentos

agressivos diretos (brigas, e agressões físicas). Este aspecto foi observado inclusive nas primeiras pesquisas realizadas por Dan Olweus (1993) que a princípio acreditava que as manifestações agressivas em sujeitos do sexo feminino eram inexpressivas, hipótese que o levou a excluir de suas análises amostras compostas por mulheres.

A maior incidência de *bullying* direto, configurado pela agressão física e ataques verbais mais incisivos, observado nas condutas masculinas, reforçou esta compreensão. Garaigordobil et al (1996), identificaram aspectos interessantes em relação as variações existentes no comportamento de homens e mulheres. Estes autores, ao desenvolverem estudos sobre a diferença entre os gêneros em uma correlação com fatores socioemocionais, identificados no período da adolescência, verificaram que as meninas apresentam habilidades de comunicação e de empatia superiores aos meninos. De acordo com estas pesquisas, tais características estariam relacionadas ao fato das meninas, em geral, lidarem melhor com situações de conflito. De forma diversa, este déficit de habilidades atribuído aos meninos, estaria relacionado à emergência de uma postura mais assertiva, no que tange as suas necessidades.

Deste modo, estes autores propõem que há uma tendência de que as meninas desenvolvam esquemas cognitivos e emocionais que implicam na internalização de problemas, ao passo que os meninos constroem esquemas relacionados à externalização. Estas características fazem com que as reações nas mulheres ocorram de modo introspectivo, a exemplo do desenvolvimento de quadros de ansiedade e depressão, em oposição às respostas apresentadas pelos meninos que geralmente se dão sob a forma de dominação e agressividade.

Diante do exposto, o reduzido índice de condutas de agressão e violência física entre as meninas favoreceu, a princípio, a interpretação equivocada de que estas, dificilmente protagonizariam situações desta natureza, contexto em que também se desconsiderou a possibilidade das mesmas de se apropriarem de formas alternativas de envolvimento em situações de *bullying*.

Posteriormente, com a ampliação dos estudos sobre o tema, os resultados apontaram para a existência de outras formas de agressão presentes no contexto escolar, cujas manifestações mais sutis, camuflavam a intencionalidade dos atos. Estes, por sua vez, mostraram-se mais frequentes entre as alunas. A apreensão destes dados, fez com que os pesquisadores reconsiderassem a suposição inicial, e passassem a inserir amostras constituídas por grupos femininos em suas pesquisas.

A partir de então, as pesquisas que eram desenvolvidas, além de mapearem os diferentes aspectos relativos ao *bullying*, como as formas mais comuns de agressão entre pares, as motivações, os fatores de risco e os agentes de interferência, objetivaram ainda, identificar as diferenças existentes entre as condutas manifestas conforme o sexo dos autores.

Seixas (2009), ao abordar as diferenças nas condutas de *bullying* entre jovens do sexo masculino e feminino, aponta para a interferência de determinados fatores que contribuem para o desenvolvimento diferenciado entre homens e mulheres, os quais, segundo esta autora, podem estabelecer relações diretas com as diferentes expressões de agressividade e violência manifestas entre gêneros. Estes se articulam em três grandes eixos, que compreendem:

Um conjunto de fatores de natureza biológica (funcionamento cerebral, genes e hormônios), um outro conjunto de fatores de natureza psicológica (crenças, atitudes, expectativas da criança) e ainda um conjunto de fatores de natureza cultural (estereótipos sexualmente diferenciados). (SEIXAS, 2009, p.88)

Nesta perspectiva, os estudos sobre este tema indicam que é necessário considerar a dialética entre os múltiplos fatores que concorrem para a sua emergência, dentre os quais os aspectos socioculturais, familiares, econômicos e conjunturais, posto que, estas práticas são “culturalmente construídas e ancoradas em um contexto sociocultural e histórico”. (SEIXAS, 2009, p.91,92).

Os estudos sobre as diferenças nas condutas de *bullying* em relação ao gênero do (a) agressor (a), são unânimes quanto à manifestação de ataques diretos de *bullying* se tratarem de uma prática frequente entre os meninos, enquanto que as meninas adotam preferencialmente as formas indiretas ou relacionais do fenômeno para atingirem seus alvos.

Nestes termos, é mais comum que os meninos tomem parte da forma direta de *bullying*, caracterizada por atos de maior agressividade, praticados de modo mais incisivo, e que compreendem os ataques físicos e materiais. Contudo, estudos mostram que a incidência do problema é crescente entre sujeitos do sexo feminino, o que tem se diferenciado, é apenas os meios utilizados para tais práticas, os quais pontuam que as mulheres têm por hábito recorrerem a mecanismos mais sutis, que mascaram as intenções reais implícitas aos atos desta natureza.

Em estudos realizados com o objetivo de investigar a correlação entre agressores e vítimas de *bullying* em relação ao gênero, Bolton (1996) verificou que agressores do

sexo masculino tem preferência por agredir vítimas do mesmo sexo, já as agressoras apesar de se mostrarem mais propensas às práticas de *bullying* indireto, cujos alvos preferenciais são outras meninas, tendem a voltar seus ataques também aos meninos.

Estes resultados também foram identificados por Salmivalli et al (1996) ao desenvolverem uma pesquisa sobre os diferentes papéis exercidos por estudantes em casos de *bullying*, os quais apontaram para a agressão direta como uma conduta típica de agressores do gênero masculino.

Craig e Pepler (1995) ressaltaram que a maior incidência de condutas de *bullying* direto entre os meninos pode ser explicada em função de que estes se sintam atraídos por interações agressivas, as quais consideram mais estimulantes, uma vez que desde cedo nas próprias brincadeiras, os meninos costumam apresentar preferência pelas lutas. Segundo estas autoras, brincadeiras desta natureza podem facilmente saírem do controle, caso sejam interpretadas de forma errada pelo par, e evoluírem para uma conduta de fato agressiva.

Quanto às características observadas nas condutas de *bullying* adotadas por meninas, Crick e Grotpeter (1995) ressaltam que as ações indiretas são as mais comuns e frequentes entre as mesmas, em função da importância que estas atribuem às interações sociais com seus grupos, sendo as estratégias de agressividade indireta e relacional muito eficazes em deteriorar os laços mais próximos de amizade ou dificultar o processo de inclusão nos grupos.

Os resultados do estudo desenvolvido por Bolton (1996) revelaram que as agressões relacionais e os insultos verbais foram identificados por estudantes do sexo feminino como os comportamentos de *bullying* mais angustiantes e nocivos, pois estes se configuram como um meio eficaz de controle e retaliação, cujos danos refletem-se diretamente na esfera dos relacionamentos sociais.

Leckie (1997) argumenta que a estrutura dos relacionamentos entre meninas é um fator que favorece a ocorrência de comportamentos de *bullying* na forma indireta, tendo em vista que elas dificilmente precisarão recorrer à força física para atingirem as outras, isto porque, as amigas femininas geralmente permitem, caso sejam desfeitas, a exposição da intimidade outrora partilhada, a qual pode ser exposta de forma deliberada e maliciosa com o objetivo de magoar e expor uma das partes ao ridículo e a rejeição.

Ainda esta autora, assinala que o desenvolvimento das competências sociais torna possível a manifestação de formas de agressão mais sofisticadas, em virtude de o

(a) agressor (a) conseguir reunir meios para atingir seus alvos sem a possibilidade de ser identificado (a). No caso das meninas, as condutas de *bullying* indireto aumentam drasticamente por volta dos onze anos de idade, o que as torna mais propensas a mobilizar as suas competências comunicativas para manipular as redes sociais e as permite utilizar mais frequentemente o significado emocional da agressividade. (SZELBRACIKOWSKI & DESSEN, 2005)

Rivers e Smith (1994) asseveram que em razão de manterem redes sociais reduzidas, as meninas tendem a estabelecer laços mais íntimos. Neste sentido, o *bullying* indireto, cujas ações ocorrem motivadas pelo desejo de atingir os alvos preferencialmente por meio da exclusão social e dos rumores, constitui-se como o meio mais eficaz no universo feminino.

Brizendine (2007. p. 33) assinala que a agressividade feminina se manifesta exatamente contra a “proteção daquilo que considera importante. E que é sempre, e inevitavelmente, o relacionamento com os outros”. Desta forma, a agressão relacional indireta se move no sentido de desestabilizar as redes de amizade e de convivência social, que em relação às meninas se configura como a alternativa que mais eficazmente atende aos objetivos de causar danos a terceiros.

Segundo Simmons (2004) os ambientes e instâncias sociais contribuem para que as meninas desenvolvam preferência por esta forma de manifestar sua agressividade, uma vez que moldam as regras e estabelecem padrões de comportamento socialmente aceitos, os quais devem ser seguidos por mulheres e homens:

Para se esquivarem da desaprovação social, as meninas se escondem sob uma fachada de doçura para se magoarem mutuamente em segredo. Elas passam olhares dissimulados e bilhetes, manipulam silenciosamente o tempo todo, encurralam-se nos corredores, dão as costas, cochicham e sorriem. Esses atos, cuja intenção é evitar serem desmascaradas e punidas, são epidêmicos em ambientes de classe média, em que as regras de feminilidade são mais rígidas. (SIMMONS, 2004, p.33)

Em síntese, estes estudos revelam que há uma especificidade na natureza das manifestações de agressividade e violência exercidas por mulheres, as quais, de modo geral, costumam ser diferentes das que são expressas por pessoas do sexo masculino. Estes aspectos indicam a predileção por práticas como calúnia, maledicência e difamação, retaliação e exclusão, dentre outras, que se constituem em formas indiretas e relacionais do fenômeno, as quais, conforme apontam os estudos realizados, são

frequentes entre mulheres, e correspondem ao mesmo tempo a uma estratégia de dissimulação das ações empreendidas, uma vez que os (as) autores (as) do *bullying*, especialmente aqueles (as) que recorrem à modalidade de agressão indireta têm a intenção de não serem descobertos.

No entanto, diante de uma redefinição do papel da mulher, a partir da configuração de novas identidades femininas que demarcam a entrada em territórios antes contestados, outros elementos vão compondo o perfil da mulher contemporânea e traduzem-se na adoção de práticas que anteriormente eram denominadas como tipicamente masculinas, as quais, dentre outros aspectos, incluem o envolvimento cada vez mais frequente em situações de violência direta. Estes dados são observados de modo crescente nas escolas:

Brigar na escola nunca foi uma prática exclusivamente masculina. Historicamente, na arena de confronto feminino, sobravam agressões verbais, unhas e puxões de cabelos, principalmente na disputa pela atenção dos garotos. Mas os relatos de brigas entre meninas têm aumentado. O motivo? Elas dizem que, para serem respeitadas, têm de mostrar força e liderança, como fazem os seus pares do sexo oposto. (CARDOSO, 2008, p.62).

Nesta direção, constata-se atualmente que não obstante as principais características da agressividade feminina se manifestem a partir de condutas indiretas e relacionais, o envolvimento de meninas em eventos de agressão física é cada vez maior. Corroborando a estes dados Fante (2004, p.66) ressalta que:

Uma tendência mundial indica que o *bullying*, anteriormente sempre associado ao comportamento masculino, vem ganhando cada vez mais espaço entre as meninas. Isso se justifica em razão de que as meninas estão copiando as condutas agressivas dos meninos, inclusive fazendo uso dos maus-tratos físicos como forma de demonstrar poder em seus grupos sociais, principalmente na escola.

Em relação a este aspecto, o estudo denominado “Cotidiano das escolas: entre violências” divulgado no ano de 2006 e coordenado por Miriam Abramovay, sublinha o aumento da representação das mulheres na prática de atos violentos. Segundo a autora (2006, p. 180) “este estudo, a exemplo de outros, embora tenha registrado maior incidência da participação de alunos do sexo masculino em casos de violência física, chama a atenção para a complexidade da relação entre gênero e violência”.

Deste modo, os resultados do referido estudo revelaram que ainda que as meninas sejam mais associadas a violências verbais, na medida em que a violência física se constitui como símbolo de masculinidade. É cada vez mais comum que elas recorram ao que antes era considerado como padrão de comportamento masculino, ou seja, brigas que culminam em agressões físicas, e aparecem com frequência como protagonistas destes eventos nas escolas.

Abramovay (2006) destaca ainda, que a ideia de fragilidade e passividade são estereótipos que atualmente não tem sustentação, uma vez que estas são imagens que as próprias meninas viriam marginalizando, e por esta razão estariam recorrendo à força física como meio de afirmação pessoal. Nesta direção a autora complementa:

Além de análises pautadas por perspectiva de gênero, há que considerar o aumento da exposição a violências dos jovens de ambos os sexos, a recorrência a violência por falência de outras formas de comunicação e o significado de poder impresso em comportamentos violentos. Isto em tempos em que o diálogo como mecanismo de resolução de conflitos dá lugar às agressões físicas. Assim como incomunicações se dariam nas relações sociais independentemente do sexo, o poder seria algo cada vez mais desejado nas nossas sociedades. (ABRAMOVAY, 2006, p.184).

Desta maneira, a adoção de condutas de agressividade e violência, com ênfase nos ataques físicos detectados em conflitos envolvendo alunas, configuram cenas comuns entre os estudantes, cujas ocorrências são rapidamente veiculadas nas redes sociais, internet e meios de comunicação, a exemplo do trecho abaixo, retirado de um artigo publicado na revista Isto é, onde Cardoso (2008) cita dois dos inúmeros casos de agressão física envolvendo estudantes do sexo feminino:

No episódio mais recente, porém, além da fúria dos adolescentes, um fato chamou a atenção. Foi a rivalidade entre duas alunas, uma de 15 anos e outra de 18, que agravou o conflito. A mais nova sofria perseguição simplesmente por estar matriculada há pouco tempo e morar em outro bairro. No dia do quebra-quebra as duas se encararam, trocaram palavrões, saíram no tapa. E a escola quase veio abaixo. Estudantes do sexo feminino protagonizaram outra cena de violência, dias depois, em Belém (PA). Flagradas por uma emissora de tevê, elas se estapearam do lado de fora do colégio. “Ninguém se mete”, dizia um dos garotos que formavam uma espécie de octógono humano ao redor das gladiadoras. (CARDOSO, 2008, p.62)

Casos como estes são recorrentes na maioria das escolas, há registros em que as estudantes, munidas de armas brancas chegam a desferir golpes contra as rivais ou ainda, contam com a ajuda de amigos (as) e dos próprios familiares que se envolvem

diretamente nos conflitos, protagonizando cenas de extrema violência. Estes eventos, em geral, representam o ápice de conflitos que provavelmente tiveram início no interior das instituições de ensino e que podem ter relação direta com a prática de *bullying*.

A despeito de quanto estes casos possam estar naturalizados no cotidiano das escolas e na rotina de muitos jovens, e das produções sobre a temática *bullying* terem se elevado consideravelmente no campo da pesquisa, existem poucos estudos referentes à incidência e manifestações deste fenômeno especificamente em sujeitos do sexo feminino.

Por conseguinte, entendemos que o *bullying* intragênero feminino, é um tema ainda pouco explorado e que sua abordagem entrelaçada a Teoria das Representações Sociais é significativa para o debate dos problemas que se manifestam no ambiente escolar, posto que, as representações possibilitam o estudo de percepções e conceitos que norteiam as ações, os pensamentos e opiniões dos sujeitos, bem como as condutas assumidas por estes no decurso das interações pedagógicas (MAZZOTI, 2002).

O olhar sobre este fenômeno em uma interface com os fatores que o determinam, permite-nos compreender como este problema interfere na dinâmica escolar e nos processos de formação dos sujeitos que se inserem nos ambientes de ensino, a partir do ponto de vista dos envolvidos.

1.5 Caracterizando as personagens do *bullying*

A ocorrência do *bullying* implica no desenvolvimento de papéis específicos. Deste modo, destacam-se algumas características relativas aos envolvidos, as quais definem os papéis desempenhados nos episódios de *bullying*. São eles: autores ou agressores; alvos ou vítimas e vítimas e testemunhas.

❖ Alvos ou vítimas

As vítimas típicas são os alunos que apresentam pouca habilidade de socialização. Em geral são tímidas e reservadas, e não conseguem reagir aos comportamentos provocadores e agressivos dirigidos contra elas. Normalmente são as frágeis fisicamente ou apresentam alguma “marca” que as destaca da maioria dos alunos. São gordinhas ou magras demais, usam óculos; são “caxias”; deficientes físicos; apresentam sardas ou manchas na pele, orelhas ou nariz um pouco mais destacados, usam roupas fora de moda, são de raça, credo, condição socioeconômica ou orientação sexual diferentes... Enfim, qualquer coisa que fuja do padrão imposto por um determinado grupo pode deflagrar o processo de escolha da vítima do

bullying. Os motivos (sempre injustificáveis) são os mais banais possíveis. (SILVA, 2010, P.38)

Os alvos ou vítimas são os indivíduos que sofrem os atos de perseguição contínua, tanto na forma direta, quanto indireta do problema. A vítima possui em geral algumas características comportamentais, emocionais e físicas que a torna mais suscetível de ser alvo desta prática, entre as principais, encontra-se a passividade, a submissão, o sentimento de desvalorização e baixa estima, ser retraída e pouco sociável, o que é ainda acrescido pela incapacidade de defender-se de seus agressores.

É bastante comum que estas apresentem dificuldades de ordem física e verbal que as impeçam de se impor ao grupo, de modo geral não são agressivas, fato que contribui para que os agressores encontrem facilidade para empreender práticas de intimidação e abuso, já que as vítimas não dispõem de habilidades para reagir ou impedir a continuidade destes atos.

De acordo com Lopes Neto (2005), há uma maior concentração de estudantes alvos em turmas dos anos iniciais, enquanto que os autores estão inseridos quase que predominantemente em anos mais avançados, o que está diretamente ligado a relação desigual de poder, um dos elementos fundamentais à prática do *bullying*, sugerindo que esta relação assimétrica de poder esteja sendo imposta pelos maiores e mais velhos aos menores e mais jovens.

Contudo, é importante salientar que as posições e papéis assumidos nem sempre poderão ocorrer nesta ordem, havendo permutas nas condutas dos envolvidos, que pode variar de acordo com o contexto ou com a situação vivenciada. Neste caso:

A participação de cada criança ou adolescente diante de situações de bullying é dinâmica e circunstancial. Não há como estabelecer critérios rígidos sobre o comportamento adotado pelos indivíduos. Ninguém agride o tempo todo ou é agredido a todo momento. Os estudantes transitam entre a figura de agentes ativos autores e/ ou alvos, e a de testemunhas passivas. (LOPES NETO, p. 37, 2005).

Partindo desta compreensão, há vítimas que se integram a outros perfis, e que ampliam as formas de comportamento diante do *bullying*. Deste modo, o papel de vítima, subdivide-se ainda em: vítima provocadora e vítima agressora.

No perfil de vítimas provocadoras, encaixam-se aquelas que atraem para si, reações agressivas e com as quais não sabem lidar de forma adequada, habitualmente tentam agir com reciprocidade quando atacadas, sem contudo, terem sucesso. Reúnem

outras características que podem implicar diretamente na manutenção ou agravamento das situações de *bullying*, dentre elas: imaturidade; inquietação; irritabilidade e; hiperatividade. Normalmente é dispersa e ofensiva, com tendências a causar tensões. Sobre este perfil Silva (2010, p.40) traz a seguinte definição:

As vítimas denominadas provocadoras são aquelas capazes de insuflar em seus colegas reações agressivas contra si mesmas. No entanto não conseguem responder aos revides de forma satisfatória. Elas, em geral, discutem ou brigam quando são atacadas ou insultadas.

Ao perfil de vítima agressora, agregam-se aqueles (as) que diante da impossibilidade de fazerem cessar as perseguições sofridas, encontram na transferência para terceiros uma forma de extravasar o sentimento de insatisfação decorrente dos maus tratos sofridos, e na condição de vítima, contraditoriamente tendem a reproduzir o papel do agressor, impondo as situações pelas quais passam à outras pessoas. Para isto, procuram indivíduos mais frágeis e em condições de desvantagem para que possam lhes infligir às mesmas ações. A vítima agressora pode ser definida como alguém que:

Faz valer os velhos ditos populares “Bateu, levou” ou “Tudo que vem tem volta”. Ela reproduz os maus tratos sofridos como forma de compensação, ou seja, ela procura outra vítima ainda mais frágil e vulnerável, e comete contra esta todas as agressões sofridas. (SILVA, 2010, p.42)

De acordo com Fante (2005), esta é uma tendência que vem crescendo entre as vítimas e que dificulta o controle do problema, em função do efeito cascata que produz, tendo em vista que, possibilita ao fenômeno *bullying*, transformar-se em uma prática viciosa, expansiva e com um caráter cíclico, cujas consequências residem na ampliação do número de vítimas.

❖ Autores ou agressores

Os agressores possuem em sua personalidade traços de desrespeito e maldade e, na maioria das vezes, essas características estão associadas a um perigoso poder de liderança que, em geral, é obtido ou legitimado através da força física ou do intenso assédio psicológico. O agressor pode agir sozinho ou em grupo. Quando ele está acompanhado de seus seguidores [...] ganha reforço exponencial o que amplia seu território de ação e sua capacidade de produzir mais e novas vítimas. (SILVA, 2010, p.43).

Os agressores ou autores são aqueles que têm por hábito direcionar ações mal intencionadas a terceiros, podem ser pessoas de ambos os sexos, as quais costumam

desde muito cedo apresentar dificuldades para lidar com normas, contrariedades e frustrações.

Os agressores ou autores típicos geralmente possuem comportamento exteriorizado, e desenvolvem pensamentos e atitudes negativas sobre os outros, sentem necessidade de impor suas vontades aos demais, para mostrarem autoridade, que se expressa pelas dificuldades de solucionar problemas ou conflitos interpessoais, tendem a serem influenciados de forma imprópria por seus pares ou grupo e podem ainda serem pessoas provenientes de lares desestruturados, com pouca atenção e orientação dos pais que os deixam agirem sem o devido acompanhamento.

Além destas características, podem assumir atitudes agressivas também contra os adultos, são geralmente mais fortes e maiores que seus alvos, sentem-se insatisfeitos com a escola e, recorrem à força física e ao poder com a intenção de agredir e controlar os outros.

Existem divergências quanto às habilidades sociais dos autores de *bullying*. Aos quais por vezes são acrescentadas características como popularidade, apontada como um fator estimulante para seus feitos. Ou ainda como pessoas que apresentam dificuldades para se relacionarem com outros, em função de, em geral, serem vistas como intransigentes. Contudo, costumam ter aprovação apenas dentro de seus grupos de pertença, não sendo bem vistos pelos demais.

Dentre as principais formas de intimidação para com os seus alvos ou vítimas estão: a humilhação sistemática, os insultos ou acusações improcedentes, depredação de objetos e pertences pessoais, atos de depreciação e ameaças com a finalidade de submeter a vítimas às suas vontades, chantagear, isolar e excluir.

Como subcategorias de autores ou agressores foram identificadas duas posturas que remetem a este perfil, as quais foram denominadas como: autores passivos ou seguidores e; autores alvos.

São considerados autores passivos ou seguidores aqueles (as) que não tomam a iniciativa mais costumam participar das intimidações, são induzidos pelos autores típicos a praticar ações desta natureza, podem se submeterem aos autores típicos como estratégia para se preservarem e evitarem serem alvos de *bullying*.

Quanto aos autores/alvos, estima-se que estes representem 20% dos autores. Apresentam especificidades quanto a dinâmica de agressão na qual se inserem, pois se caracterizam por ora sofrerem e ora praticarem ações de *bullying*. Diferente das ações

praticadas por autores típicos que tem por objetivo intimidar os mais fracos, as ações da categoria autores/alvos ocorre de forma reativa, o que poderá gerar impactos sociais distintos, uma vez que estes, apresentam maior probabilidade de desenvolverem problemas como depressão, ansiedade, insegurança e dificuldades de concentração, dentre outros, que decorrem da rejeição e isolamento que sofrem, em função da tensão e irritação que costumam causar em seus pares.

❖ Testemunhas ou espectadores

É o aluno que presencia o *bullying*, porém não o sofre nem o pratica. Representa a grande maioria dos alunos que convive com o problema e adota a lei do silêncio por temer se transformar em novo alvo para o agressor. Mesmo não sofrendo as agressões diretamente, muitos deles podem se sentirem inseguros ou incomodados. (FANTE, 2005, p. 73,74)

A categoria testemunhas ou observadores é representada pelos estudantes que não tem envolvimento direto com o *bullying*, porém convivem em ambientes onde o fenômeno ocorre. Ao presenciar episódios de *bullying*, este grupo pode manifestar reações distintas, que vão da observação passiva à participação ativa, na medida em que podem contribuir para a manutenção das condutas de agressão. Deste modo, as testemunhas ou espectadores podem estar situados em três categorias de participação: defensores (ajudam os alvos), seguidores (assistem ou ainda incentivam os autores) e passivos (mantêm-se distantes e não intervêm).

As reações destes indivíduos diante dos episódios de agressão é que definirão em qual destas subcategorias eles se adequam. Entretanto, a postura assumida está relacionada a fatores pessoais e circunstanciais entre os quais constam: sentimentos negativos em relação ao *bullying*, o entendimento de que não se trate de um problema seu, por não acreditar que consiga parar o *bullying* e nem acreditar que a escola possa fazer isso, insegurança quanto as possíveis maneiras de agir e ainda o receio de também se tornar um alvo. Aspectos ligados ao contexto social e pela partilha de crenças e normas entre os grupos também interferem no modo de participação das testemunhas, a proximidade dos alvos pode ser um risco para se tornar um alvo também, não há benefício em ser amigo do alvo, ser vítima pode reduzir a convivência com os amigos. (SILVA, 2010, LOPES NETO, 2011).

Cumpre notar que as testemunhas ou espectadores influenciam na ocorrência deste fenômeno tanto de modo positivo, quando há a intervenção e ajuda às vítimas,

quanto negativo, diante do apoio e incentivo aos agressores. As pesquisas realizadas na área revelam que a maior parte dos indivíduos identificados como testemunhas afirmou desaprovar os atos de *bullying*. Todavia, a influência e pressão exercidas pelos grupos, podem levar estes sujeitos à omissão, ainda que individualmente estes não sejam a favor de tais comportamentos.

De modo geral, o número de testemunhas que se mostram solícitas às vítimas e as ajudam a superar este problema, ainda é relativamente menor que o número daquelas que se mantem indiferentes aos casos presenciados, fato que provavelmente se deve as dificuldades e temores que estes estudantes têm em relação ao fenômeno *bullying*. Este cenário contribui para “um clima de silêncio, que acoberta esses atos e dá aos adultos uma falsa sensação de tranquilidade, com a crença de que o *bullying* não ocorra, ou de que se trate de um problema menor, não interferindo na dinâmica escolar” (LOPES NETO, 2011, p. 55).

O papel das testemunhas ou espectadores é fundamental para a diminuição do *bullying*, uma vez que, a omissão e o silêncio podem ser interpretados como uma manifestação de apoio aos agressores, ao passo que, se a reação das testemunhas forem positivas, no sentido de adotarem atitudes protetoras, podem contribuir efetivamente para as ações de enfrentamento e redução do problema e para a mudança de posturas inadequadas no ambiente escolar.

De acordo com Fante (2004); Lopes Neto (2010); Beane (2011) os efeitos do *bullying* podem variar entre manifestações sem grandes impactos até reações intensas e de forte carga emocional. As respostas aos eventos de *bullying* ocorrerão de modo distinto, posto que estas variações dependem tanto da postura adotada diante da agressão como de outros aspectos relativos a psique dos envolvidos. De modo que estas experiências negativas poderão em muitos casos, serem superadas sem que haja maiores complicações, ou de modo contrário ocasionarem sérias consequências psicossociais, dentre estas desajustes sociais e comportamentais, psicológicos e cognitivos.

É importante compreender que tais reações dependem particularmente dos aspectos envolvidos, que entre outros fatores, podem estar relacionados ao grau e a intensidade de exposição a estes eventos, ou ainda, a outras “variáveis de natureza psicológica, relacionadas às diferenças individuais” (FANTE, 2005, p. 23), as quais não devem ser descartadas.

Contudo, deve-se considerar que probabilidade de uma pessoa submetida a constantes situações de assédio, depreciação e humilhação, dificilmente não terá sua psique afetada, estando potencialmente vulnerável ao desenvolvimento de traumas ligados a sentimentos de desvalorização em relação a si mesma, baixa autoestima, fobias e isolamento social, dentre muitos outros problemas possíveis de se manifestarem em pessoas psicologicamente instabilizadas, e os quais possivelmente acarretarão em transtornos para a vida destes sujeitos. Nesta direção, Fante (2005. p.09) assinala que:

Este fenômeno estimula a delinquência e induz a outras formas de violência explícita, produzindo em larga escala, cidadãos estressados, deprimidos, com baixa autoestima, capacidade de autoaceitação e resistência à frustração, reduzida capacidade de autoafirmação e de autoexpressão, além de propiciar o desenvolvimento de sintomatologia de estresse, de doenças psicossomáticas, de transtornos mentais e psicopatologias graves.

É importante considerarmos esta questão na perspectiva de como as pessoas reagem de maneira distinta a estímulos semelhantes. Uma vez que aí se imbricam aspectos individuais e subjetivos, pois ao passo que para alguém, determinada ação pode ser facilmente interpretada como brincadeira inofensiva ou banal, sem maiores repercussões; outro poderá introjetá-la de forma negativa, e atribuir-lhe sentido diferenciado, o qual provavelmente se refletirá em suas reações.

Diante do exposto, não se pode entender como natural que uma pessoa imponha a outra, formas pejorativas e depreciativas de tratamento. Menos ainda, pode-se permitir que alguém se sinta no direito de agir desta maneira, sob o risco de estarmos invalidando os direitos que todos temos assegurados perante a sociedade.

Esta compreensão aponta para a necessidade de se buscar meios de prevenção e combate destas práticas, tendo em vista que o ambiente escolar deve em primeira instância, favorecer o desenvolvimento saudável e a formação adequada de seu alunado.

Assim, cabe considerar que a escola deve buscar soluções possíveis de serem obtidas a partir de ações direcionadas, que partam da compreensão de que todos “perdem com a prática de *bullying* e com a falta de programas voltados a sua redução.” (LOPES NETO, 2011, p. 103).

Sob esta ótica, é importante considerar que todos os envolvidos, alvos/vítimas, autores/agressores e testemunhas/espectadores são partes integrantes deste contexto e concorrem tanto para a manutenção deste problema quanto para a sua solução. Em decorrência disto, é necessário que a abordagem do *bullying* envolva a comunidade escolar como um todo, enfatizando a importância de cada um no combate e prevenção

deste problema, a partir da implementação de ações que visem transformações concretas no ambiente escolar, e promovam o esclarecimento e a percepção do problema por todos os alunos.

1.6 Repercussões do *bullying* na mídia

A violência nas instituições de ensino é um drama retratado cotidianamente em todo o mundo. Os casos são inúmeros e, de modo geral, podem ser identificados em todos os níveis de relações estabelecidas dentro dos ambientes educacionais, isto é, entre alunos, entre os profissionais da instituição, entre profissionais da instituição e alunos. As notícias veiculadas pelos meios de comunicação apontam para uma diversidade de episódios desta ordem, dentre eles, agressões, brigas, desentendimentos, depredação e roubo do patrimônio, os quais são cada vez mais frequentes.

Na esteira destes acontecimentos, o *bullying*, fenômeno caracterizado como uma das formas de violência mais comuns entre crianças e jovens, cuja maior incidência é verificada no ambiente escolar, tem recebido destaque nos meios de informação, com ampla divulgação em revistas, jornais, internet e mídia televisiva, dentre outros meios de comunicação.

Em geral, as matérias veiculadas sobre o tema, objetivam tornar públicos os casos de maior gravidade, ou seja, os que culminaram em trágicos desfechos, e que envolvem violência extrema, como suicídios ou homicídios, bem como elucidar sobre as características do fenômeno e de seus efeitos nocivos, divulgar projetos e campanhas de combate e prevenção do problema, dentre outros. Conforme exemplificam as tiragens abaixo:

Figura 01: Correio do povo, 10 de outubro de 2012 – Folha Geral, p. 17



Fonte: <http://www.correiodopovo.com.br/>

Figura 02: Folha da região, 2011 – Folha Educação, p.10

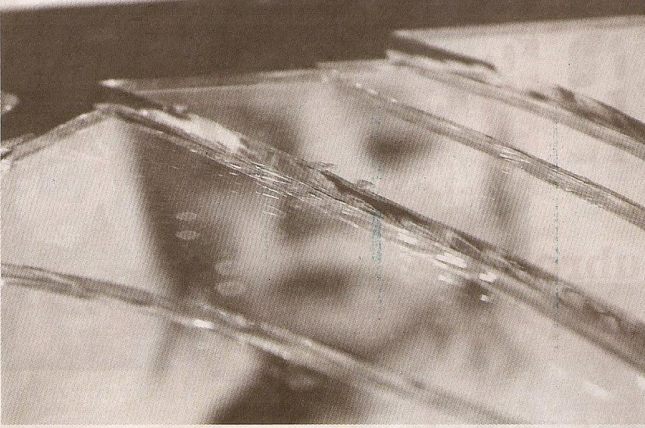
VIOLENCIA Especialista alerta que essa prática ocorre quando há uma espécie de conexão entre vítima e agressor

Para desmistificar o bullying

Araçatuba
Eloisa Morales
eloisa.morales@folhadaregiao.com.br

Falar em bullying nunca esteve tão "na moda". A cada vez que crianças ou adolescentes brigam ou simplesmente se desentendem, colocando apelidos uns nos outros, logo surge alguém para condenar a atitude, classificando-a como bullying. Essa visão distorcida do problema afasta pais e professores do real entendimento sobre o assunto, que é muito mais complexo e danoso, não apenas para quem sofre, mas também para quem pratica o bullying.

A expressão, originária do inglês, não tem tradução literal para o português, mas é usada como sinônimo de agressão ou ameaça. Essa agressão ou ameaça, no entanto, é aquela que acontece longe dos olhos de pais e professores e enche de medo e vergonha quem a sofre, motivos pelos quais a vítima não consegue denunciar o agressor. "Para que haja bullying é preciso haver uma 'conexão' entre vítima e agressor, uma interação danosa e silenciosa na qual um suga a energia do outro e o amedronta. A vítima, geralmente uma criança boazinha e tímida, com problemas de autoestima, não reage às agressões, que podem durar semanas, meses e até anos", afirma a escritora Rita Lavoyer, autora do livro "Bullying não é Brincadeira" (editora Edicon, 2008), e que há quatro anos se dedica a estudar o fenômeno sob várias óticas, inclusive a da física quântica, de onde vem a noção de energia e sua troca entre os corpos.



Fonte: <http://www.folhadaregiao.com.br/>

A popularização do tema é atribuída, sobretudo, ao crescimento do número de episódios provenientes desta prática. No Brasil, é cada vez maior o número de jovens que vivenciam a problemática do *bullying*, especialmente, no meio escolar. São vários os casos registrados enquanto decorrência deste fenômeno, da mesma maneira, os que tiveram maior repercussão são aqueles que também convergiram para graves consequências.

Entretanto, nestes casos a mídia pode exercer um papel ambivalente, isto porque, tanto poderá alertar sobre as consequências do problema, ao prevenir e informar sobre o mesmo, quanto poderá ser um agente que contribui para a adoção e disseminação de comportamentos e posturas inadequadas e prejudiciais.

Desta maneira, é consenso entre muitos estudiosos que se dedicam a investigação da violência e suas causas, que a mídia, sobretudo televisiva tem efeitos negativos sobre o comportamento dos jovens, tornando-se um fator que estimula a prática da violência. Na perspectiva de Levisky (1997, p. 27) “a relação da mídia com a sociedade precisa ser reexaminada, principalmente quando sabemos de suas influências sobre a estruturação da personalidade das crianças e dos jovens.”

Beane (2011), em seus estudos sobre os fatores que têm relação com o desenvolvimento da violência e da agressividade em crianças, destaca a interferência da mídia neste processo, que exerce influência por meio dos programas, desenhos, filmes e jogos eletrônicos com pesada carga de cenas de violência. Neste sentido, Clark (apud BEANE, 2011, p. 42,43) acrescenta que:

A mídia tem um tremendo impacto sobre as crianças hoje em dia. Algumas pesquisas indicam que crianças que assistem a muita violência na televisão, em videogames e no cinema frequentemente se tornam mais agressivas e menos solidárias com outras pessoas. De fato, o consenso entre os pesquisadores sobre a violência na televisão é que existe um aumento mensurável de 3 a 15 por cento no comportamento agressivo do indivíduo depois de assistir a programas violentos. As crianças tendem a imitar aquilo a que são expostas.

O poder de sugestão que estes veículos exercem na vida das pessoas, tem sido considerado como um meio muito eficaz para ditar e moldar opiniões e comportamentos. No caso do *bullying*, Silva (2010, p.65) chama atenção para o fato de que, não se pode desconsiderar a presença de outros elementos que disputam com pais e professores a ascendência educativa sobre os jovens, dentre os quais, a autora cita: “a cultura televisiva; o universo da propaganda, da internet, da música e do consumo.”

Para Minayo (1999, p.139) a televisão tem o poder de distorcer e manipular a realidade [...] “os jovens de todos os estratos consideram que a televisão e os jornais influenciam no aumento dos conflitos da sociedade, na medida em que os veiculam de forma exagerada e incentivam comportamentos violentos”. A televisão tem um forte apelo entre a população, pois induz à fantasia e a assimilação dos conteúdos por ela transmitidos. Assim como a mídia, de modo geral, faz com que as pessoas absorvam tudo o que veem na TV, em jornais e revistas e na internet.

Ao retomarmos a questão da dualidade presente na mídia, na rota inversa é possível que ela se configure como um suporte eficaz para a conscientização sobre a gravidade destes problemas.

Nesta perspectiva, além de matérias publicadas em jornais e revistas; existem documentários, programas e filmes produzidos para a TV e cinema, que podem servir como meios de informação e promoção de alerta e prevenção do comportamento *bullying*. Estas produções além de serem exibidas livremente, podem ser bastante úteis

para pais e professores, no desenvolvimento de atividades educativas, como material de apoio, usado para suscitar o debate e a reflexão entre os participantes.

É possível encontrar um vasto material com abordagem direcionada ao fenômeno *bullying*, o qual pode, perfeitamente, ser utilizado com fins didáticos e pedagógicos, dentre estes, cartilhas, documentários, séries, vídeos explicativos, filmes e outros, produzidos pela mídia. Deste modo, selecionamos algumas produções, cujo foco central é retratar este fenômeno e problematizar as suas causas e consequências, como se pode notar no quadro expositivo abaixo:

Quadro 02: Produções midiáticas sobre o *bullying*

TÍTULO	ANO	PAIS	TEMÁTICA
❖ Carrie: a estranha	2012	Estados Unidos	Narra a estória da atormentada adolescência de uma jovem problemática, que é perseguida pelos colegas na escola.
❖ Bully	2001	Estados Unidos	É um filme longa metragem baseado em fatos verídicos, foi considerado pela crítica um filme chocante e objetivou, segundo o diretor, retratar o ócio e a banalidade da violência na juventude americana.
❖ Bang, Bang! Você Morreu (Bang, Bang! You're Dead)	2002	Estados Unidos	Mostra a perseguição sofrida diariamente por um jovem em sua escola e as consequências disto para a comunidade local.
❖ Elefante (Elephant)	2003	Estados Unidos	Retrata o famoso caso de <i>Columbine</i> .
❖ Meninas malvadas (Mean Girls)	2004	Estados Unidos	Aborda o <i>bullying</i> relacional e social nas relações entre garotas.
❖ A Classe (Klass)	2007	Estônia	É descrito como um alerta, que dificilmente irá deixar o espectador indiferente.

❖ Meu Melhor Inimigo (Min Bedste Fjende)	2010	Dinamarca	É considerado pela crítica como triste e impactante, mas que leva a reflexão sobre as consequências que determinados atos podem ter.
❖ Bullying – Provocações sem limites (Bullying)	2009	Espanha	É definido pela crítica como um longa metragem angustiante, que retrata de forma severa e chocante a estória de um jovem vítima de <i>bullying</i> . Com um desfecho trágico, o filme alerta para a importância de denunciar esta conduta.
❖ Bullying	2011	Islândia	Documentário de longa metragem
❖ Depois de Lúcia	2012	México	Conta à estória de uma estudante alvo de <i>bullying</i> pelos colegas do próprio grupo

Fonte: Produzido pela pesquisadora

As obras destacadas tratam especificamente do tema *bullying*, cujo enredo gira em torno dos dramas vividos pelas personagens principais, que são vítimas do problema, o comportamento dos agressores e as consequências destes atos. Existem ainda, outros filmes e séries que paralelamente ao tema central abordam o problema da vitimização sofrida por personagens secundários na trama.

Em que pese algumas destas produções terem sido classificadas como tendenciosas e sensacionalistas, elas podem se constituírem em ferramentas pedagógicas interessantes, a serem empregadas em atividades de intervenção e de combate ao *bullying*, com fins a sensibilização e ao alerta, visto que, enfatizam o sofrimento da vítima e as repercussões psíquicas e sociais que a exposição contínua a estas condutas podem trazer para os envolvidos.

A partir destas inferências, verifica-se que a mídia, embora possa ter reflexos negativos na formação e desenvolvimento dos indivíduos é também um mecanismo de informação que disponibiliza recursos que podem ser utilizados de maneira assertiva, com objetivo de orientar, conscientizar e educar.

Na seção a seguir, tratamos da organização metodológica utilizada para o desenvolvimento de nosso trabalho, na qual buscamos conceituar a Teoria das Representações Sociais, enquanto aporte teórico-metodológico que balizou este estudo. Posteriormente, apontamos os procedimentos que subsidiaram a pesquisa de campo, constituídos pelos instrumentos e técnicas para coleta de dados, procedendo à caracterização do lócus pesquisado e dos sujeitos participantes.

SEÇÃO II

TECENDO CAMINHOS: O PERCURSO METODOLÓGICO

Nesta seção faremos uma breve incursão sobre a Teoria das Representações Sociais, aporte teórico-metodológico sob o qual está assentada a produção deste estudo, e de como esta teoria foi estruturada por Moscovici, com destaque para os elementos constituintes do processo de elaboração de uma representação social; e sua importância no contexto da produção intelectual nas últimas décadas em diversas áreas do conhecimento, bem como sua relação com o tema abordado. A seguir serão explicitados os caminhos percorridos no desenvolvimento de nosso trabalho, no qual procedemos a caracterização do *locus* pesquisado e dos sujeitos participantes, posteriormente apontamos os procedimentos que subsidiaram a pesquisa de campo, constituídos pelos instrumentos e técnicas para coleta e análise dos dados.

Ao analisarmos o fenômeno *bullying* enquanto uma forma específica de violência que ocorre por meio das interações entre pares, consideramos que as práticas que visam a inferiorização do outro, a partir de uma gama de ações, dentre as quais, desrespeitar, ferir, humilhar, intimidar, ou qualquer ato de agressão no campo físico ou psicológico que ocorra de forma permanente e repetitiva, são, em grande parte, provenientes de pensamentos e sentimentos que se corporificam nas incertezas e nas dificuldades de aceitação e autoafirmação daqueles que as praticam.

Deste modo, a falta de habilidade para lidar com questões que por alguma razão se constituam em fontes de descontentamento e insatisfação pessoal, podem arbitrariamente demandar o desejo de projetar e/ou transferir para o outro, o mesmo sentimento de desconforto e mal estar vivenciados. O que provavelmente se materializará pela imposição de atos que provoquem dor e sofrimento, uma vez que comprovadamente, a frustração decorrente das questões anteriormente aludidas, poderá resultar em agressividade, raiva e revolta, sentimentos que possivelmente terão vazão por meio de atos violentos.

Partindo deste pressuposto, discutir o fenômeno *bullying* na perspectiva das representações sociais (RS), faz-se pertinente na medida em que as RS estão alicerçadas sobre as interações sociais, e influenciam diretamente nas condutas e práticas dos indivíduos, na mesma proporção em que são influenciadas por estas práticas, mediando

às relações entre eles e orientando os seus comportamentos, participando da constituição do conjunto de atitudes, opiniões e valores de um determinado grupo.

2.1 A Teoria das Representações Sociais

As representações sociais, como produto resultante das interações entre os indivíduos, traz em sua essência, a maneira pela qual o sujeito ou um dado grupo social constrói significados e conceitos, levando em consideração as realidades nas quais estes indivíduos ou grupos estejam inseridos, a sua ocupação e os interesses e objetivos que permeiam as suas ações. Esses fatores são significativos para que se elabore determinada representação ou para que dela se compartilhe.

A teoria encontra-se diretamente associada ao que se define por ciência do senso comum e trata do modo pelo qual os indivíduos percebem, produzem, interpretam e posteriormente transformam suas impressões em conceitos e ideias estruturadas e sistematizadas, em que se tornam pertinentes todos os aspectos relativos ao universo dos sujeitos envolvidos, pois aí estão presentes diferentes questões da vida humana, da qual tomam parte os distintos grupos sociais, constituídos pelos indivíduos em suas diferentes realidades.

Assim, as representações sociais devem ser analisadas e compreendidas a partir do contexto que as originou, ou seja, a partir das ideologias a que estas representações estão ligadas e dos meios onde circulam. São formas de tradução elaboradas acerca de pessoas, objetos ou eventos e são definidas como conhecimentos ou teorias do senso comum, balizadas pelos acontecimentos da vida cotidiana, e de um modo geral, sempre irão corresponder a crenças e valores socialmente compartilhados pelo indivíduo ou pelo grupo de pertença.

Tais características agregam às representações a qualidade de um fenômeno que se impõe de modo preponderante à consciência (MOSCOVICI, 2004). Vinculando-se às mais variadas questões que se apresentam frente à sociedade, e que trazem à tona aspectos que precisam ser compreendidos e questionamentos e inquietações que demandam respostas.

Partindo destas considerações, as contribuições da teoria de Moscovici para o campo da pesquisa são de grande relevância, pois se constitui como um terreno fértil para o desenvolvimento de estudos localizados nas mais diversas áreas da ciência, sobretudo, nos temas relacionados à educação e a saúde, configurando-se como um

campo do conhecimento que pode contribuir de forma significativa para a busca de soluções aos problemas que emergem da dinâmica da vida social, na medida em que seu foco assenta-se justamente sobre os elementos que constroem as teias sociais.

O conceito de representação social tem origem a partir das reflexões de Serge Moscovici⁸ (1978), e suas raízes foram fincadas no campo da Sociologia e Antropologia, tendo como principal referência para a sua elaboração as formulações de Durkheim. Segundo Moscovici (1994), tiveram ainda contribuição relevante para o seu trabalho, os estudos de Lucian Lévi-Bruhl, a teoria da linguagem de Ferdinand de Saussure, as representações infantis de Jean Piaget e o desenvolvimento cultural de Vigotsky.

Em Émile Durkheim a Teoria das Representações Sociais (TRS), encontra campo fértil para a sua construção, ainda que Moscovici tenha estabelecido diferenças significativas na elaboração de sua teoria, é a partir de um diálogo com as proposições do sociólogo francês que tem início o movimento de construção da TRS.

Ao buscar estabelecer as diferenças existentes entre os mecanismos envolvidos no processo de estruturação do pensamento social e do pensamento individual, Durkheim interagiu entre dois campos de estudo relativos ao desenvolvimento humano, a Sociologia e a Psicologia. Nesta incursão o sociólogo pretendia afirmar a superioridade do social sobre o individual, partindo do entendimento de que o social exerceria poder coercitivo sobre os indivíduos. Sua teoria tinha como ponto central, a primazia do pensamento socialmente elaborado, sobre o pensamento individual na constituição de conceitos, ideias, posturas, valores e modos de pensar, compreender e agir dos indivíduos.

Com base nestas reflexões ele elabora o conceito de representações coletivas, referendado pelas ideias e pelas várias formas de ações sociais que são impostas sobre as consciências individuais, as quais, de acordo com este teórico, precederiam os indivíduos, moldando suas consciências.

Sob esta lógica, validar-se-ia o fundamento de que a vida em coletividade seria caracterizada por uma realidade peculiar e autônoma, de modo que o fenômeno social apresentaria aspectos que o colocariam na condição de um fato distinto de outros,

⁸ Serge Moscovici, psicólogo social romeno naturalizado francês, nasceu em 1928. Em 1948, na França, estudou Psicologia. Investigou e divulgou a Psicanálise. Em 1961, terminou sua tese de doutoramento *La psychanalyse, son image, son public*, na qual apresentou sua Teoria das Representações Sociais. Foi professor em renomadas instituições de Ensino Superior. Em 2003, foi premiado com o “Balzan” que é considerado o prêmio Nobel das ciências sociais. Atualmente dirige o Laboratório Europeu de Psicologia Social em Paris.

tornando-se sob este entendimento, um sistema determinado e com vida própria (DURKHEIM, 1982).

À luz destas reflexões, Durkheim afirmava que “a vida social seria a condição de todo pensamento organizado” (MOSCOVICI, 1978, p.42), em sua concepção os aspectos sociais estariam acima dos individuais, exercendo sobre o indivíduo uma forte influência exterior, que seria geral e predominante no conjunto de cada sociedade, com características próprias e independentes de suas manifestações individuais. Nesta perspectiva, os aspectos sociais estariam separados dos individuais, estes, por sua vez, seriam elevados ao nível de duas esferas independentes da realidade humana, no qual o aspecto individual ocupa posição secundária em relação ao social ou coletivo.

Na concepção Durkheimiana, as representações individuais ao se associarem, transformam-se em outro objeto, que é indiscutivelmente superior à união das individualidades, superando a força da consciência individual de cada ser. Nesta relação, o fenômeno social passa a não depender do indivíduo, pois ao ocorrer esta associação, os aspectos particulares são perdidos e uma nova força passa a ser constituída, favorecendo a construção de uma realidade comum a um conjunto social.

Eis o motivo pelo qual o fenômeno social não depende da natureza dos indivíduos. É que, na fusão de que ele resulta, todos os caracteres individuais, divergentes por definição, se neutralizam e se dissipam mutuamente. Só as propriedades mais genéricas da natureza humana sobrevivem. Devido precisamente à sua extrema generalidade, é que elas nunca poderiam justificar as formas muito especiais e complexas que caracterizam os fatos coletivos. Não é que elas nada tenham a ver com o resultado; mas isso apenas se verifica em condições mediatas e longínquas. (DURKHEIM, 1982, p.198).

Durkheim, em suas reflexões constrói os conceitos de representações individuais (objeto da psicologia) e representações coletivas (objeto da sociologia), partindo do pressuposto de que os aspectos coletivos não podem se reduzir aos particulares ou individuais, considerando que os fatos sociais⁹ se impõem ao indivíduo de forma preponderante, sendo o sentir, o pensar, o compreender e o agir, manifestações que são induzidas pela ação da consciência coletiva. Nesta direção, as representações coletivas configuram-se nas ideias e nas diversas práticas sociais, que se impõem as consciências individuais de modo determinante.

⁹ O termo fato social, utilizado por Émile Durkheim, corresponde a um agente regulador das ações e reações dos sujeitos na esfera social, o qual exerce força coercitiva sobre os indivíduos, compreendida como um fenômeno exterior a eles, que apresenta existência independente e estabelecida em toda a sociedade. Para maiores informações recorrer a Durkheim, 1893, “A divisão do trabalho social”.

Sob esta ótica, tudo o que ocorre no espaço de abrangência e atuação humana será profundamente marcado pela experiência coletiva, que em sua dinâmica tem poder de abranger a totalidade, trata-se de algo que exprime uma natureza notoriamente superior às experiências individuais, percebidas pelo sujeito de modo particular.

Lucien Lévi-Bruhl (1903), filósofo influenciado pela teoria sociológica de Durkheim, cujos estudos sobre o pensamento místico, encontrado em povos distantes ou sociedades primitivas, que segundo ele, apontavam para diversas e diferentes formas de lógica utilizada para pensar o mundo e sua dinâmica, influenciando na construção dos códigos e símbolos, também contribuíram para a criação das TRS.

Na busca de fundamentar o que denominou de ciência dos costumes, Lévi-Bruhl (1903), defendia a ideia de que a moral entre os homens seria determinada pelos momentos históricos e pelos grupos sociais, levando em consideração os aspectos da relatividade, do meio cultural e dos grupos sociais constituintes para a elaboração de conceitos e sua aceitação ou não. Analisou as influências destes aspectos na constituição dos modos ou meios que os indivíduos utilizam para se relacionar com o mundo, destacando o fato de que uma mesma cultura pode gerar diferentes representações.

As contribuições de Piaget para as TRS partiram da natureza do estudo que empreendeu acerca da representação de mundo construída pela criança, a qual inspirou Moscovici em suas investigações, uma vez que ele, orientou-se da mesma maneira, ao tentar estudar a constituição do senso comum em indivíduos na fase adulta. Não obstante Moscovici tenha trilhado o caminho inverso em suas pesquisas, já que dedicou-se a compreensão dos processos pelos quais as representações científicas, transformam-se em representações do senso comum, diferentemente de Piaget que interessava-se no modo pelo qual as representações espontâneas da criança se estruturavam em representações científicas e racionais no decorrer de sua vida.

As investigações de Vygotsk norteadas pelo conceito de coletividade, tendo em vista que uma das características mais marcantes de sua psicologia assenta-se sobre a preocupação com os aspectos sociais no processo de construção do conhecimento, também foram questões que influenciaram na formulação da Teoria das Representações Sociais. De acordo com Moscovici (2003), a lógica utilizada por Vygotsk, para compreender as transformações psicológicas que ocorriam com uma determinada população, relativas à sua religião, considerando ao mesmo tempo o modo de vida

tradicional que levavam, e as profundas mudanças que se davam no âmbito cultural e social, aproxima-se daquela em uso nos estudos das representações sociais, na medida em que estes autores mantêm em comum uma grande preocupação com a constituição da imagem conceitual e da representação na perspectiva social.

Com relação a Ferdinand de Saussure, estudioso linguista que, partindo do pressuposto de que a “língua é um sistema de signos que exprime ideias, e é comparável, por isso, à escrita, ao alfabeto dos surdos-mudos, aos ritos simbólicos, às formas de polidez, aos sinais militares, etc.” (MOSCOVICI, 1978, p.15), baseia seus estudos sob o princípio geral de estrutura da linguagem como um sistema. Este fundamento, segundo Moscovici (2003), contribuiu para o campo do desvelamento da comunicação e expressão das representações sociais, sendo possível identificar uma relação de reciprocidade entre os elementos da comunicação e da representação, pois não poderá haver comunicação sem que estejam compartilhadas determinadas representações, o que por sua vez só ocorrerá, se a referida representação tornar-se objeto de interesse da comunicação. Nesta perspectiva, a comunicação integra-se aos estudos em representação, na medida em que as representações se originam no decurso do processo de comunicação para só posteriormente serem expressas por meio da linguagem.

Sob a influência destas teorizações, Moscovici inicia um estudo sobre as representações da sociedade francesa sobre a psicanálise, base para a elaboração da obra intitulada: *La psychanalyse – Son image et son public* (A representação social da psicanálise), no qual ele buscava reconhecer quais as representações sociais da população francesa sobre a psicanálise.

Para Moscovici, o conceito de Durkheim limita a ação individual, uma vez que o social encontra-se sobreposto ao indivíduo. Partindo desta compreensão, o psicólogo faz um resgate do conceito de representações coletivas, elaborado por Durkheim, e desenvolve uma ideia mais abrangente de representação, uma vez que, ele não desconsidera a perspectiva individual das consciências, ressaltando a importância de estas serem analisadas em associação com as experiências e visão de mundo criada pelo todo social, ao propor o acréscimo destes elementos, considerando a pertinência dos mesmos para o estudo das representações, Moscovici dá origem a sua teoria.

Por meio de sua pesquisa, o autor conclui que a representação social está vinculada às interações ocorridas entre os indivíduos, nas quais se entrelaçam aspectos

como o contexto no qual estão situados grupos e pessoas, a carga cultural que recebem, os códigos, ideologias, símbolos e valores que estão particularmente vinculados aos grupos sociais, movimento que, concomitante a uma história individual, produz também uma história social.

Trata-se, portanto, de uma maneira de compreender e explicar o modo pelo qual são construídos conceitos, ideologias, inferências e pontos de vista, isto é, formas de representação dos fenômenos sociais, dos seres e das coisas, e de um modo geral, do próprio mundo. Em outras palavras, representação social é um mecanismo de conhecimento prático, que dá significado as ocorrências ou eventos que nos são familiares e cotidianos e as muitas e diferentes formas de pensar e interpretar a realidade a partir de uma determinada ótica, que sofre tanto influência dos aspectos coletivos, quanto dos individuais. “As representações sociais são um conjunto de conceitos, frases e explicações originadas na vida diária durante o curso das comunicações interpessoais.” (MOSCOVICI, 1981, p.181).

De modo prático, embora o conceito de representações sociais estabeleça aproximações com o de representações coletivas, proposto por Durkheim, o criador da TRS, diverge deste teórico, quando sustenta o discurso de que o coletivo não se encontra em um plano superior ao individual, pois o indivíduo tem papel autônomo e dinâmico dentro do processo de criação, assumindo posição de destaque para a construção da sociedade a qual está inserido, na mesma proporção que é criado por ela, ele também a modela, tendo participação ativa e contínua na sua estruturação, de maneira que se pode depreender que estas duas forças se alinham, estabelecendo uma relação de equilíbrio ou igualdade, em uma dinâmica recíproca de poder.

A teoria Moscoviciana, opõe-se diretamente a condição de inércia atribuída aos indivíduos, que ainda na concepção de Durkheim, absorveriam os conceitos e conhecimentos pré-estabelecidos e internalizados por seus ancestrais, sendo estes transmitidos de uma geração a outra e introduzidos à realidade presente, sem que haja relação direta com o processo de produção e representação destes conhecimentos e com as implicações de uma nova conjuntura.

Moscovici discorda da ideia de que indivíduos e grupos, encontrem-se completamente inertes as forças controladoras e ideológicas de classes sociais, ou de outros aparelhos de caráter semelhantemente ideológicos, como as instâncias de regulação social, entre as quais, as escolas, as igrejas e o próprio Estado.

Em sua concepção os indivíduos ocupam na verdade, a posição de pensadores autônomos e produtores permanentes de suas representações, haja vista que um objeto social é sempre tomado como algo que está associado a um grupo e as suas intenções e objetivos, aos quais as ciências e as ideologias servem apenas para fomentar a intencionalidade e o dinamismo do pensamento. De acordo com Moscovici (1974, p.48):

As representações sociais são conjuntos dinâmicos, seu status é o de uma produção de comportamentos e relações com o meio, o de uma ação que modifica uns e outros, e não o de uma reprodução [...], nem o de uma reação a um estímulo exterior determinado. [...] são sistemas que têm uma lógica própria e uma linguagem particular, uma estrutura de implicações que se referem tanto a valores como a conceitos [com] um estilo de discurso próprio [...] destinadas à interpretação e a construção da realidade.

Suas análises trazem ainda, a proposta de que existem duas esferas de pensamento na composição das sociedades contemporâneas, capazes de gerar seu próprio universo, são elas: as reificadas e as consensuais. As reificadas estão ligadas à produção do saber acadêmico e científico, há nesta esfera um predomínio do conhecimento produzido a partir da rigorosidade lógica, metodológica e objetiva, que se concentra em uma parcela hierarquizada, ou por assim dizer, elitizada da sociedade.

Em contrapartida, na esfera consensual há o predomínio de uma lógica natural, o conhecimento é legitimado por meio da atividade intelectual que é cotidiana e socialmente compartilhada pelos grupos ou pessoas, cujo caráter objetivo, verossímil e lógico tem menor implicabilidade. Estes dois aspectos ocorrem sem que haja, contudo uma relação de subserviência entre eles, apenas ocorrem por meio de interações distintas. São necessariamente as produções consensuais, voltadas para a vida prática que formam as representações sociais.

É neste sentido, um conceito para ser trabalhado com o pensamento social em sua dinâmica e em sua diversidade, partindo do pressuposto de que há maneiras distintas de conhecimento e de comunicação, que estão em constante movimento e são guiadas por motivações diversas.

Denise Jodelet (1984) é outra teórica que seguindo a mesma linha de pensamento de Moscovici tem sido sua principal colaboradora, comprometendo-se com a tarefa de sistematização deste campo do conhecimento, contribuiu para o aprofundamento teórico das discussões acerca das representações sociais. No Brasil, esta teoria recebe grande influência desta pesquisadora, que se encarregou de sua

divulgação no meio científico. Jodelet tem diversas passagens pelo país em participações nas atividades relativas à pesquisa em representação social.

De acordo com as definições desta estudiosa, representações sociais são modalidades de conhecimento prático, orientadas para a comunicação e para a compreensão do contexto social, material e ideológico em que vivemos. De modo que:

As representações sociais devem ser estudadas articulando-se elementos afetivos, mentais e sociais e integrando – ao lado da cognição, da linguagem e da comunicação – a consideração das relações sociais que afetam as representações e a realidade material, social e ideativa sobre a qual elas têm de intervir. (JODELET, 2001, p. 26).

Jodelet (2001), analisa o desenvolvimento e evolução do conceito de representação social desde seu surgimento até a presente data, enfatizando a sua complexidade, dinamicidade e transversalidade, pois esta perpassa vários campos das ciências humanas, com grande visibilidade e pertinência nas relações estabelecidas entre a teoria e sua aplicabilidade. Mostrando-se de grande relevância também por se tratar não apenas de conhecimentos superficiais, mas sim de teorias do conhecimento, produzidas e esquematizadas pelos grupos sociais com a finalidade de promover e facilitar a comunicação entre seus pares, sistematizando desta forma, condutas, modos de agir, pensar e de se comunicar.

Assim, Jodelet tal qual Moscovici, propõe a representação social como um conhecimento prático e por esta razão, de senso comum. Neste contexto, imagens, opiniões, posicionamentos e ações passam a ser percebidos como instrumentos de representações, que orientam posturas e comportamentos e identificam os indivíduos nos grupos sociais, sendo compreendida como um meio de interpretação da realidade cotidiana. Nesta perspectiva não se tratam apenas de meras reproduções, mas na verdade de construções realizadas de forma tanto individual quanto coletiva, orientando comportamentos e intervindo nos processos de construção da identidade individual e social dos sujeitos e ainda nas transformações sociais. Pode-se inferir que as representações são na verdade, as impressões dos sujeitos sobre suas realidades, relativas principalmente às questões rotineiras do dia a dia, as quais se encontram profundamente atreladas às suas práticas sociais.

Para a autora a representação social:

É uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social. Igualmente designada como saber de senso comum ou

ainda saber ingênuo, natural, esta forma de conhecimento é diferenciada, entre outras, do conhecimento científico. Entretanto, é tida como um objeto de estudo tão legítimo quanto este, devido a sua importância na vida social e à elucidação possibilitadora dos processos cognitivos e das interações sociais. (JODELET, 2002, p.22).

De acordo com a teoria das representações sociais, uma representação é sempre de alguém (sujeito) e de alguma coisa (objeto), assim há em sua essência um desdobramento, isto é, existem dois lados e duas faces que se complementam, a face figurativa (imagem) e a face simbólica (significado). A representação faz compreender a toda figura um sentido e a todo sentido uma figura, estes aspectos são indissociáveis. (MOSCOVICI, 1978).

Há ainda segundo a teoria, três dimensões percebidas no fenômeno das representações sociais, que por sua vez fornecem uma ampla visão de seu conteúdo e sentido. São elas: A informação, que se refere à dimensão ou conceito que está relacionado com a organização dos conhecimentos que determinado grupo possui a respeito de um objeto. O campo das representações, que está relacionado à organização do conteúdo concreto e limitado, referentes a um aspecto preciso do objeto e a articulação de opiniões que faz referência à ideia de imagem, de modelo social, e por fim a atitude (consequência) que objetiva destacar a orientação global em relação ao objeto da representação social. (MOSCOVICI, 1978).

Existem dois instrumentos sócio-cognitivos que se configuram nos dois principais processos para a construção ou elaboração de uma representação social. São eles: a ancoragem e a objetivação, por meio destes mecanismos seria explicado como o aspecto social transforma um determinado conhecimento em representação coletiva e como esta influencia modificando o social. (MOSCOVICI, 1978).

Os processos de ancoragem e objetivação tratam do modo como estão relacionados o conteúdo e a forma, o conceito e o objeto e de como a interação destes elementos, configuram-se em esquemas representacionais.

Conforme Moscovici (1978), ao trazermos determinado objeto para o campo de nossas particularidades, tornamo-nos capazes de compará-lo e interpretá-lo, para depois reproduzi-lo entre as coisas que conseguimos ver e tocar, esse processo de apreensão do objeto nos permitirá também exercer certo controle sobre ele. A cerca destes conceitos o autor assevera que:

Se a objetivação explica como os elementos representados de uma teoria se integram enquanto termos da realidade social, a ancoragem permite compreender a maneira pela qual eles contribuem para exprimir e construir as relações sociais. (MOSCOVICI, 1978, p.138).

Deste modo, o processo de ancoragem consiste na integração de novos conhecimentos a conceitos já existentes, constituindo-se em uma rede de significações que circundam o objeto, e o relacionam a valores e práticas sociais já consolidadas, tendo por principal finalidade classificá-lo e agrupá-lo a uma determinada categoria, em um movimento no qual “pela classificação do que é inclassificável, pelo fato de se dar um nome ao que não tinha nome, nós somos capazes de imaginá-lo, de representá-lo” (MOSCOVICI, 2003, p.62).

Neste processo novas informações são incorporadas e transformadas no conjunto dos conhecimentos socialmente produzidos, “que depois de categorizados estarão disponíveis, sendo assim reinseridos no campo social para explicar e interpretar o real, subsidiando e fundamentando formas de compreensão e ação” (JODELET, 2005, p.48).

O processo de ancoragem proporciona, de certa forma, uma sensação de conforto ao indivíduo no processo de aceitação daquilo que lhe é estranho, do desconhecido. Assim, ancorar é encaixar o não familiar por meio de um processo de classificação, que permitirá ao sujeito decodificar uma nova informação, dando a ela significado, por meio da associação do novo objeto ou informação a um conceito já elaborado, que estabeleça vínculo ou afinidade com este, de maneira a ser compreendido e reconhecido, o que dessa forma possibilitará que o estranho, ao passar por este processo de apreensão, tome corpo simbólico e passe a ter um espaço representacional.

A este respeito, Moscovici (2004, p. 60,61) ressalta que:

Ancorar é, pois, classificar e dar nome a alguma coisa. Coisas que não são classificadas e que não possuem nome são estranhas, não existentes e ao mesmo tempo ameaçadoras. (...) Este mecanismo tenta ancorar ideias desconhecidas, reduzi-las a categorias e a imagens comuns, colocá-las em um contexto familiar.

O processo de objetivação é por sua vez, a concretização, a transformação de noções em conhecimentos esquematizados, trata-se da combinação de esquemas ou combinação de elementos, é a união de um conceito a uma imagem, que irá tornar tangível e concreto aquilo que foi representado, mas que ainda se encontra em um plano abstrato.

A objetivação, constitui-se na passagem de conceitos ou ideias para esquemas simbólicos ou imagens concretas, transportando-os para o domínio do real, no qual o objeto passa por uma espécie de processo de concretização e materialidade. É, portanto a construção formal de um conhecimento, no qual se pretende representar por termos adequados os objetos e as ideias.

Este processo é descrito como:

Descobrir a qualidade icônica de uma ideia, ou ser impreciso, é reproduzir um conceito em uma imagem. Comparar é já representar, encher o que está naturalmente vazio, com substância. (...) Une a ideia de não familiaridade com a de realidade, torna-se a verdadeira essência da realidade percebida primeiramente como um universo puramente intelectual e remoto, a objetivação aparece então diante de nossos olhos, física e acessível. (MOSCOVICI, 2004, p. 71).

A partir destas breves considerações, é possível perceber a importância dos mecanismos de ancoragem e objetivação, identificados e descritos por Moscovici no processo de construção das Representações Sociais, uma vez que, na tentativa de compreender os fenômenos desconhecidos, buscando reconhecê-los, o sujeito é levado quase que instintiva e imediatamente a acioná-los. Como afirma o autor, estes serão de fato os principais elementos que conduzirão e possibilitarão ao sujeito e ao grupo social o conhecimento concreto da realidade, funcionando como fios condutores na construção de suas representações.

É a partir da ancoragem e da objetivação que o indivíduo consegue lidar com a memória na construção e abstração de novos conceitos e ideias, possibilitando assim que aquilo que se apresenta em determinado momento ou conjuntura, como fato ou objeto estranho, torne-se posteriormente familiar, iniciando uma operação complexa de redefinição que passa a ser desenvolvida pelo sujeito na tentativa de clarificar e adaptar a nova informação a seu sistema simbólico.

Ao aprofundar as discussões inicialmente propostas por Durkheim e ao relacionar outros aspectos das manifestações sociais e suas imbricações, Moscovici inaugura um novo campo da pesquisa, que se move principalmente na direção de investigar como os processos de cognição social são desenvolvidos e ganham forma a partir das interações, objetivos, interesses, posições e influências culturais, as quais encontram-se condicionados os sujeitos em questão.

Ao partir destes pressupostos, Moscovici (1978, p.16), reconhece:

A sociedade como um sistema de pensamento, onde os indivíduos são pensadores ativos que, mediante inumeráveis episódios cotidianos de interação social, produzem e comunicam suas próprias representações e soluções específicas para as questões que colocam a si mesmos.

Por se tratar de uma ciência voltada para a investigação de como ocorre a elaboração de conceitos a partir de experiências e conhecimentos baseados no senso comum. Esta, corporifica-se no desenrolar das atividades diárias que os sujeitos vivenciam, concretizando-se a partir dos modos de compreender e interpretar a realidade.

Diante do exposto, cabe mencionar que a Teoria das Representações Sociais, apresenta-se extremamente atual e ao mesmo tempo carrega em si uma relevância singular, exatamente por se constituir por meio das relações que se processam no cotidiano dos indivíduos e por permanecer em constante movimento, está sempre suscetível a mudanças. Neste sentido, a teoria passa a ter uma relação funcional para a vida prática e este dinamismo e vitalidade que nela encontram-se presentes, enriquecem as discussões e contribuem para o crescimento no campo das pesquisas em representações.

Apesar de sua relevância para o estudo dos fenômenos que ocorrem nas esferas da sociedade, a teoria das representações sociais tem sido alvo de várias críticas por parte de alguns estudiosos, que a classificam como vaga e inconsistente, isto porque o autor não chega a defini-la de forma objetiva. Moscovici, na verdade, não apresenta à sua teoria uma formulação estrita, pois segundo ele, ao inaugurar este novo campo do conhecimento, não poderia determinar antecipadamente como se daria o seu processo de evolução.

O autor admite que a relativa fluidez de sua teoria pode ser responsável por uma certa dificuldade na compreensão da essência de seu conceito, o que é atribuído principalmente a seu caráter interdisciplinar, já que tem suas bases constituídas por conceitos de natureza tanto psicológica, quanto sociológica. Entretanto, apesar de tais críticas, este aspecto parece ter favorecido à expansão de seu campo de abrangência, fato que se comprova pelo interesse que o tema provoca em muitos pesquisadores e a colaboração destes, por meio da ampla atividade de pesquisa nas mais diversas áreas do conhecimento.

Moscovici (1978), ao apresentar sua teoria das representações sociais, disponibiliza uma alternativa de estudo pela qual se pode intervir na realidade, na

medida em que esta favorece a compreensão dos processos de produção de determinado conhecimento. Por meio dela é possível conhecer, identificar, elaborar ou mesmo modificar conceitos, opiniões e atitudes, de maneira que se pode depreender que as representações podem estar diretamente relacionadas aos processos de busca para a resolução de problemas.

O número de pesquisas ligadas a TRS de Moscovici aumentou consideravelmente, a partir da década de 1980, estando relacionadas aos mais diversos campos de estudo, principalmente aos associados à educação e a saúde, entre elas pode-se destacar as pesquisas referentes a temas como a saúde e a doença; as questões sociais, a educação; a política; a economia; a tecnologia e o domínio da natureza; as questões ecológicas; as classes sociais de pessoas; as profissões, e a determinadas síndromes que, entre outros, são temas frequentemente abordados em uma interlocução com a teoria das representações sociais.

Na área da educação, as pesquisas realizadas em uma interface com a TRS, abordam inúmeras questões, e mostram-se de grande valia, uma vez que partem da percepção dos sujeitos em relação às problemáticas vivenciadas no universo educacional. Nesta perspectiva a teoria das representações sociais, insere-se à educação, entre outros aspectos, com a intenção de elucidar questionamentos que surgem a partir de práticas que estão vinculadas de maneira direta e indireta ao processo de ensino e aprendizagem:

O interesse essencial da noção de representação social para a compreensão dos fatos de Educação consiste no fato de que orienta a atenção para o papel de conjuntos organizados de significações sociais no processo educativo. Como ressaltam Deschamps et al.(1982), oferece um novo caminho para a explicação de mecanismos pelos quais fatores propriamente sociais agem sobre o processo educativo e influenciam seus resultados; e, ao mesmo tempo, favorece as articulações entre Psicossociologia e Sociologia da Educação. (GILLY, 2001, p.321).

É importante ressaltar que os trabalhos que têm nos fenômenos da educação seu foco principal, também têm apresentado crescimento significativo no Brasil. Vários são os autores que preocupados em compreender como são construídos os processos de representação dos sujeitos em relação aos eventos ocorridos na educação, e aos aspectos que envolvem o processo de ensino e aprendizagem, desenvolvem suas pesquisas com base neste campo do conhecimento.

Os temas são os mais diversos possíveis, abordando aspectos ligados a qualidade do ensino; a inclusão na educação, as instituições escolares e seus dispositivos legais

ou aspectos sociais. Há ainda outros que se referem ao enfrentamento de problemas socioeducacionais, entre outras temáticas. Existindo uma gama de publicações feitas em revistas de educação e trabalhos produzidos nos cursos de pós-graduação.

O estudo da educação em uma interlocução com campo das representações permite-nos uma compreensão mais elaborada de como são percebidas as questões relativas ao ensino e a aprendizagem, a aspectos ligados ao ambiente de ensino e as mais variadas questões que possam permear o contexto educacional, mais do que isto, possibilitará a partir da fala dos sujeitos envolvidos no processo – e que por esta razão, tornam-se fundamentais para a compreensão dos fenômenos observados – a identificação de pontos que emergem como elementos problemáticos a serem discutidos e encaminhados, favorecendo a proposição de meios mais eficazes para superá-los.

No que se refere às pesquisas no campo da TRS, relacionadas à questão da violência escolar e suas repercussões no processo educativo, encontramos um número significativo de estudos que se voltam a esta discussão, abordando diferentes sujeitos, enfoques e espaços de ambiência social. Quanto à pesquisa em representação relacionada especificamente ao conceito e a prática do *bullying*, como mostrado na introdução deste trabalho, verifica-se uma produção ainda tímida, o que se confirma pelo número de trabalhos encontrados sob esta abordagem. Contudo cabe considerar a relevância que estudos desta natureza apresentam, na medida em que se constituem em referenciais importantes para subsidiar ações de intervenção e mediação destes conflitos nos espaços sociais, especialmente nos ambientes que assumem compromisso com a formação cidadã, a exemplo da escola.

Por meio destes estudos sobre as representações nos espaços de formação, mais especificamente no caso do estudo relacionado à representação dos educandos sobre as questões presentes na vida escolar, tem-se a oportunidade de entrar em contato com interpretações e práticas vigentes e perceber possíveis interferências destas representações nas atitudes e posturas assumidas no ambiente da sala de aula, nos processos educativos de ensino e aprendizagem e no próprio discurso que fundamenta a prática destes sujeitos, envolvidos no grupo social estudado.

Além disso, será possível também fazer inferências sobre as relações que se estabelecem entre os sujeitos que fazem parte da comunidade escolar, permitindo-nos compreender sob que influências e em que contextos se constroem suas impressões,

opiniões e conceitos, mecanismos estes que conduzem ao ato propriamente dito de representar os fenômenos e eventos que permeiam determinado universo e legitimam diferentes práticas.

Neste sentido a Teoria das Representações Sociais pode se configurar como uma alternativa na busca de respostas e soluções aos problemas que se impõe à sociedade e que certamente têm sua origem naquilo que é o objeto de sua investigação, ou seja, o produto que resulta ou se origina das relações travadas entre os indivíduos no convívio social.

2.2 O desenvolvimento da pesquisa

Ao recorrermos a estas teorizações em busca de uma correlação com o campo educacional, necessariamente com o fenômeno *bullying*, enquanto violência entre pares e suas implicações nos processos de escolarização de alunas do ensino fundamental, considera-se que a presente proposta de pesquisa está pautada na compreensão de práticas cotidianas que perpassam a dinâmica das relações que se constroem no ambiente escolar, bem como nos significados que os sujeitos dão aos fenômenos.

Assim, a presente pesquisa foi realizada com alunas na faixa etária entre 13 e 18 anos, regularmente matriculadas na 8ª série do Ensino Fundamental em uma Instituição da Rede Estadual de Ensino, localizada no município de Castanhal, nordeste do Estado do Pará, no intento de desvelar as representações sociais destas jovens em relação ao *bullying*. Deste modo, situaremos este estudo no contexto da pesquisa qualitativa, na medida em que se busca privilegiar a fala dos atores sociais. Para Minayo (2003, p.10), a abordagem qualitativa é:

[...] aquela que incorpora a questão do significado e da intencionalidade como inerentes aos atos, as relações e as estruturas sociais. O estudo qualitativo pretende apreender a totalidade coletada visando, em última instância, atingir o conhecimento de um fenômeno histórico que é significativo em sua singularidade.

Ao elegermos a abordagem qualitativa, levamos em consideração a sua flexibilidade, visto que ela permite o emprego de uma variedade de procedimentos que por sua vez, possam ser necessários ao aprofundamento e elucidação das questões investigadas durante a realização de uma pesquisa.

Minayo (2007) ressalta ainda, que na tentativa de interpretar os significados trazidos pelos sujeitos, sejam estes, de natureza psicológica, individual ou aqueles produzidos em contextos socioculturais, as metodologias qualitativas conseguem de forma mais adequada, apreender a questão do significado e da intencionalidade como aspectos inerentes aos atos, às estruturas sociais e as relações, uma vez que estes configuram-se como constructos humanos valorativos.

Ao encontro destas proposições Ludke e André (1986, p.13) argumentam que:

Nesses estudos há sempre uma tentativa de capturar a "perspectiva dos participantes", isto é, a maneira como os informantes encaram as questões que estão sendo focalizadas. Ao considerar os diferentes pontos de vista dos participantes, os estudos qualitativos permitem iluminar o dinamismo interno das situações.

A estas acepções acrescenta-se ainda que a abordagem qualitativa por possibilitar a congregação de um conjunto rico de procedimentos e técnicas, pode configurar-se como mais apropriada à compreensão e descrição das relações de sentidos e significados existentes para determinado fenômeno. Assim, cabe considerar a pertinência de sua aplicabilidade em estudos desta natureza, isto é, que se proponham a compreender a dinâmica das ações humanas, tomando como ponto de partida os significados dos fenômenos vivenciados pelos sujeitos.

Nesse sentido, a investigação foi desenvolvida por meio da pesquisa de campo, aspecto que possibilitou a observação no lócus do estudo, permitindo-nos compreender os aspectos que estão por trás das construções conceituais dos sujeitos pesquisados. Neste caso especificamente, das estudantes da 8ª série do ensino fundamental.

Acerca destas proposições, Severino (2007) destaca que o objeto de estudo, que é a fonte da pesquisa, deve ser abordado em seu meio ambiente próprio, ou seja, os fatos e fenômenos devem ser observados exatamente como ocorrem e a coleta de dados deve ser feita nas condições naturais em que os fenômenos acontecem. Nestes termos, objetivando responder às questões levantadas e alcançar os objetivos propostos, conduzimos nossa pesquisa com base nestas orientações.

2.3 O campo de estudo: caracterização do lócus da pesquisa

O locus selecionado para a realização desta pesquisa foi a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Casa do Saber¹⁰, localizada em uma área de transição entre o centro e a periferia da cidade de Castanhal, nordeste do Estado do Pará. Ainda que a instituição esteja situada a apenas dez minutos de distância, percorridos a pé, da área central do município.

De acordo com o último censo, o município possui uma população de 168.559 habitantes, dos quais 51,23% são do sexo feminino. Aproximadamente 35,9% da população possui renda média familiar de um salário mínimo. Cerca de 90% dos alunos regularmente matriculados no município, estudam na rede pública de ensino. (IBGE, 2010).

A escola possuía no ano de 2012, um quantitativo de 960 alunos, regularmente matriculados nos turnos manhã, tarde e noite, ofertando da 5ª à 8ª séries do Ensino Fundamental e 1º e 2º anos do Ensino Médio na modalidade regular, no período diurno, e 4ª etapa e Ensino Médio na modalidade EJA, no período noturno.

A instituição foi selecionada após uma pesquisa na secretaria da 8ª Unidade Regional de Educação que apontou para a referida escola, como uma das que mais apresenta índices de violência entre os alunos, dentre as unidades de ensino mantidas pela rede estadual de ensino. Cumpre notar, que estas informações foram endossadas por professores lotados na referida instituição. Sobre este aspecto, selecionamos o relato de uma professora, que para nós, ilustra o panorama da escola quanto aos problemas relativos à violência e a indisciplina.

Aqui, nós passamos por uma situação bem complicada sabe. Assim sobre a indisciplina e a violência... Aqui, tinha uns alunos, e não era só menino não, menina também, que agente não podia nem olhar pra eles que já vinha um “Que é? Nunca viu não?” Eles enfrentam mesmo, sem nenhum respeito, são horríveis mesmo. Eu não esqueço nunca do caso que aconteceu com a Maria¹¹, ela é professora de História e de Estudos Amazônicos aqui na escola, trabalha no turno da tarde. Um rapaz, homem já, mas só que na 6ª série ainda, já com 18 anos na cara, insultou a professora, ameaçou de furar o pneu do carro dela, se ela não deixasse ele entrar na sala pra fazer a prova, ixi... Foi feio o negócio nesse dia. Porque a prova tava marcada pra começar às duas horas e quando ele chegou já eram mais de três, e mais da metade dos alunos da turma já tinha entregue a prova, então a Maria disse que não ia mais passar porque já tinha aluno do lado de fora da sala, porque isso é uma regra da escola, sabe. Aí pronto, esse menino virou um bicho, ficou doido, desacatou a professora, foi uma confusão aqui dentro, foi preciso o coordenador e o diretor se meterem sabe, e aqui ainda tem um negócio, eles

¹⁰ Optamos por utilizar o nome fictício “Casa do Saber” para não expormos a Instituição de Ensino, locus deste estudo.

¹¹ Nome fictício para identificar uma docente que trabalha na instituição.

não querem respeitar nem o diretor. Agora já melhorou mais, é...de um tempo pra cá, mais antes...

(PROFESSORA DE HISTÓRIA NA ESCOLA CASA DO SABER)

De acordo com os relatos de alguns professores e da equipe da coordenação pedagógica, cenas como esta foram frequentes nos anos de 2010 e 2011. No livro de ocorrências da escola, há registros de casos em que foi necessária a intervenção da guarda municipal da cidade. Os registros que mais chamaram atenção mencionavam episódios como conflitos envolvendo discussões, brigas, agressões físicas, ataques verbais e ameaças contra professores e alunos, depredação de bens materiais, como carros ou motos dos docentes e roubo de bicicletas dos estudantes.

Cumprir notar, que os casos relatados nas ocorrências revelam que estes conflitos ocorreram com maior frequência entre os alunos, apresentando menor incidência entre alunos e professores. Conforme os relatos de duas coordenadoras pedagógicas, as razões que motivam estas ocorrências estão relacionadas a fatores como: intolerância, desrespeito e indisciplina e foram, em muitos casos, influenciadas por agentes externos, entre os quais, o uso de drogas e o relativo aumento da marginalidade entre os alunos.

Com o objetivo de reverter este quadro, a escola desenvolveu um projeto que tem como proposta o envolvimento dos alunos com atividades de dança, banda marcial e ciclo de palestras com temas que discutem a violência e outros assuntos relacionados ao uso de drogas e a saúde. As atividades relativas à dança e a banda são desenvolvidas por docentes que trabalham na escola e por estagiários vinculados ao programa Mais Educação¹². As palestras são realizadas através de uma parceria entre a escola e algumas instituições como a Secretaria Municipal de Saúde e colaboradores externos que fazem parte de congregações religiosas, e que estão encarregados de trabalhar os temas propostos. Até o momento da realização desta pesquisa, três palestras tinham sido realizadas.

O projeto integra as ações constantes no Projeto Pedagógico da escola, juntamente com mais sete projetos que, segundo as coordenadoras, atendem às demandas identificadas na instituição. Este documento foi reelaborado no início do ano letivo de 2012, período em que foi incluído o referido projeto. Segundo as

¹² Programa criado pela Portaria Interministerial nº 17/2007, aumenta a oferta educativa nas escolas públicas por meio de atividades optativas que foram agrupadas em macrocampos como acompanhamento pedagógico, meio ambiente, esporte e lazer, direitos humanos, cultura e artes, cultura digital, prevenção e promoção da saúde, educomunicação, educação científica e educação econômica.

coordenadoras as limitações destas ações, residem na falta de um espaço com capacidade para alocar um número maior de alunos, o que faz com que os temas não sejam trabalhados em todas as turmas, diante da necessidade de se realizar as palestras dentro das salas de aula.

A escola Casa do saber foi fundada no ano de 1971, pela Prefeitura Municipal de Castanhal em parceria com o Ministério da Educação, por meio do Plano Nacional de Educação (PNE). A partir do ano de 1976 passou a ser gerida pela Secretaria Municipal de Educação do Estado do Pará, sob a jurisdição da 8ª Unidade Regional de Educação – URE Castanhal.

No ano de 2000, por meio das resoluções nº. 387 de 09 de junho e nº. 763, de 13 de novembro, o Conselho Estadual de Educação do Pará, autorizou a validação de estudos aos concluintes do ensino de 1º grau (atual ensino fundamental), bem como aos concluintes do curso supletivo, respectivamente. Deste modo a escola encontra-se devidamente legalizada e cadastrada junto ao MEC.

A instituição de ensino atende alunos provenientes tanto das imediações da escola, como também vindos de outros bairros da cidade e de agrovilas da zona rural. Em suas 10 salas de aula, estão distribuídos aproximadamente 960 alunos, divididos nos níveis de ensino fundamental, na modalidade regular e EJA, e médio. Entre os três turnos contabiliza-se 28 turmas em funcionamento. Os alunos do ensino fundamental participam ainda das atividades do projeto federal Mais Educação, que oferta reforço escolar aos discentes nas áreas de Letramento, Matemática, Banda marcial e de fanfarra, Rádio escola, atividades esportivas como handebol e vôlei bem como atividades artísticas e culturais através de aulas de dança, em funcionamento na escola desde o ano de 2010.

2.4 Perfil da Escola:

2.4.1 Aspectos Físicos:

A E.E.E.F.M. Casa do Saber ocupa uma área de 7500 m² (sete mil e quinhentos metros quadrados), e possui uma antiga rede elétrica e hidráulica com condições razoáveis de funcionamento. Ressalta-se que o abastecimento de água na escola é mantido por uma antiga caixa d'água cuja captação é gerada por um poço artesiano.

Foto: 01- Fachada da E.E.E.F.M. Casa do saber.



Fonte: Arquivo da pesquisadora

Suas instalações sofreram algumas adequações para melhor atender a comunidade escolar. A estrutura física da instituição é constituída por dez (10) salas de aula, uma (01) sala de leitura, uma (01) de professores, uma (01) diretoria, uma (01) secretaria, um (01) arquivo, dois (02) banheiros, um (01) pátio coberto, um (01) depósito de merenda, uma (01) cozinha, uma (01) área de serviço, duas (02) áreas de circulação coberta, uma (01) quadra de esporte coberta, uma (01) sala para reprografia, uma (01) cantina, uma (01) sala multifuncional (exclusiva para a formação de alunos portadores de deficiência). Atualmente, encontra-se em reforma um espaço que será destinado à instalação de um laboratório de Informática.

O prédio é todo em alvenaria, coberto com telhas brasilit e de cerâmica, as paredes apesar de serem constituídas de tijolos vasados mantém a ventilação satisfatória em relação às reais necessidades de arejamento, que acaba sendo complementada pela instalação de ventiladores. A iluminação interna necessita de manutenção permanente, havendo reparo constante da fiação e troca de lâmpadas e interruptores. Quanto ao saneamento básico, sua estrutura é satisfatória, porém, requer alguns reparos na parte interna. As principais vias de acesso à escola são asfaltadas e o bairro no qual ela está situada é atendido por apenas uma linha de transporte coletivo.

2.4.2 Aspectos humanos.

De acordo com as declarações do gestor, da vice-diretora e da coordenadora pedagógica, presentes no momento desta conversa, o trabalho na referida escola é de modo geral, caracterizado por relações amistosas e respeitáveis entre os profissionais.

Em síntese, há um bom entendimento entre gestores, professores, corpo técnico e pessoal de apoio.

No que tange as relações com o corpo discente, estas foram caracterizadas, de acordo com os relatos, como bastante heterogêneas, visto que tendem a variar conforme a postura adotada pelos alunos, bem como pelos servidores. Entretanto, ainda que os administradores relatem problemas relativos à indisciplina, as relações com este público foram avaliadas de maneira positiva. Neste sentido, o gestor argumenta que embora a instituição receba alunos problemáticos, estes representam uma pequena parcela, se comparados ao número total de alunos que frequentam a escola.

Atualmente, devido ao concurso público realizado no ano de 2008, cuja última chamada para provimento de vagas foi realizada ao final do primeiro semestre de 2012, o número de professores, pedagogos, pessoal de portaria e apoio administrativo, é considerado suficiente para atender de modo satisfatório as necessidades e garantir a manutenção da escola. Na ocasião, os profissionais lotados na referida instituição foram avaliados pelo gestor como motivados a trabalhar pela melhoria do processo ensino e aprendizagem na escola, contribuindo para o bom funcionamento da mesma.

2.4.3 Corpo Docente:

A Escola possui um total de 56 professores licenciados nas disciplinas de Língua Portuguesa, Matemática, História, Artes, Ciências, Geografia, Educação Religiosa, Educação Física, Física, Química, Sociologia, Filosofia, Biologia e Língua Estrangeira Moderna. A grade diversificada contempla a disciplina de Língua estrangeira para as turmas de Ensino Fundamental. Um percentual significativo dos docentes possui especialização em suas respectivas áreas disciplinares.

2.4.4 Corpo Discente:

No ano de 2012, encontravam-se matriculados na escola um total de 960 estudantes, porém este quantitativo não correspondia ao número real de frequentadores assíduos na instituição. Segundo as informações prestadas pela coordenação pedagógica, este número só era de fato quantificado no período das provas, quando os alunos comparecem quase que em sua totalidade para realizar os testes complementares.

A maior parte dos alunos matriculados na escola é proveniente de famílias cujos responsáveis exercem suas atividades laborais no comércio local, outros estão inseridos no mercado informal de trabalho, havendo também os que compõem o quadro de

desempregados. Um número expressivo destes alunos depende do transporte escolar para chegar até a escola, haja vista que um percentual significativo é domiciliado em bairros periféricos ou nas agrovilas.

Os alunos matriculados possuem faixa etária entre 11 e 42 anos (Ensino Fundamental, incluindo a modalidade EJA) e de 15 e 36 anos (Ensino Médio) e são oriundos de várias localidades do município de Castanhal e ainda de municípios adjacentes. No caso de crianças e adolescentes, uma parcela significativa é atendida por programas assistenciais mantidos pelo governo, e muitos vivem com os avós ou com um dos pais, em situação parental configurada pelos novos modelos familiares, que em um contexto pós-moderno assinala-se pelo rearranjo da instituição familiar.

Os profissionais de ensino que atuam nesta instituição argumentaram ainda que a maior parte dos pais ou responsáveis pelos discentes não costuma acompanhar a vida escolar de seus filhos, fato que, segundo os professores, contribui para o desinteresse e baixo desempenho dos alunos. A escola aponta ainda que há um alto índice de analfabetismo entre estes pais e responsáveis, o que agudiza o problema.

Outro agravante dos problemas enfrentados pela escola, refere-se ao crescente uso de drogas e bebidas alcoólicas entre os estudantes, bem como ao aumento no índice de gravidez precoce entre as jovens, que tem contribuído para o problema do abandono e evasão escolar.

Outro problema figura entre as preocupações destes educadores em relação à dinâmica escolar. Este, consiste na aglomeração de jovens qualificados como “desocupados”, no portão da escola, que sob fins escusos, muitas vezes acabam por invadir as dependências do estabelecimento. Estas práticas são frequentes e rotineiras mesmo diante da intervenção da escola que comunica todas as ocorrências aos pais e responsáveis destes jovens, ao Conselho Tutelar nos casos em que há necessidade e por fim às autoridades policiais do município.

O ensino noturno agrega alunos que em sua grande maioria, realizam atividades profissionais durante o dia, e que em muitos casos, voltaram a estudar para concluir seus estudos e garantir melhores oportunidades de trabalho e remuneração.

2.4.5 Administrativo

O gestor e os dois vice-diretores (que se revezam entre os três turnos), eleitos pela comunidade, vem vivenciando a realidade existente, através do contato com alunos,

pais, pessoal de apoio, secretaria, coordenação pedagógica e Conselho Escolar para construção de ações e tomadas de decisões, sem o caráter centralizador e autoritário, no sentido de tornar possível a solução de algumas problemáticas observadas na escola.

A Coordenação Pedagógica conta atualmente com 06 pedagogos para atuarem nos três turnos, desenvolvendo ações socioeducativas e acompanhando o processo de aprendizagem dos alunos junto aos mesmos e aos professores.

A Secretaria conta atualmente com doze (12) servidores atuando nos três turnos, para controle e emissão de documentos, registro de informações descritas pelos professores em sala de aula, com vistas ao acompanhamento da vida escolar dos alunos. Ressalta-se que o arquivo, espaço responsável pela organização de informações (pastas) de alunos que frequentaram a escola em anos anteriores, conta com duas (02) pessoas para o controle e expedição de documentos.

2.5 Os sujeitos da pesquisa

Os sujeitos deste estudo são adolescentes do sexo feminino, regularmente matriculadas na última série do Ensino Fundamental, no caso das Instituições Estaduais de Ensino, a 8ª série, com idade entre 13 e 18 anos, visto que a literatura sobre o *bullying* aponta para a maior incidência deste comportamento, entre os jovens desta faixa etária. As alunas que participaram deste estudo são provenientes de três turmas de 8ª série do ensino fundamental, sendo duas em funcionamento no período matutino e uma no período vespertino.

2.6 Técnica, instrumentos e coleta de dados.

Para a coleta dos dados, inicialmente, procedeu-se a aplicação do questionário semiestruturado, cujas questões foram elaboradas em conformidade com os objetivos propostos pelo estudo. A opção pelo uso do questionário se deve a compreensão deste instrumento, enquanto um dispositivo que nos possibilitou a realização de uma análise prévia e mais geral acerca do entendimento e das percepções dos sujeitos sobre o tema em questão.

Os questionários foram respondidos por um total de cinquenta e cinco (55) alunas que na ocasião estavam presentes, distribuídas nas três turmas de 8ª série ofertadas pela escola. Na segunda etapa foi realizada a entrevista em grupo, de modo a tornarem mais claras as percepções das alunas. Desta etapa participaram 25% dos sujeitos presentes na primeira amostra.

O critério utilizado para a definição da segunda amostra, pautou-se exclusivamente no interesse das alunas em continuar participando da pesquisa. Para chegarmos às representações sociais destas estudantes sobre o *bullying*, utilizamos a análise de conteúdo, como técnica empregada no tratamento dos dados obtidos.

As temáticas selecionadas para análise se encontram fundamentadas nos referenciais de análise de conteúdo, elaborados por Maria Laura P. B. Franco (2005, p.13). Estas temáticas se constituíram a partir das imagens e dos significados consensuais que estas jovens atribuíram ao *bullying*. Assim, os sujeitos (agressores, vítimas e espectadores), os fatores, as formas mais frequentes de *bullying entre as meninas*, as consequências que estas práticas possam ter no processo de escolarização das discentes e as ações realizadas pelas escolas para o seu enfrentamento foram os aspectos que serviram de base para a compreensão do que estas jovens partilham sobre o *bullying*.

Segundo Franco (2005), o ponto central da Análise de Conteúdo, é a mensagem, seja ela verbal (oral ou escrita), gestual, silenciosa, figurativa, documental ou diretamente provocada. Sob esta lógica, a mensagem expressa um significado e um sentido que não pode ser considerado isolado, mas em função de um contexto e de uma dinâmica psicossocial. Esta dinâmica estabelece uma relação de interação: o sujeito constrói a realidade ao interagir com uma diversidade de elementos (pessoas, coisas, objetos e fenômenos, etc.) que se encontram no mundo. Esta construção é mediada, partilhada e pactuada por símbolos que orientam e regulamentam condutas de grupos sociais.

Em síntese, na análise de conteúdo os significados envolvidos nos conteúdos são essenciais para a interpretação e tratamento dos dados. Partindo deste princípio, destacamos os significados dos conteúdos das respostas dos sujeitos alvo da pesquisa sobre o *bullying*, para procedermos às suas análises com base na Teoria das Representações Sociais de Moscovici (1973) na perspectiva das objetivações e das ancoragens que constituem as representações sociais dos sujeitos pesquisados.

2.7 Procedimentos de coleta de dados:

2.7.1– I Etapa: Aplicação dos questionários

A primeira etapa da coleta de dados foi realizada por meio da aplicação de um questionário constituído por 40 questões. Estas se dividiram em 05 questões abertas e 35 fechadas. O instrumento foi elaborado com base nas orientações propostas pelo

IBGE e intencionou delinear o perfil das participantes quanto as variáveis sociodemográficas, no que se relaciona a dados como a idade, cor, religião, a situação profissional e a moradia. Além de coletar as impressões gerais sobre a temática discutida neste estudo, qual seja, as Representações Sociais de estudantes do sexo feminino sobre o *bullying*.

Neste aspecto, o questionário focalizou ainda elementos como: os sentimentos relativos à segurança na escola pesquisada, o relacionamento com os pares e a incidência de *bullying* entre os mesmos, as evocações referentes às sanções e penalidades para os praticantes de *bullying*, e percepções sobre o envolvimento das meninas em situações de *bullying*.

Para iniciarmos o procedimento de aplicação do questionário, solicitamos a autorização do gestor da escola, lócus desta pesquisa. Este nos permitiu realizar a atividade dentro do horário regular das aulas, em seus respectivos turnos. Para esta aplicação utilizamos um tempo de aproximadamente 50 minutos (uma aula) para cada uma das turmas pesquisadas.

Deste modo, as 55 alunas voluntárias foram conduzidas a um espaço reservado pela coordenação da escola, para que pudéssemos realizar a aplicação do instrumento de pesquisa. Em seguida a pesquisadora se apresentou às discentes e explicou o tema de seu estudo, a natureza e os objetivos da pesquisa, para posteriormente distribuir os questionários, fazer a leitura das questões e esclarecer possíveis dúvidas. Após o preenchimento dos questionários, finalizamos a sessão.

2.7.2 – II Etapa: Entrevista grupal

Posteriormente ao preenchimento dos questionários, solicitamos às voluntárias que participassem de uma entrevista em grupo, cujo objetivo consistiu no aprofundamento do tema investigado. Deste modo, obtivemos uma subamostra constituída por 14 alunas, número equivalente a 25% do total dos sujeitos que preencheram os questionários.

Para aprofundarmos a discussão em torno de nosso objeto de estudo, elegemos a técnica de entrevista grupal. Com base em Minayo (2007) referência que seguimos para a escolha deste instrumento. A entrevista grupal, por preceder de uma dinâmica interativa, permite a identificação de outras impressões, que eventualmente poderão

surgir a partir das interações entre os sujeitos pesquisados. Tais fatores de interferência, tornam-se positivos na medida em que tendem a enriquecer a discussão.

Vale acrescentar a pertinência da técnica de entrevista grupal aplicada a este estudo. Uma vez que ela se adéqua satisfatoriamente a abordagem de grupos sociais coletivamente afetados por situações ou fatos específicos. Além de favorecer a interação do pesquisador junto a pequenos grupos. (LAKATOS; MARCONI, 1986).

2.7.3 – Aplicação da técnica de entrevista grupal

As entrevistas ocorreram em duas sessões distintas, cada uma com um grupo de sete participantes. Uma sessão foi realizada no turno da manhã e outra no turno da tarde, ocasiões em que foram mantidos os mesmos procedimentos. A duração das duas sessões foi de duas horas e meia, aproximadamente. O recurso utilizado para o registro das falas das entrevistadas foi o gravador, mediante a autorização das mesmas.

A dinâmica das entrevistas em grupo teve início com a apresentação da mediadora, autora deste estudo. Para nos ajudar, destacamos uma auxiliar que ficou responsável pela observação e registro das falas das entrevistadas. Vale acrescentar que esta auxiliar teve um treinamento prévio, balizado pelo estudo do referencial que trata da técnica de entrevista em grupo. As fotos abaixo registram alguns momentos desta dinâmica.

Foto 02: Entrevista em grupo com as alunas.



Fonte: Arquivo da pesquisadora

Foto03: Entrevista em grupo com as alunas.



Fonte: Arquivo da pesquisadora

Foto 04: Entrevista em grupo com as alunas.



Fonte: Arquivo da pesquisadora

Após a ambientação do grupo, demos início às atividades com as boas vindas e agradecimentos pela disponibilidade das alunas em participarem das entrevistas. Seguimos com a apresentação da pesquisa e com um comentário sobre a atividade proposta. Na sequência, demos algumas orientações importantes para a dinâmica de grupo.

A dinâmica foi realizada em duas sessões, no ambiente da sala de leitura, local disponibilizado pela equipe da coordenação pedagógica da instituição de ensino, para a realização destas atividades. Ao todo, participaram da dinâmica um total de 14 alunas, sendo 07 por sessão, as quais eram provenientes das turmas de 8ª série do Ensino Fundamental, nos turnos manhã e tarde.

Ao iniciarmos a sessão, a mediadora apresentou para o grupo o tema gerador da discussão, o *bullying*, foco deste estudo. Esta, explicou que seriam exibidos dois vídeos que tratavam sobre o tema anunciado. As alunas assistiram a um trecho do filme “Bullying: provocação sem limites”, produzido na Espanha, no ano de 2009. Este filme aborda os prejuízos que a prática do *bullying* pode trazer as suas vítimas.

Na sequência, exibimos às jovens uma matéria veiculada pelo jornal da RECORD, em março de 2010, com o título “Brigas entre meninas organizadas pela internet”. Esta reportagem trata especificamente sobre o crescimento da violência entre jovens do sexo feminino, e envolve o *bullying* ao abordar um caso em que uma adolescente foi morta por alunas da mesma escola em que estudava.

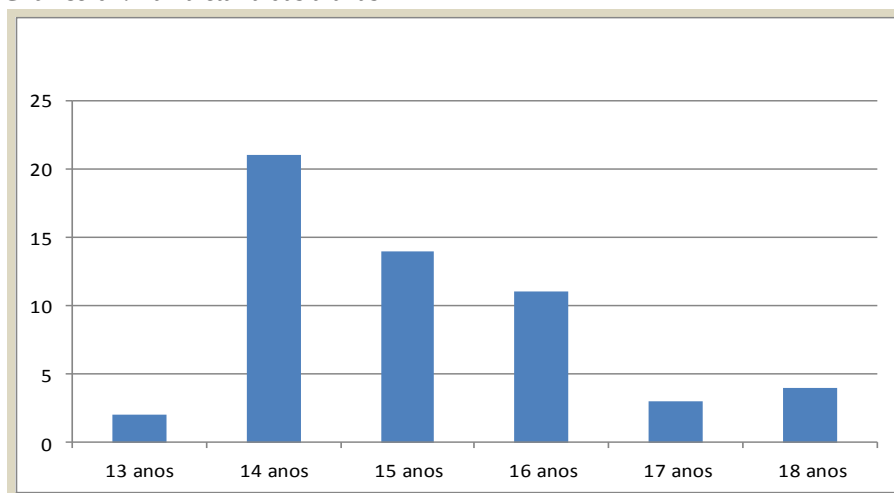
A partir daí, estimulamos o grupo para uma discussão sobre os vídeos que assistiram, e prosseguimos com as perguntas que constituíam o temário, que foi previamente elaborado tendo como base os objetivos da pesquisa.

2.8 Perfil dos sujeitos da pesquisa

A organização dos dados coletados pelo questionário, possibilitaram delinear o perfil geral das estudantes que participaram da pesquisa. Responderam ao instrumento um total de 55 discentes.

Com relação à faixa etária das alunas, cerca de 46 estudantes, que correspondem a um percentual de 83,6% da amostra pesquisada, encontra-se com idade entre 14 e 16 anos. As demais estudantes, que representam 16, 4% da amostra, encontram-se distribuídas na seguinte faixa etária: 02 estão com 13 anos, 03 com 17 e 04 com 18 anos, como mostra o gráfico abaixo:

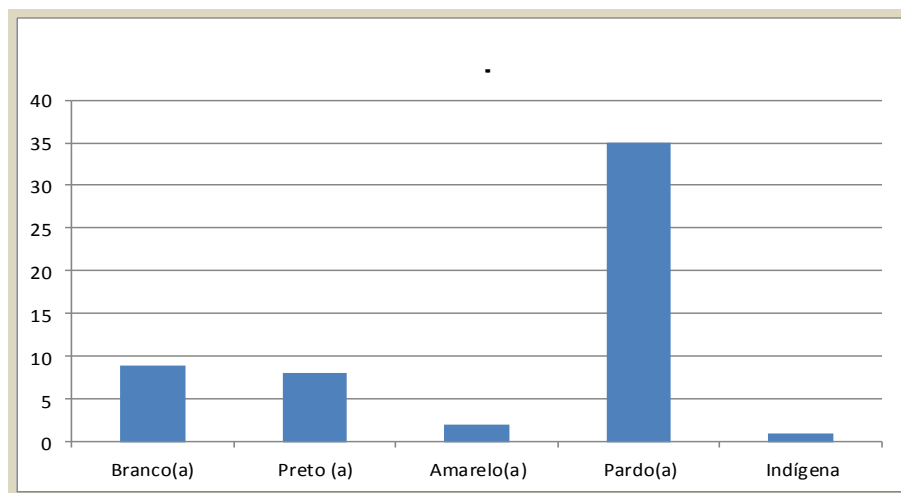
Gráfico 01: Faixa etária das alunas



Fonte: Produzido pela pesquisadora

Quanto à cor da pele, o número de alunas que se declarou parda é predominante, e representa 63% do total pesquisado. Um percentual equivalente a 16,3% da amostra se denominou branca. A taxa relativa àquelas que se declararam negras, refere-se a 14,5% da amostra. O percentual referente às alunas que se disseram amarelas ou indígenas é ainda menos expressivo, pois equivale a apenas 5,4% do universo pesquisado, conforme detalha o gráfico abaixo.

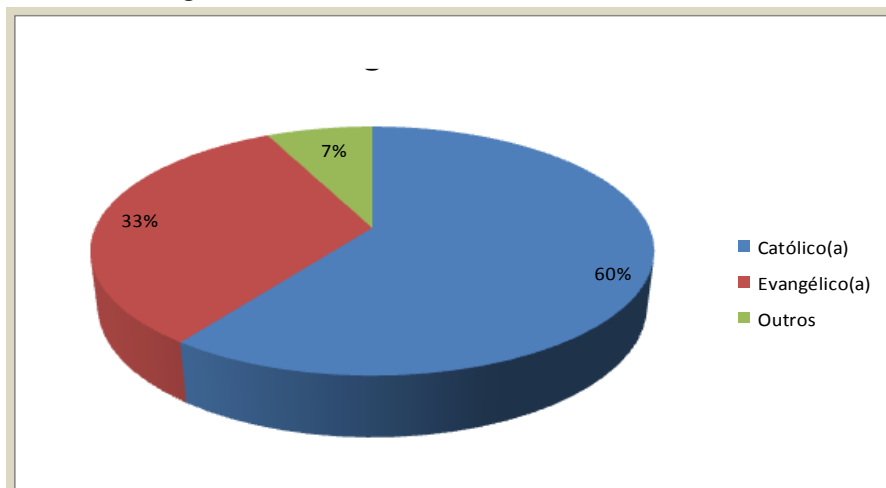
Gráfico 02: Cor da pele



Fonte: Produzido pela pesquisadora

No aspecto religioso, um total de 33 alunas, cerca de 60% das respondentes, informaram serem adeptas do catolicismo. A religião evangélica aparece em segundo lugar, escolhida por 18 alunas, o que corresponde a 33% das estudantes que responderam ao questionário. Apenas 7,% da amostra declarou seguir outras religiões, conforme expresso no gráfico abaixo:

Gráfico 03: Religião das alunas



Fonte: Produzido pela pesquisadora

No que tange aos arranjos familiares, 24 alunas, cerca de 43% da amostra pesquisada, integram núcleos onde há a presença de pais e mães, isto é, nos moldes tradicionais da família nuclear. Cumpre notar que este dado representa menos da metade das alunas alvos deste estudo.

Um quantitativo de 31 respondentes, cerca de 56% das participantes da pesquisa, informou morar apenas com um de seus genitores, ou ainda com outros parentes. Deste modo, no contexto deste estudo, as demais alunas que compõem a amostra estão inseridas em um ambiente familiar estruturado da seguinte maneira: 13 alunas, que correspondem a uma média de 23% da amostra moram somente com a mãe. Outras 04 alunas, equivalentes a um percentual de 7% moram apenas com o pai. 07 alunas, cerca de 12%, residem com os tios (as), e o restante, 06 alunas, que representam 11% das respondentes, residem com outros familiares, dentre os quais, avós, irmãos e padrinhos. Como podemos visualizar na tabela a seguir.

Tabela 01: Número de moradores na casa

Com quem você mora?	
Os pais.	24
Só com o pai.	04
Só com a mãe.	13
Com o irmão (ã).	02
Com os avós.	02
Com os tios.	07
Com a vizinha.	01
Com os padrinhos.	02

Fonte: Produzido pela pesquisadora

Estes dados nos permitem analisar a composição familiar das participantes deste estudo, cuja minoria, 24 estudantes fazem parte de grupos familiares compostos pela presença de pais e mães vivendo juntos. Em contrapartida, 31 delas compõem um quadro de jovens pertencentes ao modelo familiar monoparental, assim denominado, por se tratarem de famílias formadas por qualquer um dos pais e seus descendentes.

Este modelo de entidade familiar, configura-se pela presença da mãe ou do pai solteiros, divorciados, separados ou viúvos e ainda por outros membros da família, como avós, irmãos ou tios, que passam a ser o referencial do núcleo

familiar. Ao exercerem unilateralmente a maternidade ou paternidade, contradizem o modelo familiar oficial, legitimado institucionalmente e constituem modelos alternativos de organização familiar.

Tal fato assinala os novos arranjos familiares que, dentre outros aspectos, são influenciados por questões sociais, políticas e econômicas, as quais interferem diretamente nos processos de reorganização dos grupos sociais.

Cumprе mencionar, que é a partir da década de 1980, que o conceito de família monoparental se amplia enquanto um fenômeno social. Entretanto, é nas últimas duas décadas que ele recebe maior notoriedade, em razão de um significativo aumento no número de divórcios.

Este aspecto se caracteriza como um dos principais fatores que concorrem para a ampliação do número de famílias, cujo perfil corresponde à estrutura monoparental. No entanto, este não é um dado novo, sobretudo, se atentarmos para o expressivo número de mulheres e crianças em condição de abandono e da grande incidência de mães solteiras.

A família da maior parte das alunas pesquisadas é composta por grupos de quatro (04) a seis (06) pessoas, e o papel de mantenedor do lar, mostra-se relativamente equilibrado. Uma vez que 38% das alunas fizeram referência à figura paterna como único provedor financeiro do lar. Cerca de 30% das respondentes disseram que pais e mães trabalham fora para manter as despesas da casa. Outras 14,5% das alunas entrevistadas disseram que também desenvolvem atividades laborais. Conforme se observa na tabela a seguir.

Tabela 02: Número de trabalhadores

Quantas pessoas trabalham em sua casa?	
‘Todos, incluindo você.	08
Meus pais.	19
Só o pai.	21
Só a mãe.	02
Ninguém.	01
Outros.	07

Fonte: Produzido pela pesquisadora

Embora este dado não seja expressivo no universo pesquisado, o ingresso precoce dos jovens no mundo do trabalho se configura como uma realidade cada vez mais presente no contexto de vida dos estudantes. Este cenário recebe estímulos inclusive de programas governamentais em parceria com empresas privadas, a exemplo do programa Jovem Aprendiz¹³.

Cumprir notar que esta inserção, ainda que aponte em muitos casos para a necessidade de contribuir com as despesas familiares, pode decorrer em virtude de outros fatores. Uma vez que no contexto da contemporaneidade é notório que a “necessidade de trabalho não está vinculada somente à realidade imposta pelas condições de pobreza, mas que essa necessidade se constrói também no processo de socialização do jovem, na afirmação de sua identidade” (MARQUES, 1997, p. 71).

Uma parte expressiva da amostra, 63,6% revelou realizar atividades paralelas aos estudos. Dentre as mais citadas aparece o reforço complementar oferecido pela própria escola no contra turno, por meio do Programa Mais Educação¹⁴, seguido pela participação em cursos livres nas áreas de informática e de idiomas, trabalho remunerado e também voluntariado. Em contrapartida 36,3% da amostra, informou não desenvolver outras atividades. Conforme, verifica-se na tabela abaixo.

Tabela 03: Atividades extraescolares

Além de frequentar a escola, você realiza outras atividades?	
Não realizam outras atividades.	20
Participa do programa Mais Educação, oferecido na escola.	13
Curso livre de informática.	09
Cursa livre de línguas (Inglês, Espanhol, outros).	02
Trabalho remunerado.	07
Trabalho sem remuneração.	03
Outras.	01

Fonte: Produzido pela pesquisadora

¹³ O Programa Jovem Aprendiz é uma ação do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), que une ensino formal com cursos de qualificação. Instituído com base nas Leis nº 10. 097/00 e 11.180/05 que preveem que determinadas empresas cumpram com uma cota de contrato de jovens aprendizes em seu quadro de funcionários.

¹⁴ O Programa Mais Educação foi instituído pela Portaria Interministerial n.º 17/2007 e integra as ações do Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE), como uma estratégia do Governo Federal para induzir a ampliação da jornada escolar e a organização curricular, na perspectiva da Educação Integral. (portal.mec.gov.br).

Os dados mostram que para um número considerável das estudantes pesquisadas a principal atividade é desempenhada no âmbito escolar, bem como em cursos de formação complementar, na medida em que 43% destas jovens disseram frequentar o reforço que é oferecido pela instituição de ensino e cursos livres. Outras 36% revelaram que embora não participando de atividades paralelas de ensino em outros turnos, dedicam-se apenas aos estudos.

Tal aspecto focaliza prioritariamente o trabalho com os conteúdos disciplinares, sobretudo com relação às disciplinas de Língua portuguesa e Matemática. Este dado aponta ainda para a questão das dificuldades de aprendizado apresentadas pelas alunas com relação a estes conteúdos. Outras 11 alunas dedicam parte de seu tempo ao aprendizado de conhecimentos variados, conforme destacado pelas discentes que se referiram aos cursos de informática e idiomas.

Em síntese, podemos inferir que a caracterização da amostra de sujeitos selecionados para o estudo ora apresentado, concentra-se em uma parcela de jovens estudantes que estão na faixa etária entre 14 e 16 anos. Estas correspondem a 83% do universo pesquisado.

Residem em média, com mais 04 ou 06 pessoas na mesma casa, cerca de 73% da amostra. Estas estudantes são oriundas de famílias, cujos arranjos se apresentam de forma bastante heterogênea, na medida em que algumas provêm de lares cuja estrutura familiar é composta pela presença materna e paterna. Contudo, a maior frequência de respostas apontou para famílias constituídas pela presença apenas de um deles, isto é, ou da mãe, ou do pai em companhia dos filhos. Outros arranjos são ainda identificados, uma vez que encontramos jovens que não residem com seus pais, mas dividem lares com tios, irmãos e avós, dentre outros.

Observa-se a existência do componente religioso, visto que 100% da amostra declarou seguir uma religião. Sendo predominantes o catolicismo e o protestantismo, respectivamente.

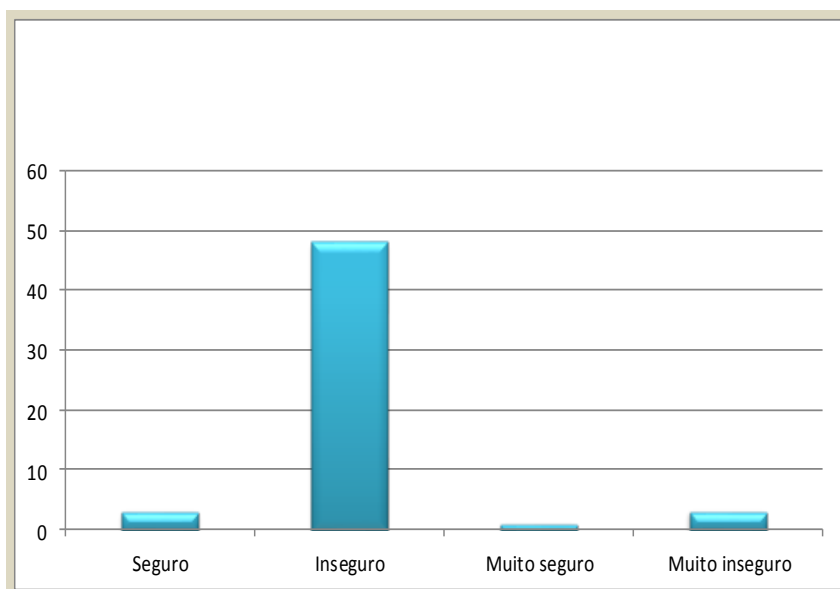
A maior parte destas jovens está inserida em um contexto em que a vida escolar é o fator primordial na ordem das atividades que realizam. Deste modo, os dados mostram que um número relativamente reduzido 14,5% do universo que compõe a amostra, divide-se em rotinas de trabalho remunerado e atividades escolares, ao passo que um total equivalente a 56,3 % da amostra declarou desempenhar apenas atividades escolares, ou relativas a processos de aprendizagens.

2.8.1 A ambiência escolar

O ambiente escolar é visto por um percentual significativo das estudantes alvos deste estudo, cerca de 78,8% delas, como um local agradável e do qual gostam muito. Quanto as que informaram não gostarem da instituição de ensino na qual estudam, estas correspondem a 21,8% da amostra.

No que se refere a como as alunas entrevistadas se sentem na entrada e na saída da escola, o gráfico a seguir permite a visualização das informações coletadas na pesquisa e apresenta a percepção das estudantes em relação à segurança:

Gráfico 04: Percepção sobre a segurança na entrada e saída da escola



Fonte: Produzido pela pesquisadora

No que diz respeito às percepções das alunas em relação à segurança na entrada e na saída da instituição de ensino em que estudam, 87% das alunas informaram se sentirem inseguras, 5% afirmaram que se sentem muito seguras, e 5% disseram se sentirem muito inseguras. As alunas que declararam se sentirem muito seguras não chegaram a 2% da amostra.

Para uma melhor visualização das informações acima expostas, o gráfico abaixo visa sintetizá-las, quantificando-as com o intuito de observar a predominância de ideias presentes entre esse grupo de adolescentes.

Contudo, quando questionadas a respeito de como se sentem na escola, a maior parte delas; 78,8% da amostra, respondeu que se sente insegura. Um percentual de 16,

3% delas se sentem seguras e apenas 5,4% das respondentes afirmaram que se sentem muito seguras.

Gráfico 05: Sentimento em relação a escola



Fonte: Produzido pela pesquisadora

Nesta direção, confirma-se a assertiva de que a escola há tempos perdeu o status de ambiente seguro, no qual seus frequentadores estariam resguardados de toda ordem de problemas. Esta é uma realidade comum à maioria das escolas no país. O sentimento de insegurança é provocado por inúmeros fatores que se entrelaçam e produzem um cenário de instabilidade social que afeta a dinâmica escolar, e interfere nos sentidos e significados que a escola tem para os sujeitos nela inseridos. A violência física extramuros e a violência intramuros da escola compõem o conjunto de fatores que fazem dela um ambiente no qual se deve tomar cuidado.

Em relação aos ambientes da escola as alunas indicaram os espaços dos quais mais gostam. A tabela abaixo representa o número de respostas correspondentes aos percentuais de referência:

Gráfico 06: Ambiente que as alunas mais gostam na escola

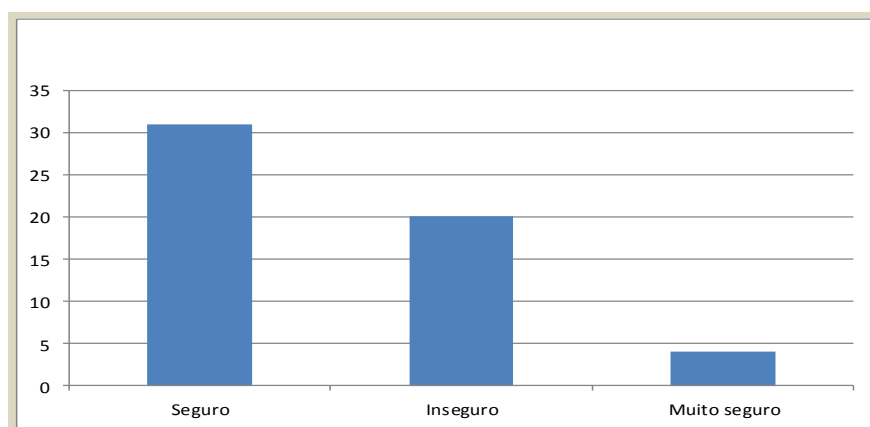


Fonte: Produzido pela pesquisadora

A sala de aula foi o ambiente de referência mais citado pelas alunas, com 60% da preferência das entrevistadas, seguida pelo pátio da escola, mencionado por 16%, a seguir a sala de leitura aparece na preferência de 12% das alunas e a quadra de esportes é o local preferido por 10% das entrevistadas.

Com relação às percepções sobre a segurança na escola, especificamente ao ambiente da sala de aula. O gráfico a seguir apresenta os dados organizados com base nas respostas das alunas:

Gráfico 07: percepção sobre a segurança na sala de aula

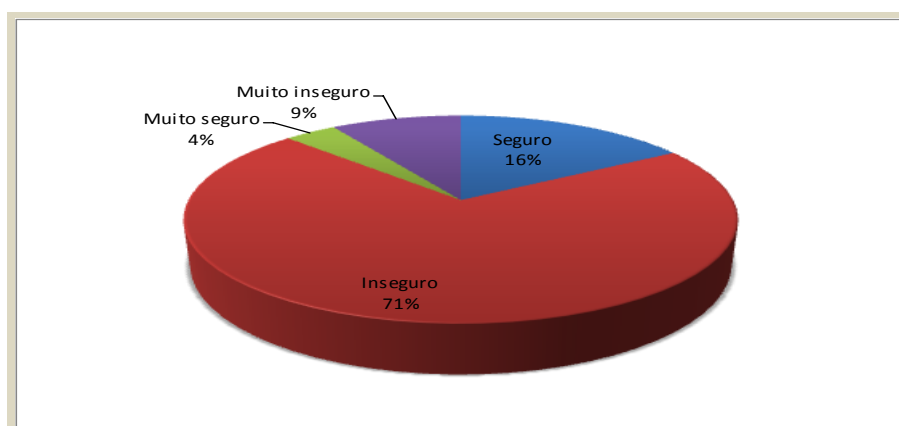


Fonte: Produzido pela pesquisadora

As alunas que se sentem muito seguras no ambiente da sala de aula correspondem a 7% do total da amostra, 51% das estudantes informaram que se sentem seguras, e cerca de 36% delas declararam que se sentem inseguras neste ambiente.

No que tange a percepção sobre o nível de segurança durante o recreio, o gráfico abaixo ilustra as respostas das estudantes:

Gráfico 08: percepção sobre a segurança no recreio



Fonte: Produzido pela pesquisadora

Quanto a este aspecto 71% das estudantes declararam que se sentem inseguras durante o recreio, 16% informaram que se sentem seguras, 9% declararam que se sentem muito inseguras, e 4% das entrevistadas declararam se sentirem muito seguras.

Sobre o sentimento de segurança partilhado pelas alunas em relação à escola em que estudam, os dados obtidos revelaram que a sala de aula é o ambiente considerado mais seguro por este grupo de alunas que manifestaram a preferência por este espaço. Em relação aos outros espaços pesquisados, as estudantes demonstraram níveis de insegurança relativamente altos, posto que 87% delas declararam que se sentem inseguras na entrada e na saída da escola, 78% responderam que se sentem inseguras na escola e 71% afirmaram que se sentem inseguras durante o recreio. Estes resultados apontam para o fato de que as alunas consideram a escola, de modo geral, um ambiente que lhes oferece pouca segurança.

2.8.2 Questões sobre *bullying*

Ao iniciarmos a pesquisa sobre os sentidos e os significados atribuídos pelas alunas da 8ª série do ensino fundamental de uma escola da rede pública estadual sobre o fenômeno *bullying*, interessamo-nos primeiramente em saber sobre o conhecimento que as estudantes sujeitos deste estudo já teriam sobre o tema por nós abordado. Sobre este aspecto todas as participantes disseram que já haviam ouvido falar a respeito do assunto. Sobre estes aspecto 63% das entrevistadas indicaram a TV, seguida pelos professores, citados por 27%, a internet foi mencionada por 23% das alunas, atividades promovidas pela escola 21%, família citada por 18% e através dos colegas foi mencionado por 16% das estudantes como os principais veículos de acesso a estas informações, conforme indica a tabela abaixo:

Tabela 04: Veículos de informação sobre o *bullying*

Meios de acesso a informação sobre o bullying	Respondentes
Família	10
Colegas	09
Atividades promovidas pela escola	12
Professores	15
Televisão	35
Internet	13

Fonte: Produzido pela pesquisadora

O fenômeno *bullying*, vem recebendo destaque na atualidade, sobretudo nos veículos de comunicação, por meio de notícias veiculadas em telejornais e revistas, cujos conteúdos normalmente consistem na divulgação dos casos ocorridos em diferentes ambientes de socialização, sobretudo, na escola que se destaca como um dos cenários em que estas práticas se mostram mais recorrentes. Deste modo, os dados apontam para os instrumentos midiáticos como os principais meios de veiculação de informações sobre este problema.

Outro dado importante está relacionado ao fato de que as instituições escola e família, assim como as informações obtidas por meio dos colegas aparecem entre as últimas alternativas indicadas pelas alunas como meios de esclarecimento e orientação sobre o fenômeno *bullying*. Estes resultados nos permitem inferir que é necessário que a escola implemente atividades voltadas ao esclarecimento, combate e a prevenção deste problema, que envolvam tanto os estudantes, quanto as suas famílias.

A tabela a seguir apresenta os dados relativos às respostas das alunas sobre as suas percepções com relação ao envolvimento em situações de *bullying*, e a incidência deste fenômeno entre os jovens com base na variável faixa etária.

Tabela 05: Incidência de *bullying* por faixa etária

Qual a faixa de idade em que mais ocorre bullying?	
Até os 10 anos.	06
Dos 11 aos 14 anos.	26
Dos 15 aos 18 anos.	21
Dos 18 aos 21 anos.	02

Fonte: Produzido pela pesquisadora

No que tange a este aspecto, 47% das respostas apontaram para a faixa etária que compreende as idades entre onze (11) e quatorze (14) anos, como predominante entre os indivíduos envolvidos em casos de *bullying*, 38% das informantes disseram que a faixa etária de maior predomínio destes comportamentos corresponde às idades entre quinze (15) e dezoito (18) anos, seguidas pelas alternativas, até os dez (10) anos referentes a 10% das respostas e 3,6 % afirmaram que a prevalência deste fenômeno é maior entre indivíduos na faixa etária entre dezoito (18) e vinte e um (21) anos.

A percepção das alunas em relação à prevalência deste fenômeno com base na faixa etária vai ao encontro do que as pesquisas sobre o tema têm revelado com relação a este fator, uma vez que estas indicam que as idades predominantes entre os envolvidos variam entre os onze e quinze anos de idade, contudo é importante esclarecer que esta não é uma variável estática, pois há outros fatores mais representativos que concorrem para o envolvimento em situações de *bullying*.

Acerca da prevalência deste problema a partir da variável gênero, a tabela a seguir está estruturada com base nas informações das alunas para as questões relativas ao maior número de autores/agressores e ao maior número de alvos/vítimas respectivamente, tendo como parâmetro o fator sexo dos envolvidos.

Tabela 06: Incidência de condutas e exposição ao *bullying* conforme o sexo.

Quem mais comete bullying?	Respondentes
Os meninos	31
As meninas	04
Meninos e meninas	20
Quem mais sofre bullying?	Respondentes
Os meninos	16
As meninas	18
Meninos e meninas	20

Fonte: Produzido pela pesquisadora

Para a questão “Quem mais comete *bullying*?”, cerca de 56% da amostra respondeu que os meninos constituem o maior número de autores/agressores, 36% das respondentes disseram que meninos e meninas cometem *bullying* nas mesmas proporções e apenas 7% das estudantes disseram que as meninas são as que mais cometem *bullying*. Para a questão “Quem mais sofre *bullying*?”, cerca de 36% das alunas afirmaram que não há diferenças entre os gêneros no aspecto vitimização, em que indivíduos de ambos os sexos são alvos ou vítimas deste problema nas mesmas proporções. Cerca de 32,7% das informantes disseram que as meninas são as maiores vítimas, e 29% das participantes da pesquisa disseram serem os meninos que mais sofrem *bullying*.

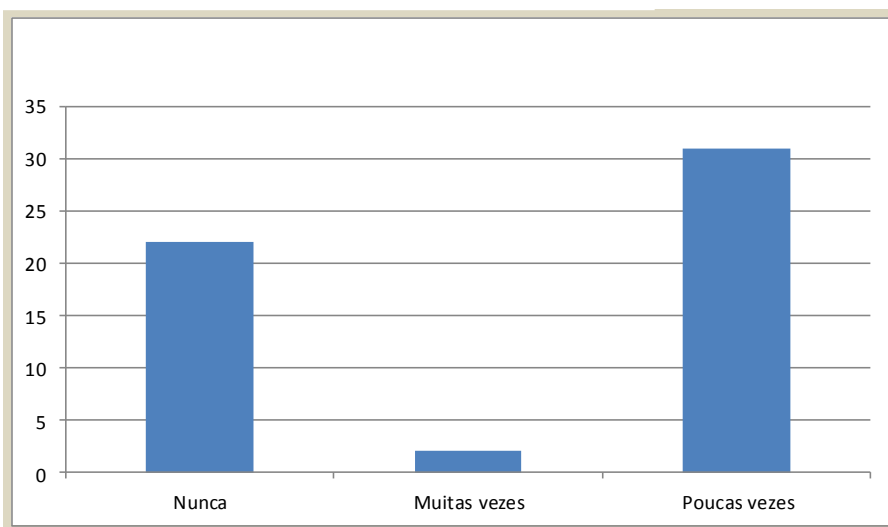
Sobre as respostas dadas pelas alunas em relação a estes dados, a literatura que abrange as discussões sobre este fenômeno mostra que os meninos continuam a representarem o maior número de envolvidos na condição de autores e agressores. No

entanto, estes estudos também revelam que a participação de meninas no papel de autoras/agressoras vem crescendo cada vez mais. Estes dados podem indicar como assevera Lopes Neto (2011) a falta de conhecimento sobre o tipo de conduta preferencialmente adotada pelas meninas nos comportamentos de *bullying*, que na sua forma indireta ou relacional, apresentam características mais sutis e costumam ser mais difíceis de identificar.

Com relação à vitimização, as respostas das alunas para cada item, mostraram-se equivalentes e apontam para uma generalização no que tange ao papel de vítima, posto que, os percentuais entre as alternativas propostas apresentaram uma pequena variação, que aponta para o predomínio da figura feminina na condição de vítima.

No gráfico abaixo estão expostas as informações sobre as experiências de vitimização por *bullying* vivenciadas pelas alunas:

Gráfico 09: Incidência de vitimização por *bullying*



Fonte: Produzido pela pesquisadora

Sobre este aspecto, 40% das informantes declararam nunca terem sofrido *bullying*; enquanto que cerca de 56% das entrevistadas disseram terem passado por esta situação poucas vezes. As que afirmaram terem sido alvos/ou vítimas de *bullying* por muitas vezes, correspondem a 3,6% da amostra pesquisada.

O local onde ocorreu a vitimização compõem os dados constantes no gráfico a seguir:

Gráfico 10: Local de maior incidência de *bullying*

Fonte: Produzido pela pesquisadora

Os ambientes apontados pelas alunas como locais em que foram alvos/vítimas de *bullying*, foram enunciados na seguinte ordem: cerca de 45% das estudantes disseram que o local onde ocorreu a agressão foi a escola; 16% destas alunas disseram terem sido vítimas desta agressão na rua e 10% da amostra identificou a casa como o local da ocorrência.

Os relatos das alunas indicam a escola como o ambiente em que mais ocorreram as manifestações deste problema, a exemplo dos resultados de outras pesquisas que também apontam para o ambiente escolar como espaço onde o *bullying* tem sido disseminado. Autores como: Simmons (2004), Fante (2005), Silva (2010), Lopes Neto (2011) assinalam que a escola se configura como ambiente onde o *bullying* mais tem encontrado espaço para se propagar, visto que esta é a principal forma de violência que ocorre entre estudantes.

Com relação às reações manifestadas pelas estudantes ao serem vítimas de agressões, a tabela a seguir ilustra as respostas das alunas quanto aos aspectos relativos aos sentimentos provocados pelas agressões, bem como as atitudes e posturas adotadas pelas alunas após a vitimização :

Tabela 07: Reações a vitimização por *bullying*

Como você reagiu quando sofreu bullying?	
Fiquei com muita raiva, mas não fiz nada.	07
Não liguei.	13
Levei na brincadeira e fiz a mesma coisa com essa pessoa.	08
Fingi que não era comigo.	08
Pedi ajuda para outra pessoa.	02

Fonte: Produzido pela pesquisadora

Acerca desta questão 34% das entrevistadas disseram não terem ligado, cerca de 21% informaram que levaram na brincadeira e revidaram da mesma forma; outras 21% disseram que fingiram não ser com elas; 18% das alunas afirmaram terem ficado com muita raiva, mas não terem feito nada, e finalmente apenas 5% das estudantes informaram terem pedido ajuda à outra pessoa.

Estes dados revelam que 55% das alunas que admitiram terem sido vítimas ignoraram a ação do (a) autor/agressor (a), resultado que indica a adoção da indiferença como tentativa de desestimular o ataque dos (as) autores/agressores (as). Um percentual relativo a 21% desempenhou o papel de vítima/agressora, porém com uma diferença, visto que revidaram a ação em direção ao próprio autor que as provocou anteriormente, 18% ao não tomarem nenhuma atitude, assumiram a condição de vítimas típicas e apenas 5% apresentaram a postura mais assertiva em relação à vitimização, ao procurarem ajuda. No último caso, confirma-se a tendência observada na maior parte das pesquisas realizadas, as quais indicam que são poucos os alunos que decidem procurar ajuda e orientação para fazerem cessarem os ataques.

2.8.3 Processo de elaboração das temáticas interpretativas e temáticas analíticas

A análise das narrativas orais, possibilitou-nos identificar ideias, percepções, crenças e valores compartilhados pelas estudantes. Estes elementos permitiram o mapeamento dos sentidos e significados que constituem as representações sociais das alunas sobre o *bullying*.

Para indicar o percurso transcorrido na apreensão das objetivações e ancoragens que constituem as representações das discentes, apresentaremos a organização das temáticas interpretativas e posteriormente das temáticas analíticas. Deste modo a análise se encontra organizada em duas fases, são elas:

I – Temáticas interpretativas:

As temáticas interpretativas consistem na organização das informações coletadas por meio da entrevista em grupo, com vistas ao tratamento do conteúdo expresso pelas participantes da pesquisa sobre o objeto de estudo focalizado neste trabalho, as representações sociais de alunas sobre o fenômeno *bullying*.

Desta forma a organização do corpus ocorreu com base na organização de temáticas agrupadas em torno de unidades de sentidos. Estas têm por objetivo, assinalar os aspectos consensuais presentes nos conteúdos das informações fornecidas pelo grupo pesquisado. Deste modo, as unidades de sentido foram organizadas em cinco temáticas e respectivas subtemáticas.

II – Temáticas analíticas:

As temáticas analíticas emergem da reorganização ou reagrupamento das temáticas interpretativas embasadas pela matriz teórica das representações sociais, considerando os seus dois elementos estruturantes: a objetivação que corresponde a imagem mental dos sujeitos deste estudo, as estudantes da 8ª série do ensino fundamental, sobre um dado objeto, o fenômeno *bullying*; e a ancoragem que expressa o significado que este grupo social vincula a imagem mental do objeto focalizado.

Deste modo, as temáticas analíticas que se originaram a partir da reorganização das temáticas interpretativas foram:

- ❖ Maus tratos
- ❖ Ameaça e invisibilidade
- ❖ Contradição
- ❖ Educação familiar e escolar

O quadro abaixo apresenta o agrupamento das unidades de significado e respectivas temáticas interpretativas, que posteriormente serviram de base para a

organização das temáticas analíticas, as quais consistiram na reorganização das temáticas interpretativas baseadas nas objetivações e ancoragens que constituem as representações sociais de alunas do Ensino Fundamental sobre o *bullying*.

Cumpre notar, que as temáticas interpretativas anunciadas no quadro a seguir apontam para a centralidade dos sentidos partilhados pelas estudantes que participaram deste estudo, em relação ao fenômeno *bullying* e suas repercussões no processo de escolarização.

Quadro 03: Síntese das questões e agrupamento das falas das estudantes acerca do *bullying* e de suas repercussões no contexto escolar e, ao lado direito encontram-se dispostas as temáticas interpretativas.

	QUESTÃO	UNIDADE DE SIGNIFICADO	FREQ.	%	TEMÁTICA INTERPRETATIVA
01	❖ Ações que remetem a prática de <i>bullying</i> .	➤ Violência física e material (agressão física, espancar, bater, brigas)	07	100%	PERCEPÇÕES SOBRE O BULLYING
		➤ Violência verbal (apelidar, xingar, chamar palavrões, falar coisas feias, ofensas)	09		
		➤ Violência psicológica e moral (preconceito - [discriminação, racismo], isolamento, humilhação, ameaças, brincadeiras de mau gosto, desrespeito, exclusão, calúnias)	11		
		➤ Crime	04		
		➤ Ameaças e gestos repetitivos	07		
	❖ Causas que levam a prática de <i>bullying</i> (fatores relacionais)	➤ Criação - relações familiares	09		
		➤ Influência das amizades	04		
		➤ Impunidade	02		
		➤ Insatisfação	02		
		➤ Revolta	02		
		➤ Falar mal	12		
		➤ Faz intriga, calunia	09		
		➤ Exclusão	07		

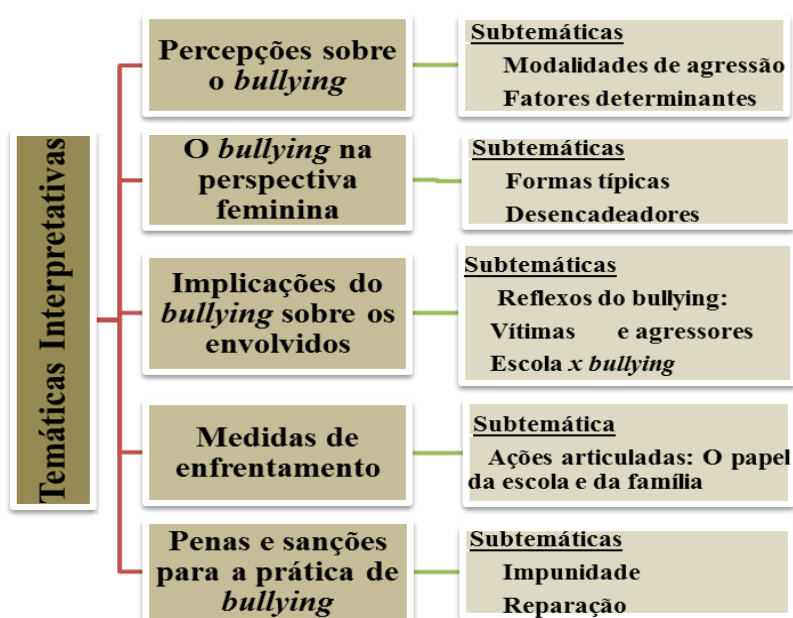
02	❖ Tipos de bullying práticas comuns entre garotas	➤ Brigar de se bater, é menos que os meninos.	07	100%	O BULLYING NA PERSPECTIVA FEMININA
		➤ Mas briga também (agressão física)	06		
		➤ É mais falsidade	05		
	❖ Motivos de bullying entre garotas	➤ Competitividade	14		
		➤ Rivalidade	09		
		➤ Inveja (namoro, aparência)	07		
		Diferença de personalidade/ comportamento	05		
	➤ Imposição por necessidade de aceitação	03			
	❖ Consequências do bullying	➤ Pode provocar violências mais graves: tragédia, morte	12		IMPLICAÇÕES DO BULLYING SOBRE OS ENVOLVIDOS
03	❖ Vítimas	➤ Ficar agressiva, violenta	11	100%	
		➤ Ficar com depressão	08		
		➤ Inferioridade (baixa autoestima)	07		
		➤ Fazer uma loucura	02		
	❖ Agressores	➤ Exclusão social (dificuldades nas relações interpessoais/com trabalho e família)	12		
		➤ Pode virar marginal, cometer crimes	05		
		➤ Aumento da agressividade e ausência de limites.	03		
	❖ Repercussões na vida escolar	➤ Abandonar a escola	08		
➤ Interfere no aprendizado		06			
➤ Isolamento e exclusão		04			
04	❖ Articulação entre escola e família	➤ A escola e os pais	08	100%	MEDIDAS PREVENTIVAS
		➤ Palestras	06		
		➤ A escola deveria alertar mais sobre bullying, gravidez, drogas,	05		
	❖ Punição para quem comete	➤ Não pode ficar impune	14	100%	PENAS E SANÇÕES
➤ Prestar serviço comunitário		07			
➤ Se for de maior tem					

05	<i>bullying</i>	que ser preso	05		PARA A PRÁTICA DE BULLYING
		➤ Se for menor os pais devem ser responsabilizados	04		

Fonte: Produzido pela pesquisadora

A síntese das questões e agrupamento das falas dos sujeitos deste estudo, acima destacada, subsidiaram a elaboração do quadro a seguir, no qual se encontram expostas às temáticas interpretativas e respectivas subtemáticas, articuladas entre si, por meio dos sentidos e do contexto em que aparecem inseridas e agrupadas e, em função da frequência com a qual compareceram nos relatos das alunas.

Diagrama 01: Síntese das temáticas e subtemáticas interpretativas.



Fonte: Produzido pela pesquisadora

Na próxima seção, apresentaremos as representações sociais dos sujeitos deste estudo, alinhavadas pelas temáticas interpretativas e fundamentadas pelas temáticas analíticas que foram estruturadas para subsidiar a compreensão dos conteúdos presentes nos discursos das participantes, destacando-se os sentidos e os significados que as estudantes atribuem ao *bullying* e aos seus efeitos no processo de escolarização, na medida em que este fenômeno se constitui em uma prática presente no contexto escolar no qual elas estão inseridas.

III SEÇÃO

ENTRE DIÁLOGOS E ESCUTAS: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE ALUNAS DO ENSINO FUNDAMENTAL SOBRE O *BULLYING*

Nesta seção, proceder-se-á a análise das falas dos sujeitos deste estudo, a partir da articulação entre as temáticas interpretativas e suas respectivas subtemáticas, as quais subsidiaram a configuração das temáticas analíticas, nas quais estão contidas as imagens e os sentidos atribuídos e partilhados pelas estudantes em relação ao *bullying*, e sobre as implicações decorrentes deste fenômeno no processo de escolarização.

A partir do processo de organização e análise dos dados, delineamos cinco temáticas interpretativas e respectivas subtemáticas. Estas foram constituídas a partir dos significados centrais expressos por cada uma das unidades semânticas, as quais traduzem a partilha consensual entre o grupo de alunas pesquisado. A seguir abordaremos detalhadamente cada uma delas.

3.1 Percepções sobre o *bullying*

A temática – Percepções sobre o *bullying* reúne as unidades de significado que se articulam em torno da compreensão das estudantes sobre o *bullying*, sobretudo, pela maneira como este fenômeno é definido pelas jovens e pelos aspectos motivadores que conduzem à práticas desta natureza.

Ao se reportarem ao fenômeno *bullying*, as alunas fizeram referência a termos que já se encontram definidos em campos conceituais expressos nos estudos realizados sobre o tema, quais sejam: a agressão verbal, a agressão psicológica e a agressão física, e remetem-se ainda aos fatores que determinam a incidência deste problema entre os (as) estudantes. Tais elementos permitiram o delineamento das subtemáticas apresentadas a seguir.

3.1.2 Modalidades de agressão

A subtemática - Modalidades de agressão está relacionada às evocações das alunas sobre as ações que se configuram como práticas de *bullying*. Deste modo, ao buscarem definir o termo *bullying*, as estudantes o classificaram como atos que se enquadram dentro de conceitos específicos sobre agressão, os quais já se encontram

devidamente referendados pela literatura que trata sobre temas relativos a agressão e a violência. As falas abaixo ilustram estes dados:

O *bullying* pode estar ligado a muitas atitudes da pessoa, é... Por exemplo, é... Assédio, discriminação, falta de respeito, perseguição, espancamento e mais... (ALUNA-11)

São agressões, são gestos repetitivos, algumas ameaças na escola, e coisas pequenas, como ah!... Todo dia chegar e chutar o mesmo aluno, pegar agredir o mesmo aluno, fazer piadas sobre ele, excluir e também dentro do grupo, por exemplo, ah! Eu não vou falar com aquela menina porque ela é muito quieta, ah então... Eu não vou falar com ela porque ela é muito agitada, então isso já é uma forma de *bullying*. (ALUNA-08)

Verificou-se que as alunas utilizaram enfaticamente os termos: agressão física, bater, chutar, espancar, e etc... Bem como: apelidar, caluniar, ofender, xingar, ... E ainda: discriminar, excluir, humilhar, isolar, dentre outros, como diretamente associados aos atos de *bullying*.

Cumprе notar que os grupos de palavras acima destacados estão categorizados respectivamente dentro dos conceitos que definem a agressão física, materializada pelo ataque a integridade física, na dimensão corporal do indivíduo, cujas marcas são perceptíveis aos olhos e facilmente detectadas. A agressão verbal, caracterizada pela utilização de apelidos constrangedores, pelo emprego de ofensas e pelo xingamento contínuo, com fins a diminuir e ridicularizar o outro; e a agressão psicológica, configurada pela perseguição cometida sistematicamente por parte do agressor em relação à vítima, por meio da discriminação relativa a algum fator de ordem cultural, física ou social que se refira a ela, exclusão dos grupos, dentre outras possibilidades de assédio, que tem como intuito, desestabilizá-la emocionalmente.

De acordo com a declaração das alunas, as formas de manifestação que mais ocorrem no ambiente escolar dizem respeito à agressão verbal, mencionada em 67% das entrevistas. Esta forma de agressão compreende as ações de apelidar e xingar, que por sua vez, foram as mais citadas pelas entrevistadas. Vale ressaltar que estes indicativos

foram encontrados em diversos estudos, uma vez que, “os apelidos correspondem a mais de 50% da totalidade dos atos de *bullying*.” (LOPES NETO, p.25).

Os resultados obtidos na pesquisa sobre *bullying*, realizada pela organização não governamental PLAN-Brasil, nos anos de 2009/2010, também ratificam os discursos das alunas. Neste estudo se constatou que o uso da agressão verbal nos diferentes espaços escolares é um modo habitual de tratamento entre os estudantes, que é, em muitos dos casos atribuído ao fato de os próprios alunos não perceberem que este comportamento é inadequado nas relações entre pares, pois pode se desdobrar em outras situações de violência.

Outro aspecto relevante, é que as agressões verbais estão geralmente relacionadas às características físicas dos alvos. Entre as mais comuns estão o uso de óculos e aparelhos ortodônticos, a altura, o sobrepeso e padrões de beleza. Vejamos um relato que ilustra bem esta questão:

...agora já melhorou mais. Mas eu sofri muito bullying, ainda mais porque eu usava óculos, me chamavam o tempo todo de quatro olhos, de cegueta. E era muito ruim porque vinha gente de outra sala e ficava gritando na porta da sala, ah quatro olhos, ah cegueta e também porque eu era do nordeste me chamavam de Paraíba, então assim eu achava muito ruim. (ALUNA-08)

Outros elementos foram identificados enquanto fatores que motivaram os apelidos, xingamentos e outras ações de *bullying* listadas pelas alunas, dentre os quais foram citados: a cor ou etnia, *status* social e aspectos ligados ao comportamento das estudantes. Conforme podemos observar na tabela abaixo:

Tabela 08: Motivos relacionados à vitimização por bullying.

Motivos citados pelas alunas, como aqueles que as levaram a serem alvos de <i>bullying</i>	Qtd.	%
Por sua religião	03	5,4%
Por sua cor	07	12,7%
Por sua idade	03	5,4%
Por sua classe social	03	5,4%
Pelo modo como se veste	03	5,4%
Pela sua aparência (alto/baixo/ gordo/magro e etc.)	16	29,9%
Por seu jeito de ser (comportamento)	12	21,8%

As práticas que remetem a agressão psicológica, citadas por cerca de 60% do grupo, aparecem em segundo lugar na percepção das entrevistadas, que com frequência se reportaram a palavras como: discriminar, preconceito, perseguir, dentre outras que compõem esta categoria de agressão, para fazer referência ao fenômeno *bullying*.

Os estudos de Antunes e Zuin (2008) corroboram a estes achados, ao assinalarem que os alvos de *bullying*, são eleitos, em geral, por suas características físicas e socioeconômicas, e apontam ainda para aquelas relativas à orientação sexual, na medida em que estes se configuram como aspectos que os diferenciam sob o olhar dos outros, e podem contribuir para um quadro de discriminação e exclusão social. (COSTA, 2011).

Estes aspectos também foram observados em uma pesquisa sobre a discriminação no ambiente escolar, realizada pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP) em parceria com o Instituto de Pesquisas Econômicas (FIPE), que revelou que estudantes homossexuais, negros e pobres foram apontados pelos alunos participantes do estudo, como alvos preferenciais de *bullying* (INEP, 2008).

Embora atos diretamente ligados aos conceitos de agressão verbal e psicológica tenham se sobressaído na fala das respondentes, 52% das alunas pesquisadas mencionaram atos de agressão física, como bater, chutar e espancar enquanto práticas de *bullying*. A tabela abaixo mostra a frequência de respostas para cada ação circunscrita a uma categoria específica de agressão.

Tabela 09: Formas de agressão usadas na prática de *bullying*

Agressão verbal	Quantidade	%
Apelidar	37	67,2%
Xingar.	32	58,1%
Caluniar	29	52,7%
Ofender	19	34,5%
Agressão psicológica	Quantidade	%
Humilhar	33	60%
Discriminar	30	54,5%
Racismo	28	50,9%
Preconceito	23	41,8%
Desrespeito	19	34,5%
Perseguição	18	32,7%
Excluir	15	27,2%
Agressão física	Quantidade	%
Violência física	29	52,7%
Bater	23	41,8%

Brigas	19	34,5%
Espancar	15	27,2%
Chutar	13	23,6%

Em síntese, com relação às formas de ocorrência caracterizadas pelas alunas como *bullying*, as ações que remetem as agressões de cunho verbal e psicológico, são as que mais frequentemente foram citadas pelas estudantes, que em menor número mencionaram ações ligadas a agressão física. Deste modo, atos relacionados às categorias de agressão verbal, agressão psicológica e agressão física foram mencionados respectivamente por 67%, 60% e 52% das alunas que participaram deste estudo.

O fator regularidade, ainda que não tenha sido detectado na totalidade dos discursos das estudantes, aparece na maior parte deles como um elemento determinante para que uma dada ação seja qualificada como *bullying*. Conforme expresso nas falas de duas das entrevistadas:

O bullying em geral é... varias palavras, é várias formas de agressão, e tem que ser repetido né, várias vezes. (ALUNA-02)

Eu acho que é a violência repetida com um grupo de pessoas, ou com uma pessoa, já tá dizendo né, perseguição, então se você persegue não vai ser só uma vez, vão ser várias vezes, você vai ficar ali pegando no pé daquela pessoa, implicando com ela todo o tempo. (ALUNA-09)

O *bullying* se manifesta subjacente a uma notória assimetria de poder entre os envolvidos, cuja submissão do outro ocorre por meio de ações contínuas que permeiam as relações entre agressores e vítimas. De acordo com Teixeira (2011, p.21):

O estudante alvo de *bullying* pode ser exposto a diferentes formas de agressão, entretanto não é capaz de se defender. Esse desequilíbrio de poder determina a repetição e a manutenção do comportamento agressivo de estudantes que tentam a todo custo dominar e humilhar o outro aluno.

A frequência com que as ações são realizadas determina a prática do *bullying*, que é caracterizado como um ato proposital, munido de uma intencionalidade que visa atingir o outro de forma negativa e prejudicial, fazendo com que a vítima desenvolva um sentimento de impotência diante das situações de agressão.

Neste decurso, identificamos em algumas falas a relação entre a prática de *bullying* e o crime. As respondentes que classificaram o *bullying* como crime, fundamentaram-se nas percepções sobre a severidade dos prejuízos e traumas que o fenômeno pode causar, na medida em que ele, como comprovado pelos casos de maior gravidade, pode produzir efeitos extremamente nocivos à suas vítimas. Os relatos a seguir sintetizam esta compreensão:

Bullying é crime, e deve ter pena sim! (ALUNA-07)

Eu acho que tem que ser considerado crime, mas eu não acho que tem que ir para a cadeia, eu concordo assim, que a pessoa faça alguma tarefa, que nem pintar a escola, ou então ajudar na limpeza, na copa... (ALUNA-12)

- Eu concordo, que nem agente vê, as pessoas morrem ou então se matam e vai ficar assim? Por isso mesmo. A família perde uma pessoa que ama e isso vai ficar assim? Não, não pode! Então eu concordo que *bullying* seja considerado crime. (ALUNA-08)

Eu acho que se pode dizer que *bullying* é crime, e quem fica perseguindo os outros deveria pagar de alguma forma. Se for menor eu acho que o pai deveria responder. (ALUNA-09)

Estas acepções encontram eco em recentes discussões sobre o fenômeno *bullying* no campo jurídico. Este têm reunido adeptos que concordam com a criminalização do fenômeno. De modo que há um movimento entre promotores da vara de infância e juventude por todo o país, articulado no sentido de criminalizar o *bullying*.

Esta discussão deu origem ao projeto de projeto de lei n. 6935/10, cuja proposta é criminalizar a conduta de intimidação, denominada como *bullying* na justificativa do projeto, que visa introduzir no Código penal, no capítulo que versa sobre os crimes contra a honra, o crime de intimidação. Na proposta o referido crime é definido como:

Art. 141-A - Intimidar o indivíduo ou grupo de indivíduos que de forma agressiva, intencional e repetitiva, por motivo torpe, cause dor, angústia ou sofrimento, ofendendo sua dignidade : Pena - detenção de um mês a seis meses e multa. § 1º- O Juiz pode deixar de aplicar a pena: I – quando o ofendido, de forma reprovável, provocou diretamente a intimidação. § 2º- Se a intimidação consiste em violência ou vias de fato, que por sua natureza ou pelo meio empregado, se considerarem aviltantes: Pena - detenção de três meses a um ano e multa, além da pena correspondente à violência. § 3º - Se a intimidação tem a finalidade de atingir a dignidade da vítima ou vítimas pela raça, cor, etnia, religião, origem ou a condição de pessoa idosa ou que seja portadora de deficiência: Pena – reclusão de dois a quatro anos e multa.

A proposta prevê ainda que nos casos em que o delito for praticado por menores. Estes cumpram medidas socioeducativas mediante a prestação de serviços à sociedade, internação e ainda responsabilização dos genitores ou responsáveis. Estas sanções seriam implementadas com vias a combater o *bullying* e reprimir a conduta lesiva por parte dos agressores (JUSBRASIL, 2011).

As penas deverão ser aplicadas, caso a prática seja qualificada como violenta, grave e reiterada. Ainda de acordo com a proposta, comete o crime o indivíduo que agredir, ameaçar, assediar sexualmente, castigar, constranger, intimidar, ofender ou segregar, crianças ou adolescentes, pressupondo estar em situação de superioridade. As penas se estenderão também a delitos cometidos por meio da internet.

A atribuição da criminalização ao *bullying* é uma questão polêmica, porque existem dissonâncias quanto ao tipo de ação punitiva a ser aplicada nestes casos. Outro aspecto implicado no processo de criminalização tem relação com a natureza das consequências que os atos de *bullying* possam ter, já que estas não serão iguais.

Em que pese à constatação de que contínuas pressões psicológicas podem resultar em uma variedade de doenças, as reações ao *bullying* dependem de muitos fatores, que interferem diretamente na gravidade destas consequências, dentre eles: o tipo de agressão, o tempo de exposição, a individualidade e a forma como o problema é tratado. Segundo Silva (2010) estas consequências dependeriam ainda de fatores relacionados à genética dos indivíduos.

Nesta lógica as sanções deverão ser equivalentes ao tipo de consequência gerada para a vítima, de modo que não se julgará a prática do *bullying* propriamente dita, mas os desdobramentos deste fenômeno, ou seja, se o resultado das ações se materializarem

por lesões corporais e mortes, a punição ocorrerá em função destas resultantes e deverá incidir sobre a gravidade dos eventos.

A partir destes dados, é possível inferir que o grupo pesquisado define o *bullying* como uma violência que se manifesta a partir de diferentes práticas. Estas, situam-se no âmbito das relações entre pares e aparecem associadas a ações circunscritas aos conceitos de agressão verbal, psicológica e física, demarcadas em certa medida, pela frequência e regularidade com que estas são cometidas, bem como pelo desequilíbrio de forças que perpassa as relações de agressores e vítimas.

Os depoimentos apontam para um equilíbrio na frequência com que estes atos foram mencionados pelas entrevistadas. Outros elementos aparecem atrelados ao sentido que estas alunas atribuem ao *bullying*, destaca-se aqui a definição do fenômeno como crime passível de aplicabilidade penal.

3.1.3 Fatores determinantes

O subtema 1.2 compreende os aspectos motivadores da prática do *bullying* e que por esta razão se configuram como fatores determinantes para a disseminação e permanência do problema nas interações entre pares. As formulações elaboradas pelas respondentes com relação às motivações subjacentes a prática de maus tratos, tomam por referência, sobretudo, os vínculos afetivos constituídos pelo sujeito, e consolidados por meio das relações intrafamiliares e extrafamiliares.

Ao se reportarem aos motivos relacionados à ocorrência do *bullying*, as estudantes destacaram a família enquanto uma das grandes responsáveis pelo comportamento adverso de seus filhos. Estas afirmativas foram identificadas no conteúdo das respostas de 85% das participantes. Vejamos algumas das referências a este aspecto:

Isso é muito dos pais né, os pais no modo de educar os filhos, às vezes eles dão muita liberdade pros filhos... Eu acho que os pais têm que dizer, olha não faz isso, ou aquilo outro, os pais tem que impor limite pros filhos. (ALUNA-04)

...A educação, o respeito depende muito da criação da pessoa...
(ALUNA-05)

A pessoa ela tem o exemplo né. Vai que de repente na casa dela as pessoas são assim também, vai que os pais são assim, sei lá, não respeitam os vizinhos, ou nem se respeitam dentro de casa também. Pode ser que se agredem também na frente dos filhos e isso vai ter, vai ter tipo um reflexo no comportamento do filho. Então, eu acho que a criação tem muito haver, que é importante, que influencia sim no comportamento. (ALUNA-13)

As entrevistadas utilizam o termo “criação” para direcionar suas críticas ao modo pelo qual a instituição familiar tem desempenhado seu papel formativo. Estes relatos evidenciam a compreensão do papel da família como fundamental para o desenvolvimento de atitudes positivas ou negativas diante dos fatos da vida. De acordo com os estudos de Teixeira (2011), existe um consenso de que métodos parentais de criação, isto é, a forma como os pais educam seus filhos, pode ser responsável pelo desencadeamento de atitudes violentas na escola. Estes aspectos foram bastante destacados pelas alunas ao questionarem a ação educativa da família. O autor complementa esta ideia ao dizer que:

Crianças que habitam lares desestruturados e convivem com pais hostis, agressivos e sem laços afetivos harmoniosos têm uma chance aumentada de desenvolver condutas também marcadas pela agressividade. Trata-se de um modelo de aprendizagem por espelhamento. Se a criança convive com pais pouco afetuosos e que demonstram um padrão de comportamento que preza a violência e a agressividade como estratégias de resolução de problemas, ela assumirá esse comportamento aprendido com os pais. Soma-se a esse padrão parental agressivo, a falta de afeto e carinho, a ausência de diálogo e a aplicação de punições físicas [...] É verdadeiramente um fator colaborador para o desenvolvimento do *bullying*, pois a criança tomará esses comportamentos como corretos e os levará para o ambiente escolar. (TEIXEIRA, 2011, p.51,52).

No atual contexto, marcado pelas contradições e imposições do mundo moderno, a família, no intento de contemplar suas múltiplas demandas, esteve em certa medida ausente de algumas de suas atribuições e deveres, fato que resultou na fragilização de valores que outrora, buscava-se resguardar, como o respeito e a consideração às pessoas, dentre outros. Este processo de fragilização extrapola os limites do lar e se espalha para outras instâncias sociais da vida, produzindo reflexos negativos e preocupantes.

Segundo Nogueira (1990), a partir da segunda metade do século XX até as últimas décadas, a estrutura e organização da instituição familiar sofreu mudanças

substanciais, que dentre outros fatores, teve como consequência uma série de implicações quanto ao papel social formativo que é exercido pela família.

A falta de espaço para o diálogo contribui para uma crise de autoridade na instituição familiar. A incompreensão mútua que permeia as relações entre o jovem e a própria família implicam em relações superficiais, marcadas pela pouca interação social e por posicionamentos unilaterais que são impostos ora pela família, ora pelo jovem.

Tais elementos, tornam-se ingredientes que favorecem a aplicação de punições decorrentes de comportamentos desajustados e indisciplinados, cujo caráter ameaçador e repressivo é desprovido de um sentido prático e educativo que permita ao jovem, momentos de reflexão. Este fato, possivelmente intensificará o risco do surgimento e permanência da violência nas relações familiares.

A atmosfera negativa que envolve este cenário, certamente afetará o desenvolvimento moral e a visão de mundo destes sujeitos e poderá culminar em um processo de banalização e naturalização da violência que equivocadamente poderá ser interpretada como uma possibilidade real e eficaz para a resolução de conflitos (FANTE, 2004).

Nesta direção, Lopes Neto (2005, p.167) ressalta que, algumas condições familiares adversas parecem ser favoráveis ao desenvolvimento da agressividade. Dentre estas, o autor faz referência a aspectos relacionados “a desestruturação familiar, ao relacionamento afetivo precário, ao excesso de tolerância ou de permissividade e a prática de maus-tratos físicos ou explosões emocionais como forma de afirmação de poder dos pais”.

Outro aspecto pertinente a ser levantado no contexto familiar diz respeito à adoção de posturas inadequadas que podem partir dos pais em relação aos filhos. Dentre as quais, destacam-se a superproteção, diante do desejo de preservá-los das adversidades da vida ou ainda de eximi-los de faltas cometidas, e a atribuição de culpa ou responsabilidade indevida, como ações que podem contribuir para o desenvolvimento de determinadas características. Desta forma, a influência exercida pela família ocorre por meio de atitudes distintas que poderão incidir diretamente na condição que os sujeitos ocuparão nos casos de *bullying*, isto é, para a conformação de indivíduos alvos ou agressores, como é ainda assinalado pelo referido autor:

Embora não haja estudos precisos sobre métodos educativos familiares que incitem ao desenvolvimento de alvos de *bullying*, alguns deles são

identificados como facilitadores: proteção excessiva, gerando dificuldades para enfrentar os desafios e para se defender; tratamento infantilizado, causando desenvolvimento psíquico e emocional aquém do aceito pelo grupo; e o papel de “bode expiatório” da família, sofrendo críticas sistemáticas e sendo responsabilizado pelas frustrações dos pais. (LOPES NETO, 2005, P.167).

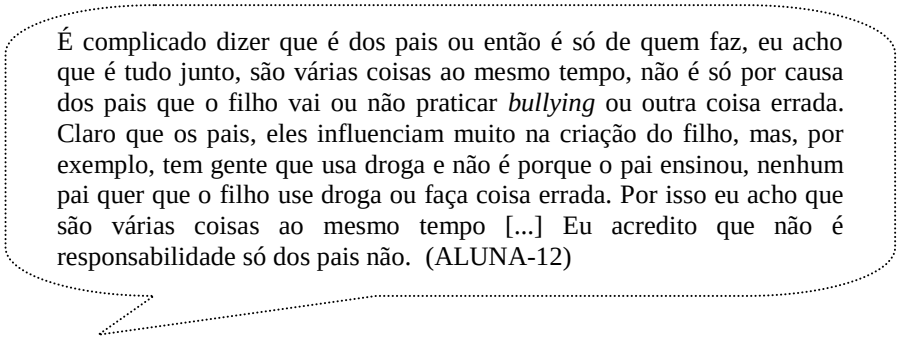
No âmbito das relações familiares se estabelece a gênese das relações interpessoais. Através da mediação entre os membros da família ocorrem os primeiros estímulos simbólicos, em um processo pelo qual o sujeito se constrói a partir da interação com o outro. Segundo Berger e Luckmann (1985), os laços familiares possibilitam a inserção do indivíduo em uma etapa denominada de socialização primária. Nestes moldes, a família assume a função de conduzi-lo a formação do senso de partilha e convivência social, partindo do princípio da reciprocidade.

Na percepção das estudantes alvos da pesquisa a instituição familiar, seja ela composta por pais e mães, ou ainda por outros sujeitos que assumam a responsabilidade por estes (as) jovens, contribui sobremaneira para a formação do ser social, ela é a primeira ponte entre o indivíduo e as relações com o mundo, com o outro que o cerca.

Contudo, é pertinente destacar que a instituição familiar não pode ser vista como a única responsável pela transgressão de seus filhos. Estudos que abordam esta problemática têm indicado outros fatores relevantes para a sua ocorrência, dentre as quais figuram, a falta de acesso e oportunidades, a vulnerabilidade social que favorece o envolvimento com as drogas e a marginalização, bem como a ausência de políticas públicas efetivas que visem a garantia do bem estar social da população jovem.

Apesar do papel familiar ter sido destacado na maioria das falas analisadas, outros fatores que se entrelaçam na composição dos cenários de violência, mas precisamente das práticas de *bullying* foram indiretamente evidenciados nas respostas de 64,2% das entrevistadas, ao argumentarem sobre a presença de outros elementos que se somam às influências familiares e concorrem para este problema. Conforme pode ser visto nos depoimentos de duas alunas participantes da pesquisa:

Não é só dos pais não. Acho que têm várias coisas, o jeito da pessoa, a personalidade, tem gente que acha que pode tudo, e tem gente que nem respeita o pai e a mãe, eles podem até orientar, e o filho ser mal criado, e fazer coisa errada mesmo que os pais não queiram. Por isso, eu não acho que é só dos pais não. (ALUNA-09)



É complicado dizer que é dos pais ou então é só de quem faz, eu acho que é tudo junto, são várias coisas ao mesmo tempo, não é só por causa dos pais que o filho vai ou não praticar *bullying* ou outra coisa errada. Claro que os pais, eles influenciam muito na criação do filho, mas, por exemplo, tem gente que usa droga e não é porque o pai ensinou, nenhum pai quer que o filho use droga ou faça coisa errada. Por isso eu acho que são várias coisas ao mesmo tempo [...] Eu acredito que não é responsabilidade só dos pais não. (ALUNA-12)

A partir destas respostas inferimos que as estudantes identificam elementos externos, transcendentais à influência e participação da família para a ocorrência de *bullying*. Sobretudo, aqueles relacionados à própria personalidade do indivíduo, tendo em vista que as influências familiares, as características individuais, bem como a qualidade das relações estabelecidas junto aos grupos, são associações que podem conduzir crianças e jovens a desempenharem papéis de agressores ou vítimas. (SALMIVALLI, VOETEN, 2004).

Segundo Bronfenbrenner (1996) o modo como as características individuais e a personalidade dos sujeitos interagem dentro de subsistemas maiores ou contextos sociais mais amplos, dentre os quais, a família, a escola e as relações interpessoais com seus pares, moldam o desenvolvimento social dos indivíduos. De modo que, além dos laços afetivos construídos dentro e fora do núcleo familiar, elementos de ordem sociocultural são componentes que estão inter-relacionados neste processo.

A influência das amigas foi citada por cerca de 28,5% das alunas, como um fator que favorece a prática do *bullying*. Estas falas demonstram que as estudantes reconhecem o poder de sugestão que os grupos possuem sobre seus membros, na medida em que conseguem influenciar o comportamento das pessoas, sobretudo nos períodos relativos à infância e a adolescência.

A influência do meio social, que inclui o círculo de amigas e grupos de pertença do sujeito, representa os agentes do processo de socialização secundária e tem grande importância para a sua formação global. Neste sentido, incorporar hábitos e práticas comuns ao grupo e por ele valorizados passa a ser um movimento imperativo no processo de integração e construção de identidade destes jovens. Deste modo, a influência das amigas foi citada por 28,5% das estudantes como um fator que pode

induzir a comportamentos pautados pela agressividade. A este respeito Silva (2010, p. 65, 67), considera que:

Os amigos ou o grupo de amigos possuem um poder de influência sobre cada jovem significativamente superior àquele que pautava as relações entre eles nas gerações precedentes [...] O grupo vem a ser o lugar privilegiado do reconhecimento individual e, por isso, objeto afetivo de enorme relevância. É no grupo que o sentimento de vínculo do adolescente encontra canal para se expressar na forma de linguagem verbal, física e comportamental.

O que reafirma a compreensão de que assim como em outros fenômenos da vida, os agentes determinantes do *bullying* devem ser compreendidos como um processo que decorre da interação entre a pessoa e o seu ambiente físico, social e cultural (BRONFENBRENNER, 1996).

Inferências a fatores como indisciplina, insatisfação, revolta e sofrimento apareceram na fala de 14% das entrevistadas, ao relacionarem possíveis agentes que estimulam o aparecimento ou a permanência de práticas de *bullying* entre pares. Os relatos abaixo explicitam o posicionamento destas jovens quanto a esta questão.

Eu penso que isso (*bullying*) é coisa de gente revoltada. Sabe aquelas pessoas que acham que podem fazer o que quiser, que não vai acontecer nada. Gente que em casa faz tudo que quer, não respeita ninguém, acha que é melhor que os outros, por isso se comporta assim, é, faz esse tipo de coisa né. (ALUNA-12)

Podem ter outras coisas envolvidas nisso, pode ser que a pessoa tá sofrendo também. Às vezes ela pode fazer isso (*bullying*) porque também tá acontecendo alguma coisa desse tipo com ela. Ela pode tá sendo perseguida de algum jeito por colegas, por vizinhos, ou até mesmo dentro da casa dela. Então vai juntando tudo e a pessoa fica assim, tipo revoltada né, querendo fazer a mesma coisa com os outros. Então eu acho que pode ser revolta, mas porque ela tá passando por isso também, é como se ela respondesse do mesmo jeito à violência e o sofrimento que ela tá passando, entende? (ALUNA-14)

Estas afirmativas também foram visualizadas na pesquisa nacional sobre *bullying* (2010) realizada pela PLAN-Brasil, onde os dados revelaram que a provocação é o principal motivo que estimula os agressores, ou seja, que os levam à prática do *bullying*. Segundo a pesquisa, estes dados sugerem que em muitos casos os maus tratos podem ter origem em atitudes reativas, compreendidas como uma alternativa de defesa

ou decorrentes da falta de habilidade para lidar com os conflitos e tensões que permeiam as relações entre os estudantes.

Neste sentido, é pertinente ressaltar que as alunas demonstram compreender que o *bullying* não é um fenômeno decorrente de causas isoladas, mas surge articulado a uma gama de fatores, e é resultante de complexas e múltiplas interações entre o indivíduo e sua família, seus grupos, a comunidade, os valores culturais e as normas.

Em síntese, um ambiente marcado pelas diferenças, como é o caso da escola, posto que ela abriga grupos com distintos posicionamentos filosóficos, políticos, culturais e sociais, constitui-se em um espaço plural que nem sempre é acompanhado pelo senso de democracia e convivência harmônica.

3.2 O *bullying* na perspectiva feminina

A segunda temática interpretativa está fundamenta nos sentidos que as estudantes atribuem a prática de *bullying* entre indivíduos do sexo feminino. Os relatos feitos pelas participantes da pesquisa indicaram o modo como estas jovens compreendem as manifestações do fenômeno *bullying* no universo feminino, que razões podem leva-las a cometer atos desta natureza, e quais atitudes costumam ser mais usuais neste meio.

A partir desta temática emergiram duas subtemáticas, quais sejam: **Formas típicas**, cuja abordagem gira em torno das práticas mais frequentes de *bullying* entre garotas, indicando uma forma específica de agir que é própria do gênero e **Desencadeadores** que está relacionada às causas ou motivações que concorrem para o comportamento agressivo entre meninas.

3.2.1 Formas típicas

Ao discorrerem sobre as formas mais comuns de comportamento agressivo entre garotas, as estudantes emitiram as seguintes respostas:

A menina ela tem muito isso de se dizer de amiga e ficar falando pelas costas, fazendo inferno, inventando coisa. (ALUNA-03)

Menina tem mais aquela coisa de ficar falando mal, de ficar tratando a outra diferente, tipo pra fazer essa outra ficar com raiva, se sentir menos no grupo, ou na sala. Às vezes ela pode, vamos supor, até se fazer de amiga, mas por trás derruba mesmo a outra, até inventa coisa. (ALUNA-05)

É isso mesmo, de ser falsa, de querer diminuir, de ficar se achando em cima da outra. (ALUNA-06)

No caso das meninas, é mais através de insulto, de difamação de exclusão, e bem menos violência física, no caso das brigas né, os meninos brigam mais. (ALUNA-12)

As falas acima ilustram o modo pelo qual as alunas identificam o *bullying* em um contexto de gênero. Estas percepções são partilhadas por cerca de 90% das estudantes que participaram da etapa qualitativa da pesquisa. As expressões mais citadas quanto a este aspecto apareceram na seguinte ordem: “falar mal” expressão utilizada por 85% das entrevistadas, “fazer intriga”, termo mencionado por 64% delas, a palavra “exclusão” apareceu em 50% das respostas, seguida pelo uso de inferências que remetem a um menor índice de agressão física entre meninas, identificadas em 50% das respostas obtidas, o termo “mas briga também” foi utilizado por 42,8%, seguida pela frase “é mais falsidade” observada em 35% das falas.

Estes relatos nos mostram que as percepções destas jovens, encontram-se em conformidade com os resultados dos estudos voltados à ocorrência deste problema no universo feminino. Sobre este aspecto, Simmons (2004, p.11) destaca que a dissimulação é uma característica marcante nos comportamentos de *bullying* entre meninas. Estas tendem a fazer uso predominantemente de formas indiretas de agressão, as quais a autora denomina de agressões alternativas ou não convencionais, cujas práticas mais comuns consistem no uso da “maledicência, da exclusão, de fofocas, apelidos maldosos e manipulações que tem por objetivo infligir sofrimento psicológico às vítimas”. A autora assevera que:

A palavra *bullying* evoca a imagem de um inimigo, não de alguém íntimo, e, no entanto, quase sempre são as amigas mais próximas as apanhadas em episódios prolongados de abuso emocional. A maldade pode se desenrolar secretamente sob a capa de intimidade e brincadeiras. (SIMMONS, 2004, p.62,63)

Simmons (2011) ressalta que há uma relação direta entre a incidência destes mecanismos, mais recorrentes nas práticas de garotas, e o significado destes nas relações entre elas. Sendo assim, a fofoca, a difamação, a exclusão e o isolamento pelo grupo, tornam-se experiências extremamente desagradáveis, cujos danos assumem proporções muito maiores no universo feminino. Como reitera Simmons (2011, p.124) as meninas experimentam estas situações [...] “como algo especialmente aterrador. Visto que elas conquistam capital social através de seus relacionamentos com os outros” [...], estas são experiências que atingem profundamente as suas identidades e implicam na própria autoestima.

Wiseman (2012) também analisou o impacto deste tipo de comportamento nas relações femininas, e assinala que as intrigas e maledicências são utilizadas como um meio de disseminar informações sobre outra pessoa para atingir a sua reputação e causar-lhe constrangimento ou isolamento. “A fofoca e a reputação são mutuamente dependentes. As reputações são uma consequência das constantes fofocas e, boas ou más, elas acabam sendo uma armadilha para as garotas.” (p.217).

Para Moreira (2010, p. 199) as consequências da exclusão ou do isolamento, independente dos motivos que os tenham ocasionado, têm suas consequências expressas no âmbito da dignidade e conduz o “indivíduo à perda de sua identidade e estima e, como consequência, advêm as somatizações e doenças”.

É importante acrescentar que a prevalência de atitudes referentes à agressão verbal, seguida pela agressão psicológica, evidenciadas de modo geral nas práticas dos agressores, é reforçada pela ideia equivocada de que estes atos exercem efeitos mais brandos sobre suas vítimas, além de serem menos perceptíveis quando comparados aos atos de agressão física, na medida em que, a sutileza implícita nestas formas de ação camufla a perversidade presente nas mesmas.

No universo feminino, estes aspectos são intensificados em função dos atributos historicamente construídos em torno da imagem da mulher, cujas características predominantes devem ser a amabilidade, a compreensão, o cuidado, a docilidade, a gentileza e o recato, dentre outras, socialmente valorizadas e instituídas como condutas femininas padronizadas. No entanto, deve-se considerar que estes padrões de comportamento atualmente sofrem alterações, uma vez que o uso da violência física é cada vez mais presente em situações de conflito entre mulheres.

Cumprir notar, que padrões comportamentais socialmente definidos não são suficientes para impedir o desenvolvimento de características ou posturas contrárias àquelas desejáveis. Diante disso, a adoção de comportamentos dissimulados e silenciosos, torna-se uma alternativa viável para extravasar emoções e sentimentos que fogem a estas perspectivas. Ao analisar a dinâmica destas relações Simmons (2004, p.26), assevera que:

Meninas contam histórias de sua raiva numa cultura que não define o comportamento delas como agressão. Consequentemente, suas narrativas estão repletas de mitos destrutivos sobre a duplicidade das mulheres [...] Desde o alvorecer dos tempos mulheres e meninas têm sido retratadas como ciumentas, ardilosas, com tendência a trair, desobedecer e fazer segredo. Na falta de uma identidade ou linguagem pública, a agressão não-física das meninas é chamada de “traíçoeira”, “ardilosa”, “perversa” e “dissimulada”.

Estudos relacionados à agressão infantil identificaram que existem características distintas nas expressões de agressividade manifestas entre os diferentes sexos. Verificou-se que pessoas do sexo masculino tendem a manifestar sua agressividade preferencialmente por meio de condutas físicas, ao passo que as do sexo feminino costumam expressá-la através de mecanismos mais sutis, dentre os quais foram observados com maior frequência, a agressão verbal e a indução do grupo como meios coercitivos de manipulação do ambiente social.

De acordo com Lomas (2007), as diferenças observadas nos padrões de comportamento podem ser atribuídas aos modelos educacionais tradicionalmente destinados a formação de meninos e meninas, que culturalmente impõe papéis sociais diferenciados. Estes aspectos incidirão diretamente na postura assumida por estes sujeitos.

Este autor menciona ainda, que a necessidade de afirmar a sua masculinidade faz com que os meninos utilizem a violência física como um recurso válido para este fim, o contrário tende a ocorrer entre as meninas, cujas ações são orientadas no sentido de prezar sua feminilidade, e por esta razão não devem incorrer em atos de violência física, sendo mais comum que optem por formas alternativas de expressar a violência.

Embora as pesquisas realizadas na área comprovem a superioridade de eventos caracterizados pelo uso da agressão verbal e psicológica em conflitos protagonizados por meninas, os casos em que se detecta o uso da agressão física são cada vez mais frequentes entre esta população. Conforme podemos observar nas declarações de duas participantes deste estudo:

Ah, aí depende, as meninas tão brigando muito, bate boca, esculhamba com a outra, e o que mais agente vê é menina saindo no tapa mesmo, depende da menina. (ALUNA-14)

Eu acho que é as duas coisas, fala mal, faz fofoca, inventa mentira, mas também tem a violência física, também briga, porque uma coisa acaba trazendo a outra, assim de tanto ficar fazendo essas coisas, essas fofocas, intriga, um dia a outra vai saber, ela vai entender, aí acaba brigando. (ALUNA-04)

A tabela a seguir revela o número de alunas que admitiram ou reconheceram incorrer neste padrão de comportamento, situação na qual fizeram uso de pelo menos uma das ações enquadradas nas categorias de agressões tipificadas. Segundo as informações coletadas, 29% das alunas disseram ter praticado violência verbal, 21% violência psicológica e 18% violência física.

Tabela 10: Identificação dos tipos de agressões mais praticadas

AGRESSÕES PRATICADAS		
TIPO DE AGRESSÃO	INFORMANTES	%
Agressão verbal	16 alunas	29%
Agressão psicológica	12 alunas	21%
Agressão física	10 alunas	18%

Fonte: Produzido pela pesquisadora

Na tabela abaixo temos os números relativos à quantidade de alunas que identificam terem sido vítimas de *bullying*, assim como as formas mais utilizadas pelos (as) agressores (as):

Tabela 11: Identificação dos tipos de agressões sofridas

AGRESSÕES SOFRIDAS		
TIPO DE AGRESSÃO	INFORMANTES	%
Agressão verbal	37 alunas	67,2%
Agressão psicológica	26 alunas	47,2%
Agressão física	08 alunas	14,5%

Fonte: Produzido pela pesquisadora

Com relação à vitimização declarada pelas informantes, observamos que as ações caracterizadas como agressões verbais e psicológicas representam

respectivamente 67,2% e 47,2% das práticas de *bullying* infligidas a estas alunas, enquanto as ações relativas à agressão física correspondem a 14,5% das ocorrências.

Por último, o quadro a seguir expõe os dados relativos às situações de *bullying* presenciadas pelas alunas.

Tabela 12: Identificação dos tipos de agressões presenciadas

AGRESSÕES PRESENCIADAS		
TIPO DE AGRESSÃO	INFORMANTES	%
Agressão verbal	53 alunas	96,3%
Agressão psicológica	48 alunas	87,2%
Agressão física	42 alunas	76,3%

Fonte: Produzido pela pesquisadora

Em relação a terem visto ou presenciado atos relacionados à prática de *bullying* envolvendo outros (as) alunos (as), os dados se apresentaram da seguinte maneira: 96,3% das entrevistadas informaram que já viram outros (as) alunos (as) praticando atos relacionados à agressão verbal, 87,2% das alunas afirmaram que viram outros (as) alunos (as) cometendo ações relacionadas à violência psicológica, e 76,3% delas disseram já terem presenciado outros (as) alunos (as) cometerem atos caracterizados como agressão física.

A partir destes dados, observamos que as estudantes pesquisadas, ao assinalarem as práticas de *bullying* em que estiveram de algum modo envolvidas, indicaram que as mesmas foram pautadas predominantemente por formas de agressão verbal e psicológica, cujas manifestações, se comparadas as ações qualificadas como agressão física, destacam-se quanto a frequência. Esta regularidade, manteve-se em todos os eventos relatados, independentemente do tipo de envolvimento, uma vez que a posição das informantes variou entre os papéis de agressoras, vítimas e espectadoras.

Cumprе notar que à incidência destes eventos, conforme constatado pelos resultados obtidos, variou de acordo com o papel desempenhado pelas informantes em cada uma das situações expostas. Como observado, as respostas que indicam a frequência da exposição a casos de *bullying* no meio partilhado por estas jovens, aumentaram na medida em que as formas de envolvimento se tornaram mais indiretas para a prática da agressão, isto é, houve um aumento significativo no percentual de respostas que indicaram o envolvimento em casos desta natureza, quando as alunas

assumiram a condição de espectadoras e mesmo de vítimas, ao passo que, os números referentes à condição de agressoras apresentaram índices bem menores.

Inicialmente, os dados indicaram que 40% dos sujeitos participantes deste estudo informaram nunca terem sido vítimas de *bullying*, contra 60% da amostra que declarou ter sido alvo da vitimização entre pares. Sendo que, deste percentual 56,4% afirmaram que o fato ocorreu poucas vezes, e apenas 3,6% disseram terem sido alvos constantes de *bullying*.

Entretanto, as análises realizadas ao longo deste trabalho, indicaram que os dados iniciais, relativos à incidência do fenômeno, apontaram para divergências quando comparadas aos números apresentados nas tabelas acima analisadas, cujos resultados nos permitiram, por meio do cruzamento de dados, inferir que a ocorrência de *bullying* no grupo pesquisado é realmente superior aos números informados pelas alunas na etapa quantitativa da pesquisa, tanto em relação aos reais índices de envolvimento nestes episódios, quanto à frequência com a qual eles ocorrem.

Ao procedermos à análise comparativa destes dados, duas hipóteses foram levantadas como possibilidades de explicação para esta discrepância. A primeira, refere-se a real incidência dos casos de *bullying* nas relações entre pares. Uma vez que as pesquisas sobre o tema mostram que os envolvidos tendem a omitirem a sua participação, isto é, dificilmente revelam o nível de envolvimento nestas situações, sobretudo, quando assumem a condição de vítimas ou de agressores, papéis que geralmente causam constrangimento àqueles que os ocupam (LOPES NETO, 2010). A segunda hipótese diz respeito ao nível de conhecimento e compreensão sobre as especificidades das ações de *bullying* praticadas por indivíduos do sexo feminino, na medida em que a falta de compreensão acerca destes comportamentos pode dificultar o reconhecimento do fenômeno neste contexto.

3.2.2 Desencadeadores

A unidade semântica “causas que concorrem para a adoção de comportamentos de *bullying* por meninas” subsidiou a estruturação desta subtemática. Os trechos abaixo traduzem o pensamento destas estudantes sobre os agentes indutores das práticas de *bullying* entre sujeitos do sexo feminino:

As meninas elas brigam por competição, uma quer ser melhor do que a outra, uma quer ser mais bonita que a outra. (ALUNA-05)

É inveja, competição, rivalidade, na maioria das vezes a briga é por causa disso sim. (ALUNA-12)

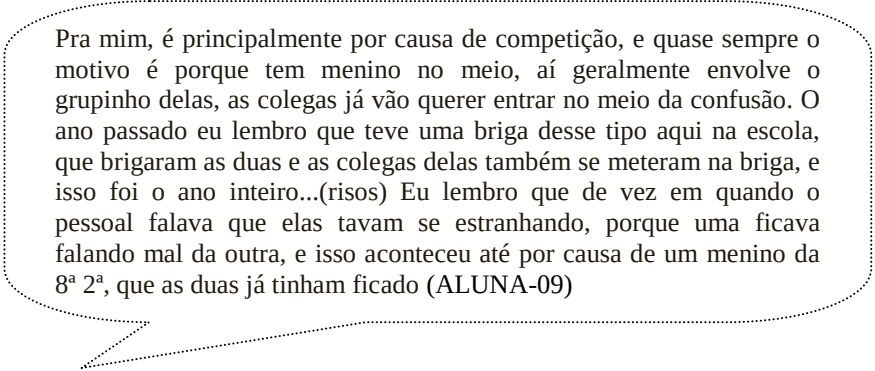
Estes fragmentos retratam as expressões de maior incidência nas respostas referentes a esta questão. O termo “competição” constou em todas as respostas proferidas pelas estudantes, ao se reportarem aos principais motivos que incitariam as meninas a cometerem atos de *bullying*, seguido pela “rivalidade” mencionada por 64% delas, “inveja” apontada por 50% e pelo termo “impor a sua vontade” citado por 21,4% das alunas entrevistadas.

De acordo com os relatos obtidos, observamos que os motivos apontados pelas alunas pesquisadas encontram eco na literatura especializada sobre o tema. Wiseman (2012, p. 167) destaca que um dos aspectos mais comuns nas relações entre meninas é o fato da competitividade ser estimulada dentro do próprio grupo do qual fazem parte, uma vez que costuma ser um hábito entre as meninas estarem “constantemente se comparando com as outras”.

Beaudoin e Taylor (2006) ao investigarem os fatores relacionados aos problemas de desrespeito e *bullying*, enquadram a competição dentro da categoria bloqueio contextual e a definem como um fator que estimula a ocorrência de *bullying*. Para as referidas autoras:

A competição pode promover uma mentalidade que favorece as seguintes consequências: a) os alunos concentram-se em si mesmos e não na comunidade; b) os alunos sentem que os fins justificam os meios; c) compartilhar e cooperar com os outros são opções que se tornam menos atrativas; d) aumenta a probabilidade de conflitos e de comentários mordazes; cresce o desinteresse e o aborrecimento com as atividades menos intensas ou não competitivas; e) nos alunos, a percepção do eu é movida pela conquista de status ou pelo ganho material, pelas preferências, pelos valores e pela motivação/satisfação intrínsecas; f) a crítica e a avaliação de si mesmos e dos outros infiltram-se em suas experiências; e g) a falta de vínculos distorce a interação com os outros, que são vistos como competidores. (BEAUDOIN E TAYLOR, 2006, p. 31)

Cabe analisar que o termo competição esteve quase sempre associado à disputa pela atenção ou preferência dos meninos. Como ilustra a fala de uma das alunas entrevistadas:



Pra mim, é principalmente por causa de competição, e quase sempre o motivo é porque tem menino no meio, aí geralmente envolve o grupinho delas, as colegas já vão querer entrar no meio da confusão. O ano passado eu lembro que teve uma briga desse tipo aqui na escola, que brigaram as duas e as colegas delas também se meteram na briga, e isso foi o ano inteiro...(risos) Eu lembro que de vez em quando o pessoal falava que elas tavam se estranhando, porque uma ficava falando mal da outra, e isso aconteceu até por causa de um menino da 8ª 2ª, que as duas já tinham ficado (ALUNA-09)

Identifica-se que na maioria dos casos o grupo comete retaliações em relação a uma ou mais pessoas, por haver a adesão a uma das partes, isto é, normalmente o grupo se posiciona a favor de uma das envolvidas, quando estas compartilham das mesmas amizades, visto que “a disputa das meninas pelos garotos pode ser algo muito desagradável que geralmente termina por envolver as amigas no conflito” (WISEMAN, 2012, p.323). No caso de pertencerem a grupos distintos o mesmo acontece, sendo que o número de pessoas envolvidas tende a ser maior.

Esta autora destaca ainda que no universo feminino, aspectos relativos ao comportamento, ao estilo e a imagem, são essenciais, pois incidem diretamente sobre os vínculos que as meninas estabelecem com seus grupos, bem como na posição social que elas ocupam na cultura em que vivem.

No período da adolescência estar em harmonia com o grupo de pares é um fator extremamente gratificante para seus membros, especialmente para as meninas, isto significa dizer que a aceitação pelo grupo é um bem do qual não se pode abrir mão.

Os estudos de Simmons (2004), mostraram que a agressão feminina se manifesta, sobretudo, por meio da manipulação do grupo social. As constantes situações que envolvem apelidos, fofocas e intrigas geralmente culminam com o afastamento de algumas meninas de seu grupo.

A autora destaca ainda que no período demarcado entre a 5ª e a 8ª série, o fato de atribuírem grande valor ao grupo social e aos relacionamentos com os pares é uma das características mais perceptíveis no comportamento das meninas. Este período é assinalado pela criação de valores e regras próprias, que em geral, são determinadas

pelos grupos. A estes códigos, as meninas atribuem grande importância, na medida em que passam a ser determinantes na construção de sua autoestima.

Em uma sociedade marcada pela necessidade de autoafirmação, a competitividade é uma das principais características da modernidade. Neste contexto, os indivíduos são levados a competirem entre si cada vez mais cedo, em uma dinâmica que converge para a intensificação de condutas pautadas pelo individualismo e pela rivalidade que leva a representação do outro como inimigo. Tais aspectos configuram um cenário propício à instalação e manutenção de conflitos.

Beane (2011) aponta que a inveja e o ciúme são poderosos motivadores para as ações de *bullying*, especialmente entre as meninas. Conforme este autor (2011, p.47), “uma garota que é atraente e popular entre os garotos pode enfurecer outras meninas.” O relato de uma das estudantes entrevistadas é elucidativo quanto a este aspecto e coaduna-se com as afirmações deste estudioso:

O conflito entre as meninas, quase sempre é por competição, por meninos, por beleza. É, por ... é... como é que se diz, por que tem tipo inveja. (ALUNA-04)

Desta forma, a inveja se torna um fator prejudicial no contexto das relações entre meninas, que poderão ser motivadas a atingir seus alvos de alguma maneira. Beane (p.47) acrescenta que em contextos marcados pela competição, inveja e rivalidade há uma tendência a sempre atacar “aqueles que aparentam ser melhores que a média: muito atraentes, muito ricos, muito populares e assim por diante.”

O termo “impor” citado pelas alunas como um aspecto motivador do *bullying*, refere-se à necessidade que algumas pessoas têm em fazer valer as suas ideias e vontades em relação aos seus pares. Conforme descrito abaixo pela aluna-11:

Mas tem outros motivos para a prática de *bullying*, como querer aparecer mais, querer mandar nas outras, porque de repente o que ela diz tem que ser aceito, tem que ser seguido pelas outras do grupo... Ah, a pessoa quer impor o pensamento dela. Então quem pensa ao contrário dela, ou quem se veste diferente, tem o jeito de pensar e de ser diferente, pode...É.... Pode se tornar alvo. (ALUNA-11)

Este comportamento é pautado pela necessidade de atenção e aceitação por parte dos outros, bem como por uma postura egocêntrica, na medida em que, estas atitudes geralmente partem de pessoas autocentradas que almejam a satisfação de todos os seus desejos. Costumam ser intolerantes a contrariedades, “sentem satisfação em experimentar os sentimentos de poder e de prazer” e apresentam [...] “dificuldade para entender como suas ações afetam os outros” (BEANE, 2011, p.49)

As participantes da pesquisa fizeram referência a outros fatores relacionados à ocorrência do fenômeno, dentre eles, o sentimento de superioridade, que aparece no trecho a seguir, retirado da resposta de uma das entrevistadas. Segundo ela a agressora, aquela que comete o *bullying* age desta forma: [...] porque se acha melhor do que as outras, se acha mais bonita, quer ficar fazendo pouco da outra [...] (ALUNA-04).

O contrário também poderia ocorrer, isto é, uma aluna ser vitimada em função destas mesmas características. Beane (2011) e Wizeman (2012) ressaltam que reunir atributos desejáveis a maioria, pode despertar a ira dos pares que diante da impossibilidade de chegarem a imagem idealizada tentam invisibilizar aqueles que julgam tê-la atingido. Beane (2011, p.23) enfatiza ainda que “boa parte do *bullying* entre garotas parece derivar de inveja ou ciúme, que leva à raiva, e depois ao esforço para destruir os relacionamentos ou a reputação de alguém.”

Estes elementos nos permitem inferir que as alunas identificam as relações de poder que aí estão implicadas, ao compreenderem que subjacente à expressão “se acham melhores que as outras”, repousa a ideia de submissão do outro a partir de critérios e julgamentos valorativos individualizados que ocorrem por meio de uma padronização de condutas, de modelos e de práticas socialmente instituídas. Recorremos novamente a Beane (2011, p. 42) que destaca as raízes desta problemática:

As crianças às vezes aprendem que são melhores do que as outras e que não devem associar-se àquelas percebidas como “perdedoras” ou se ocupar demais com os esforços e dificuldades das outras. A atitude prevalecente em nossa cultura é a de ser especial, parecer e ser melhor, conquistar mais, estar por cima e ser o número um, custe o que custar. Esse pensamento leva algumas pessoas a procurar razões que as tornem melhores que as outras. Isso inclui comparar-se com aqueles que são considerados inferiores.

Outra referência identificada no conteúdo das respostas, refere-se aos padrões comportamentais orientados as condutas femininas, ou seja, ao modo como as meninas devem se portar. Ao analisarmos estes relatos, percebemos que as alunas ao problematizarem estes aspectos, reportam-se na realidade ao preconceito existente

quanto à adoção de posturas alternativas ou divergentes daquelas socialmente prescritas, as quais estão associadas à identidade feminina, ao ser mulher. Como se verifica nos relatos de duas entrevistadas:

Porque assim, a menina ela não pode chamar palavrão, ela não pode isso, não pode aquilo outro. Parece que ela tem que ficar reta, igual a uma estátua, sabe? Ela não pode fazer nada, porque qualquer coisa vai dar o entender que você já é diferente das outras. (ALUNA-08)

Tem pessoas que não se encaixam assim no padrão de menina que a maioria segue, então essa aí, pelo menos alguma vez, é certo que vai sofrer alguma discriminação. Porque tem um jeito pra menina né, um jeito que a menina tem que seguir e se por acaso ela for diferente, é fácil que ela seja vista como esquisita como diferente das outras. (ALUNA-13)

O preconceito foi citado neste estudo por cerca de 63% das participantes como uma das causas mais frequentes de *bullying*. Neste contexto, as entrevistadas sugerem que a adoção de comportamentos ou de posturas identificadas como não convencionais ou não recomendáveis entre as meninas, constitui-se em um fator predisponente para que o fenômeno ocorra.

Os fragmentos: “Não pode fazer nada, porque qualquer coisa vai dar o entender que você já é diferente das outras.” (Aluna-08) E, “Não se encaixam no padrão de menina que a maioria segue” (Aluna-13) destacam-se como indicativos de que os desvios de padrões comportamentais implicam para as meninas no rótulo de diferentes. Aspecto que poderá resultar em um processo de isolamento e exclusão, uma vez que a identificação e inclusão nos grupos é, em grande medida, forjada pela partilha de crenças, costumes, hábitos, e valores entre seus membros.

Os relatos de outras três alunas expressam claramente a forma pela qual o preconceito e a discriminação, configuram-se como elementos desencadeadores de condutas de *bullying*. Sobretudo, nos casos que levam aos processos de exclusão e isolamento. Vejamos o que elas nos dizem:

Eu acho que se tivesse uma menina sapatão na sala, de repente também ela ia ser meio que excluída, principalmente porque tem muita violência com quem é assim, tem muita gente que não gosta, tem raiva, e espanca, bate ou então fica falando mal, falando as coisas né, apelidando. Aí as pessoas já não vão querer andar com ela, porque pode acontecer à mesma coisa com elas, podem pensar que é tudo do mesmo jeito, às vezes pode rolar até briga e todo mundo que anda junto entrar no meio, até quem não tem nada a ver com a estória, só porque tá andando junto, tipo sei lá, são colegas. (ALUNA-03)

É tem muito preconceito, as pessoas discriminam por causa da cor, ou então porque a pessoa é muito pobre, ou por causa, é... Se a pessoa tiver com uma roupa rasgada, assim mal vestida, acho que tem mais chance de sofrer discriminação, do que um branco ou quem tem uma condição melhor ou de quem anda bem vestido, por exemplo. (ALUNA-10)

É. No caso assim, da menina ser homossexual, é mesmo complicado, porque às vezes... Não é nem que ela seja errada, nem é isso. Eu penso assim, as outras iriam ficar com receio de andar com ela porque, por mais que... (pausa), por mais que você goste da pessoa, você sabe que ela é assim... Ai você pensa, não cara! Porque vão falar de você também. Vão falar que você é a mesma coisa e tal, e que de repente tão até namorando. Então não! Quem é que vai querer? Tem muito preconceito! Aqui na escola eu já vi acontecer, então agente fica assim com um pouco de medo de acontecer com agente também. (ALUNA-05)

A partir de uma situação hipotética as alunas 03 e 05, referendam questões que envolvem o preconceito e a discriminação em função da opção sexual de uma suposta colega de turma. Com base nestes relatos, observamos que para além de exemplificarem uma dada situação, cujo objetivo seria explicar a lógica de pensamento subjacente a posturas preconceituosas, as quais eventualmente resultariam em *bullying*, as entrevistadas tentam justificar uma possível exclusão ou isolamento, a partir de uma característica específica. Esta postura, a julgar pelas falas, parece ser compreendida e aceita por estas informantes.

No entanto, fica claro nestes relatos que os sentimentos de insegurança e medo diante da possibilidade de também se tornarem alvos de agressões, levam estas alunas a assumirem esta postura. Cumpre notar que esta percepção também é balizada pelo fato destas jovens estarem em meio a um processo de definição de suas identidades, na medida em que esta é uma construção social caracterizada pela vinculação do sujeito a um determinado grupo social que o diferencia dos demais grupos (HALL, 2003). Deste

modo, pertencer a um grupo em particular, significa partilhar dos mesmos interesses e preferências que seus pares. As afinidades estabelecidas definem porque o sujeito pertence a um grupo e não a outro. Tais características são comuns no período da adolescência e não significam necessariamente que a intolerância e a violência se encontrem latentes nestas atitudes, desde que o respeito seja mantido e possibilite que as diferenças sejam percebidas como algo natural entre os sujeitos.

A aluna-10 destaca a discriminação em relação a características étnicas e a fatores econômicos e financeiros, como aspectos ainda muito presentes nas práticas sociais, relacionando-os à prática de *bullying*. Os fatores destacados por esta estudante corroboram aos estudos de Smith (2002), que indicam que os episódios de *bullying* ocorrem usualmente atrelados a características físicas específicas, a fatores socioeconômicos, à etnia ou a orientação sexual do indivíduo ou do grupo, que estatisticamente são alvos preferenciais em relação a outros que não apresentam tais características.

Jahoda e Ackerman (1969, p.27), definem o preconceito como "uma atitude de hostilidade nas relações interpessoais, dirigida contra um grupo inteiro ou contra os indivíduos pertencentes a ele, e que preenche uma função irracional definida dentro da personalidade".

O preconceito leva a discriminação, e se caracteriza por atitudes negativas desenvolvidas em relação a situações específicas, a pessoas ou grupos de pessoas. Embora se manifeste individualmente, o preconceito surge por meio da articulação entre as características do indivíduo e os fatores relativos ao seu processo de socialização. (CROCHIK, 1995). São práticas adotadas a partir de julgamentos incoerentes, em que se tomam como parâmetros crenças e medos infundados. Para Moreira (2010, p.194):

“Pre” é algo que vem antes, ou seja, são estigmas, apelidos identificações e rótulos que vem antes de SER quem você é, enquanto pessoa humana, e, portanto, não possuem uma fundamentação nem base de sustentação [...] Pelo preconceito [...] o indivíduo é deixado à parte em uma convivência social de fachada.

Estes aspectos nos levam a perceber que embora o *bullying* esteja associado a múltiplos determinantes, é possível perceber na fala dos sujeitos deste estudo que a ocorrência do fenômeno provém, em grande parte, do desejo de anular o outro, uma vez que este, supostamente, reúne predicados que o tornam mais atraente aos olhos do grupo.

3.3 Implicações do fenômeno *bullying*

A temática ora explicitada, está ancorada nos sentidos que as alunas partilham sobre as consequências que o fenômeno *bullying* produz na vida dos envolvidos, e foca nos prejuízos provenientes destas experiências. Esta, encontra-se dividida em duas subtemáticas. São elas: Reflexos do *bullying*, a qual discute os efeitos do *bullying* em agressores, vítimas e espectadores, e, Escola x *Bullying* que aborda os reflexos deste problema na instituição de ensino e no processo de escolarização.

3.3.1 Reflexos do *bullying*

❖ Alvos ou vítimas

Os relatos a seguir, sintetizam as percepções das alunas pesquisadas em torno das consequências da vitimização por *bullying*. A este respeito, vejamos o que dizem duas das entrevistadas:

O *bullying* leva a violência mais grave e a consequências mais sérias, porque primeiro vem a agressão verbal e aí depois vem a física. (ALUNA-10)

Se a pessoa for fraca, eu acho que ela pode sair muito prejudicada. Se ela já tiver o lado psicológico fraco, ela pode se descontrolar e tomar uma atitude sem pensar, e aí as coisas podem ficar sérias, porque a pessoa fica tão pressionada, achando que tem que fazer alguma coisa, tomar uma atitude pra acabar com isso, que as consequências podem ser graves. (ALUNA-14)

De acordo com estas declarações, o *bullying* se configura como uma prática extremamente prejudicial, sobretudo para aqueles que estão na condição de vítima, visto que, nesta situação, as consequências tendem a serem agravadas, diante da possibilidade da agressão sofrida ser ampliada, ou seja, em função destes atos tomarem maiores proporções e resultarem em conflitos mais sérios. Em suas pesquisas, Middleton-Moz; Zawadski (2007, p.14), encontraram os seguintes dados:

Dois terços dos atacantes em 37% dos tiroteios em escolas se sentiam perseguidos em função de seus longos históricos sofrendo *bullying* de seus

colegas, que ser alvo de *bullying* é um fator importante no suicídio entre jovens e que milhões de norte americanos enfrentam abusos no local de trabalho diariamente.

Outro aspecto considerado por estas alunas, refere-se à dimensão dos danos sofridos, especialmente, quando as vítimas já se encontram psicologicamente desestabilizadas, casos em que há maiores possibilidades do descontrole emocional afetar as reações destes indivíduos. Deste modo, cerca de 85,7% das alunas argumentaram que é grande a probabilidade do *bullying* culminar em graves desfechos, a exemplo das tragédias que tiveram como pano de fundo, ações desta natureza.

O termo “cometer uma loucura”, identificado na fala de duas participantes, reafirma o consenso entre as alunas sobre a gravidade do problema, bem como o alcance de seus efeitos negativos, conforme exposto acima, e remete à ocorrência destes eventos como uma possibilidade real, na medida em que os aproxima de casos confirmados, cujas causas foram relacionadas à prática de *bullying*. Conforme pode ser observado na narrativa de uma das entrevistadas:

... Aquele caso do menino que entrou na escola, vocês se lembram? Eu não sei se vocês viram, tem um tempo que aconteceu já, que ele atirou e matou um monte de gente numa escola, alunos né. Apareceu uma pessoa falando na televisão que um dos motivos que ele teve pra fazer isso, foi porque ele sofreu muito *bullying* na infância e na adolescência, na própria escola que ele estudava. Como ele já era uma pessoa problemática, isso influenciou pra que ele matasse os alunos dessa mesma escola, foi tipo uma vingança né. (ALUNA-02)

O aumento da agressividade em decorrência do *bullying*, foi uma das consequências mais enfatizadas pelas entrevistadas, sendo citado por cerca de 78% da amostra analisada. Com base nas respostas obtidas, podemos inferir que para estas alunas o *bullying* se configura como um agente potencializador para o desenvolvimento de transtornos que atingem suas vítimas de forma gradual. Este aspecto tende a promover um ciclo vicioso, conforme pode ser observado na fala de uma das participantes:

Porque uma pessoa que sofre violência desde criança, o tempo todo, sem dúvida, ela vai apresentar algum problema e pode até começar também a praticar a mesma coisa que tão fazendo com ela, descontar o que tá sofrendo nos outros e pode querer fazer isso com qualquer um. (ALUNA-02)

Os desajustes provocados internamente ao serem exteriorizados, direcionam-se no sentido de descarregar a tensão gerada pelo acúmulo das experiências negativas vivenciadas em situações de *bullying*, dado que uma das principais características do problema consiste nos ataques sistemáticos às vítimas.

Entre as consequências mencionadas a depressão aparece em 57% das falas. O relato a seguir é representativo da percepção das alunas quanto a esta questão:

Na minha opinião, querendo ou não a pessoa vai ficar incomodada com essa perseguição, porque é isso que o *bullying* é, uma perseguição, seja porque a pessoa apanhe, seja porque ela é apelidada, humilhada, sei lá, o que for. Então é claro que ela vai ficar com raiva! Com muita tristeza, chateação, e dependendo pode até ter depressão (ALUNA-11)

Lopes Neto (2005); Fante; Pedra (2005) assinalam que o fenômeno *bullying* e a depressão apresentam similitudes em suas manifestações, haja vista que os sintomas de depressão constam entre as possíveis consequências que resultam do *bullying*, as quais podem atingir vítimas, agressores e testemunhas. Como também, é possível que as vítimas sejam eleitas por apresentarem características associadas aos sintomas da depressão, ou seja, para estes autores o *bullying* tanto pode contribuir para o desenvolvimento de quadros depressivos como pode emergir em função de características depressivas identificadas nas vítimas.

A baixa da autoestima integra a lista dos agravantes mencionados, sendo identificada nas narrativas de 50% do grupo. Uma das alunas sintetiza bem este aspecto:

A pessoa pode ficar com complexo de inferioridade, se sentindo menos (ALUNA-13)

Esta informação nos permite deduzir que para estas jovens, o *bullying* tem repercussões imediatas sobre a imagem que a vítima tem de si mesma, levando-a a internalizar o que é dito pelo(s) agressor (res) como justificativa para as agressões cometidas, na medida em que intenciona depreciá-la a partir de argumentos geralmente descabidos e improcedentes, mas que podem em muitos casos atingir a autoimagem da vítima.

A manifestação ou aumento da insegurança foi outra consequência mencionada dentre os efeitos negativos do *bullying*. Este aspecto foi apontado como uma característica que repercute negativamente na vida social do indivíduo, causando-lhe dificuldades nas relações interpessoais e até mesmo no campo profissional. Conforme exemplificado pela fala abaixo:

Ela pode ficar uma pessoa mais melancólica, como é que eu posso dizer, mais tímida. Por exemplo, na hora de arranjar um emprego fica com medo do chefe, até de responder na entrevista, não consegue se sair bem sabe, uma pessoa insegura.
(ALUNA-14)

Segundo Fante (2005), nos casos em que os traumas decorrentes dos constrangimentos e humilhações sofridas não são superados, há uma grande possibilidade de que os efeitos produzidos sobre a vítima repercutam ao longo de sua vida, imprimindo-lhe características que geram dificuldades nas relações sociais, como a introspecção e a insegurança. Fante (2005, p.79) alerta ainda que:

As consequências do *bullying* afetam todos os envolvidos, em todos os níveis, porém especialmente a vítima, que pode continuar a sofrer seus efeitos negativos muito além do período escolar. Pode trazer prejuízos em suas relações de trabalho, em sua futura constituição familiar e criação de filhos, além de acarretar prejuízo para a sua saúde física e mental.

Estes relatos nos permitem inferir, que estas alunas, ao atribuírem às experiências advindas da vitimização por *bullying* o poder de fragilizar e desestabilizar as estruturas emocionais, psicológicas e sociais de suas vítimas, mostram compreender as implicações que a prática de *bullying* pode gerar, especialmente para os alvos, prejudicando-os em diferentes setores de suas vidas.

❖ Autores ou agressores

Ao se expressarem acerca das consequências do *bullying* para os agressores, as participantes deste estudo sinalizaram, sobretudo, para questões relacionadas a desajustes sociais, cujos efeitos mais negativos se expressam no campo das relações interpessoais. Seguidas por àquelas que repercutem diretamente na formação da conduta moral e que tendem, normalmente, a resultarem em deformações de caráter. Nesta

direção, destacou-se ainda a possibilidade das mesmas persistirem ao longo da vida destes sujeitos.

Deste modo, na etapa qualitativa da pesquisa, cerca de 85,7% das alunas entrevistadas indicou que um dos efeitos mais graves do fenômeno *bullying* sobre os agressores, refere-se às dificuldades futuras que poderão surgir nas relações destes indivíduos com seus pares e familiares, assim como na esfera profissional. Estas, por seu turno, decorrem do desenvolvimento de características pessoais negativas.

De acordo com a percepção das informantes, as relações afetivas e sociais destes indivíduos constituídas a partir das interações com o seu meio, tendem a serem marcadas por conflitos e desentendimentos que resultarão em dificuldades de aceitação e rejeição, contexto que facilmente conduzirá a um processo de exclusão por seus pares ou pelo grupo. As verbalizações de duas alunas expressam estas interpretações:

Acho que futuramente a pessoa que pratica *bullying*, é... Se ela ficar assim, se não mudar, ela vai se tornar uma pessoa que não tem nada, porque ela vai ser uma pessoa violenta, arrogante uma pessoa ignorante. Uma pessoa que todo mundo, vamos dizer... Não que todo mundo tenha medo, mas que as pessoas não vão gostar, não vão, entende, querer ajudar, querer dar uma oportunidade, que as pessoas não querem conversa, nem dão papo sabe, que se afastam. Com certeza vai ficar uma pessoa com dificuldade pra se relacionar, pra ter um trabalho, até pra ter uma família mesmo. (ALUNA-02)

Eu acho que... Quando uma pessoa é muito difícil, e ela não muda, ela continua fazendo coisa errada, é... Brigando, desrespeitando, ou fazendo violência contra os outros, geralmente ela vai ter problema na vida dela, tanto no trabalho como em casa com a família, com os amigos. (ALUNA-03)

Dentro deste contexto, outro aspecto foi evidenciado pelas alunas. Este, refere-se ao desenvolvimento de condutas marginais, delineadas pela inclinação à práticas delituosas manifestadas por indivíduos que continuaram a cometer *bullying* sistematicamente. Nesta direção, Fante (2005, p.81), assinala que:

O agressor (de ambos os sexos) envolvido no fenômeno estará propenso a adotar comportamentos delinquentes, tais como: agregação a grupos delinquentes, agressão sem motivo aparente, uso de drogas, porte ilegal de armas, furtos, indiferença à realidade que o cerca, crença de que deve levar vantagem em tudo, crença de que é impondo-se com violência que conseguirá obter o que quer na vida.

Assim, 35,7% das participantes apontaram que a integração de múltiplos fatores concorrerá para a configuração de um cenário desfavorável ao desenvolvimento emocional, psíquico e social destes sujeitos, aspecto que contribuirá sobremaneira para a conformação de perfis criminosos. Esta percepção se encontra bem delineada nos relatos de duas participantes:

Pra mim tem muita chance de se transformar numa pessoa muito violenta, que não respeita ninguém e até virar marginal. Porque se cresceu assim, batendo nos filho dos outro, sempre disse e fez o que quis, se não mudou quando era criança, depois de grande é que não muda mesmo, vai ficar velho fazendo coisa errada. Pra mim, quem cresce desse jeito não muda mais, se agente for ver... Todo bandido já foi pequeno também. (ALUNA-14)

A senhora sabe aquele tipo de gente que agente vê na novela, no filme? Na vida real existe gente daquele jeito, é... Que engana, que mente, passa a perna no outro, que é violenta, bate, agride os outros, que rouba, que é... Criminoso né. Eu acho que esse tipo de gente já é assim desde novinha, porque ninguém fica desse jeito de uma hora pra outra, então já era uma pessoa toda errada, não teve educação, foi crescendo desse jeito. Então eu acho que quem desrespeita, quem faz violência com os outros, quem é mal e cresce desse jeito, fica assim, não muda não! (ALUNA-08)

O aumento da agressividade e a ausência de limites foram pontuados por 21,4% do grupo pesquisado, como fatores resultantes do comportamento *bullying* em agressores. Este aspecto é ilustrado pelo discurso a seguir:

Se crescer fazendo isso, vai ter uma ideia errada da vida, achando que pode fazer o que der na cabeça. Vai só amentando, quer dizer piorando sabe! Vai ficar cada vez mais sem limite, sem respeito, sem educação, mais agressiva, mais violenta, eu penso assim. (ALUNA-12)

Esta aluna enfatiza que a reincidência do comportamento agressivo, estimulada pela fragilização da dimensão educativa na formação destes sujeitos, acentuará o problema e incidirá no crescimento da violência e na extrapolação dos limites permitidos pelas normas sociais que modulam as relações interpessoais, os quais asseguram a convivência harmoniosa e pacífica entre os indivíduos.

Sobre este aspecto, é válido considerar que as inferências feitas pelas estudantes tiveram como elemento moderador o termo “podem” o qual indica que, na perspectiva destas jovens, tais consequências só se confirmarão, na medida em que, não se recorra a implementação de intervenções afirmativas com fins a promoção de mudanças no contexto dos envolvidos em situações de *bullying*. Isto é, que oportunizem a estes sujeitos saírem da condição desfavorável de vítimas, agressores ou espectadores que lhes é imposta pelo cenário da violência. Neste sentido, as alunas se reportam ao termo educação como um recurso essencial ao direcionamento de ações afirmativas de intervenção.

❖ Testemunhas ou espectadores

Ao se manifestarem sobre as reações e sentimentos provocados diante de episódios de *bullying* protagonizados por outros sujeitos, as respondentes assinalaram as seguintes alternativas: 43,6 % disseram terem se sentido mal, 29% informaram terem sentido raiva, 20% afirmaram terem sentido vontade de revidar, 12,7% responderam que não ligaram e 5,4% disseram não terem conseguido esboçar reação alguma.

A tabela a seguir permite que as informações acima expostas possam ser melhor visualizadas e possibilita a observação das reações deste grupo de estudantes ao presenciarem um episódio de *bullying*.

Tabela 13: Sentimentos decorrentes da observação de *bullying*.

Como você se sente ou se sentiu ao ver alguém ser vitimizado por bullying?	
Senti mal	24
Senti raiva	16
Senti vontade de revidar	11
Não consegui reagir	03
Não liguei	07

Fonte: Produzido pela pesquisadora

A literatura sobre *bullying* indica que estes dados correspondem às atitudes e sentimentos mais comuns entre aqueles que presenciam as manifestações deste problema, uma vez que as pesquisas realizadas sobre o tema mostram que a grande

maioria dos observadores ou testemunhas informou ter sentimentos negativos diante das agressões, indicando ainda que estes sentimento e condutas foram, de modo geral, de desaprovação as práticas dos agressores.

Contudo, os estudos revelam que há uma tendência entre os observadores ou testemunhas a não intervirem favoravelmente em situações de agressão, postura que pode ser determinada por diferentes fatores. De acordo com Lopes Neto (2011, p.53):

Os observadores ou testemunhas são representados pela grande maioria dos estudantes, que sofrem algum tipo de influência e reagem de diferentes formas [...] Além dos sentimentos envolvidos, há ainda o entendimento de que não seja um problema seu, de não se sentir capaz para cessar o *bullying*, de não saber como agir, de temer chamar a atenção para si. Além disso, é constante a descrença na capacidade de interesse da escola em interromper o *bullying*.

A adoção desta postura é prejudicial e reforça a disseminação do problema dentro da escola, pois tais dificuldades e temores ao instalarem uma espécie de lei do silêncio, fazem com que estas ocorrências permaneçam, de certa forma, ocultas e mascarem a dimensão do problema, que pode tranquilamente passar despercebido.

Estes aspectos se tornam muito preocupantes, uma vez que a manutenção deste cenário pode levar a interpretação de que estes atos são banais, e não merecem atenção ou intervenção adequadas; de que o comportamento agressivo seja estimulado e compreendido como uma regra a ser adotada entre os pares; e de que se agregue a estas ações, a ideia de que elas são os meios mais eficazes para se conseguir o que deseja.

3.3.2 Escola x *bullying*

A composição da subtemática – escola x *bullying* foi delineada a partir das referências feitas pelas alunas ao papel da escola, vista como um espaço de crescimento e aprimoramento intelectual, pessoal e social, mas que abriga em sua dinâmica, elementos contraditórios, que afetam a efetividade das ações que corroboram a estes fins. Dentre estes, situa-se a violência e mais especificamente o fenômeno *bullying*, enquanto uma de suas variantes e foco desta análise.

Estas contradições coexistem com as propostas de formação implementadas pelas instituições educacionais, corporificadas nas ações que compõem o currículo oculto, o qual compreende todas as práticas evidenciadas no contexto escolar, ainda que estas, não sejam condizentes com a finalidade maior do processo educacional.

Sendo assim, esta subtemática nos permitiu extrair as mensagens que exprimem a percepção deste grupo em relação a dicotomia existente entre a proposta de formação dos sujeitos empreendida pelas instituições formais de ensino e a instalação e disseminação de práticas que seguem na contramão destes objetivos, dentre elas, o *bullying*. Assim como, permitiram-nos identificar, a partir do olhar das entrevistadas, os reflexos negativos que este fenômeno acarreta ao desenvolvimento escolar de estudantes.

Ao se reportarem ao problema da disseminação da violência nas instituições de ensino, e mais precisamente a incidência de *bullying* nas relações entre estudantes, as alunas pesquisadas sinalizaram para a contradição existente entre as altas taxas destes eventos e a função social da escola. A fala a seguir expressa com clareza a compreensão do grupo sobre estas relações presentes na realidade da maioria das escolas:

Eu acho que essas coisas não deveriam acontecer na escola, porque a escola é um lugar de aprendizado, um lugar que agente vem pra aprender, pra ser uma pessoa melhor, mais educada... Mas o engraçado é que isso acontece muito na escola, quer dizer, na verdade não é engraçado, é estranho porque não deveria ser assim, tinha que ser ao contrário né, todo mundo tinha que se respeitar, pelo menos dentro da escola, não era pra ser desse jeito. (ALUNA-12)

Ao dialogarem sobre o papel da escola em relação à prevenção da violência e especialmente do fenômeno *bullying*, o grupo de alunas entrevistadas mostraram que desaprovam a ocorrência do fenômeno na escola, ao argumentarem que o papel desta instituição é o de educar e que portanto, práticas que denotem desacordo com este propósito não deveriam ser comuns em espaços de formação. Nesta direção Abramovay e Rua (2003, p.26) assinalam que a violência:

[...] afeta diretamente agressores, vítimas e testemunhas dessa violência e, principalmente, contribui para romper com a ideia da escola como lugar de conhecimento, de formação ao ser, da educação, como veículo, por excelência, do exercício e aprendizagem. Da ética e da comunicação por diálogo e, portanto, antítese da violência.

Ao discorrerem sobre as repercussões das práticas de *bullying* que poderão ter seus efeitos mais nocivos no processo de escolarização dos envolvidos, 57% das alunas identificaram o desinteresse pela escola como um dos principais reflexos negativos

deste problema, uma vez que este fator poderá resultar no abandono da instituição de ensino e consequentemente contribuirá para a elevação das taxas de evasão escolar. Esta afirmação é destacada nas duas falas a seguir:

É, prejudica! Principalmente porque a pessoa pode nem querer mais ir pra escola e quando a mãe perguntar: Não tá na hora de você ir pra escola? Ela dá uma desculpa que tipo, não tá se sentindo bem, diz que ta com dor em algum lugar, mas é tudo inventado, é mentira! Ela se sente mal na escola, e vai inventar um monte de coisa pra não ter que ir pra lá, aí não tem como... Não se prejudicar. (ALUNA-05)

O que pode acontecer é que, quem tá passando por isso pode perder a vontade de estudar, porque a escola vai perder o sentido né, vai se transformar num lugar que ela não gosta, não vê graça de estar, acha que a escola não é lugar pra ela, e nesse caso, tem gente até que para de estudar, abandona! (ALUNA-10)

As respostas acima focalizam ainda os possíveis problemas de ordem psicossomática que podem ser desenvolvidos pelas vítimas, como aludido pela aluna-05, ao mencionar a alegação de dores e mal estar como justificativas para não ir à escola. Neste caso, a entrevistada, refere-se aos sintomas como “invenção”, “mentira”, contudo, é pertinente destacar que estes problemas podem se manifestar de forma concreta, conforme anuncia Lopes Neto (2011, p.45) que mal estares como “dores de cabeça, dores abdominais, ansiedade, absenteísmo escolar e recusa a ir à escola”, são indicadores frequentes nos casos de vitimização por *bullying*.

A aluna-10 fez referência a um aspecto importante para esta discussão, que se encontra expresso no trecho “porque a escola vai perder o sentido né”. A nosso ver, esta frase mensura o valor atribuído por estas jovens à escola e ilustra os significados que a instituição tem para estes sujeitos. Na medida em que reforça a ideia de que o papel da escola deve ser o de promover a aprendizagem e o desenvolvimento, utilizando-se, dentre outros mecanismos, de ações pautadas por uma formação crítica problematizadora e questionadora, sem contudo perder o foco quanto ao estímulo de princípios de acolhimento e tolerância, de respeito, compreensão e valorização do outro, aspectos essenciais à legitimidade da escola enquanto espaço privilegiado para o desenvolvimento humano.

Outra consequência ocasionada pelo *bullying* quanto a sua ação negativa em contexto escolar, está relacionada aos prejuízos que repercutem diretamente no aprendizado dos alunos envolvidos. Deste modo 42,8% das respondentes mencionaram que o *bullying* pode contribuir significativamente para os casos de déficit de aprendizagem. As três explanações abaixo reforçam esta percepção, partilhada pelas entrevistadas:

Na minha opinião prejudica, porque a pessoa vai ficar triste, ficar chateada, se sentindo mal! Pode ser porque é excluída do grupo, pode ser porque xinguem, inventem mentira ou batam nela, não tem como passar por isso e não ligar, é impossível... Pelo menos eu né, eu tiro por mim, se fosse comigo, eu ia ficar muito triste! E é claro que de algum jeito, isso vai prejudicar nos estudos também. (ALUNA-13)

... Como as meninas já disseram, começa a faltar aula, vai perder o assunto, a explicação, e numa dessas... Pode até reprovar! Acho que sem dúvida pode prejudicar muito na hora da pessoa aprender. (ALUNA-07)

Eu acho que sim! Porque a pessoa fica com o psicológico dela abalado né. Então isso já vai, é... Influenciar em outras coisas também, até na forma como a pessoa aprende né. (ALUNA-08)

A compreensão de que o envolvimento em episódios de agressão (exclusão, xingamento, calúnia e danos físicos) converge para um quadro de desestabilização que tem seus efeitos tanto no campo físico quanto no psicológico e podem repercutir de forma negativa no âmbito cognitivo, é comum entre as entrevistadas.

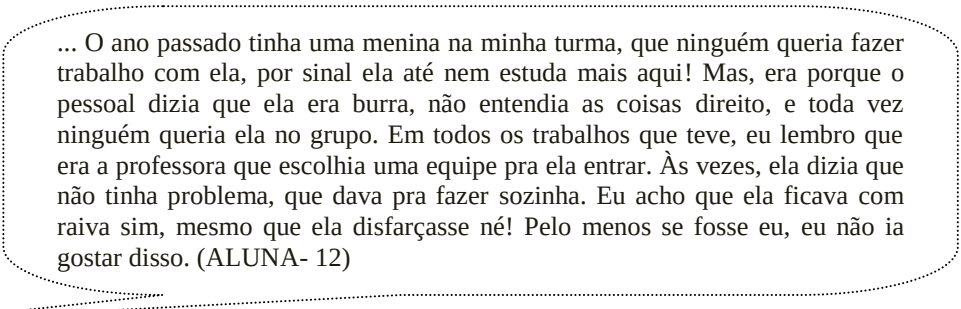
Do mesmo modo, a adoção de posturas prejudiciais como alternativas para evitar o confronto direto, como “faltar aula e deixar de ter acesso ao assunto e a explicação”, conforme citado pela aluna-07, configura-se como um fator que limita o progresso dos alunos envolvidos em situações de *bullying*. A articulação entre estes e outros aspectos resultantes desta problemática, leva estas alunas a partilharem a ideia de que é improvável sair ileso (a) de eventos desta natureza.

Observamos que a percepção destas alunas corresponde ao que vem sendo afirmado por autores como Fante (2005); Lopes Neto (2011); Moreira (2010); cujos estudos mostraram que a presença do bullying nas instituições de ensino compromete significativamente o processo educacional, na medida em que, a inserção em ambientes

hostis, marcados pela intolerância e pela violência, implica em uma possibilidade concreta de que os alunos diretamente envolvidos nos conflitos decorrentes deste contexto, mostrem-se desmotivados em relação à escola.

Este processo, por sua vez, tende a culminar no desinteresse pelas atividades de ensino, pela realização das tarefas e outros problemas como desatenção e falta de socialização. Enfim, uma série de fatores que inviabilizam um relacionamento saudável com o ambiente escolar e que comprometem o desenvolvimento do aluno.

Aspectos como o isolamento e a exclusão foram citados por 28,5% das participantes do estudo, como um ponto desfavorável ao bem estar do aluno na instituição de ensino e, portanto, prejudicial ao seu desenvolvimento escolar. Sobre este aspecto, vejamos o que nos relatou uma das entrevistadas:



... O ano passado tinha uma menina na minha turma, que ninguém queria fazer trabalho com ela, por sinal ela até nem estuda mais aqui! Mas, era porque o pessoal dizia que ela era burra, não entendia as coisas direito, e toda vez ninguém queria ela no grupo. Em todos os trabalhos que teve, eu lembro que era a professora que escolhia uma equipe pra ela entrar. Às vezes, ela dizia que não tinha problema, que dava pra fazer sozinha. Eu acho que ela ficava com raiva sim, mesmo que ela disfarçasse né! Pelo menos se fosse eu, eu não ia gostar disso. (ALUNA- 12)

A narrativa acima, tomada como exemplo, ilustra uma situação real de exclusão de uma aluna por seus colegas de turma. Pretende-se destacar neste episódio, a condição a que a estudante esteve submetida, diante da hostilidade com a qual foi obrigada a conviver durante todo um ano letivo, bem como o cenário desfavorável que certamente trouxe implicações negativas, relacionadas tanto às dimensões psíquica e social quanto relativas ao seu desenvolvimento escolar.

Focalizando a dimensão cognitiva, esta situação pode ser analisada em uma interlocução com as ideias de autores como Del Prette e Del Prette (2005); Lisboa (2004); Koller (2004) que destacam a importância dos relacionamentos interpessoais positivos, sobretudo na infância e na adolescência, visto que eles influenciam diretamente no desenvolvimento do indivíduo, pois contribuem para a elevação da autoestima, estimulam o desenvolvimento de habilidades sociais e geram melhores níveis de aprendizagem.

De acordo com Lisboa (2009) as relações positivas de amizade mediatizadas pelas interações nos grupos de pares, além de favorecer o delineamento da identidade e

do papel social, exerce influência positiva na aprendizagem dos conteúdos formais de ensino bem como na aprendizagem de habilidades e competências sociais.

Olweus (1993) assevera que a vitimização pelo grupo de pares e a rejeição social são fatores capazes de provocar dificuldades de ajustamento que poderão perdurar por todo o ciclo vital, além de problemas relacionados a socialização, a aprendizagem e a evasão escolar.

Diante destas assertivas, conclui-se que o *bullying* exerce efeitos indesejáveis no desenvolvimento individual e social dos alunos e pode estar correlacionado a problemas de rendimento acadêmico e ao desenvolvimento de uma percepção negativa sobre a escola. (ALMEIDA, 2001).

Os resultados da pesquisa nacional sobre *bullying* realizada pelo instituto PLAN (2010, p.53) revelaram “que a maior consequência dos maus tratos na vida escolar das vítimas recai sobre o próprio processo de aprendizagem”.

Deste modo, ainda que as consequências do bullying para os envolvidos, sejam muito relativas, este é um problema que não tende a passar despercebido, com possibilidade de afetar diferentes âmbitos da vida dos que nele se encontram envolvidos, além de ser um agente que sem dúvida tem um grande potencial para estimular e agravar situações de conflito, e que por isso contribui sobremaneira para a banalização e naturalização da violência.

3. 4 Medidas de enfrentamento

As unidades de significado deram origem à questões relativas as medidas de enfrentamento, configurada como a quarta temática interpretativa e da qual emergiu a subtemática o papel da escola e da família. Nestes temas, abordam-se os pontos consensuais dos sujeitos deste estudo sobre as ações de combate ao *bullying*, com destaque para a parceria entre escola e família na elaboração de medidas de intervenção mais efetivas para o problema.

O consenso de que o fenômeno bullying é um problema multifatorial que decorre do entrelaçamento de diferentes aspectos, indica que as ações implementadas para o seu enfrentamento, devem envolver os esforços de diferentes instâncias. Nesta direção o papel da escola e da família se torna fundamental para o êxito destas ações, na medida em que estes espaços são por excelência os que exercem maior influência na formação e orientação dos indivíduos. Lopes Neto (2011), ao avaliar a relação entre família e

escola como um fator essencial para ações assertivas no combate ao *bullying*, afirma que:

Quando surge o sentimento de que seja necessário discutir sobre a ocorrência de *bullying* nas escolas o envolvimento familiar é fundamental, tanto para a elaboração e execução das ações antibullying, como para a formalização do papel de orientador e do apoio para seus filhos. Este movimento de afirmação deve ter mão dupla, contando também com a iniciativa da própria escola. (LOPES NETO, 2011, p.87)

A parceria entre família e escola é algo que vem sendo apontado como uma alternativa essencial à resolução de diferentes problemas no âmbito educacional. Quanto à questão da violência esta visão é ampliada, uma vez que a conduta violenta tem suas bases na ausência do respeito.

Neste contexto, a família tem papel singular, pois é ela quem define aquilo que primeiramente deverá fazer parte do repertório educativo de seus filhos, tendo em vista que os valores precisam ser estimulados desde a fase inicial de socialização do sujeito com o mundo, e neste caso, a família como primeira instituição formadora do sujeito tem papel fundamental.

3.4.1 Ações articuladas: O papel da escola e da família

Com relação a este aspecto as entrevistadas mencionaram a importância da escola e da família estarem articuladas no empreendimento de ações de conscientização, prevenção e combate ao fenômeno *bullying*:

Eu acho que a escola tem que falar sobre a violência, o *bullying* né, mas também a família, os pais eles tem o dever de falar sobre isso, porque a educação é na escola, mas é em casa também, tem que vir dos dois lados. (ALUNA-10)

Eu acho que isso tem que ser falado na escola e pelos pais. (ALUNA- 03)

O entendimento de que a escola e os pais devem realizar um trabalho conjunto em direção ao enfrentamento deste problema, é compartilhado por 57% das alunas entrevistadas. A compreensão de que a educação é um processo que se dá tanto em âmbito escolar, quanto familiar fundamentaram as respostas das participantes, que

destacaram que durante a maior parte do tempo o indivíduo permanece em companhia dos familiares ou em outros ambientes, que não a escola, o que implica dizer que estas ações precisam transcender o ambiente escolar.

Outro aspecto abordado pelas alunas, diz respeito a promoção de atividades que visem a informação e o esclarecimento de temas presentes no cotidiano das escolas e que fazem parte do universo dos discentes.

Deste modo, 42,8% das entrevistadas disseram que a escola deve organizar palestras e outras atividades, dentre as quais debates, trabalhos e projetos direcionados ao tema, que envolvam alunos, pais e familiares, uma vez que a maior incidência de casos de *bullying* é registrado em instituições de ensino. As respostas destacadas abaixo ilustram esta percepção:

Deveria ter um trabalho na escola, na família, com os alunos e com os pais para ajudar no combate do *bullying*, e o melhor lugar seria a escola, porque acontece muito *bullying* na escola. Então tem que falar de respeito, de combate a violência. Porque é papel da escola sim, não só ensinar o português, a matemática e as matérias que todo mundo conhece, mas também trabalhar o moral, porque isso também ajuda, é importante na vida. (ALUNA-09)

... Debate ou palestra com a família e com os alunos, podia também ser um trabalho, tipo um projeto né, com todas as turmas. (ALUNA-01)

A necessidade de abordar assuntos pouco debatidos e que atravessam o cotidiano da escola é apontada por estes sujeitos como essencial ao desenvolvimento dos alunos e tão importante quanto o trabalho com os conteúdos das demais áreas de conhecimento, os quais recebem destaque no currículo escolar. O diálogo e a informação foram destacados como os meios mais eficazes a serem utilizados para alertar e prevenir o *bullying*:

A escola deveria fazer palestras, deveria conversar, ter cartazes, falar mais sobre esse assunto, porque é como se ele não existisse na escola, e tá acontecendo, agente vê muito. (ALUNA-11)

Eu acho que aqui na escola tá faltando falar sobre muitas coisas, não só sobre *bullying*, mas também sobre outros assuntos que são importantes, por exemplo, sobre drogas, sobre sexualidade, gravidez, sobre certas doenças. Olha, eu vim de outra escola, e já estudo aqui há dois anos. Na escola de onde eu vim sempre tinha alguma coisa, palestra, vídeo que tratava desses assuntos, mas aqui é... Se fala pouco sobre isso, eu vejo que tá faltando sabe, alertar mais os alunos. (ALUNA-13)

Cerca de 35,7% das alunas fazem referência a pouca visibilidade dada ao *bullying* e a outros temas importantes à formação dos alunos, que segundo as entrevistadas precisam receber mais atenção por parte das escolas, uma vez que a ausência de debates sobre estas problemáticas tem contribuído para que elas adentrem a escola na sua forma mais prejudicial. De acordo com Nascimento (2012, p.17,18):

As escolas se configuram como lugar onde os jovens, ao mesmo tempo em que compartilham afetos, amizades e estabelecem suas relações e comportamento, também podem contar com um campo de formação e de esclarecimento. Nesse sentido, são espaços singulares de prevenção à violência e de construção de novos contextos sociais e de relacionamentos [...] Ainda, a abordagem de temas relacionados à afetividade, à autoestima e ao desenvolvimento da identidade cultural, que qualificam a prática educacional, pode estar presente na ação educativa dos membros da escola.

Neste prisma, a escola enquanto instância promotora de conhecimento precisa trazer para o debate, os diferentes aspectos que atravessam a dinâmica escolar e que, portanto, devem ter um espaço no desenho curricular das instituições de ensino. Deste modo, além do *bullying*, temas como: gravidez, doenças sexualmente transmissíveis e drogas foram citados pelas alunas como questões importantes para serem trabalhadas no contexto educativo.

3.5 Penas e sanções para a prática de *bullying*

Finalmente a última temática interpretativa – penas e sanções para a prática de *bullying*, foi elaborada com base nas inferências das alunas em torno do consenso que a conduta de *bullying* é um ato delituoso que atenta contra o bem estar emocional, psíquico e social, sobretudo das vítimas, e que deve portanto ser reprimida por meio da responsabilização dos perpetradores.

Da referida temática emergiram duas subtemáticas, quais sejam: impunidade, que encerra a compreensão das jovens em relação aos fatores que favorecem a disseminação de condutas agressivas e reparação, que aborda a centralidade das ideias destas alunas

em torno da necessidade de responsabilização e aplicação de pena para praticantes de *bullying*.

3.5.1 Impunidade

Para a totalidade das alunas entrevistadas a ausência de punição reforça as práticas de *bullying*, conforme visualizamos no discurso de uma delas:

Eu acho que bullying tem que ser considerado crime, como agente viu agora no vídeo né, uma menina foi morta e não teve pena nenhuma, então vai ficar assim, por isso mesmo? É por isso que continua, se ninguém paga por isso, não vai parar. A família perde uma pessoa que ama e isso vai ficar assim. Não, não pode! Então eu concordo que *bullying* seja considerado crime. (ALUNA-08)

Os discursos analisados revelaram que para estas estudantes a impunidade dá ao (a) agressor (a) a possibilidade de seguir cometendo estas ações sem um impeditivo que o (a) obrigue a parar ou que pelo menos o (a) faça refletir sobre a gravidade de seus atos. De modo que a impunidade, contribui para a disseminação deste problema.

As alunas fazem referência à necessidade dos casos de *bullying* não serem tolerados pela escola, que por sua vez, deve punir os agressores. Do mesmo modo, manifestaram-se favoráveis a aplicação de penalidades jurídicas como medidas cabíveis às condutas de *bullying*, por entenderem que estas se configuram como meios mais eficazes para coibir o problema.

Contudo, os discursos revelam que há uma tendência a determinar a rigidez das penas, de forma gradual, isto é, de acordo com a gravidade atribuída às ações praticadas. Este ajustamento indica que a pena de detenção, estabelecida pela comissão que elabora o anteprojeto de revisão do Código Penal, seja aplicada somente em casos extremos. Sendo sugerida, de modo geral, apenas para situações que envolvam a prática de homicídio. A fala abaixo assinala esta percepção:

Eu acho que tem que ter pena sim, por exemplo, se xingar, tinha que pagar uma indenização, tudinho porque... Porque a pessoa ofendeu a outra né. Se chegasse a bater aí ela devia fazer serviço comunitário, e se... Matasse, aí sim ela tinha que ser presa. (ALUNA-07)

Observamos que a aluna-07, embora convencida do caráter delituoso do *bullying*, tende a relativizar a gravidade destes eventos, minimizando os efeitos das diversas formas de agressão sobre as vítimas. Esta percepção é descortinada quando a jovem verbaliza que somente a prática do homicídio justificaria a prisão do agressor.

Longe de defendermos a adoção de medidas extremas para o trato de uma questão tão complexa quanto o *bullying*, que reconhecemos se tratar de um fenômeno de causas multifatoriais e, nos identificando muito mais com uma proposta de enfrentamento que se volte para os condicionantes deste problema, consideramos pertinente, apontar este dado com a finalidade de alertar sobre a impossibilidade de se ignorar os efeitos do *bullying*, para que mais adiante ele não venha a se manifestar em suas formas mais graves.

De acordo com Fante (2005) a impunidade enquanto um fator que reforça os atos de *bullying* é em grande medida, atribuída a forma como os autores conduzem as situações de agressão, uma vez que tentam dissimulá-la com a intenção de não serem descobertos. Outro aspecto mencionado pela autora é a pouca atenção que o problema recebe por parte de professores e gestores e demais profissionais que atuam nas escolas.

Para o problema da impunidade concorre ainda a postura das vítimas e dos espectadores. No caso das vítimas, isto se explica, porque as mesmas tendem a não denunciarem os maus tratos sofridos por acreditarem que, além de se exporem serão ignoradas. A omissão, indiferença ou condescendência dos espectadores em relação às agressões sofridas pelas vítimas se deve a alguns fatores, dentre eles, o desconhecimento sobre o *bullying* e seus efeitos, a incerteza quanto à atitude a ser tomada, o sentimento de incapacidade em solucionar o problema ou mesmo pelo receio de se tornarem as próximas vítimas. A este respeito Lopes Neto (2011, p.57) diz que:

Os que não praticam ou sofrem *bullying* devem ser entendidos como parte do problema e parte da solução. Por isso, a abordagem do *bullying* visando a sua redução, deve envolver toda a comunidade escolar, desenvolvendo ações voltadas às transformações no ambiente das turmas e ao incentivo à percepção do *bullying* por todos os estudantes. As ações continuadas de conscientização e mudança de comportamento de professores e escolares contribuem para a identificação de diferentes formas de *bullying* e para a desconstrução de crenças e conceitos que favoreçam a perpetuação da agressividade entre os estudantes.

Para Beane (2011), as ameaças e ataques físicos precisam ser tratados com muita seriedade e devem ser encaminhados às instâncias competentes com vistas à resolução

do problema. No sentido de que não haja convivência com tais práticas e se evite a impunidade.

Sob este prisma, o *bullying* não pode continuar sendo visto como um problema de menor proporção dentro das escolas, que não devem ignorá-lo, nem desconsiderar a sua influência negativa na formação do sujeito. Neste sentido, é necessário compreender que “tolerar o *bullying* significa perder o direito a questionar a violência em seu sentido amplo.” (LOPES NETO, 2011, p.86)

3.5.2 Reparação

Quanto às formas de responsabilização pela prática de *bullying*, as alunas foram unânimes ao dizerem que são favoráveis a aplicação de penalidades que devem ser executadas por via judicial. Estas, divergiram apenas quanto ao tipo de punição a ser infligida.

Deste modo, 50% das entrevistadas apontaram para a prestação de serviço comunitário como a melhor alternativa para que os (as) agressores (as) respondessem por suas ações. Conforme ilustra o depoimento abaixo:

Eu acho que tem que ser considerado crime, mas eu não acho que tem que ir para a cadeia... Eu concordo assim, que a pessoa faça alguma tarefa, que nem pintar a escola, ou então ajudar na limpeza, na copa, porque ela sabe que tá errado, mesmo sendo de menor ela sabe que não pode ficar é...É... Ofendendo as pessoas, agredindo os outros. Eu acho que todo mundo sabe que isso não é certo, faz porque quer, então... Tem que saber que vai ter uma consequência. (ALUNA-13)

Pode-se dizer que para a aluna-13 a prática de *bullying* está configurada como crime, entretanto, é válido considerar que sua fala dá margem à duas interpretações. A primeira é a de que a estudante percebe o caráter delituoso do *bullying*, porém minimiza seus efeitos nocivos e o classifica como um delito de menor gravidade. A segunda interpretação, sugere que ela compreende a prestação de serviços à sociedade como algo que tenha um sentido mais apropriado à situação, uma vez que esta alternativa, ao pressupor uma perspectiva humanizadora, possibilita que o agressor, ao ajudar outras pessoas, seja estimulado a desenvolver uma postura altruísta que o leve a refletir sobre suas ações.

Cerca de 35,7% da amostra revelou ser favorável a adoção de medidas mais drásticas de combate ao *bullying*, ao afirmarem que, caso o agressor já tenha atingido a maior idade, a detenção será a pena mais indicada para o delito. O fragmento abaixo é representativo desta ideia:

Se já tiver 18 anos, eu concordo que pode ser preso. (ALUNA-05)

A criminalização do *bullying* é um tema polêmico, especialmente quanto ao consenso sobre a delimitação das ações que o tipifiquem. Mais controversa ainda, é a proposta que prevê pena de um a quatro anos de reclusão, vista por muitos como descabida e exagerada. Vale ressaltar, que entre os próprios estudiosos do fenômeno, a medida divide opiniões. Sobre este ponto de vista, Lopes Neto (2011, p. 68, 70) declara:

Salvo as situações de extrema gravidade, não creio que o entendimento dos atos de *bullying* como crimes seja uma medida adequada para a redução do comportamento agressivo nas escolas [...] Por outro lado, é necessário que se entenda que alguns tipos de *bullying* são atos criminosos reais e que as escolas podem ser responsabilizadas por omissão ou mesmo conivência, se não assumirem posturas incisivas em tempo hábil.

Em que pese esta discussão estar pautada pela compreensão das proporções atingidas pelo fenômeno *bullying*, e configure alternativas para o seu enfrentamento. Propostas desenvolvidas com base no entendimento de que a atuação preventiva, que busca reconhecer os fatores condicionantes do problema e operar sobre eles, bem como focalizar na mudança de atitude e na valorização de princípios que prezem pela “promoção da amizade, solidariedade e do respeito às diferenças” (LOPES NETO, 2011, p. 68) atendem com muito mais êxito aos objetivos que orientam as ações que visam combater este problema.

A responsabilização dos pais, quando o delito for cometido por indivíduos menores de idade, foi apontada por 28,5% das alunas pesquisadas:

Pra mim, pode se dizer que *bullying* é crime, e quem fica perseguindo os outros, deveria pagar de alguma forma. Se for menor eu acho que o pai deveria responder, mas se quem comete for maior tem que responder pelo que fez. (ALUNA-09)

Cumprê destacar, que este dado aparece com menor frequência nas respostas das alunas, que em sua maioria consideraram que os pais, ainda que tenham grande responsabilidade pela formação e orientação de seus filhos, não podem ser penalizados pelos erros que estes cometeram.

3.6 Imagens e significados de alunas do ensino fundamental sobre o *bullying* e suas implicações no processo de escolarização.

Nesta subseção procederemos à caracterização das representações sociais das alunas da 8ª série do ensino fundamental sobre o fenômeno *bullying*, estruturadas com base nas objetivações e ancoragens dos sujeitos em torno do objeto representado. Este processo é constituído a partir das imagens, sentidos e significados partilhados pelas alunas e expressos nos discursos por elas veiculados, compondo o universo consensual sobre o qual emergem as representações sociais.

Nesta direção, serão apresentadas as temáticas analíticas que assinalam as imagens e os sentidos partilhados pelos sujeitos do estudo em relação ao objeto em foco. Estas se constituíram através do reagrupamento das temáticas interpretativas, fundamentadas na matriz teórica das Representações Sociais, a partir dos elementos centrais que a estruturam. São eles: a **objetivação**, que consiste na união de um conceito a uma imagem, sendo representada pela imagem mental dos sujeitos participantes do estudo, as alunas da 8ª série do ensino fundamental, sobre um determinado objeto; neste caso, o fenômeno *bullying*; e a **ancoragem**, que se traduz na rede de significações que circundam o objeto, e exprime o significado que esse grupo social agrega a imagem mental do objeto em destaque.

Este procedimento de análise nos permitiu mapear as inferências relativas à objetivação e a ancoragem que constituem as representações sociais das alunas do ensino fundamental, sobre o fenômeno *bullying* e suas implicações no processo de escolarização. Deste modo, as temáticas analíticas resultam do mapeamento das questões que delinearão o estudo ora apresentado.

A seguir será exposta a lógica de sentido estabelecida por cada uma das referidas temáticas, as quais serão apresentadas sem distinção hierárquica.

❖ Maus tratos

Esta temática está vinculada às imagens mentais e aos sentidos que as alunas partilham sobre as ações que caracterizam o fenômeno *bullying*, o qual definem como um comportamento que se adota com a clara intenção de maltratar o outro. Esta imagem está ancorada em condutas de agressão verbal, que ocorrem por meio de ações como apelidar, ofender, xingar, entre outras; de agressão psicológica, que compreende práticas como discriminar, excluir, humilhar, e; de agressão física, que remetem às ações como agredir, bater e brigar.

Deste modo, recorreremos aos estudos de Lopes Neto (2011), que abordam os tipos de *bullying* e as ações mais comuns para este padrão de comportamento:

Existem dois critérios de classificação baseados nas circunstâncias em que as vítimas são agredidas e no tipo de agressão sofrida. As ações diretas são as praticadas diretamente contra os alvos e as indiretas, que não exigem a presença física dos alvos para que sejam efetivadas [...] O *bullying* direto é subdividido em físico (bater, chutar, tomar, pertences), verbal (apelidos, insultos), gestual, sonoro ou relacional (sinais, imitações, sons simulados) [...] Entende-se como *bullying* indireto: a disseminação de histórias desabonadoras, exclusão, ameaças, furtos, danos materiais etc. [...]. (LOPES NETO, 2011, p. 23).

Em seus discursos as alunas fazem referência às dificuldades e problemas que podem surgir em decorrência do envolvimento com o *bullying*, sobretudo, para os que estão na condição de vítimas e de agressores.

Em relação às consequências trazidas pelo envolvimento em situações de *bullying*, Fante (2005) ressalta que estas, dependerão da reação das vítimas, pois envolvem uma série de fatores que concorrem diretamente para a superação ou não superação dos possíveis traumas provocados pelo problema. Dentre estes, são destacados: as características individuais, a habilidade de se relacionar consigo mesmo, com o meio social e com meio familiar. A autora faz referência a uma variedade de consequências que poderão atingir os envolvidos. São estas: a baixa autoestima, dificuldades de aprendizagem, queda do rendimento escolar, podendo desenvolver transtornos mentais e psicopatologias graves, problemas psicossomáticos, comportamento depressivo, aumento da agressividade, absenteísmo e evasão escolar.

As pesquisas de Silva (2010), apontaram para a possibilidade do *bullying* afetar os envolvidos por meio de uma série de sequelas graves e abrangentes, e também destacam o desenvolvimento de doenças psicossomáticas, ansiedade e depressão, fobia

escolar, fobia social, envolvimento na criminalidade, dentre outros. Segundo a referida autora, há ainda a possibilidade de agravamento de problemas preexistentes, que poderão surgir em decorrência da exposição contínua a situações de estresse.

Tognetta (2005) considera que tanto alvos quanto autores de *bullying* são seriamente prejudicados e precisam de orientação e ajuda, uma vez que as vítimas são atingidas em sua autoestima, que é gradativamente deteriorada, aspecto que interfere de modo negativo na percepção que estes sujeitos têm de si mesmos. No caso dos autores de *bullying*, o auxílio e a orientação são intervenções necessárias, porque a adoção de tais condutas não tem repercussões apenas nas vítimas, mas também recaem de forma negativa sobre os próprios agressores, sobretudo, em função da deterioração de valores morais e da degradação do desenvolvimento afetivo que estas práticas provocam sobre estes indivíduos.

As aproximações observadas, permitem-nos inferir que as objetivações e ancoragens das estudantes em relação aos atos inerentes a prática do *bullying*, correspondem ao que a literatura específica sobre o tema estabelece como definições e características deste problema, bem como, em relação às dificuldades e sequelas que poderão se originar a partir do envolvimento nesta situação. Além de indicar que as alunas associam estas ações à ocorrência do fenômeno, assim como demonstram identificar as intenções implícitas a esta prática.

❖ Ameaça e invisibilidade

Esta temática articula o pensamento partilhado pelas alunas sobre os sentimentos que movem os (as) agressores (as) no ataque as suas vítimas e desvela imagens como: diferença, intolerância, desrespeito, inveja, competição e rivalidade. Os sentidos relativos às imagens identificadas como diferença, intolerância e desrespeito apontam para as dificuldades de aceitação das diferenças do outro, do individualismo exacerbado e da percepção do outro como ameaça, como fatores que motivam o assédio, a intimidação e a agressão direcionada às vítimas. Estas, geralmente são desrespeitadas e inferiorizadas por representarem uma ameaça ou risco, ou ainda por não serem reconhecidas em suas diferenças.

Camacho (2000, p.12) considera que o excesso de individualismo contribui para a banalização de atos de violência dentro da escola, uma vez que o indivíduo

autocentrado, tende a movimentar-se no sentido de anular o que julga ser oposto ao que acredita ou ainda ao que lhe soa como ameaça, desconsiderando a presença do outro:

A ideologia dos tempos contemporâneos, que prega o individualismo exacerbado, que nega e até combate as iniciativas coletivas, faz com que o sujeito não enxergue o outro. O outro é o diferente, é o estranho, é o nada. O que tem valor é o “eu” e aqueles com os quais o “eu” se identifica. O outro não desperta a solidariedade, o respeito, o bem-querer, e pode, por qualquer motivo banal, ser destruído, eliminado, segregado e excluído.

A análise dos conteúdos expressos pelas alunas, permitem-nos inferir que, para elas, o *bullying*, de forma específica, reflete um padrão de sociabilidade em que as relações entre os indivíduos ou grupos são marcadas pelo desrespeito, pela intolerância e resistência ao diferente, fatores que culminam em posturas preconceituosas e discriminatórias. Para Goffman (1982) a sociedade estabelece critérios de classificação que definem padrões de normalidade. A maior parte destes, embora volúveis, pois variam conforme o contexto social, histórico e cultural de cada época, tendem a punir àqueles que não se adaptam a estes padrões, isto é, aos que fogem a regra, os quais, estigmatizados passam a ser alvos de preconceito e discriminação.

Neste sentido, Middleton-Moz e Zawadski (2007), destacam que de modo implícito e, ainda na infância, os indivíduos são inseridos em um processo de classificação que os categoriza em subgrupos, com base em diferentes critérios, os quais determinarão o lugar e o papel social a serem ocupados. Estes são determinantes sociais que incidem diretamente na postura dos sujeitos e contribuem para uma cultura arbitrária, cujas bases se estruturam em uma lógica de valor inversa.

Os sentidos e significados atribuídos às imagens definidas como inveja competição e rivalidade, apareceram relacionados, sobretudo, as condutas de *bullying* que se inscrevem no contexto das relações femininas, e se expressam como fatores que incitam e motivam a agressão, pois podem levar as (os) autoras (es) a quererem atingir seus alvos, com o objetivo de dirimi-los em seus espaços de convívio e interação, em função do desejo de se projetar sobre estes.

Simmons (2011) assinala que, de modo geral, a intimidação e conduta agressiva entre meninas, tende a ocorrer balizada por ações que visam principalmente atingir a autoestima e a reputação da vítima com a intenção de que esta passe a ser gradativamente ignorada e excluída por seu grupo.

Para as alunas estes subterfúgios são comuns aos dois gêneros, visto que, podem ser identificados tanto nas ações praticadas por meninas, quanto nas que são cometidas pelos meninos. Contudo, as entrevistadas reconhecem que estes fatores e formas de agir estão muito mais presentes no universo feminino. Nesta direção, as respondentes destacam ainda que, a agressão física, embora se manifeste com menor incidência neste grupo, vem crescendo e cada vez é mais frequente nos conflitos entre meninas.

Em seus estudos, Lopes Neto (2011) menciona as diferenças existentes nas condutas de meninos e meninas com relação à prática de bullying, onde destaca que estas especificidades foram identificadas tanto em seus estudos, quanto em outras pesquisas que abordam o fenômeno. De acordo com este autor (2011, p.25):

Os tipos de *bullying* praticados variam com o sexo dos envolvidos[...] As meninas adotam mais a prática do *bullying* indireto (difamando, oprimindo, excluindo etc.) o que dificulta a sua identificação, por não ser uma agressão explícita. Outro fator perceptível é que os autores de *bullying* de ambos os sexos são mais cruéis com os alvos do mesmo sexo do que com os do sexo oposto.

Em que pese estas diferenças, a lógica que fundamenta as condutas de *bullying* assumem o mesmo sentido. Uma vez que, em ambos os casos estão implícitas as intenções de maltratar e machucar o outro, promovendo uma dinâmica que favorece “a insensibilidade ao sofrimento, o desrespeito e a invasão do campo do outro.” (CAMACHO 2007, p. 128),

Em síntese, esta temática revelou as imagens mentais que as alunas articulam em torno dos fatores que motivam as condutas de *bullying* e evidenciam um sentido que se vincula aos componentes ameaça e invisibilidade, uma vez que estes, correspondem a ideia de que, por se sentir ameaçado (a), seja pela diferença que leva a rejeição, ou pela ausência daquilo que não possui, mas está presente no outro, o sujeito se move no sentido de destituir este outro de sua expressão, de torná-lo invisível.

❖ Contradição

Esta temática agrupa os sentidos que as estudantes possuem sobre a escola enquanto um espaço de desaprendizagens, e revelam o significado social que a instituição escolar tem para elas, o qual não condiz com práticas que não correspondam ao papel e a função social atribuída à escola. Estas, não obstante, se integram à sua dinâmica e rotina de trabalho, e reproduzem condutas que se deslocam no sentido

oposto àquele pensado no projeto educacional. Estas ancoragens e sentidos, vinculam-se a uma imagem mental representada pela contradição entre o ideal e o real.

Os discursos veiculados pelas alunas remetem a importância da abordagem de temas que não se encontram diretamente estabelecidos nos conteúdos sistematizados pelos currículos formais de ensino, e destacam a dimensão formativa da escola, que deve ser legitimada pela difusão de ideias e práticas cujos objetivos se voltem para o desenvolvimento de atitudes, condutas e valores que transcendem o ambiente escolar, e se personificam em outros contextos da vida social.

Trata-se da abordagem dos conteúdos em sua dimensão atitudinal, conceitual e procedimental, que atendem as seguintes definições: os conteúdos atitudinais se articulam à construção de atitudes e valores que permitem aos alunos, mediante a apropriação das informações, operar sobre a realidade concreta. Os conteúdos conceituais correspondem ao processo de construção das capacidades intelectuais que permitem a intervenção sobre as ideias, imagens, símbolos, e representações que organizam e produzem a realidade e; os conteúdos procedimentais estão relacionados à autonomia dos estudantes na construção de instrumentos de análise para o tratamento dos resultados obtidos, bem como dos processos mobilizados para atingir as metas propostas. (PCN, 1991, p. 61).

A articulação dos conteúdos nestes moldes, intencionou que o trabalho educativo contemple, em certa medida, a dimensão técnica e científica e a dimensão ética e moral do processo de formação e desenvolvimento humano. Nesta perspectiva, vincula-se o significado da escola, à ideia de instituição historicamente responsável pelas funções de instruir e formar (PUIG, 2003). Compreende-se por instruir, as ações relacionadas ao processo de socialização e difusão dos saberes acumulados pela humanidade e socialmente valorizados; ao passo que formar, corresponde a construção de valores e disposições internas a serem partilhadas pelos indivíduos nestas instituições de ensino. Estes processos dizem respeito, respectivamente, a dimensão cognitiva e intelectual e a formação ética e moral.

Conforme nos diz Zabalza (2000, p.22) “[...] a escola não pode fazer milagres, mas tampouco deve renunciar ao cumprimento de sua função formadora, seja qual for o meio social e cultural no qual se move”. Nesta direção, independente do posicionamento da escola com relação às propostas de formação que desenvolve, ela deve estar sensível

aos problemas que afligem a sociedade, dentre estes, a violência em suas diversas manifestações.

As falas analisadas anunciam que a escola, na medida em que tem seu cenário alterado por fatores que afetam diretamente a sua dinâmica, correrá o risco de perder o sentido que carrega, diante da instalação de um clima de instabilidade e insegurança que poderá resultar no distanciamento daqueles que se ressentem desta situação, tendo como consequência a perda do interesse pela instituição e seu consequente abandono. Nesta direção, Lopes Neto (2007, p.) assevera que:

A escola é de grande significância para as crianças e adolescentes, e os que não gostam dela têm maior probabilidade de apresentar desempenhos insatisfatórios, comprometimentos físicos e emocionais à sua saúde ou sentimentos de insatisfação com a vida. Os relacionamentos interpessoais positivos e o desenvolvimento acadêmico estabelecem uma relação direta, onde os estudantes que perceberem esse apoio terão maiores possibilidades de alcançar um melhor nível de aprendizado.

Diante do exposto, a temática analítica revelou que o elemento contradição expressa um dos significados atribuídos pelas alunas a instituição escolar, que embora articulada a imagem mental de espaço de aprendizagem, de construção de saberes, de desenvolvimento intelectual, moral e social, guarda em sua dinâmica elementos de oposição, dentre os quais, cabe destacar, o *bullying*, como fator que compromete o processo de escolarização.

❖ Educação familiar e escolar.

O acompanhamento e a orientação familiar, articuladas às ações desenvolvidas durante o processo educacional, com vistas ao combate e redução das condutas de violência na escola, mais precisamente àquelas voltadas ao enfrentamento do *bullying*, reúnem as imagens centrais das alunas nesta temática. Deste modo, as objetivações que definem as imagens mentais por elas partilhadas, são as de integração entre família e escola, responsabilidade compartilhada, ações de orientação, projetos e palestras. Os sentidos destas imagens ancoram nas seguintes questões: fragilização das relações familiares e da participação no processo de formação dos filhos; relações pautadas pela ausência de diálogo e valores morais e éticos; ausência de programas efetivos nas escolas direcionados a prevenção dos problemas que atingem os jovens.

Os relatos consensuais das alunas destacaram, sobretudo, os papéis exercidos pelas instituições família e escola, como aspectos que interferem significativamente

tanto para a afirmação de comportamentos de *bullying*, como para inibir condutas deste tipo entre os alunos.

Os discursos veiculados por estas jovens, permitem-nos inferir que para elas a ausência da família, configurada pela falta de acompanhamento e participação no processo de escolarização de seus filhos, bem como as dificuldades e limitações das escolas para implementarem ações de enfrentamento mais efetivas contra os problemas que se desenvolvem nos ambientes de ensino, dentre eles, a banalização e naturalização da violência, são fatores que estimulam a disseminação do fenômeno *bullying*.

Estas percepções partem do princípio de que a falta de esclarecimentos, orientações e limites, muitas das vezes provenientes do contexto familiar, atreladas a ausência de ações que priorizem valores como ética, respeito e solidariedade, bem como da instituição de regras e procedimentos de condutas aceitáveis e permitidas entre os pares, como pontos que devem ser trabalhados no sentido de promover a valorização do senso coletivo entre a comunidade escolar, favorecem as condições adequadas para que o problema se desenvolva.

A família configura o primeiro ambiente de socialização, é o centro do núcleo social em que primeiramente o sujeito é inserido, e por esta razão é a sua referência mais importante. Por ser um espaço de trocas, de partilha e acolhimento, é o ambiente em que o senso de solidariedade, de afeto, amizade e companheirismo se inscreve mais profundamente. A família introduz os valores e hábitos iniciais que serão internalizados pelo sujeito e pautarão a sua relação com o mundo. Daí decorre o entendimento de que a instituição familiar não pode descuidar e nem ser indiferente ao aprendizado de seus filhos, dada a ascendência que exerce sobre eles.

Sob esta ótica, as alunas alvos deste estudo consideram que os problemas identificados no meio escolar também são reflexos das relações entre as instituições escola e família, que embora, devessem trilhar caminhos em comum, na maioria das vezes, mantem-se distanciadas. As dificuldades de diálogo e entrosamento entre estas instâncias, geram ressentimentos que convergem para a criação de uma realidade dura a ser enfrentada por profissionais da escola, por pais, familiares e pelos próprios alunos, posto que fragilizam o processo educacional. Ao problematizar os fatores que concorrem para o descompasso que marca as relações entre família e escola, Lopes Neto (2011, p.86) assevera que:

Existe um distanciamento das famílias com as escolas, motivado pelo entendimento de que a relação das crianças e adolescentes com seus colégios seja restrito ao ensino e ao aprendizado. Portanto, os meios pelos quais os pais avaliam o desempenho escolar de seus filhos são a verificação das notas nos boletins, a frequência e os cadernos de anotações. Raramente existe a preocupação sobre o que sentem ao estar na escola, as amizades, o ambiente, o comportamento de seu filho e dos colegas, etc.

Além dos aspectos referendados pelo autor no excerto destacado acima, as questões provenientes do contexto econômico e social em que se inserem estas famílias, também são fatores a serem considerados para o problema da abstenção familiar no processo de escolarização de seus filhos, uma vez que as dificuldades decorrentes de aspectos como a precária situação econômica, a reorganização do mundo do trabalho, cujas jornadas extenuantes fazem com que pais e mães passem mais tempo fora de casa, comprometendo a convivência, os momentos de interação e o diálogo com os filhos, a carência de oportunidades, a violência oriunda da criminalidade e do tráfico de drogas, dentre outras problemáticas tão comuns ao contexto social contemporâneo, interferem diretamente na leitura que estes sujeitos fazem da escola.

Deste modo, as transformações sociais, culturais, econômicas e políticas ocorridas ao longo do tempo, repercutiram na conformação das várias instâncias que compõem a dinâmica da vida em sociedade. No que tange a escola e a família, tais interferências se deram de forma ainda mais incisiva, visto que estas mudanças, implicaram na emergência de novos paradigmas que passaram a orientar a ação dos pais quanto à formação de referências e valores, e da escola em relação à proposição de novos modelos educacionais. A este respeito Silva (2010, p. 57) destaca que:

As referências e os valores que guiam os comportamentos individuais e, consequentemente, as ações educativas dos adultos para com os jovens, com frequência entram em crise, porque também estão em crise os sistemas sociais, culturais, econômicos e familiares que reproduzem a visão de mundo que esses sistemas refletem. Com isso, as novas gerações, muitas vezes, se ressentem de uma base sólida e segura sobre a qual elas possam se estruturar de forma gradual e, até mesmo, modificar suas próprias referências.

Sendo assim, as transformações ocorridas na sociedade ocasionaram a emergência de novos valores e padrões comportamentais. Como consequência destas mudanças, as relações estabelecidas entre os agentes sociais sofreram alterações significativas, que tiveram grande impacto, sobretudo, nas interações entre os membros da família. Neste sentido, as relações familiares foram amplamente afetadas pelas imposições da vida diária, inserida em um contexto no qual a competitividade e a

exclusão, emergiram como principais características da contemporaneidade erigida sob a ordem do sistema capitalista. Diante deste cenário, é preciso considerar “as diferentes formas de relações sociais propostas pelos vários contextos sociais nos quais transitamos”, com o objetivo de estabelecer uma “relação horizontal e dialógica entre a família e a escola”. (SZYMANSKI, 2007, p.177).

A escola como instância educativa, aparece nas falas das alunas participantes deste estudo como um ambiente que não traz para o debate os problemas enfrentados pelos (as) jovens. Estas alunas se ressentem pela indiferença com a qual estas questões são tratadas nas instituições de ensino, e pelo modo como alguns problemas são conduzidos pelos agentes educacionais, ao sinalizarem que o *bullying* é algo recorrente no cotidiano escolar pelo fato de não haver uma resposta efetiva em relação à ação dos agressores, que geralmente permanecem impunes.

Deve-se, portanto, considerar os temas e os interesses que são próprios ao contexto de vida destes (as) jovens, posto que se tratam de fatores que concorrem para a condição de vulnerabilidade na qual estes sujeitos se encontram. Em um cenário marcado por dificuldades de ordem econômica e social, dentre as quais se observam situações de extrema carência financeira, falta de oportunidades e mercado de trabalho restrito, arranjos familiares diversificados, novos padrões de consumo, competitividade acirrada que se soma aos apelos ilícitos do tráfico e das drogas são elementos que produzem um cenário de instabilidades e incertezas.

Estes são fatores situacionais decorrentes da realidade extramuros da escola, posto que são reproduzidos pelo contexto social mais amplo, traduzem os valores difundidos pela sociedade contemporânea, marcada pela competição, individualidade e consumismo que transformam as relações em bens de consumo imediato, as quais não conseguem se sustentar. Nesta direção Bauman (2004, p.96), assinala que:

[...] Os outros são avaliados como companheiros na atividade extremamente solitária do consumo, cuja presença e participação ativa podem intensificar estes prazeres. Nesse processo, os valores intrínsecos dos outros seres humanos singulares estão quase desaparecendo de vista. A solidariedade humana é a primeira baixa pelo triunfo do mercado consumidor.

Sob este ponto de vista, as transformações socioculturais ocorridas na sociedade tem como consequências, a emergência de novos modelos de sociabilidade, na medida em que implicam na disseminação de valores pautados no individualismo e na

competitividade, que dentre outras mazelas, comprometem a “construção de personalidades autônomas e democráticas.” (MOREIRA, 2010).

A alegação de que é preciso esclarecer e conscientizar efetivamente, de que é necessário implementar medidas mais adequadas que mostrem aos autores/agressores que suas atitudes não serão toleradas, bem como de desenvolver um trabalho voltado à prevenção, o qual produza mudanças positivas nas relações entre estudantes, professores e comunidades, remetem-nos a ideia de que os profissionais da escola não avaliam e nem reconhecem a dimensão deste problema.

Na percepção destas jovens, a impunidade e a indiferença, atreladas à falta de um projeto que de fato promova a inclusão destes jovens na dinâmica escolar, que os permita participarem por meio de um processo democrático, para que estabeleçam vínculos de pertencimento com ela, são fatores que reforçam e estimulam a disseminação de condutas violentas nas instituições de ensino. Estas assertivas encontram eco nas discussões de Camacho (1996, p.09) ao pontuar as relações entre a instituição escolar e a violência:

Onde ocorre a ausência de proposta educativa, a escola não funciona como uma retradutora dos valores sociais e termina por permitir que os valores sociais predominantes invadam o seu ambiente sem nenhum filtro educativo. Com isso, marcas como a dos preconceitos, por exemplo, acabam se alojando no interior do espaço escolar. A falta de alcance da ação socializadora até o ambiente relacional promove brechas que permitem aos alunos a construção de experiências escolares, entre elas, a experiência da violência.

Destes olhares, depreende-se que a escola não deve ser tolerante ou omissa no que concerne a prática de *bullying* e que as intervenções em casos deste tipo devem ser efetivas. Assim, é necessário que os agentes educacionais compreendam este fenômeno e reconheçam as interferências negativas que podem decorrer da sua naturalização entre os sujeitos.

Para tanto, as medidas paliativas e pontuais comumente usadas pelas escolas para trabalhar a problemática do *bullying* devem ser abandonadas, dando lugar a atividades preventivas de caráter permanente que permitam aos estudantes vivenciar ações coletivas e de partilha entre seus pares.

De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), os programas que dão ênfase ao estímulo das capacidades sociais e a aquisição de competências, estão entre as mais eficazes estratégias utilizadas na prevenção da violência juvenil e tem produzido

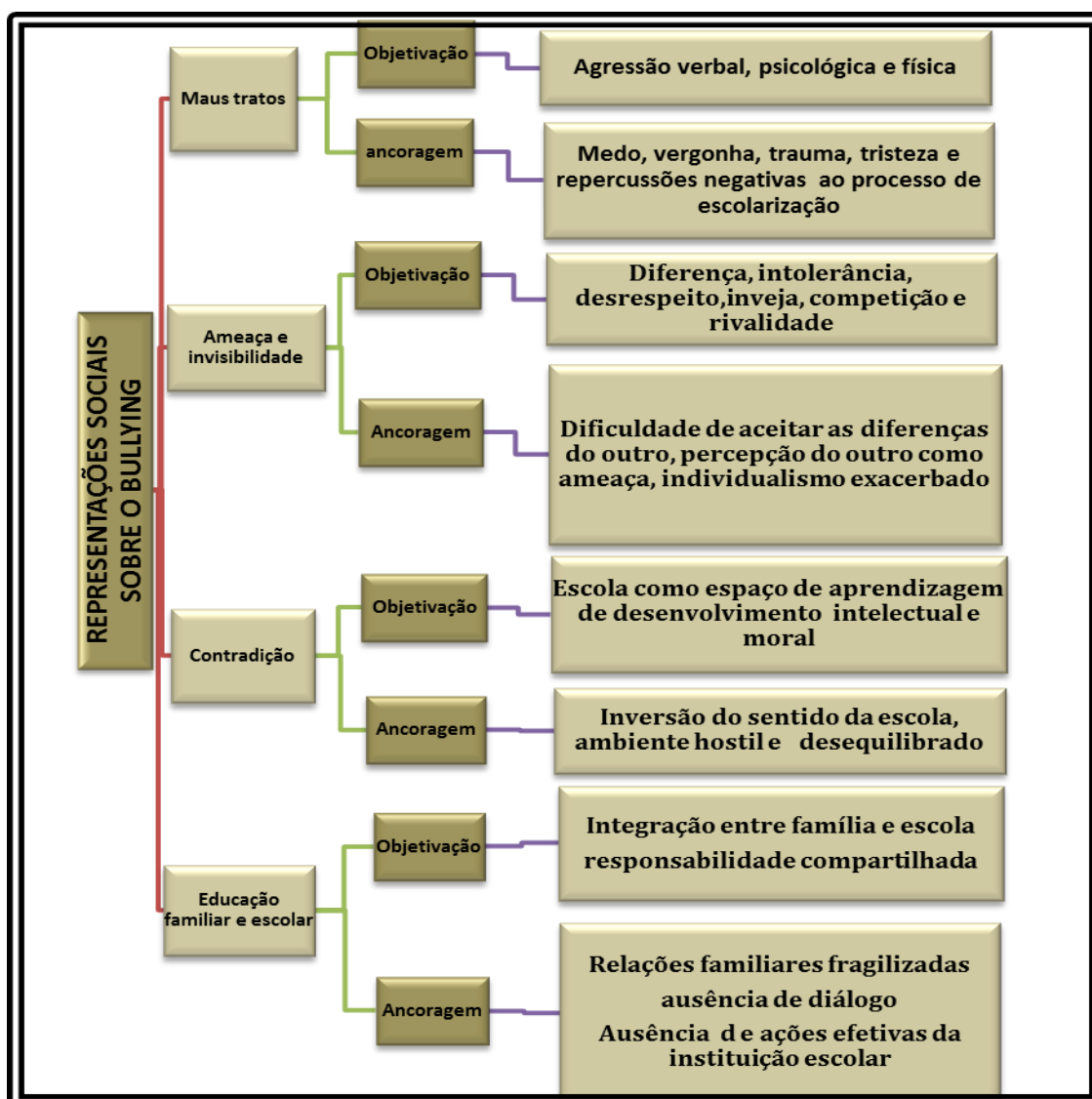
resultados mais significativos em escolas de educação infantil e de ensino fundamental. Este fato sinaliza para a necessidade de se aprofundar os estudos que se voltam a esta temática, buscando subsidiar práticas mais eficazes para o trato do *bullying* no contexto escolar.

As ações de enfrentamento à violência devem ser constituídas por práticas articuladas pelo conjunto social. Neste cenário, família e escola se destacam como instâncias que mediatizam a construção de conhecimentos, habilidades e valores, baseados em vivências positivas, que criam condições oportunas às mudanças de opiniões e de comportamentos, tendo por base a ação educativa como instrumento para gerar contrapontos à cultura da violência.

As quatro temáticas analíticas, que resultam do agrupamento das falas das estudantes entrevistadas pelas unidades de sentido, apresentam-se articuladas de modo intrínseco e emergem das atitudes, saberes e sentimentos compartilhados por estas jovens em relação ao fenômeno *bullying*.

A seguir apresentamos um diagrama com a síntese das temáticas analíticas, a fim de visualizarmos as objetivações e as ancoragens do objeto em estudo.

Diagrama02: Síntese das temáticas analíticas e objetivações e ancoragens sobre o fenômeno *bullying*.



Fonte: Produzido pela autora

3.6.1 Implicações do *bullying* no processo de escolarização

As representações partilhadas pelas alunas sobre o *bullying*, levaram-nas a considerar este fenômeno, como um problema cujas consequências repercutem de forma negativa no processo de escolarização. Esta percepção foi comum a 92% do total da amostra pesquisada, posto que a maioria das estudantes, ao serem questionadas sobre a possibilidade do *bullying* lhes prejudicar em seus estudos, confirmaram esta hipótese como uma realidade concreta, enquanto que um percentual relativo a 8% da amostra se posicionou contrária à opinião de que o problema teria efeitos prejudiciais no que tange a este aspecto.

As respostas destas alunas estiveram fundamentadas em justificativas como: “desinteresse pela escola” 36%; “sentimento de medo” 20%; “dificuldade de concentração nos estudos” 18%; “sentimento de mal estar” 15%; e, “sentimento de insegurança” 11%. As falas a seguir ilustram estas percepções:

Porque se sofremos *bullying* na escola ficamos tristes e desinteressados nos estudos. Porque, na minha opinião, a nossa infância e adolescência ela influencia muito o nosso desenvolvimento e na nossa vida. (ALUNA-34)

Eu não iria conseguir estudar direito. Eu iria ficar com medo. Talvez até quisesse trocar de escola. (ALUNA- 19)

Porque é algo que fica em nossa mente, então devido estarmos pensando na violência sofrida não temos a capacidade para nos concentrar na aula. (ALUNA-37)

Devido os xingamentos, apelidos, e etc...Você vai se sentir mal, vai ficar intimidado e vai chegar um momento de não querer ir pra escola. (ALUNA-26)

Porque as pessoas que sofrem *bullying* ficam com trauma de ir para a escola e se sentem inseguras de que alguma coisa aconteça. (ALUNA-42)

Nas respostas das alunas, foram ainda identificados termos como exclusão, isolamento, insatisfação, raiva, trauma, tristeza e vergonha, apontados pelas entrevistadas como sentimentos decorrentes de interações com o *bullying*, que podem interferir diretamente no desempenho escolar dos envolvidos. Entretanto, cabe destacar que as alunas atribuem maior carga de prejuízos àqueles que se encontram na condição de alvos ou vítimas deste tipo de conduta, dando pouca ênfase ou ainda relativizando as repercussões negativas do problema para autores/agressores.

Os relatos das alunas, alvos deste estudo, apontaram para a instabilidade emocional que o misto de sentimentos, envolvendo insegurança, mal estar, medo e tristeza, dentre outros, provocam nas vítimas de *bullying* e de como estes aspectos se refletem na capacidade de concentração e interesse, essenciais para a aquisição de

conhecimentos. Haja vista que o deslocamento da atenção dos conteúdos de ensino e atividades de aprendizagem para a possibilidade iminente de ser alvo de agressões, deixando a vítima em estado de alerta, pode dificultar sobremaneira a assimilação destes conteúdos. Nesta perspectiva Fante (2004, p.24) assinala que:

O medo constante e repetitivo bloqueia a agressividade e o bom funcionamento mental, prejudicando as funções de raciocínio, abstração, interesse por si mesmo e pelo aprendizado, além de estender-se a outras faculdades mentais ligadas à autopercepção, concentração, autoestima e capacidade de interiorização.

Assim como as agressões verbais, dentre as quais, apelidos, xingamentos e outros, citados pelas alunas, indicam a dimensão dos efeitos psicossociais relativos à autoimagem e ajustamento social ao ambiente, que se inscreve em uma mensagem cultural pautada pela ideia de rejeição, a qual incide negativamente no desenvolvimento psicológico e no processo de socialização destes sujeitos. De maneira que a escola ao ser reconhecida como um ambiente hostil e pouco receptível, tende a ser repudiada. Lopez Neto (2011, p. 102,103) corrobora a estas inferências e assevera que:

As escolas tolerantes aos atos de *bullying* tendem a ter estudantes temerosos por sua segurança e descrentes com a falta de sensibilidade e de atitudes solidárias por parte de gestores e professores em relação aos educandos. A preocupação com sua integridade e a apreensão com as frequentes intimidações desviam a atenção e o interesse sobre o aprendizado [...] algumas situações mais extremas são passíveis de ocorrer, como a fobia escolar, em que o medo, a ansiedade e as manifestações depressivas incapacitem crianças e adolescentes a frequentarem a escola[...] Todos perdem com a prática do *bullying* e com a falta de programas voltados à sua prevenção e redução. Sentimentos de descontentamento por estar na escola e queda do rendimento escolar são os sinais mais precocemente percebidos.

Estes dados reforçam o entendimento de que a violência escolar, com efeito, o *bullying* vivenciada no período da infância e adolescência, como destacado no trecho “a nossa infância e adolescência ela influencia muito o nosso desenvolvimento e na nossa vida” constante no discurso da aluna- 34, podem implicar em sérios prejuízos à saúde física e mental destes sujeitos, cujas repercussões tendem a ocorrer a curto ou longo prazo, com grandes possibilidades de os (as) acompanharem pela vida adulta.

As falas das alunas nos permitem inferir que suas percepções sobre a influência negativa do *bullying* vão ao encontro da perspectiva proposta por Fante (2008); Silva (2010); Lopes Neto (2011); que o definem como um fenômeno comportamental cujas consequências comprometem o ego de seus alvos e produzem efeitos danosos também no campo da aprendizagem. Estas são decorrentes de um processo que se inicia com o

comprometimento da concentração e consequente dispersão dos envolvidos, e converge para um crescente desinteresse pelos estudos, seguidos pela baixa do rendimento escolar e evasão. Nesta direção, Fante (2004, p.79) assinala que a não superação dos traumas decorrentes deste fenômeno:

[...] poderá desencadear processos prejudiciais ao seu desenvolvimento psíquico, uma vez que a experiência traumatizante orientará inconscientemente o seu comportamento, mais para evitar novos traumas do que para buscar sua auto-superação. Isso afetará o seu comportamento e a construção dos seus pensamentos e de sua inteligência, gerando sentimentos negativos e pensamentos de vingança, baixa auto-estima, dificuldades de aprendizagem, queda do rendimento escolar, podendo desenvolver transtornos mentais e psicopatologias graves, além de sintomatologia e doenças de fundo psicossomático, transformando-a em um adulto com dificuldades de relacionamentos e com outros graves problemas. Poderá também desenvolver comportamentos agressivos ou depressivos e, ainda, sofrer ou praticar *bullying* no seu local de trabalho, em fases posteriores da vida.

No que tange às implicações relacionadas especificamente ao processo de escolarização, no caso dos agressores, ou seja, de autores de *bullying*, os discursos das alunas, embora polarizados em dois aspectos, permaneceram coerentes com o que foi manifestado por elas anteriormente, ao indicarem que a principal consequência para os agressores estaria relacionada à maximização da agressividade, como aspecto nocivo que favoreceria o envolvimento em episódios mais graves de violência, a exemplo da agressão física e da participação em delitos, que denotam a percepção de comprometimento moral e deformação de caráter nestes sujeitos. Este entendimento, identificado em 57% das falas, decorre da ideia de que os impulsos agressivos serão reforçados em função da frequência e regularidade de tais condutas, acrescido pelo sentimento de impunidade, visto que a repreensão destas práticas ainda é algo pouco frequente.

Por outro lado, as falas de 36% das alunas remetem a compreensão de que assumir este papel, não implicaria necessariamente em prejuízos para a escolarização dos agressores, posto que estes, de modo geral, mostram-se indiferentes ao sofrimento das vítimas. As respostas abaixo sintetizam estas formulações:

Eu não sei se prejudica diretamente nos estudos. Mas a pessoa vai se acostumar a sempre cometer esse erro e isso aumenta mais o modo dela de cometer a violência. (ALUNA-17)

Essa pessoa, ela pode ser prejudicada em algumas coisas, porque se ela não for punida, ela não vai parar de praticar essas ações. (ALUNA-23)

É pode até que prejudique, mas nos estudos eu não sei, porque quem comete *bullying* não tá nem ligando, quer mais é que os outros se danem. (ALUNA- 21)

Respostas que aludiram à possibilidade dos agressores se sentirem mal com os próprios atos ou ficarem com a consciência pesada, corresponderam a 5% das falas. Estes elementos indicam que as alunas, neste aspecto, não fizeram a relação entre a problemática da banalização ou naturalização da violência e possíveis dificuldades no que concerne a escolarização, embora a maior parte delas tenha apontado para a expansão da agressividade como um fator problemático.

Contudo, é preciso considerar que ao terem o componente da agressividade estimulado, predispondo-os inclusive ao envolvimento em práticas delituosas, os agressores também se encontram suscetíveis a sofrerem os degradantes efeitos do fenômeno *bullying*, os quais trarão repercussões imediatas à sua escolarização, em função de que estes terão maior probabilidade de perderem o interesse pelos estudos, na medida em que se aproximam da delinquência, fator que pode contribuir para o abandono da instituição escolar.

Em síntese, as alunas sujeitos deste estudo partilham percepções sobre o *bullying*, que apontam para os transtornos por ele causados, sobretudo quando se referem às vítimas, enquanto principais prejudicadas. Os elementos presentes nas falas analisadas sinalizam que tais efeitos comprometem o desenvolvimento socioeducacional dos (as) alunos (as), uma vez que este é um fenômeno em que os níveis de agressão demandam às suas vítimas, pesadas cargas de ansiedade e de sentimentos que implicam na deterioração da autoestima e na qualidade das relações interpessoais, cujos sintomas podem afetar de forma negativa os processos que envolvem os mecanismos cognitivos de aprendizagem. Estes são fatores que produzem um cenário institucional hostil e desequilibrado e que comprometem o processo de escolarização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo foi delineado com o objetivo de desvelar as representações sociais de alunas do ensino fundamental sobre o fenômeno *bullying* e suas implicações no processo de escolarização. Para tanto, embasamo-nos na Teoria das Representações Sociais de Moscovici (1978), uma vez que as representações exercem influência nas atitudes, posturas, decisões e práticas dos sujeitos. Posto que elas não são estruturas estanques, na medida em que transcendem o aparente e estão relacionadas às transformações sociais e mudanças na dinâmica das relações entre os grupos sociais.

Deste modo, partimos da premissa de que na dinâmica educacional, a Teoria das Representações Sociais pode indicar novos caminhos que viabilizem a percepção de como os fatores sociais interferem diretamente no processo educativo, modificando seus resultados. Além de propiciar a compreensão de diferentes fenômenos sob a ótica dos sujeitos envolvidos no universo pesquisado, uma vez que a representação consiste na atribuição de imagens, sentidos e significados constituídos a partir da dinâmica das relações humanas.

Assim, a escuta da palavra dos sujeitos tem valor fundante no que concerne ao processo de interação entre os saberes cotidianos, construídos a partir das relações estabelecidas entre sujeito, objeto e realidade circundante, das quais resultam as representações sociais, que desvelam os universos consensuais, e o saber científico, corporificado nas teorias.

A violência configura um problema que sempre esteve presente em todas as organizações sociais, desde os tempos mais remotos, e seu conceito é definido a partir das representações socioculturais presentes nas diversas sociedades em cada momento histórico, as quais num determinado período estabeleceram valores, normas de conduta e relacionamento tomadas como parâmetros para orientar a compreensão e o conceito deste fenômeno.

Na atualidade, a violência abrange uma pluralidade de manifestações e se expressa por um conjunto de ações, comportamentos e práticas instituídas nas relações entre os sujeitos, sendo redefinida a partir da dialética entre os diferentes condicionantes que corroboram a sua constituição, dentre os quais se entrelaçam fatores culturais, estruturais, éticos, intrapsíquicos, sócio-políticos e outros.

A naturalização da violência é um fenômeno crescente e adentra a escola, deixando-a fragilizada. Este é um problema que reflete na formação do corpo discente, visto que compromete a efetivação do processo educacional. Sob este prisma, a problemática da violência demanda a articulação de diversos setores da sociedade, para que se proponham ações de enfrentamento pautadas pela compreensão deste problema, como um fenômeno multifatorial. Para tanto, os possíveis caminhos podem ser amparados por esta contextualização social da violência assim como seus elementos subjetivos.

Neste processo de desdobramentos do conceito de violência, inscreve-se o fenômeno *bullying*, cujas características já foram explicitadas, nos capítulos anteriores deste trabalho. Os resultados de nosso estudo revelam que o *bullying*, decorre do entrelaçamento de múltiplas dimensões, as quais compreendem aspectos relativos ao contexto social mais amplo, pois envolvem as interações entre os sujeitos e a comunidade local em que a escola está inserida, as questões de ordem familiar, as interações e relações de convivência com os grupos de pertença, e com outros grupos e sujeitos.

As significações que as alunas alvos deste estudo atribuíram ao *bullying* se assemelham aos conceitos já abordados pela literatura específica sobre o tema, visto que elas identificaram a presença deste problema no ambiente escolar por meio das condutas que envolvem a agressão verbal, a agressão psicológica e a agressão física. Dentre estas, as ações de maior incidência estão circunscritas ao campo da agressão verbal, através dos insultos e do uso de palavras ofensivas. Segundo os discursos das discentes, na maioria dos casos por elas presenciados, estes xingamentos culminaram em episódios de violência física, em decorrência, principalmente, da falta de intervenção por parte da escola, nos desentendimentos e conflitos envolvendo os alunos.

Estes dados indicam que as provocações e assédios iniciais geralmente são entendidos como precursores de ocorrências de maior gravidade, a exemplo das brigas e agressões físicas. Nesta perspectiva, o *bullying* se configura como um agente que estimula e agrava as tensões entre os estudantes. A ausência de diálogo e a intolerância e desrespeito às diferenças, produzem um contexto favorável para que este fenômeno se desenvolva progressivamente e resulte em casos mais sérios de violência.

Os dados revelaram que este tipo de violência se manifesta no ambiente escolar, em função de fatores que remetem a deficiência nas ações de enfrentamento propostas pela escola em relação aos problemas que estão presentes no cotidiano dos (as) estudantes, e da utilização de mecanismos autoritários e paliativos que são aplicados nos casos mais graves com o intuito de remediá-los, sem que haja de fato um trabalho efetivo, que vise à prevenção e a conscientização dos alunos, a fim de evitar estes episódios.

Diante dos relatos manifestos pelas jovens entrevistadas, verificou-se que em muitos casos, as ações implementadas para conter ou minimizar a violência na escola, ficam restritas ao uso de mecanismos de controle e punição dos autores, que incluem as advertências e repreensões, a presença de policiais e a transferência compulsória para outra instituição de ensino.

Este cenário baliza o entendimento de que a dificuldade na participação dos alunos nos acordos de convivência firmados nas instituições de ensino, relaciona-se a dificuldade dos mesmos em estabelecerem vínculos de pertencimento à comunidade escolar. Assim, ao serem chamados a cumprir as regras instituídas nas escolas, passam a considerá-las como expressão de autoritarismo e disciplina, vazias de sentidos e significados concretos.

Em relação às condutas de *bullying* adotadas especificamente por meninas, os resultados encontrados mostram que, embora ainda haja um predomínio de comportamentos que se enquadram dentro das categorias de agressão verbal e simbólica, configuradas por ações como caluniar, difamar, excluir, dentre outras, as quais sugerem a preferência pelo *bullying* indireto ou relacional. Os discursos apontam para o fato de que, cada vez mais se torna frequente entre as jovens do sexo feminino, o envolvimento em casos de agressão física. Esta mudança nas formas de expressão da agressividade entre as jovens, estaria relacionada à necessidade de se impor e de mostrar poder perante os grupos.

Outro fator identificado nas falas das alunas, refere-se aos vínculos familiares e de amizades como elementos que podem contribuir para as práticas de *bullying*. Com relação a este aspecto, as alunas destacam a ausência da família no acompanhamento de seus filhos, fator que conseqüentemente, implica na fragilização do processo de orientação e formação de princípios e valores transmitidos pela instituição familiar.

Quanto à influência dos círculos de amizade, destaca-se a possibilidade da ascendência negativa, no que tange as práticas e condutas partilhadas no interior destes grupos, que na maioria das vezes demandam a estes sujeitos se encaixarem nos perfis que os identificam enquanto membros do mesmo grupo.

Os resultados deste estudo indicaram que a violência entre os jovens se manifesta de forma bastante expressiva. Este aspecto pode estar relacionado a outro fenômeno que emerge no contexto contemporâneo, configurado pela turbulência provocada pela pós-modernidade, a qual incide diretamente sobre os valores e regras norteadoras da vida em sociedade, fragilizando as relações entre os sujeitos, posto que estas também são afetadas pelas alterações nas estruturas sociais, políticas e econômicas. Este fator, alia-se à carência de projetos sociais e políticas públicas preventivas direcionadas à juventude e reforçam a condição de vulnerabilidade dos jovens brasileiros, pois possibilitam que a violência encontre espaço entre esta população, seja exercendo o papel de autores ou de vítimas.

Tais questões apontam para um cenário extremamente preocupante e nos indicam a urgência de se pensar alternativas que contribuam para a redução e minimização da condição de vulnerabilidade, a qual se encontra exposta a juventude. Esta, somente poderá ocorrer, a partir da ampliação de estratégias positivas, as quais deverão ser promovidas por meio da articulação dos vários setores sociais, sobretudo, o Estado, as instituições de ensino e a família, enquanto instâncias que podem estimular e investir na formação de comportamentos seguros entre esta população.

Entre as falas consensuais das alunas, a escola é percebida como um espaço de contradições, na medida em que os atos de violência se tornam cada vez mais frequentes e se naturalizam entre seus frequentadores. Esta percepção foi compartilhada por todas as estudantes que participaram da pesquisa, ao destacarem que a escola é por excelência, o local mais apropriado à construção de múltiplas aprendizagens, e que práticas violentas se opõem ao seu papel social, uma vez que não condizem com a finalidade da instituição educacional.

Ao reproduzirem o cenário escolar, as falas das alunas apontam para a inoperância do modelo institucional vigente em nossas escolas, que em sua grande maioria, ainda se apoiam em um sistema meritocrático de ensino, que termina por favorecer comportamentos inadequados dentro do ambiente escolar, uma vez que a

lógica da competitividade, tão acentuada neste modelo institucional, assenta-se na ideia de superação do outro, isto é, de estar acima do outro.

Neste sentido, muitas das práticas adotadas pela escola, que toma como parâmetros, as relações verticalizadas, a padronização, a falta de diálogo e a imposição de castigos e punições desprovidas de sentido, mostram-se ineficazes, mantendo-a engessada, na medida em que a escola permanece a fazer uso de estratégias e discursos desconexos e destoantes da realidade vivenciada, marcada por uma frenética avalanche de situações cotidianas que precisam ser encaminhadas.

Concluimos, com os dados contidos neste estudo, que a violência se faz presente no dia a dia das escolas e é pontuada nos discursos das jovens, ao mencionarem as violações recorrentes no espaço físico, as agressões verbais, psicológicas e físicas. A pouca efetividade das ações pedagógicas que, de modo geral, são desenvolvidas na maioria das escolas, as quais se mostram insuficientes no enfrentamento à violência.

Por fim, as alunas representam o fenômeno *bullying* como um problema que realmente faz parte do contexto escolar e cujas manifestações repercutem de forma negativa e prejudicial no processo de escolarização, sobretudo, para aqueles que se encontram na condição de vítimas.

A seguir, apresentamos alguns pontos de sentido que constituem as objetivações e ancoragens sobre as representações sociais que as alunas do ensino fundamental possuem sobre o *bullying*:

- a) O *bullying* se traduz no ambiente escolar por meio das ações de agressão e violência verbal, psicológica e física e tem como resultantes sentimentos de medo, vergonha, tristeza e traumas, dentre outros;
- b) As condutas de *bullying* ocorrem ligadas a fatores como: intolerância, desrespeito, impunidade, inveja, competição, individualismo, dificuldades de aceitar as diferenças do outro e a percepção deste como ameaça, além de outros aspectos ligados a condição de vulnerabilidade a que muitos destes (as) jovens, encontram-se expostos (as), como o envolvimento com as drogas e com a criminalidade;
- c) O *bullying* é uma prática bastante comum entre as meninas, e embora o tipo indireto e relacional ainda seja predominante neste grupo, o número de meninas que fazem uso da agressão física é cada vez maior;
- d) Relações familiares fragilizadas (Falta de diálogo, acompanhamento e orientação familiar);

- e) Percepção da escola como um ambiente contraditório, marcado pela ausência de propostas de enfrentamento efetivas e permanentes, cujas práticas de repreensão ainda se baseiam na punição e em atividades pontuais;
- f) Perda do interesse pelo ambiente escolar;
- g) carência de oportunidades;
- h) Descompasso entre a instituição escolar e familiar

Estes elementos compõem o cenário da violência no ambiente escolar e indicam as articulações entre as objetivações e ancoragens comuns entre as jovens participantes deste estudo, no que tange às manifestações de *bullying* presentes no cotidiano da instituição de ensino onde estão inseridas, as quais são nocivas para o desenvolvimento social, cognitivo e afetivo destes sujeitos.

Em contraponto a estes fatores, emergem alternativas como a integração entre escola e família, a implementação de projetos que priorizem a qualidade das relações no ambiente de ensino, que trabalhem as diferenças e os conflitos, assim como priorizem a discussão sobre os temas que fazem parte do contexto juvenil, bem como a promoção de ações partilhadas coletivamente.

Os relatos das alunas em relação ao *bullying* e a violência escolar, de modo geral, permitem-nos inferir que as mesmas o representam como um elemento indesejável e extremamente ofensivo, tendo em vista que a maioria delas, mostrou-se contrária às condutas de *bullying* e se refere à escola como um ambiente oposto às manifestações de violência.

As características fundamentais atribuídas à escola, enquanto instituição social, concentram-se em duas dimensões do processo educativo, que são a de ensinar os conteúdos científicos sistematizados e a de formação dos sujeitos através da circulação e difusão de crenças, ideias, preceitos morais e éticos, princípios e valores. Deste modo, a escola se configura como um espaço capaz de operar mudanças tanto nos sujeitos, quanto na própria realidade, e por esta razão pode se colocar a serviço tanto das relações sociais injustas, quanto pode favorecer a transformação deste cenário.

A escola propicia a convivência de sujeitos com diferentes concepções e visões de mundo, fato que a torna um ambiente complexo e contraditório, uma vez que ela tende a reproduzir as tensões existentes dentro da sociedade e por isso expressa os antagonismos e contradições resultantes deste contexto. Contudo, é exatamente por estas características que ela pode se constituir em um ambiente privilegiado para a

articulação de interesses sociais mais justos e democráticos, por meio do estímulo ao respeito à diversidade de pontos de vista, pela promoção do debate e da garantia dos direitos em uma perspectiva coletiva e solidária.

Neste sentido, é oportuno enfatizar que a escola, precisa incorporar à sua dinâmica, ações que realmente façam frente à dimensão dos problemas por ela enfrentados, articulando-se a um movimento de superação dos desafios que a impedem de adotar uma proposta que de fato, atenda a uma perspectiva de trabalho mais humanizada.

É preciso ainda que a escola se posicione de forma crítica, frente ao debate sobre os processos de alienação cultural e social, que possibilite a comunidade escolar discutir e questionar a lógica da ditadura do consumo, que impõe os modelos sociais a serem seguidos, no que tange aos padrões de beleza, de físico, de comportamentos socialmente valorizados e veiculados pela mídia com vistas à padronização dos sujeitos, os quais em grande medida, reproduzem as desigualdades e reafirmam condutas discriminatórias.

No que tange ao enfrentamento da violência escolar, para além de considerar a multiplicidade dos elementos que convergem para esta problemática, é imprescindível que se aborde a questão das diferenças, com foco na educação inclusiva e intercultural, balizada pelo respeito à diversidade, que deverá se fazer real nos mais variados contextos possíveis, isto é, na inclusão da realidade econômica e social dos sujeitos que integram à escola, na inclusão dos (as) alunos (as) nos processos de discussão e tomada de decisão, no que compete à dinâmica das ações pedagógicas da instituição, na inclusão das famílias no processo formativo, na garantia do respeito às diferenças culturais, étnicas e religiosas, dentre outros aspectos que contribuirão para que a escola se torne de fato um espaço mais favorável ao exercício da cidadania e, por conseguinte da democracia.

Para implementar ações de enfrentamento necessárias e eficientes para a diminuição do *bullying* e, de modo geral, da violência escolar, é essencial a elaboração de um planejamento bem definido das atividades a serem desenvolvidas de modo coletivo pela comunidade escolar, com a inserção da família e dos moradores locais do bairro onde está localizada a escola.

Associado a este aspecto, é necessário que os docentes sejam formados para atuarem de maneira preventiva, na medida em que a falta de conhecimentos e informações sobre este fenômeno dificulta o reconhecimento das ações de *bullying* e

inviabiliza a intervenção adequada a estes casos. Deste modo, cabe considerar que o trabalho em uma perspectiva preventiva, requer o desenvolvimento e implementação de ações sistemáticas de conscientização e combate às práticas de violência em suas diferentes manifestações. Para tanto, estas ações devem ser elaboradas, visando à formação dos alunos em uma perspectiva cidadã.

Logo, deve-se problematizar os fatores que concorrem para o agravamento da violência, tanto nas escolas, quanto na sociedade. Para uma intervenção adequada é preciso ainda que se considere a violência a partir de seu contexto de produção, bem como a realidade dos sujeitos envolvidos, para que se encontrem alternativas de resolução que superem as propostas paliativas, baseadas na adoção de mecanismos de controle e punição.

Diante do exposto, a escola, aliada a outras instâncias sociais deve mobilizar meios para ir além da transmissão dos conteúdos e implementar coletivamente ações que fortaleçam os vínculos sociais e afetivos, bem como a formação de conceitos como respeito às diferenças, tolerância e solidariedade, dentre outros, no sentido de instituir programas de enfrentamento à violência que sejam contínuos e balizados pela resolução de conflitos a partir do diálogo, do senso de partilha, cooperação e envolvimento dos diferentes grupos que se constituem na escola.

REFERÊNCIAS

ABRAPIA - Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e Adolescência.

ABRAMOVAY, M. & RUA, M. G. **Violências nas escolas**: Versão resumida. Brasília, DF: Unesco. 2003.

ABRAMOVAY, M. (2005). **Cotidiano das escolas: entre violências**. Brasília: UNESCO no Brasil.

ABRAMOVAY, Miriam,; RUA, Maria das Graças. **Violência nas escolas**: versão resumida. Brasília: Unesco Brasil, Rede Pitágoras, Instituto Ayrton Senna, UNAIDS, Banco Mundial, USAID, Fundação Ford, CONSED, 2003.

A KLASS. Direção: Ilmar Raag. Estônia: IMDB, 2007. 1 bobina cinematográfica. (99min).

ANTUNES, D. C.; ZUIN, A. A. S. **Do bullying ao preconceito: os desafios da barbárie à educação**. Psicologia e Sociedade, v. 20, n. 1 Porto Alegre, 2008.

AQUINO, J. G. A desordem na relação professor-aluno: indisciplina, moralidade e conhecimento. In: ____ (Org.). **Indisciplina na escola**: alternativas teóricas e práticas. 8. ed. São Paulo: Summus, 1996. p. 39-55.

ARENDT, H. **Sobre Violência**. Rio de Janeiro : Relume Dumará, 1973.

BANG bang! você morreu! Direção: Guy Ferland. Estados Unidos: Paramount collection, 2002. 1 bobina cinematográfica. (87 min).

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Portugal: edições 70, 1977.

BAUMAN, Z. **O amor líquido**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

BEANE, A. L. **Proteja o seu filho de Bullying**. Porto: Porto Editora, 2011.

BEAUDOIN, Marie-Nathalie; TAYLOR, Maureen. **Bullying e desrespeito: como acabar com essa cultura na escolar**. Trad. De Sandra Regina Netz. Porto Alegre: Artmed, 2006.

BERGER, K. S. **Update on bullying at school: Science forgotten?** Developmental Review, 27, 90-126, 2007.

BERGER, P. & LUCKMANN, T. **A Construção Social da Realidade**. Editora Vozes, Petrópolis, 1985.

BOULTON, M. (1996). **Bullying in mixed sex groups of children**. Educational Psychology, 16 (4), 439-443.

BONETI, Lindomar Wessler; PRIOTTO, Elis Palma. **Violência escolar: na escola, da escola e contra a escola**. Revista Diálogo Educ., Curitiba, v.9, n.26, p. 161-179, 2009.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BRASIL. Ministério da Educação. **Programa Mais Educação**. Brasília: MEC, 2008. Disponível: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/passoapasso_maiseducacao.pdf. Acessado em: 03/02/2013.

_____. Presidência da República. Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres. **Grupo de Trabalho Interministerial – Reorganização e Reformulação do Sistema Prisional Feminino – 2008**. Brasília: Presidência da República, Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2008. In: http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/relatorio_final_reorganizacao_prisional_feminino.pdf. Acessado em: 12/11/2012.

_____. **Código Civil**: lei n. 10.406, de 10 de janeiro de 2002. Disponível em: <<http://www.dji.com.br>>. Acesso em: 19 jul. 2011a.

_____. **Código de Defesa do Consumidor**: lei n. 8.078, de 11 de setembro de 1990. Disponível em: <<http://www.dji.com.br>>. Acesso em: 19 jul. 2011b.

_____. **Código Penal**: decreto lei n. 2.848, de 07 de dezembro de 1940. Disponível em: <<http://www.dji.com.br>>. Acesso em: 19 jul. 2011c.

_____. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Impacto da violência na saúde dos Brasileiros**. Brasília: Ministério da Saúde, 2005.

_____. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, n.9394, de 20 de dezembro de 1996**. Brasília: MEC, 1996a.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Introdução**. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental, 1996b.

BRIZENDINE, L. **O cérebro feminino**. Lisboa: Alêtheia Editores.2007

BRONFENBRENNER, U. **A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

BULYING. Direção: Lee Hirsch. México: Michel Franco 2012. 1 bobina cinematográfica. (98min).

BULYING provocação sem limite. Direção: Josetxo San Mateo. Espanha: Paris Filmes, 2009. 1 bobina cinematográfica. (93min).

BULLY Juventude violenta. Direção: Larry Clark. Estados Unidos: METASCORE, 2001. 1 bobina cinematográfica. (115min).

CAMACHO, L. M. Y. **As sutilezas das faces da violência nas práticas escolares de adolescentes**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 27, n. 1, p. 123-140, jan./jun. 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v27n1/a09v27n1.pdf> .Acesso em: 12/11/2012.

CAMACHO, L. M. Y. **Violência e Indisciplina nas Práticas Escolares de Adolescentes**. 2000. 276 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

CARDOSO, R. **Garotas Briguentas**. ISTO É, ano 31; ed.3, 2008.

CARRIE, a Estranha. Direção: Brian de Palma. Estados Unidos: Warner Brother, 1976. 1 bobina cinematográfica. (98 min).

CATINI, N. **Problematizando o bullying para a realidade brasileira**. Tese (Doutorado em Educação) Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Campinas: São Paulo, 2004.

CHESNAIS J.C. **Histoire de la violence en Occident de 1800 à nos jours**. Paris: Robert Laffont Éditeur, 1981.

CHIORLIN, M. O. **A influência do bullying no processo de ensino-aprendizagem**. Universidade Federal de São Carlos, 2007.

CONSTANTINI, A. **Bullying: como combatê-lo?** Tradução de Eugênio Vinci de Moraes. São Paulo. Itália Nova Editora, 2004.

CRAIG, W. & PEPLER, D. (1995). **Peer processes in bullying and victimization: an observational study**. Exceptionality Education Canada, 5 (3 & 4), 81-95.

CRICK, N. & GROTPETER, J. (1995). Relational aggression, gender, and social-psychological adjustment. Child Development, 66 (3), 710-722.

CORREIO DO POVO. Porto alegre/RS: Folha geral. 10 de out. 2012. Disponível em: <http://www.correiodopovo.com.br/> . Acesso em: 12/01/2013

DAHLBERG, L. L.; KRUG, E. G. Violência: um problema global de saúde pública. Ciência & Saúde Coletiva, v. 11, suplemento, p. 1163-1178, 2007. Disponível em: http://www.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttex&pid=s1413-81232006000500007&lng=en&nrm=iso . Acesso em: 23/06/2012.

DATASENADO. Pesquisa sobre Violência Doméstica e Familiar Contra a Mulher, 2013. Disponível em: <http://www.generoracaetnia.org.br/publicacoes/data%20senado%201.pdf>. Acesso em: 22/03/2013.

DEBARBIEUX, E. (2002). **“Violências nas escolas”**: divergências sobre palavras e um desafio político. In E. Debarbieux & C. Blaya (Orgs.), *Violência nas escolas e políticas públicas* (pp. 59-87). Brasília: UNESCO.

DEPOIS de Lúcia. Direção: Lee Hirsch. México: IMOVISION, 2013. 1 bobina cinematográfica. (103min).

DURKHEIM, É. **As Regras do Método Sociológico**. 10 ed, São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1982.

FANTE, C. & PEDRA, J. A. **Bullying escolar**: perguntas e respostas. Porto Alegre: Artmed, 2008.

FANTE, C. **Fenômeno bullying**: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. 2ª Ed. Campinas, SP: Versus, 2005.

FELIZARDO, A. R. Cyberbullying: **Difamação na velocidade da luz**. 1 ed. São Paulo: Willem Books, 2011.

FOLHA DA REGIÃO. Araçatuba/SP. 18 abr. 2011. Violência, p.10. Disponível em: <http://www.folhadaregiao.com.br/>. Acesso em 12/01/2013.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Tradução de Roberto Machado. 14. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1979

FRANCISCO, M. V.; LIBORIO, R. M. C. **Um estudo sobre bullying entre escolares do ensino fundamental**. Psicologia, Reflexão e Crítica, v.22, n.2, p. 200-207, 2009.

FRANCO, Maria Laura P. B. **Análise do conteúdo**. Brasília: Plano Editora, 2005.

FREUD, S. **Por que a guerra?** In: Obras completas. Rio de Janeiro: Imago, 1980. V22. P.241-259.

GARAIGORDOBIL, M. (1995c). **Evaluación de una intervención psicológica en indicadores de desarrollo moral**. Boletín de Psicología, 49, 69-86.

GOFFMAN, E. **Estigma**. Tradução de Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. 4ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

GARCIA, J. **Indisciplina, incivilidade e cidadania na escola**. Educação Temática Digital, Campinas, v. 8, n. 1, p. 121-130, dez. 2006. Disponível em: <http://143.106.58.55/revista/include/getdoc.php?id=898&article=97&mode=pdf>. Acesso em: 14 março. 2013.

GUARESCHI, P.A. (et.al) **Bullying mais sério do que se imagina**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

GILLY, M. **As representações sociais no campo da educação**. In JODELET, D. (org). As representações sociais. Rio de Janeiro. EDUERJ. 2001.

GROSSI, P. K.; SANTOS, A. **Desvendando o fenômeno bullying nas escolas públicas de Porto Alegre, RS**. Revista Portuguesa de Educação, v.22, n. 2, 2009.

HALL, S. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HARGREAVES, A. **Teaching in the knowledge society**. Maidenhead: Open University Press, 2003.

IBGE. **Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar**. Brasil. 2009. Disponível em: <http://saladeimprensa.ibge.gov.br/noticias?view=noticia&id=1&busca=1&idnoticia=1525> . Acesso em: 01.11.2012.

IKONA. F. **As meninas**. 2007. 1 original de arte, óleo sobre tela, 40 cm x 50 cm.

JAHODA, M., & ACKERMAN, N. W. **Distúrbios emocionais e antissemitismo**. São Paulo, SP: Perspectiva, 1969.

JODELET, D. **Representações Sociais: Um domínio em Expansão** In: JODELET, D. (org.). **As Representações Sociais**. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

JUSBRASIL. **Bullying contra menores pode resultar em quatro anos de prisão.** 2013. Disponível em: <http://www.jusbrasil.com.br/noticias/3133975/bullying-contra-menores-pode-resultar-em-quatro-anos-de-prisao>. Acesso em: 05/04/2013.

KLINBERG, O. **Las causas de la violencia desde una perspectiva sócio-psicológica.** In: UNESCO(org). La violencia y sus causas. Paris, 1981. p.123-138. Disponível em <http://unesdoc.unesco.org/images/0004/000430/043086so.pdf>. Acessado em: 08/09/2012.

LABORIT, H. **Mecanismos biológicos y sociológicos de la agresividad.** In: UNESCO (org). La violencia y sus causas. Paris, 1981. p.47-68. Disponível em <http://unesdoc.unesco.org/images/0004/000430/043086so.pdf>. Acessado em: 08/09/2012.

LAKATOS, E.M.; MARCONI, M.A. **Metodologia do trabalho científico.** São Paulo: Atlas, 1986.

LIBÂNEO, J. C. **Organização e Gestão da Escola: Teoria e prática.** 5ª Ed. Revista ampliada. Goiânia: Alternativa, 2004.

LISBOA, C. S. M. (2005). Comportamento agressivo, relações de amizade e vitimização em crianças em idade escolar: fatores de risco e proteção. Tese de Doutorado, PPG-Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

LECKIE, B. (1997). **Girls, bullying behaviours and peer relationships:** the double edged sword of exclusion and rejection. [On-line]. Disponível em <http://www.aare.edu.au/97pap/leckb284.htm>. Acesso em: 09/11/2012.

LEVY-BRUHL, L. **La mentalité Primitive.** 14ª ed. Paris : Presses Universitaires de France, 1947.

LEVISKY, D. L. (Org.). **Adolescência e violência:** consequências da realidade brasileira. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

LOMAS, C. **La escuela es un infierno?** Violencia escolar y construcción cultural de la masculinidad. In: Revista de educación. V. 342, p. 83-101 , 2007.

LOPES, NETO A. A., NETO. **Bullying: Comportamento agressivo entre estudantes.** Jornal de Pediatria, [online] 81 (5), 164-172.2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/jped/v81n5s0/v81n5Sa06.pdf>. Acesso em 10/08/2011.

_____. **Bullying: saber identificar e como prevenir/** Aramis Antonio Lopes Neto. – São Paulo: Brasiliense, 2011.

LOPES NETO. A.A, Saavedra LH. Diga NÃO para o Bullying. Rio de Janeiro: ABRAPIA; 2004.

LUDKE, M.; MARLI E. D. A. ANDRÉ. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: EPU, 1986.

MALDONADO, M. T. **Bullying e cyberbullying** – o que fazer com isso? Disponível em: <http://www.mtmaldonado.com.br>. Acesso em 16/10/2012.

MARQUES, M. O. da S. “**Escola noturna e jovens**”. In: PERALVA, A. e SPOSITO. “Juventude e contemporaneidade”. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro: número especial, mai/dez, 1997.

MARTINS, M. J. **O problema da violência escolar:** uma clarificação e diferenciação de vários conceitos relacionados. Revista Portuguesa de Educação, 18 (1), 93-105, 2005.

MATOS M. G. de & Gonçalves. S. M. P. **Bullying nas Escolas:** Comportamentos e Percepções, Psic., Saúde & Doenças vol.10 no.1 Lisboa 2009.

MAZZOTTI, A. J. A. **A Abordagem estrutural das representações sociais. Psicologia da Educação,** São Paulo, PUC/SP, n. 14/15, p.17-37, fev/jun. 2002.

MEC/INEP. **Pesquisa sobre Preconceito e Discriminação no Ambiente Escolar.** 2009. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/diversidade_apresentacao.pdf. Acessado em: 08/02/2013

MEDDELTON-MOZ, J.; ZAWADSKY, M. L. **Bullying**: estratégias de sobrevivências para crianças e adultos. Porto Alegre: Artmed, 2007.

MENINAS malvadas. Direção: Mark S. Waters. Estados Unidos: UIP, 2004. 1 bobina cinematográfica. (96 min).

MINAYO M. C. de S. **Violência – um problema para a saúde dos brasileiros.** In: Brasil. Ministério da Saúde. Impacto da violência na saúde dos brasileiros. Brasília, 2005.

_____. **A violência dramatiza causas.** In: MINAYO MCS, SOUZA ER (Org). Violência sob o olhar da saúde. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2003.

_____. **Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social.** In: MINAYO, M. C. de S. (org). Pesquisa social, teoria método e criatividade. 21. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2002, p.9-29.

_____. **É possível prevenir a violência?** Ciência e Saúde Coletiva 1999; 4(1): 7-24.

_____. **A Violência Social sob a Perspectiva da Saúde Pública.** Cad. Saúde Públ., Rio de Janeiro, 10 (supplement 1): 07-18, 1994. <http://www.scielo.br/pdf/%0D/csp/v10s1/v10supl1a02.pdf>. Capturado em 26/09/2011.

MINAYO M.C. de S, SOUZA E.R. **Violência e saúde como um campo interdisciplinar e de ação coletiva.** História, Ciências, Saúde 1997; 4(3): 513-531.

MORAIS, Kleber Augusto Fernandes de. **Representações sociais de adolescentes grávidas sobre a escola.** Universidade Federal do Pará. Programa de Pós-Graduação em Educação. Dissertação de Mestrado. Pará, 2011. Disponível no <http://www.ufpa.br>.

MOREIRA, D. **Transtorno do assédio moral-bullying**: a violência silenciosa. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2010.

MOSCOVICI, S. **A Representação Social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

MOURA, D. R.; CRUZ, A. N.; QUEVEDO, L. A. **Prevalência e características de escolares vítimas de bullying**. *Jornal de Pediatria*, Rio de Janeiro; v. 87, n. 1, 2011.

NANSEL, T.R. et al **Cross-national consistency in the relationship between bullying behaviors and psychosocial adjustment**. *Archives of Pediatrics and Adolescent Medicine*, 156, 730-6, 2004.

NASCIMENTO, I. P. **Vou apagar você**: As RS de jovens sobre o *bullying* in X Congresso Nacional de Educação-EDUCERE, Curitiba-Paraná pp.10158-10167. 2011.

NASCIMENTO, I. P.; VIEIRA, A. S. **Reflexões sobre a violência nas escolas**: um olhar sobre os (as) jovens de escolas públicas in *Revista Travessias: pesquisa em educação, cultura, linguagem e arte*.vol. 1. nº 02 , Cascavel- Paraná pp. 2-32 . 2008a

NASCIMENTO, I. P.; TRINDADE, M. **Os significados da violência na escola para professores de escolas públicas de Belém**. in *Revista Travessias: pesquisa em educação, cultura , linguagem e arte*.vol. 2. nº 02 , Cascavel- Paraná pp. 1-27. 2008b

NOGUEIRA, M. A. **A sociologia da educação do final dos anos 60 e início dos anos 70**: o nascimento do paradigma da reprodução. *Revista Em Aberto*, Brasília, ano 9, n. 46, abr./jun. 1990. Disponível em: . Acesso em: 10/01/2013.

ODALIA, N. (2004). **O que é violência**. São Paulo: Editora Brasiliense.

OLWEUS, D. *Bullying at school. What we know and what we can do*. Oxford, UK: Blackwell, 1993.

OLWEUS, D. **Aggression in the schools: bullies and whipping boys**. Washington: Hemisphere, 1978.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). Relatório mundial sobre violência e saúde. Brasília: OMS/OPAS, 2002.

ORGANIZAÇÃO PANAMERICANA DA SAÚDE (OPAS). violencia y la salud. Resolución no XIX. Washington, 1994. Disponível em: http://www.who.int/entity/violence_injuryprevention . Acesso em: 10/08/2012.

ORNELLAS, M. de L. S.; RADEL, D. C. **Violência na escola: grito e silêncio**/ Maria de Lourdes Soares Ornellas, Daniela Chaves Radel, coordenação; prefácio Ivany Pinto Nascimento. Salvador: EDUFBA, 2010.

PAPALIA, D. E. & OLDS, S. W. **O mundo da criança**. São Paulo: Markon Brook, 1998.

PERALVA, A. **Violência e Democracia: O Paradoxo Brasileiro**. São Paulo, SP: Ed. Paz e Terra, 2000.

PEREIRA, S.M. de S. **Bullying e suas implicações no ambiente escolar**. São Paulo: Paulus, 2009.

PLACCO, V. M. N. de S. **Representações sociais de professores e seu trabalho na área de prevenção, AIDS, drogas e violência**. In: PARDAL, Luís et al. **Educação e trabalho: representações, competências e trajetórias**. Aviero: Ed. Universidade de Aviero, 2007.

PLACCO, V. M. N. de S. et al. **Representações Sociais de jovens sobre a violência e a urgência na formação de professores**. Psicologia da Educação, Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados PUC-SP, n.14/15, VV.AA – EDUC – 1º e 2º sem. de 2002.

PLAN BRASIL. **Pesquisa: Bullying no ambiente escolar**. Brasil. 2009

PORTO, M. S. G. **A violência entre a inclusão e a exclusão social**. Tempo Social; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 12(1): 187-200, maio de 2000.

PUIG, J. M.. **A construção da personalidade moral**. São Paulo: Editora Ática, 1998.

RECORD. T. título “Brigas entre meninas organizadas pela internet”.10 de março de 2010. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=ip26SAD7DNs>. Acesso em: 17/06/2012.

RIBEIRO, R. J. **Política e Juventude**: o que fica da energia. In: NOVAES, R. ; VANNUCHI, P. (Org.). **Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação**. Rio de Janeiro: Editora Fundacao Perseu Abramo, 2004.

RIVERS, I.; SMITH, P. **Types of bullying behaviour and their correlates**. *Aggressive Behavior*, 20 (5), 1994. 359-368.

ROLIM, M. **Bullying: O pesadelo da escola, um estudo de caso e notas sobre o que fazer**. Unpublished masters dissertation, Programa de Pós-graduação em Sociologia, Instituto de Sociologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil, 2008.

SALMIVALLI, C.; KARHUNEN, J.; LAGERSPETZ, K.M.J. **How do the victims respond to bullying?** *Aggr Behav.* 1998 Dec 6;22:99-109. www3.interscience.wiley.com/cgi-bin/abstract/64138/. Acesso: 08/10/2012.

SALMIVALLI, C.; VOETEN, M. **Connections between attitudes, group norms, and behaviors associated with bullying in schools**. *International Journal of Behavioral Development*, 28, 246–258. 2004.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Cortez, 2007.

SEIXAS, S.R. **Diferenças de gênero nos comportamentos de Bullying**: contributos da neurobiologia. *Interações*, 13, 2009 p. 63-97.

SHILIING, F. **A multidimensionalidade da violência**. In: CARVALHO, José Sérgio (Org.) **Educação, cidadania e direitos humanos**. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 209-224.

SILVA, A. B. **Bullying: Mentas Perigosas nas escolas**. Rio de Janeiro:Editora Objetiva, 2010.

SIMMONS, R. **Garota fora do jogo: a cultura oculta da agressão nas meninas**. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

SPOSITO, M. P. **Um breve balanço da pesquisa sobre violência escolar no Brasil**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 27, n.1, p. 87-103, jan./jun. 2001. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_issuetoc&pid=1517-970220010001&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 21 fevereiro. 2013.

SZYMANSKI, Heloísa. **A relação família/escola: desafios e perspectivas**. 2. ed. Brasília: Plano, 2007.

SZYMANSKI, H. **Significado de avaliação para mães de uma escola estadual da região central de São Paulo**. São Paulo, p. 69-74, 1994. Disponível em: . Acesso em: 08 nov. 2007.

SZYMANSKI, H. **Viver em família como experiência de cuidado mútuo: desafios de um mundo em mudança**. Serviço Social e Sociedade, São Paulo, ano 23, n. 71, p. 9-25, set. 2002

SZELBRACIKOWSKI, A.; DESSEN, A. (2005). **Compreendendo a agressão na perspectiva do desenvolvimento humano**. In M. Dessen & A. Junior, A ciência do desenvolvimento humano. Tendências actuais e perspectivas futuras (pp. 231-248). São Paulo: Artmed.

TITÃS. Violência. Intérpretes: Paulo Miklos; Branco Mello. In: Titãs. **Jesus não tem dentes no país dos banguelos**. Rio de Janeiro: WEA, 1987.1CD. Faixa 13.

TOGNETTA, L. R. P. **A importância da adolescência para o desenvolvimento moral/ As representações de si na adolescência**. In : Sentimentos e virtudes: um estudo sobre a generosidade ligada às representações de si. Tese de doutorado. Instituto de Psicologia USP, 2005.

TV Alesp debate *bullying* nas escolas. **Jusbrasil.com.br**, 26 de abril de 2011. Disponível em: <<http://www.jusbrasil.com.br/noticias/2659407/tv-alesp-debate-bullying-nas-escolas>>. Acesso em: 24 jul. 2011.

TEIXEIRA, G. **Manual antibullying**: para alunos, pais e professores. Rio de Janeiro: BestSeller, 2011.

UNESCO. **Violência e escola**. Brasília: UNESCO, 2002.

WASELFISZ, J.J. **Mapa da violência 2012. Os novos padrões da violência homicida no Brasil**. São Paulo: Instituto Sangari. 2011.

_____. Mapa da violência 2011. **Os jovens do Brasil**. Brasília: Ministério da Justiça, Instituto Sangari. 2011b.

WISEMAN, R. **Meninas malvadas**. Tradução: Doralice Lima. Rio de Janeiro: BestSeller, 2012.

ZABALZA, M. **Como educar em valores na escola**. Revista Pátio. Porto Alegre, ano 4, n.13, jan./jul. 2000.

Ilustração da capa

Figura disponibilizada pelo acervo de telas de Fernando Ikona: Tela: Meninas. 2007. 1original de arte, óleo sobre tela, 40 cmx50 cm. Disponível em:<http://www.guiadasemana.com.br/evento/artes-e-teatro/exposicao-de-fernando-ikoma-bublitz-galeria-de-arte-27-04-2013>. Capturado em 12/03/2013.

APÊNDICES

APÊNDICE 01 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Pelo presente termo, venho convidar-la a participar da pesquisa intitulada: **REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE ALUNAS DO ENSINO FUNDAMENTAL SOBRE O BULLYING**, que tem como objetivo compreender as representações de alunas da 8ª série do ensino fundamental sobre o *bullying* e suas implicações no processo de escolarização. Este é um estudo qualitativo e fundamentado pela Teoria das Representações Sociais com base nas concepções dos teóricos Serge Moscovici e Denise Jodelet.

A técnica de coleta de dados será dividida em duas etapas. A primeira consiste na aplicação de um questionário semiestruturado composto por quarenta (40) questões, e a segunda etapa por uma entrevista em grupo. As informações referentes aos sujeitos alvos deste estudo serão tratadas de forma anônima e confidencial, haja vista que em nenhum momento será divulgado o seu nome em qualquer fase do estudo. Os dados coletados serão utilizados para fins de análise apenas nesta pesquisa e os resultados divulgados em eventos e/ou revistas científicas, mantendo-se as identidades dos sujeitos participantes deste estudo em anonimato.

Sua participação é voluntária, e você pode recusar-se a participar de qualquer atividade ou desistir de participar a qualquer momento, solicitando a retirada de seu consentimento. Essa recusa não trará nenhum prejuízo na sua relação com o pesquisador ou com a instituição.

Sua participação nesta pesquisa consistirá em responder ao questionário e participar da entrevista, que será agendada com antecedência, conforme a sua disponibilidade. Esta entrevista será gravada em áudio para posterior transcrição.

Você não terá nenhum custo ou quaisquer benefícios financeiros. Não haverá riscos de qualquer natureza relacionada à sua participação, visto que as atividades apenas envolverão a expressão e o diálogo. O benefício relacionado à sua participação será o de aumentar o conhecimento científico sobre o tema da violência escolar, com destaque para o fenômeno *bullying*.

Será entregue a você uma cópia deste termo, onde constam os contatos da pesquisadora responsável, para que, caso seja de seu interesse, você possa tirar qualquer dúvida sobre o projeto e sobre a sua participação, agora ou a qualquer momento. Desde já agradecemos a sua participação!

Patrícia Rodrigues de Oliveira Kimura
 Pedagoga
 Mestranda em Educação/UFPA
 Cel: (91) 8893-3050
 E-mail: patyrok@gmail.com
 Endereço: Rua Cônego Luíz Leitão/Castanhal-Pará

Declaro estar ciente do inteiro teor deste TERMO DE CONSENTIMENTO e aceito participar no estudo proposto, sabendo que poderei cancelar minha participação a qualquer momento, sem sofrer qualquer punição ou constrangimento.

Castanhal- PA ____ de ____ de 2012.

Sujeito _____ de _____ Pesquisa:

Telefone: _____

E-mail: _____

APÊNDICE:02



Universidade Federal do Pará
Instituto de Ciências da Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação

Olá!

Estamos realizando uma pesquisa sobre a violência escolar, focalizando o BULLYING, visto que ele vem sendo apontado como um problema bastante presente nas relações entre as pessoas, especialmente em nossas escolas. Deste modo nosso empenho para investigar as Representações Sociais de estudantes sobre o BULLYING e suas implicações no processo de escolarização, tem por objetivo contribuir com o avanço dessas discussões e com a implementação de possíveis propostas de enfrentamento para este problema. Sendo assim, solicitamos sua colaboração para responder as questões abaixo.

Responsáveis: Ivany Pinto do Nascimento e Patricia Rodrigues de Oliveira Kimura

Data: ____/____/____ Escola: _____

I – PERFIL DO ALUNO E PERCEPÇÃO DA VIOLÊNCIA

1. Idade: _____

2. Sexo:

[] Feminino

[] Masculino

3. Você se reconhece como:

Branco(a)	
Preto(a)	
Amarelo(a)	
Pardo(a)	
Indígena	

4. Sua Religião é:

Católico(a)	
Evangélico(a)	
Espírita	
Umbandista	
Muçulmano	
Budista	
Outros	

5. Você mora com:

Os pais	
Só com o pai	
Só com a mãe	
Com o irmão (ã)	
Com os avós	
Com os tios	
Outros. Quem?	

6. Quantas pessoas moram em sua casa?

A	
B	
C	
D	
E	
F	
G	

7. Quantas pessoas trabalham em sua casa?

Todos, incluindo você	
Meus pais	
Só o pai	
Só a mãe	
Ninguém	
Outros. Quem	

8. Além de frequentar a escola, você realiza outras atividades?

Caso responda SIM, qual é esta atividade?

[] SIM [] NÃO

Participo do programa Mais Educação, oferecido na escola	
Curso livre de informática	
Curso livre de línguas (Inglês, Espanhol, outros)	
Trabalho remunerado	
Trabalho sem remuneração	
Outras. Quais?	

09. Você costuma acompanhar notícias de violência veiculadas pelos meios de comunicação (televisão, jornais, rádio, revistas, internet, etc..)?

Sempre	
Algumas vezes	
Não me interessa pelo assunto	

10. Você considera Castanhal uma cidade segura?

Sim	
Não	
As vezes	
Depende do bairro	

11. Em sua opinião, qual o local da cidade em que há mais violência?

Nos bairros da periferia	
Nos bairros do centro	
Em todos os lugares	
Nenhum lugar	

12. Escreva três palavras que para você significam violência

01	
02	
03	

13. Para você que fatores provocam a violência na sociedade?

➤ Marque as duas opções que você achar mais importantes.

Baixa escolaridade	
--------------------	--

Desemprego	
Distúrbios psicológicos	
Estupidez	
Pobreza	
Problemas familiares	
Uso de drogas	
Outros. Quais?	

14. A violência é:

Agressão física	
Homicídio	
Humilhação	
Suicídio	
Outros. Quais?	

15. No bairro onde fica a sua escola a violência ocorre:

Frequentemente	
Poucas vezes	
Não sei dizer	

16. A violência em sua escola ocorre:

Frequentemente	
Poucas vezes	
Não há casos de violência em minha escola	

II – BULLYING

1. Você já ouviu falar sobre BULLYING?

[] SIM [] NÃO

➤ Caso responda SIM, onde ou por meio de quem?

Pela família	
Pelos colegas	
Em palestras na escola	
Pelos professores	
Na televisão	
Na internet	

Outros? Quais?	
----------------	--

2. Escreva três palavras por ordem de aproximação sobre o que significa BULLYING.

3. Você já sofreu BULLYING?

Nunca	
Muitas vezes	
Poucas vezes	

4. Se já sofreu BULLYING, em que lugar isso aconteceu?

Em casa	
Na rua	
Na escola	
No trabalho	

5. Como você reagiu quando sofreu BULLYING

Fiquei com muita raiva e revidei	
Fiquei com muita raiva, mas não fiz nada	
Não liguei	
Levei na brincadeira e fiz a mesma coisa com essa pessoa.	
Fingi que não era comigo	
Pedi ajuda para outra pessoa. Quem?	

6. Você considera que sofreu BULLYING:

Pela sua religião	
Pela sua cor	
Pela sua idade	
Pela sua classe social	
Pelo modo como se veste	
Por sua opção sexual	
Pela sua aparência (alto/ baixo, gordo/magro)	
Pelo seu jeito de ser	
Outras. Quais?	

7. Qual a faixa de idade em que mais ocorre BULLYING?

Até os 10 anos	
Dos 11 aos 14 anos	
Dos 15 aos 18 anos	

Dos 18 aos 21 anos	
Dos 22 aos 24 anos	
Dos 25 aos 28 anos	
Acima de 29 anos	

8. Quem mais comete BULLYING são:

Os meninos	
As meninas	

9. Quem mais sofre BULLYING são:

Os meninos	
As meninas	

10. Você gosta de vir à escola?

Não gosto	
Mais ou menos	
Gosto muito	

11. Como você se sente na escola?

Seguro	
Inseguro	
Mais ou menos seguro	
Muito seguro	
Muito inseguro	

12. De que área da escola você gosta mais?

Pátio	
Sala de aula	
Banheiro	
Quadra de esportes	
Sala de leitura	
cantina ou copa	
Outra. Qual?	

13. Como você se sente durante o recreio?

Seguro	
Inseguro	
Mais ou menos seguro	
Muito seguro	

Muito inseguro	
----------------	--

14. Como você se sente na sala de aula

Seguro	
Inseguro	
Mais ou menos seguro	
Muito seguro	
Muito inseguro	

15. Como você se sente na entrada e na saída da escola?

Seguro	
Inseguro	
Mais ou menos seguro	
Muito seguro	
Muito inseguro	

16. Você costuma fazer ou já fez algumas das ações listadas abaixo? Marque com um X aquelas que sim.

Agredir	
Ameaçar	
Apelidar	
Bater	
Caluniar (inventar mentiras)	
Chutar	
Discriminar	
Dominar	
Encarnar	
Empurrar	
Excluir	
Ferir	

Fazer gozação	
Humilhar	
Ignorar	
Intimidar	
Isolar	
Ofender	
Perseguir	
Provocar brigas	
Quebrar pertences	
Roubar	
Sacanear	
Zoar	

➤ Com que frequência você fez isto?

Só uma vez	
Algumas vezes	
várias vezes	
sempre ocorre	

17. Na escola, você já foi vítima de algumas das ações abaixo? Marque com um X aquelas que sim.

Agredir	
Ameaçar	
Apelidar	
Bater	
Caluniar (inventar mentiras)	
Chutar	
Discriminar	

Dominar	
Encarnar	
Empurrar	
Excluir	
Ferir	
Fazer gozação	
Humilhar	
Ignorar	
Intimidar	
Isolar	
Ofender	
Perseguir	
Provocar brigas	
Quebrar pertences	
Roubar	
Sacanear	
Zoar	

➤ Com que frequência isto ocorreu?

Só uma vez	
Algumas vezes	
várias vezes	
sempre ocorre	

18. Você já viu algum aluno fazer alguma das ações abaixo com outros colegas? Marque com um X aquelas que sim.

Agredir	
Ameaçar	

Apelidar	
Bater	
Caluniar (inventar mentiras)	
Chutar	
Discriminar	
Dominar	
Encarnar	
Empurrar	
Excluir	
Ferir	
Fazer gozação	
Humilhar	
Ignorar	
Intimidar	
Isolar	
Ofender	
Perseguir	
Provocar brigas	
Quebrar pertences	
Roubar	
Sacanear	
Zoar	

➤ Com que frequência isto ocorreu?

Só uma vez	
------------	--

Algumas vezes	
várias vezes	
sempre ocorre	

19. Como você se sente ou se sentiu ao passar por esta situação?

Senti mal	
Senti raiva	
Senti vontade de revidar	
Não consegui reagir	
Não liguei	
Outra. Qual?	

20. Como você se sente ou se sentiu ao ver alguém passando por esta situação?

Senti mal	
Senti raiva	
Senti vontade de revidar	
Não consegui reagir	
Não liguei	
Outra. Qual?	

21. Qual a punição que você acha que deveria sofrer aquele que pratica BULLYING?

Se já tiver 18 anos, ser penalizado judicialmente	
Se for menor, ter os pais penalizados judicialmente	
Pagar multa ou indenização	
Ser castigado pelos pais	
Levar suspensão da escola	
Outra. Qual?	

22. Você acha que o BULLYING pode prejudicar os seus estudos? [] SIM [] NÃO

Por quê?

23. Em que o BULLYING prejudica a vida de quem sofre o BULLYING ?

24. Em que o BULLYING prejudica a vida de quem comete o BULLYING ?

APÊNDICE:03

Pergunta: 01

O que vocês pensam sobre bullying? O que significa bullying para vocês?	
•	
Entrevistadas	Respostas
Aluna 01	- Ofensas com palavras... ofensa com palavras, porque daí surgem as brigas, tudo, (pausa).... a violência
Aluna 02	- A humilhação, porque a pessoa pega (pausa).... ela fica sendo humilhada todo o tempo, ela fica se sentindo.... éh fica.... - (retoma a fala): É pode até ficar doente, por causa da humilhação, aí pra mim isso é uma forma de bullying também.
Aluna 03	- Desrespeito, ofensas, perseguição.
Aluna 04	- Isso é muito dos pais né, os pais no modo de educar os filhos, às vezes eles dão muita liberdade pros filhos, às vezes eles se relacionam com outro tipo de pessoa, entram no crime né, às vezes no tráfico, nas drogas, a gente vê sempre nas reportagens, que nem nessa que agente viu agora.... essas meninas talvez tivessem se relacionando com drogas, com várias coisas, aí isso faz com que elas fiquem mais violentas, xingam, agredem, discriminam as pessoas, aí, aí vai... vai.... ficando mais pior, no bullying, as vezes são alunos de outras escolas, escola particular que saem e vão pra outras escolas e acontece isso (bullying) ou então eles mesmos se envolvem com essas coisas, aí os pais tem que trocar de escola, mas isso não é culpa da escola, é dos pais que tem que impor limite, as vezes os alunos que são mais violentos discriminam os que são mais educados, aí é por isso que eu acho que os pais tem que dizer, olha não faz isso, ou aquilo outro, os pais tem que impor limite pros filhos.
Aluna 05	- É, eu concordo (referindo-se da participante A-04) porque, ...porque a educação, o respeito depende muito da criação da pessoa vamos supor... a mãe... éh tipo... ela é uma pessoa que bebe, o pai também, e.... aí essa pessoa, essa criança vai ficar o quê? Revoltada, vai ficando do mesmo jeito também... a... aí então ela pega e vai se meter com outro tipo de gente, aí ela pega e vai formando tipo um grupinho, ah fulano de tal tá chegando é novato e tal, é todo certinho, não sei que, não faz isso, não faz aquilo outro. Que não gosta, por exemplo, de quem faz as coisas direito, então esse grupo fica falando pra ver se pessoa muda, então aquelas que não mudam aí já vai....ficar discriminada, entendeu? já vai ficar dizendo que é pra ficar humilhando esse que faz as coisa certo. - É, muito é isso mesmo e aí tem pessoas que mudam (concorda com a complementação que as colegas dão para a sua resposta)
Aluna 06	- É, fica tentando mudar as pessoas, mudar o estilo de vida delas. - É, é isso, eu acho também porque quando eles fazem isso e vê que a pessoa não muda, aí vê que a pessoa é boa que é bacana, que ela não muda, aí eles já vão tratar a pessoa diferente, aí ele já fica sendo humilhada, fica sendo agredida, pra ficar, por que, porque o pessoal que se diz que é popular, que é popular dentro da escola, que diz, porque essas pessoas que são certinhas, eles querem que fiquem como eles, que quando eles não ficam, aí elas fazem isso, ficam falando, falando, ficam sempre batendo até entrar no grupinho deles, pra dizer que eles podem trazer mais pessoas pro grupo deles, e ser igual a eles.
Aluna 07	É, e assim a pessoa que entrou no grupo vai acabar ficando igual a eles, então eles já podem deixar de ser uma pessoa boa pro mundo, pra sociedade.
Aluna 08	São agressões, são gestos repetitivos, algumas ameaças na escola, e coisas pequenas, como aaah... todo dia chegar e chutar o mesmo aluno, pegar agredir o mesmo aluno, fazer piadas sobre ele, excluir e também dentro do grupo, por exemplo, a eu não vou falar com aquela menina porque ela é muito quieta, ah

	então... eu não vou falar com ela porque ela é muito agitada, então isso já é uma forma de bullying. Olha comigo já aconteceu muito isso porque eu nasci no Maranhão, aí eu fui pra Minas Gerais, e voltei de lá agora a pouco tempo, então as meninas, como eu era aluna nova, eu sempre tive muita rejeição por causa do meu sotaque, aí agora já melhorou mais, mas eu sofri muito bullying, ainda mais porque eu usava óculos, me chamavam o tempo todo de quatro olhos, de cegueta. E era muito ruim porque vinha gente de outra sala e ficava gritando na porta da sala, ah quatro olhos, ah cegueta e também porque eu era do nordeste me chamavam de Paraíba, então assim eu achava muito ruim
Aluna 09	Eu acho que o bullying é todo tipo de violência, ou física ou verbal, eu assim que a pessoa sofre muito bullying por ser alta demais ou então baixa demais, ou por ser gorda ou então muito magra.
Aluna 10	É agressão, é violência também, é tudo isso.
Aluna 11	O bullying pode estar ligado a muitas atitudes da pessoa, é....Por exemplo, é... Assédio, discriminação, falta de respeito, perseguição, espancamento e mais coisas ainda.
Aluna 12	Eu penso que isso (<i>bullying</i>) é coisa de gente revoltada. Sabe aquelas pessoas que acham que podem fazer o que quiser, que não vai acontecer nada. Gente que em casa faz tudo que quer, não respeita ninguém, acha que é melhor que os outros, por isso se comporta assim, é, faz esse tipo de coisa né.
Aluna 13	-É, eu também penso assim. A pessoa ela tem o exemplo né. Vai que de repente na casa dela as pessoas são assim também, vai que os pais são assim, sei lá, não respeitam os vizinhos, ou nem se respeitam dentro de casa também. Pode ser que se agridem também na frente dos filhos e isso vai ter, vai ter tipo um reflexo no comportamento do filho. Então, eu acho que a criação tem muito haver, que é importante, que influencia sim no comportamento. (Concordando com a A.14)
Aluna 14	Podem ter outras coisas envolvidas nisso, pode ser que a pessoa tá sofrendo também. Às vezes ela pode fazer isso (<i>bullying</i>) porque também tá acontecendo alguma coisa desse tipo com ela. Ela pode tá sendo perseguida de algum jeito por colegas, por vizinhos, ou até mesmo dentro da casa dela. Então vai juntando tudo e a pessoa fica assim, tipo revoltada né, querendo fazer a mesma coisa com os outros. Então eu acho que pode ser revolta, mas porque ela tá passando por isso também, é como se ela respondesse do mesmo jeito a violência e o sofrimento que ela tá passando, entende?

Pergunta: 02

Vocês acham que é dos pais a responsabilidade por essa questão do comportamento agressivo, violento entre os jovens? Então, a culpa seria dos pais?	
•	
Entrevistadas	Respostas
Aluna 01	- É, nem todos [Neste momento todas as participantes concordam entre si, que nem todos os pais têm culpa ou responsabilidade]
Aluna 02	- É sim, às vezes tem, mas.... - É, é (risos) (concordando com a fala da A. 06)

Aluna 03	- Não, às vezes pode ser culpa também das amizades.
Aluna 04	- Não respondeu.
Aluna 05	- É porque assim, por exemplo, os pais dão uma educação em casa, mas aí o filho ele vai pra rua, ele já aprende com outras pessoas coisas que não são boas, entendeu? Aí ele já vai se tornando diferente, com essas amizades, com essas pessoas que ele convive e os pais eles podem até não saber disso.
Aluna 06	- É... podem ter uma vida dupla. - É porque, é assim, os pais sempre dão os exemplos pra gente, então o filho sempre é educado pra seguir o exemplo dos pais, mas só que muitas vezes os pais fazem aquilo que não devem e querem que agente faça as coisas certa. - É porque o que que a gente vai dizer, é porque o senhor faz isso, então eu vou fazer também, aí o pai não tem como falar, ele vai falar, não, não faz isso sendo que se ele faz então eu também posso fazer, aí como diz aquele ditado, faz o que eu mando, mas não faça o que eu faço (risos)
Aluna 07	- É ele pode pensar, ah o meu amigo faz, eu vou fazer também, né? - É...é! [Concordância entre o grupo]
Aluna 08	Só em parte, na outra parte é do filho que tá praticando, porque a pessoa sabe o que é certo e o que é errado. Então a culpa pode até ser do tipo de criação, mas tem o outro lado, no caso da pessoa que tá praticando.
Aluna 09	Não é só dos pais não. Acho que têm várias coisas, o jeito da pessoa, a personalidade, tem gente que acha que pode tudo, e tem gente que nem respeita o pai e a mãe, eles podem até orientar, e o filho ser mal criado, e fazer coisa errada mesmo que os pais não queiram. Por isso, eu não acho que é só dos pais não.
Aluna 10	Eu acho que é dos dois, dos pais e dos filhos.
Aluna 11	Não, pra mim a culpa é de quem pratica, não é porque eu vejo os outros fazendo coisa errada que eu vou fazer também. Os pais eles podem até darem mau exemplo, mas a pessoa faz se ela quiser.
Aluna 12	É complicado dizer que é dos pais ou então é só de quem faz, eu acho que é tudo junto, são várias coisas ao mesmo tempo, não é só por causa dos pais que o filho vai ou não praticar <i>bullying</i> ou outra coisa errada. Claro que os pais eles influenciam muito na criação do filho, mas, por exemplo, tem gente que usa droga e não é porque o pai ensinou, nenhum pai quer que o filho use droga ou faça coisa errada. Por isso eu acho que são várias coisas ao mesmo tempo. Não sei te falar de todas essas coisas, mas eu acredito...Eu acredito que não é responsabilidade só dos pais não.
Aluna 13	Eu concordo com ela. (Referindo-se a resposta da A.11)
Aluna 14	Um pouco é dos pais sim, porque eles têm que ensinar os filhos direito, a respeitar os outros, a dar limites, mas também a pessoa tem que saber que se ela não gosta de ser apelidada, espancada, humilhada, os outros também não vão gostar. Olhando por aí a culpa é dos dois lados, dos pais e dos filhos.

Pergunta: 03

E entre as meninas, o que pode, no caso específico das meninas, levar a prática de bullying. Um exemplo: uma menina começar a cometer bullying com outra pessoa, como nós vimos no trecho do filme, isso acontecendo com um menino, mas trazendo para a realidade das meninas, porque que uma menina pode vir a adotar um comportamento desses? Esse tipo de comportamento, a violência, a prática de agressão entre as meninas ocorre pelos mesmos motivos que ocorre com os meninos?

•

Entrevistadas	Respostas
Aluna 01	- O conflito entre as meninas, quase sempre é por competição, por meninos, por beleza, é por ... é, como é que se diz, por que tem tipo inveja. - É... mas o primeiro de tudo é competição por causa de menino, porque tipo assim eu quero ele, então se for a outra que tipo, tipo ficar com ele aí já vai criar uma rivalidade, eu acho que esse é o principal. (Em resposta a última fala da A.05).
Aluna 02	
Aluna 03	É, com certeza ela não vai gostar (risos) (concordando com a fala da A.06) [Risos – Todas concordam com a resposta]
Aluna 04	- Uma coisa também que pode fazer a pessoa ficar assim, que nem eu conheço uma menina, a mãe dela trabalha muito, ela é professora, então ela fica muito fora de casa, e a menina fica sozinha, então desde criança ela é muito solitária, então ela é muito agitada, e às vezes ela não tem essa liberdade em casa de tal nível com a família, e fora de casa, na escola ela apronta muito, ela dá problema então ela vai pra rua, sai, só que ela é muito enjoada, aí briga com as outras meninas da rua, só que a mãe dela nem sabe, porque ela não conta, ela fica com medo de apanhar da mãe dela, e eu acho que ela é assim porque ela é muito só, ela é mimada, e não consegue se dar bem com as outras pessoas.
Aluna 05	- As meninas elas brigam por competição, uma quer ser melhor do que a outra, uma quer ser mais bonita que a outra. - As vezes outra coisa também, e o jeito de se vestir, o jeito de falar, o jeito de ser da pessoa, que a outra fica com raiva. - Não, não sei, porque varia também de adolescente pra adolescente, porque minha mãe passa o dia todinho trabalhando... (referindo-se a fala A. 06) [Consenso entre o grupo] Certo, certo algumas, porque eu, a minha mãe passa o dia todo trabalhando, mas na verdade eu já acabo sendo a mãe da minha irmã, porque na verdade eu cuido dela, eu olho ela, então vai da cabeça de cada um, porque eu acho que a pessoa tem que botar na cabeça, se minha mãe trabalha, é porque ela tá procurando o melhor né. (Em resposta a A-06)
Aluna 06	- É, é isso. (concordando com a A.01) - Eu acho que não, não porque primeiramente as meninas, elas brigam mais porque...por causa de menino, por que elas querem se sentir querem ser a mais bonita, e também assim, vamos dizer assim (aponta para uma colega) ela é mais

	bonita do que eu, aí ela fica querendo se sentir lá, com um monte de menino, uma forma de humilhação que tem, é dizer olha tu e feia, tu não tem, tu não consegue ninguém, não sei o quê, não sei o quê, aí cria aquela discussão, mas vamos dizer que o menino que ela gosta, gosta de mim! Aí cria aquela rivalidade, cria aquela briga, porque as duas ficam querendo disputar o mesmo menino, mas ele gosta da mais feia, entendeu? É pode ser isso, porque talvez ela nem tenha conflito assim com as pessoas de fora, mas pode ser que ela tenha com a mãe, porque ela sente falta da mãe dela, porque a mãe não tá lá presente a todo momento, porque toda menina é assim, a minha mãe faz isso, a minha mãe faz aquilo, aí ela não tá com a mãe dela, não tá com a mãe dela, aí fica brigando, e mesmo dentro de casa, ela pode até dizer pra mãe, ah eu tenho amiga na escola, porque elas são mais minha amiga do que a senhora, por que a senhora não fica comigo, não sai comigo, também pode ser um motivo de briga em casa com a mãe porque quando chega em casa não conversa com ela, porque menina tudo é a mãe, então ela pode ficar assim porque não em um bom relacionamento em casa e fica desse jeito, do mesmo jeito que menino é mais o pai. (concordando com a A.04) Não, eu to dizendo algumas, não é todo mundo não! (Em resposta a observação feita pela A.05).
Aluna 07	Não se manifestou
Aluna 08	Na minha opinião é assim....mulher por mais que diga eu não tem, mas sempre tem inveja. Ah vê uma menina assim muito bonita, aí vai lá e já vai ficar se incomodando com ela. Ah nossa a fulana veio com um sapato, nossa que sapato horrroso! Não sei pra que que ela vem com salto para escola, então tem muito isso. Não fulana tá namorando com menino mais bonito da escola, e ela é horrrosa, então tudo isso, já faz ficar aquela competitividade, já faz gerar as brigas, assim eu fiquei com o menino mais bonito da escola, aí eu falo pra elas (rsrsrs), nossa, eu fiquei com o menino mais bonito da escola, aí eu já to me achando e elas ficam pensando que eu to me sentindo, aí elas já ficam com aquela coisa meio que com inveja, meio que com raiva e tudo mais e aí gera isso tudo né. - É por usar roupa muito curta, pelo jeito de se vestir, pelo jeito de conversar, porque tudo interfere, por exemplo na sala, se o professor te faz uma pergunta e se uma menina responde, a outra já que responder outra pergunta, por que fica áquea de quem quer ser a mais inteligente da sala. Se uma pessoa vem com uma roupa curta, se vem com um decote já é mal vista, isso gera muito porque uma pessoa que já é mais quieta já não vai gostar, eu por exemplo eu não sou quieta nem aqui, nem em qualquer lugar, então tem gente que já não gosta de mim por isso, aí tem gente que julga, que se afasta, que já não gosta mesmo.
Aluna 09	Eu também acho a mesma coisa, porque fica com inveja da outra, também por ser gorda, por ser magra, pela aparência também.
Aluna 10	Essa questão também de competir, de uma querer ser melhor que a outra, gera isso.
Aluna 11	Porque tem muita gente diferente uma da outra, e parece que para a maioria das meninas, todas tem que ser iguais, se uma gostar de futebol, se for mais pra frente, se tiver a opinião diferente, é.... Se for diferente do jeito de menina que tem que ser, parece que incomoda, aí já começa a discriminação, a encrenca.
Aluna 12	É inveja, competição, rivalidade, na maioria das vezes a briga é por causa disso sim.
Aluna 13	Também por isso, mas tem outras coisas.
Aluna 14	No caso das meninas, é porque tem aquela estória de não ir com a cara da outra, às vezes a pessoa nem é chata, é uma pessoa legal, mas é excluída, é ridicularizada só porque uma do grupo não foi com a cara dela e fica falando mal pras outras pessoas, menina tem muito disso.

Pergunta: 04

02. Então, a rivalidade e a competição, principalmente por causa de namorado é a principal causa, essa é uma opinião de todas vocês?	
•	
Entrevistadas	Respostas
Aluna 01	- Por que assim, se a pessoa gostar mesmo daquela pessoa ela não vai fazer diferença.
Aluna 02	- É, principalmente logo no começo, ela ia ficar um pouco reprimida, porque se todo mundo já soubesse que ela é assim, aí vão ficar falando da menina que fosse andar com ela também, mesmo que a outra fosse só colega.
Aluna 03	- E também se, por exemplo, eu acho que se tivesse uma menina sapatão na sala, de repente também ela ia ser meio que excluída, principalmente porque tem muita violência com quem é assim, tem muita gente que não gosta, tem raiva, e espanca, bate ou então fica falando mal, falando as coisas né, apelidando. Aí as pessoas já não vão querer andar com ela, porque pode acontecer à mesma coisa com elas, podem pensar que é tudo do mesmo jeito, às vezes pode rolar até briga e todo mundo que anda junto entrar no meio, até quem não tem nada a ver com a estória, só porque tá andando junto, tipo sei lá, são colegas. - É, e porque assim, agente pode sentir até medo porque tipo eu conheço uma menina que é lésbica, e aí eu fico colega dela, só que eu fico com medo dela se apaixonar por mim e tudo, sabe, aí eu não vou querer. - Porque também tem a questão da conversa, porque se tu conversar com aquela pessoa tu vai saber o porquê que ela faz aquilo, aí a pessoa pega e pensa que ele faz aquilo porque gosta. Com certeza não é porque gosta, é porque com certeza já fizeram aquilo com ele também e ele não quer ficar pra ele, ele quer bater nos outros também.
Aluna 04	- É, quem é criticado pode se revoltar, porque eu conheço um menino que ele é muito avacalhador, ele é demais mesmo, ele é terrível, e a mãe dele já até bateu nele por causa de reclamação, uma outra vez um menino que ele tava mexendo com ele deu um soco nele, mas só que ele não tá nem aí, ele não muda, só que alguém pode vim e fazer alguma coisa pior com ele né? - É, eu trabalho como babá de criança e eu acho também que não adianta bater, tem que conversar com a criança porque às vezes, ela muda. - E as mães às vezes vêm conversar comigo, e eu explico pra elas, olha a minha mãe nunca teve trabalho comigo por quê? Porque ela sempre conversou comigo, desde pequena, então eu cresci ela me ensinando, e eu tenho consciência daquilo que eu vou fazer, mas tem que ensinar desde pequeno, dizer, olha não fale palavrão, porque tá errado, mostrar, ensinar o certo e o errado e quando a pessoa crescer não vai dar tanto trabalho.
Aluna 05	- É, as vezes a pessoa tem até inveja, inveja da outra porque ela é assim. - É. No caso assim, da menina ser homossexual, é mesmo complicado, porque às vezes... Não é nem que ela seja errada, nem é isso. Eu penso assim, as outras iriam ficar com receio de andar com ela porque, por mais que... (pausa), por mais que você goste da pessoa, você sabe que ela é assim... Ai você pensa, não cara! Porque vão falar de você também. Vão falar que você é a mesma coisa e tal, e que de repente tão até namorando. Então não, quem é que vai querer. Tem

	muito preconceito. Aqui na escola eu já vi acontecer, então agente fica assim com um pouco de medo de acontecer com agente também. - É, só que eu acho que violência não adianta nada. - Não, mas eu não concordo, por que se não tentou resolver quando era criança. Não é batendo que você vai conseguir resolver essa situação. - Mas as vezes as pessoas ficam achando ruim agente ser assim, porque um dia uma menina veio me dizer, olha mas tu é muito diferente, teu jeito é muito assim, sei lá, tu não fala palavrão, ah.... aí a outra menina foi falou assim, ah eu queria ser como você, porque eu não cresci com esse hábito sabe.
Aluna 06	- É, eu acho que é. [Consenso entre o grupo] - É, aí ela fica querendo ser, se achar, querendo ser aquela pessoa, mas no fundo ela tá se prejudicando, tentando ser aquela pessoa que ela não consegue ser, e tem aquela dificuldade de chegar com a outra, e dizer olha eu gostei do teu jeito, tu pode me ensinar, tipo ela ensinar a pessoa a ser uma pessoa boa, ser uma pessoa não querendo se achar, andar com aqueles, vamos dizer com aqueles decote assim, com saínda só pra se achar mais do que a outra. - Aí os meninos escolhem até as meninas mais simples, do que essas outras, eles preferem, as vezes eles ficam com essas outras, porque quer mostrar pros amigos, ah eu to com a mais bonita, entendeu? E pensa a porque eu vou pegar aquela, pra fazer o que eu quiser, e também pra mostrar pos outros, ah ela tá comigo. - É mais eu não sou muito a favor disso, eu não acho certo ser assim... (interrompida pela participante A-1) - É, é verdade...acho que sim também. (Concorda com A.05) - E isso pode gerar uma briga, porque a pessoa mesma que tá sendo criticada ela pode se virar contra as outras que tão criticando ela. (Referindo-se a fala da A.05) - É, mais às vezes resolve, é o que mais resolve. (Referindo-se novamente a fala da A.05) - (risos), É quando eu era criança eu brigava muito também. - Tem haver muito também com respeito, porque se a pessoa aprende desde pequena a ter respeito com os pais, e se mãe disser assim olha isso que tu tá fazendo é errado, tu sabe que tá errado, mas tu faz, e a mãe fala de novo, mas tu tá fazendo isso errado, mas se tu tem respeito por ela, tu não vai querer que ela passe vergonha, tu não vai querer que ela fique constrangida pelo teu ato, tu vai tentar te endireitar, tu não vai ficar naquele negócio assim, a eu vou fazer porque eu quero, quero que todo mundo ache que eu sou aquilo e aquilo tal, mas se tu tem respeito com a tua mãe tu não vai querer fazer isso, e isso vai ser até mesmo com os teus colegas, porque se tu tá aqui com os teus colegas, por exemplo eu to aqui com ela, aí outra menina fala comigo e eu já sou de outro jeito com ela, começo a falar palavrão e tudo mais, a minha outra colega com que eu não sou assim, vai virar pra mim e vai dizer assim porque tu tá falando isso, tu não é assim, aí então só porque eu quero me achar pra ela, aí fica aquele negócio assim, que eu não respeito minhas amigas, se eu respeito elas e elas são diferentes, eu não tenho que fazer uma coisa que uma delas não vai gostar, eu tenho que fazer uma coisa que as duas vão gostar, pra que nenhuma possa ficar com raiva, pra não gerar aquela briga, aquela intriga, entendeu ?
Aluna 07	- É, mas não só isso, eu acho também uma coisa que é igual, é o modo da pessoa ser, porque se tem aquela que tem mais coisa, que quer se impor, que quer mais

	se achar, e tem a outra que é mais humilde, aí a outra fica discriminando porque ela é mais humilde, ou então ela é simples. (Em observação a resposta da A.06) - É, querendo tipo ter todos os meninos aos pés dela e a outra não ter nada, mas tipo se ela fica estudando é porque ela quer ser alguma coisa na via, aí essa outra fica com raiva, porque a pessoa que só quer ficar andando com menino ela não quer nada da vida não. - É porque ninguém tá ainda acostumado, se depois ela virar tua amiga mesmo.... aí eu acho que já não vai ser tanto.
Aluna 08	- Porque assim, a menina ela não pode chamar palavrão, ela não pode isso, não pode aquilo outro. Parece que ela tem que ficar reta, igual a uma estátua, sabe? Ela não pode fazer nada, porque qualquer coisa vai dar o entender que você já é diferente das outras. então....
Aluna 09	-Não, pode ser também porque quer ser mais inteligente, quer se destacar no grupo, essas coisas sabe.
Aluna 10	- É um dos principais motivos, é.... Existem outros, mas esses aí são os mais, mais....Frequentes.
Aluna 11	Esses são sim, Mas tem outros motivos, como querer aparecer mais, querer mandar nas outras, porque de repente o que ela diz tem que ser aceito, tem que ser seguido pelas outras do grupo... Ah, a pessoa quer impor o pensamento dela. Então quem pensa ao contrário dela, ou quem se veste diferente, tem uma postura diferente, pode...É.... Pode se tornar alvo.
Aluna 12	É mais tem outros motivos também.
Aluna 13	Tem pessoas que não se encaixam assim no padrão de menina que a maioria segue, então essa aí, pelo menos alguma vez, é certo que vai sofrer alguma discriminação. Porque tem um jeito pra menina né, um jeito que a menina tem que seguir e se por acaso ela for diferente, é fácil que ela seja vista como esquisita como diferente das outras.
Aluna 14	Porque tem gente que é assim né, que quer ser melhor em tudo, quer impor as suas ideias. Eu sou a mais bonita, eu tenho corpo mais bonito, eu sou a mais inteligente, eu sou a mais tudo. Então aquela já pisa nas outras pessoas, ahh não eu sou melhor.

Pergunta: 05

Definam o bullying, com as palavras que vierem à cabeça de vocês.

•

Entrevistadas	Respostas
Aluna 01	-Acho que chega a ser um crime.
Aluna 02	-É, pode ser considerado um crime, mas eu acho que ir para cadeia, só se a pessoa chegar a espancar ou matar a outra. Acho que as outras coisas, poderia pagar multa ou então fazer serviço na comunidade. Por exemplo: ser obrigado a fazer serviço voluntário na escola, em hospital, coisas desse tipo.
Aluna 03	Não respondeu
Aluna 04	-Não, eu acho que terror psicológico, quem calúnia, éhh... Fica inventando mentira, ameaçando os outros eu acho que se tiver mais de 18 anos deveria ser preso sim, nem que fosse um mês só, que é para aprender a respeitar, porque as pessoas que passam por isso, calúnia, difamação, sofrendo ameaça podem até ficar doentes por causa disso, então quem faz tem que pagar.
Aluna 05	- Também um negócio, vamos supor uma pessoa negra, porque todo mundo

	quando vê uma pessoa negra acha que é bandido.... [Consenso entre a maior parte do grupo, exceto por três participantes e dentre estas, uma negra, que sobre este ponto, absteve-se em dar sua opinião]
Aluna 06	- É um ato de violência, uma falta de respeito, mas eu não acho que chega a ser um crime, porque a violência vem da falta de respeito, porque se um bandido vai roubar uma velhinha ou qualquer pessoa ele não tem respeito por ela, porque se ele não fazia isso com uma senhora de idade, porque toda vez que a pessoa vai roubar ela maltrata... - É, às vezes chega até a matar pelo que ela quer, então o que falta mesmo é o lado do respeito. (em resposta a A.07)
Aluna 07	- Falta de respeito, falta de caráter. - As vezes até mata.... (Em relação a resposta a A.06)
Aluna 08	Brigas, desrespeito, humilhação, preconceito.
Aluna 09	- Violência física e também psicológica, desrespeito, falta de educação, grosseria.
Aluna 10	- Calúnia, difamação, roubo, agressão, ameaça e outros.
Aluna 11	Eu concordo com o que já foi dito por elas né, é briga, violência, humilhação, desrespeito, inventar mentiras das outras pessoas, é...Caluniar, distratar sabe. É isso.
Aluna 12	Discriminação, violência física e psicológica, invasão de privacidade, roubo, ameaça, ofensas.
Aluna 13	É tudo isso, brigas, calunias, difamação, humilhação, apelidos e piadas que constrangem o outro, insultar.
Aluna 14	Bullying é perseguir, chatear o tempo todo, falar mal da outra pessoa, difamar ela pra todo mundo que ela conhece, humilhar, pisar no outro, discriminar, ter preconceito e muito mais coisa.

Pergunta: 06

Vocês acham que hoje as pessoas ainda pensam assim?

✓ - Não, não, não... [todas respondem não, ao mesmo tempo]

Entrevistadas	Respostas
Aluna 01	- Não! Não é todo mundo que acha isso, mas tem muitas pessoas que pensam assim ainda.
Aluna 02	- Eu acho que isso pode até não ser frequentemente, mas acontece.
Aluna 03	Não respondeu
Aluna 04	Não respondeu
Aluna 05	- Não... não. Assim, porque se a senhora está andando com um notebook e o celular dentro da bolsa e a noite passa aqui na frente da escola e aí tá vindo, uma pessoa branca e uma pessoa negra, todas duas mal vestidas, mas quem é que a senhora vai pensar que vai assaltar, claro que é a negra, as vezes até mesmo aquela pessoa pode ter procurado uma oportunidade de ter um emprego, mas por as pessoas serem racistas elas podem não dar o emprego, sabe.
Aluna 06	- É verdade, a pessoa pode até dizer para a negra que não tem o trabalho, mas é só ela da meia volta e entrar uma pessoa branca é claro que ela vai dizer, sim pode entrar, pode participar, tem vaga sim.
Aluna 07	Não respondeu.
Aluna 08	Pensa sim, tem muito preconceito ainda.

Aluna 09	É algumas pensam sim, mas tem gente que tem a cabeça mais aberta.
Aluna 10	É tem muito preconceito, as pessoas discriminam por causa da cor, ou então porque a pessoa é muito pobre, ou por causa, é... Se a pessoa tiver com uma roupa rasgada, assim mal vestida, acho que tem mais chance de sofrer discriminação, do que um branco ou quem tem uma condição melhor ou de quem anda bem vestido, por exemplo.
Aluna 11	Nem todo mundo, tem pessoas que pensam assim, ainda tem com certeza, mas não é todo mundo não.
Aluna 12	Eu também acho que muitas pessoas ainda pensam dessa forma
Aluna 13	Éhh Quem tem a cabeça mais aberta não vai achar que a pessoa porque é pobre ou negra tem que ser ladra, bandida ou só coisa ruim, tem gente boa e ruim em todas as classes, rica, pobre, branca, preta, amarela, sei lá.
Aluna 14	Acho que muitos ainda pensam sim, ainda tem muito preconceito em relação à cor, a mulher, a classe social. Se agente for ver, tem sim.

Pergunta: 07

Mas, falem mais sobre o bullying, como é isso? Ele está mesmo acontecendo, vocês vem casos deste problema aqui na escola?

•

Entrevistadas	Respostas
Aluna 01	- É sempre eu vejo também, às vezes por besteira, mas tem muito isso de uma menina ficar encrencando com a outra, e menino também, por besteira, o ano trasado tinha de vez em quando briga de menina, por causa de ficar uma encrencando com a outra dentro da sala, e na hora da saída elas brigavam na frente da escola, na rua.
Aluna 02	- É principalmente por competição, falando das meninas, dos meninos também, mas mulher é mais por competir uma com a outra sim.
Aluna 03	- Acontece, claro que acontece.
Aluna 04	Acontece sim, já teve várias discussões, tanto entre menina com menina, quanto com meninos, por causa dessas coisa de...de fica encrencando um com o outro o tempo todo, falando mal, chamando apelido, inventando coisa, já saiu até tapa, briga mesmo.
Aluna 05	- Acontece muito.
Aluna 06	- O bullying acontece sim, não só.... não só na escola, em outros lugares também, as vezes em casa, na rua acontece muito, mas eu acho que mais forte é na escola mesmo, porque não é por acaso que a pessoa vai ficar, tu é gorda, tu é gorda, tu é gorda todo dia, não é por acaso que ele vai ficar chamando a pessoa de gorda, acho que ela pode sim tá perseguindo, tá provocando a outra, pode até ser um acaso, mas na maioria das vezes não é, tem uma intenção.
Aluna 07	- Acontece sim, acontece muito, agente vê todo dia isso.
Aluna 08	- Claro que sim, pode até não ter tanta gente fazendo isso no mesmo lugar, mas claro que acontece muito.
Aluna 09	- Acontece, acontece... Sempre.
Aluna 10	- Acontece sim, é mais na escola, mas acontece na família, ou na rua onde a pessoa mora, no trabalho, em vários lugares.
Aluna 11	- Olha sempre tem, com as meninas mesmo, você vai ver que sempre tem um grupo de meninas que fica querendo esnobar o outro ou uma menina de quem não gostam, ou às vezes é só uma do grupo que não gosta dela, mas aí ela vai influenciando as outras pra não gostarem também, claro que acontece.
Aluna 12	- Sim, principalmente na escola, acho que dos dois lados tem muito, tanto com

	menina quanto com menino.
Aluna 13	- Eu acredito que acontece, pelo que agente vê. Não é com todo mundo, mas sempre tem uma pessoa que a outra ou um grupo gosta de ficar pegando no pé, éhhh... Inferiorizando, apelidando, ou excluindo, sempre tem.
Aluna 14	- Acontece, com certeza, pode procurar que você vai ver que isso acontece sim, tanto aqui na escola como em outras e também na rua, no trabalho, em outros lugares, mesmo que na escola seja mais, acontece em outros lugares também.

Pergunta: 08

Mas o bullying, ele tem uma característica que marca, que fica?

•

Entrevistadas	Respostas
Aluna 01	- No caso de namorado né, que ela tava falando, às vezes o grupinho dela fica falando, oh puxa, você vai deixar isso barato, porque é uma pressão também, aí ela vai se sentir obrigada a fazer alguma coisa, então é bullying também.
Aluna 02	- É a humilhação o tempo todo né, fica provocando, chateando a pessoa o tempo todo.
Aluna 03	- Se for só uma vez que acontecer não é bullying, mas se acontecer de novo com a mesma pessoa, aí já passa a ser bullying.
Aluna 04	
Aluna 05	- O bullying em geral é... varias palavras, é várias formas de agressão, e tem que ser repetido né, várias vezes. - Eu acho que (pausa).....tem uma intenção, a pessoa não quer participar do teu grupo, então talvez por isso você vai tentar agredir ela de alguma forma.
Aluna 06	- É física, é agressão verbal.
Aluna 07	- É pra tentar trazer na marra, se não quiser agente vai fazer alguma coisa com ela, umbora pega ela, da uma surra nela.
Aluna 08	- Tem, acho que se ficar o tempo todo fazendo né, é... Insultando, xingando, apelidando, com falta de respeito com outra pessoa, é isso.
Aluna 09	- Eu acho que a violência repetida com um grupo de pessoas, ou com uma pessoa, já tá dizendo né, perseguição, então se você persegue não vai ser só uma vez, vão ser várias vezes, você vai ficar ali pegando no pé daquela pessoa, implicando com ela todo tempo.
Aluna 10	É essas coisas né, violência psicológica, é verbal, física, agredir, humilhar, inventar as coisas do outro.
Aluna 11	É, ficar fazendo as coisas contra a mesma pessoa o tempo todo, se for poucas vezes, acho que uma ou até mesmo duas, dá pra dizer que ainda não é bullying, mas se ficar o tempo todo sabe, se tipo virar um hábito, fica o tempo todo, tipo uma semana, todo dia, enchendo a paciência da pessoa, ou um mês, não sei, ficar bastante tempo ofendendo, discriminando, apelidando uma pessoa, aí já da pra dizer que é bullying.
Aluna 12	- Brigas, humilhações, desrespeito, é... de forma contínua né, pode-se dizer que é bullying. Porque assim, eu me lembro que quando eu fazia a sexta série tinha uma menina que era gordinha, então ela suava muito, assim e tinha umas meninas lá e uns meninos também que ficavam dizendo olha, olha a geladeira já tá descongelando, ou então que ela tinha mau cheiro, ou então ahh lá vem a baleinha, essas coisas assim, e foi o ano inteiro, ela ficava com muita raiva, até um dia a mãe dela veio aqui falar com a professora, e eu acho que ela foi na secretaria também.

Aluna 13	- São ofensas, apelidos,
Aluna 14	- Humilhações, insultos, desrespeito, inventar mentiras, bater, agredir né, ficar tratando o outro mal sempre.

Pergunta: 09

Quanto às causas que levam a prática de bullying, isso falando das meninas, porque as meninas praticam bullying? Quais os motivos que vocês acham?

•

Entrevistadas	Respostas
Aluna 01	- É mais inveja, eu acho.
Aluna 02	- Eu acho também, e se as pessoas, assim as outras meninas não quiserem fazer o que ela quer, aí ela já vai colocar as outras contra elas, ou se for só uma contra aquela que não concorda, sabe, e também por cauda de menino.
Aluna 03	- Ciúme, inveja e por causa de menino que nem agente falou antes....
Aluna 04	- É por competição, é porque se acha melhor do que as outras, se acha mais bonita, quer ficar fazendo pouco da outra.
Aluna 05	- Também tem esse negócio da roupa, as vezes a menina se arruma muito, usa aquelas roupas muito decotada, tipo perigete sabe(risos), aí as outras podem ficar com raiva e falar mal, não querer que ela faça parte do grupo, também, também pode ser o contrário a menina pode se vestir mal, andar assim sempre sem tá arrumada, meio sujinha, não sei esse também pode ser um motivo, menina tem muito essas coisas, repara o jeito de ser dos outros, eu digo porque as vezes eu reparo também, não isso de roupa, isso não, mas por exemplo, aquelas meninas que tem a boca muito suja, chama muito palavrão, grita, sei lá fica querendo chamar a atenção toda hora, eu não acho legal, pelo menos pra mim eu não acho, só que eu fico na minha, tem gente que por causa disso já vai começar a ficar de marcação, tipo excluir, não querer que essa pessoa faça parte do grupo, ficar falando mal, aí já gera o bullying né? [Consenso entre as participantes]
Aluna 06	- Inveja, competição, rivalidade, quer ser autoritária, mandar nas outras, acha que só o que faz, o que pensa é que é certo, e pensa que todo mundo tem que ser igual, não respeita né o opinião, o pensamento, o jeito dos outros.
Aluna 07	- É, também tem aquelas que querem mandar em todo mundo, ser tipo a valentona sabe, que ela que decide tudo, ela que manda, todo mundo tem que concordar com o que ela fala.
Aluna 08	- Acho que as causas, é quando começa a competição, por causa de menino, ou então de uma querer se melhor, mais bonita do que a outra.
Aluna 09	- Pra mim, é principalmente por causa de competição, e quase sempre o motivo é porque tem menino no meio, aí geralmente envolve o grupinho delas, as colegas já vão querer entrar no meio da confusão. O ano passado eu lembro que teve uma briga desse tipo aqui na escola, que brigaram as duas e as colegas delas também se meteram na briga, e isso foi o ano inteiro...(risos) Eu lembro que de vez em quando o pessoal falava que elas tavam se estranhando, porque uma ficava falando mal da outra, e isso aconteceu até por causa de um menino da 8ª 2ª, que as duas já tinham ficado com ele.
Aluna 10	- As meninas é porque as meninas elas tem rivalidade né, competição, também tem menina que gosta de implicar com a outra.
Aluna 11	- É por causa do jeito, porque a pessoa ou é muito tímida ou é muito saída, né assim gosta de chamar atenção, ou então tem alguma coisa que incomoda, as

	meninas sempre brigam por coisas desse tipo, ou porque uma quer ser melhor do que a outra, e não gosta mesmo, então por isso é mais assim exclusão, é ignora a outra né, não deixa ela fazer parte do grupo, fica excluindo mesmo.
Aluna 12	Com as meninas, é muito por causa de competição, de rivalidade, inveja mesmo, questão de namorado, ou então às vezes por besteira mesmo. Até em muitos casos no começo elas são colegas, depois por besteira começam a encrencar, aí sempre vai ter uma que vai ficar inventando estória da outra, ficar falando mal, apelidando, ou então avacalhando com a outra.
Aluna 13	Depende, tem umas que é por competição, outras é porque tem aquela coisa de querer mandar nas outras, de querer ser tipo a líder sabe, então todo mundo tem que concordar, todo mundo tem que pensar igual a ela, se não ela quer colocar as outras pessoas contra quem pensa diferente e acaba éh...éh fazendo bullying.
Aluna 14	Eu acho também que é por isso, que elas falaram já, assim um pouco de cada, competição, rivalidade, querer ser a líder, mandar mais né. (Referindo-se as falas das participantes A09 e A10)

Pergunta: 10

E com as meninas, o bullying que é praticado por meninas, é igual como os meninos fazem, é do mesmo jeito, as meninas agem da mesma forma que os meninos, quando praticam bullying?

•

Entrevistadas	Respostas
Aluna 01	- Não é verdade, eu sei, tem vários casos desse tipo mesmo. Disseram mesmo, que era porque uma só ficava o tempo todo encrencando com a outra, todo dia diz que ela ficava provocando, provocando, até que a outra fez isso, por que também parece que essa que esfaqueou tem problema com todo mundo, e aí a outra só ficava falando dela o tempo todo, então como ela já era desequilibrada, fez isso né
Aluna 02	- É, eu concordo, mas não é só assim não, menina também agora já tá brigando muito também quando elas se estranham, sai no tapa mesmo, até se corta, que nem naquela história lá do Lameira (referindo-se a escola Lameira Bittencourt), que uma meteu a faca na costa da outra, quase mata a outra.
Aluna 03	- É, mas eu concordo que a menina ela tem muito isso de se dizer de amiga e ficar falando pelas costas, fazendo inferno, inventando coisa.
Aluna 04	- Eu acho que é as duas coisas, fala mal, faz fofoca, inventa mentira, mas também tem a violência física, também briga, porque uma coisa acaba trazendo a outra, assim de tanto ficar fazendo essas coisas, essas fofocas, intriga, um dia a outra vai saber, ela vai entender, aí acaba brigando.
Aluna 05	- Acho que é parecido..... porque assim, porque menina tem mais aquela coisa de ficar falando mal, de ficar tratando a outra diferente, tipo pra fazer essa outra ficar com raiva, se sentir menos no grupo, ou na sala. Às vezes ela pode, vamos supor, até se fazer de amiga, mas por trás derruba mesmo a outra, até inventa coisa, porque menino é mais assim, eles brigam mesmo né, e não se finge de amigo, quando não gosta, não gosta, já a menina ela fica se fazendo de amiga, mas só que no fundo não é, entende?
Aluna 06	- Eu concordo com isso que ela falou, eu acho que uma coisa leva a outra, tipo, vamos dizer que de tanto uma fica infernizando, falando, falando, falando, a outra é... vai ficar sabendo, mais cedo ou mais tarde, ela vai ficar sabendo, aí gera a briga, mas eu acho que mais é isso mesmo de ser falsa, de querer diminuir, de ficar se achando em cima da outra, aí mais pra frente acaba brigando, de se xingar ou de se bater mesmo.
Aluna 07	- Eu acho também isso que elas falaram, quer dizer as duas coisas, primeiro a

	violência é...é verbal, e depois a física.
Aluna 08	Eu acho que as meninas tão praticando mais bullying, que os meninos, e às vezes elas podem até se bater, se agredir, mas é mais assim apelidar, falar mal, às vezes ela dá assim aquele rabo de olho, da aquele empurrão assim, já quer passar, ah dá licença, aí a outra já fica com raiva, e as vezes já bate boca, quer bater, aí uma já fica meio insegura e chama outra e aí já são duas e quando você vê já tá toda a escola naquele meio e o pior é que tem quem aplaude, fica aqueles gritos, parece que tão gostando, parece que fica uma torcida
Aluna 09	- Aqui mesmo na escola já aconteceu, eu acho que acontece mais em escola, as meninas brigam muito, encenam uma com a outra e as vezes se agredem mesmo, como agente falou que aqui esse ano mesmo já teve uma briga entre duas meninas que todo mundo da escola veio olhar.
Aluna 10	- É vira uma coisa, todo mundo na escola quer ver, e nesse caso aqui na escola diz que era por causa de um menino mesmo.
Aluna 11	- Também às vezes por causa de ser, é como é... Homossexual, e chama mesmo é de sapatão logo, às vezes por isso também, porque ainda tem muito preconceito né.
Aluna 12	- Sim, só que eu acho que no caso das meninas é mais através de insulto, de difamação de exclusão, e bem menos violência física, no caso das brigas né, os meninos brigam mais.
Aluna 13	- Eu também acho que as meninas, é mais com falsidade sabe, éh... Fala mal, fica difamando, fazendo calúnia, mas por trás da outra, com falsidade, exclui, faz gozação e é mais difícil ir para a briga de bater mesmo sabe.
Aluna 14	- Ah, aí depende, as meninas tão brigando muito, bate boca, esculhamba com a outra, e o que mais agente vê é menina saindo no tapa mesmo, depende da menina.

Pergunta: 11

Vocês concordam que a prática de bullying seja considerado crime?

•

Entrevistadas	Respostas
Aluna 01	- Se foi o filho dele que cometeu... ai não pode, eu também concordo que não pode que tá errado essa parte do pai ser preso no lugar, o filho é que tem que ser castigado. - Mas também, eu acho que pra ser dito crime, depende da violência, eu acho. - Devia também ter um psicólogo, que falasse já prevenindo nesses casos mesmo de apelidar, de avacalhar, que era pra evitar coisas mais sérias, que acontecesse briga, por exemplo.
Aluna 02	- Mas aí não pode, não tá certo, porque muitas vezes o pai nem sabe que o filho fez ou que ta fazendo isso pela rua, nesse caso quem fez é que tem que responder, mesmo que não vá preso, tem que ter uma forma de castigo. - Eu acho que lá podia ter tipo um psicólogo, então um médico pra falar pra aquela pessoa que aquilo é errado, pra conscientizar aquela pessoa, pra falar pra ela que aquilo não é o certo.
Aluna 03	- É por isso é errado, tá errado, porque o pai pode nem saber e vai ser preso por aquilo que o filho não contou e ele nem sabe, aí vai ser preso por um crime que

	ele não cometeu., não, aí não... - Quem comete bullying tem que ser punido, né? (Completando a resposta da A06). [Consenso entre o grupo] - Mas assim, eu acho que ele podia ser julgado, e ele esperava até ficar de maior, aí sim ele podia ser preso por aquele ato que ele fez no passado. (Referindo-se a resposta da A03).
Aluna 04	- É, serviço comunitário, isso é uma forma. - De pagar assim pelo que ele fez, por que é comparado a um crime, eu acho que é, então essa pessoa que cometeu o bullying, ela vai ter que pagar. - Eu acho que...ele que tem que tomar a culpa, ele que é o culpado, ele que tem que pagar, não os pais, mas não indo pra cadeia, mas os pais tem culpa também do filho ser assim, não pra serem presos, mas de responderem sim, de alguma forma. - Eu acho que pra conscientizar os jovens, tá faltando ter mais coisas na escola, por que a escola não fala muito sobre isso, então como acontece muito na escola, poderia ter assim, por exemplo, palestras que é pra eles se conscientizarem do que tão fazendo. Então é isso, eu acho que devia tipo... Ter um projeto nas escolas, porque muitas vezes eles podem nem saber direito o que tão fazendo, aí se tivesse isso, acho que melhorava. Podia ter um debate, coisas mesmo que falassem sobre isso, porque quase não tem. - É, isso, deveria ser uma norma, aí já ficava certo. (Em relação a resposta A05)
Aluna 05	- Eu acho que...(pausa) é pode até ser considerado um crime, mas a maioria que faz é de menor né. Então eles não vão ser presos, então eu acho que era melhor assim, fulano de tal praticou bullying, então agora ele vai fazer.... é.... - É, e também, por que geralmente é de menor, colocar na cadeia não pode. - Se já tiver 18 anos, eu concordo que pode ser preso. - Não, mas aí, a escola tinha que colocar uma regra.... tipo..... vai ter uma aula de psicologia e ninguém vai poder sair da sala, porque tem que tratar no começo quando ainda é só o xingamento, porque começa por aí pra depois chegar na briga, na violência física, eu não acho que vai ser pior não, a escola tem criar normas, tem que dar um jeito de todo mundo participar.
Aluna 06	- Eu acho que é crime, porque a pessoa usa de falta de respeito, aí ela vive fazendo coisa errada e não se conscientiza de que aquilo não é certo, aí ela pega vamos dizer três anos de cadeia, aí vamos vê se pelo menos lá dentro da prisão ela não vai raciocinar e parar de fazer aquilo, mas tem outra coisa, pode ser que ela se revolte e quando sair faça de novo, né... [Consenso entre a maior o grupo] - [retoma a fala] Aí vamos vê, se ela não vai pensar que aquilo é errado e mudar pra melhor. - Porque, porque assim, eu ouvi falar, eu não sei se é, que quando um menor comete bullying, aí se ele tiver que ser preso, não vai ser ele o preso, o que fez bullying, vai ser o pai. - Eu acho que os pais, que eles também têm um pouco de culpa porque se eles não educaram o filho deles direito, quer dizer, pode até ter educado, mas o menino aprendeu na rua e eles não quiseram se interessar em saber da vida do

	filho, tem culpa, mas só que isso, eu acho que o que cometeu bullying, tinha que ter... tinha que ser.... - Isso, ser punido, ele que tinha que ser punido, não os pais, porque não foram os pais que fizeram, foi ele, mesmo que eles tenham um pouco de culpa mas, ele que tem que pagar pelo erro. É, aí quem sofreu o bullying, essas pessoas elas vão ficar com medo, porque ela sabe que ela mandou aquela pessoa pra cadeia, vai pensar, ah ele vai sair de lá ele vai querer me matar, ou fazer alguma coisa ruim comigo. - Eu não sei, porque eu acho que se tivesse tipo uma aula de psicologia, ninguém ia querer participar, todo mundo ia querer ir embora dessa aula, porque ia logo dizer, eu não sou doido, pra que que eu preciso disso, porque o principal motivo da pessoa ir no psicólogo é porque ela é doida, então se eu não sou doido, eu não vou participar dessa aula, e aí vai ficar criticando aquela pessoa que ficou, que tá participando. Outra prática de bullying, ficar criticando quem quer aprender quem quer saber das coisas, aí vai gerar mais bullying, vai ser o contrário, do que devia ser, vai ficar ainda pior.
Aluna 07	- Bullying é crime, e deve ter pena sim, se for menor os pais tem que se responsabilizar e se for de maior é a pessoa que fez que tem que pagar. - Serviço comunitário! - Tem que ter pena sim, por exemplo, se xingar, tinha que pagar uma indenização, tudinho porque, porque a pessoa ofendeu a outra né. Se chegasse a bater aí ela devia fazer serviço comunitário, e se... Matasse, aí sim ela tinha que ser presa. É por isso tinha que ter um projeto. (Referindo as falas das participantes A.04 e A.05)
Aluna 08	- Eu acho que bullying tem que ser considerado crime, como agente viu agora no vídeo né, uma menina foi morta e não teve pena nenhuma, então vai ficar assim por isso mesmo? É por isso que continua, se ninguém paga por isso, não vai parar. A família perde uma pessoa que ama e isso vai ficar assim. Não, não pode! Então eu concordo que <i>bullying</i> seja considerado crime.
Aluna 09	Pra mim, pode se dizer que <i>bullying</i> é crime, e quem fica perseguindo os outros deveria pagar de alguma forma. Se for menor eu acho que o pai deveria responder, mas se quem comete for maior tem que ser penalizado e responder pelo que fez.
Aluna 10	- É porque as vezes o pai nem sabe como o filho é na rua, na escola, eu concordo que quem faz e que deve pagar, se for de maior pode até ser preso mesmo, pra ver se aprende.
Aluna 11	Eu acho que tem que ter uma forma de a pessoa pagar, mesmo se for de menor tem que ter alguma coisa pra fazer, tipo pra reparar né, e se for maior pode ser preso sim, que é pra nunca mais fazer de novo, eu concordo também.
Aluna 12	- Tem que ser considerado crime, mas eu não acho que tem que ir para a cadeia, eu concordo assim, que a pessoa faça alguma tarefa, que nem pintar a escola, ou então ajudar na limpeza, na copa, porque ela sabe que tá errado, mesmo sendo de menor ela sabe que não pode ficar é...É... Ofendendo as pessoas, agredindo os outros. Eu acho que todo mundo sabe que isso não é certo, faz porque quer, então... Tem que saber que vai ter uma consequência.
Aluna 13	- Não, só o pai não, eu acho que o pai e o filho deviam ser penalizados. Porque se eu tenho quatorze anos, aí eu não posso ser presa, mas eu posso pintar o muro de uma escola, eu posso limpar a minha escola, eu posso lavar o banheiro da minha escola, e o pais deviam ter alguma penalidade também porque se eles não sabem o que o filho tá fazendo na escola, eles não são bons pais, porque eles tem que acompanhar a vida dos filhos. (Em observação a resposta da A.09)
Aluna 14	- Deve ter tipo um castigo, pagar com aquelas penas de prestar serviço na

	vizinhança... Na comunidade né, prestar serviço comunitário, como pagar cesta básica, ou então uma multa bem alta, aí sim, eles iam pensar duas vezes antes de fazer isso, porque se não tiver pena e nem lei nenhuma, eles vão continuar.
--	--

Pergunta: 12

A prática do bullying, ela pode acabar em sérios casos de violência física ou mesmo em morte?	
•	
Entrevistadas	Respostas
Aluna 01	Pode, eu acho que pode sim.
Aluna 02	- É porque começa assim, uma pessoa bate na outra aí tá, a pessoa que foi agredida, ela vai querer agredir a pessoa que bateu nela e aí a outra vai querer revidar de novo, então não vai parar, vai ficar uma onda de violência.
Aluna 03	- Eu também acho... (Em relação a resposta A.04) [Consenso entre todas as participantes]
Aluna 04	- Eu também acho que não vai parar, porque um sempre vai querer se vingar do outro, por isso tem que ser desde o começo, a escola fazendo palestra, projeto, eu acho que dava mais certo.
Aluna 05	-Sim, eu acredito que sim.
Aluna 06	- Pode, pode, porque tipo, o ser humano ele tem memória, então eu sei me bateram, eu sei que aquela pessoa me bateu, eu gravei o rosto dela, a outra pessoa também me bateu, aí eu vou querer bater ou fazer outra coisa com ela pra prejudicar, se ela me humilhou, me xingou, me criticou, eu vou querer me vingar também, então o bullying leva a violência mais grave, porque primeiro vem a agressão verbal e aí depois vem a física.
Aluna 07	- Pode, com a continuidade a tendência é piorar.
Aluna 08	Pode, em mortes, em violência muito grave, como agente vê nesses noticiários, que entraram na escola, no cinema matando os outros.
Aluna 09	Pode, porque mexe com o psicológico da pessoa, então ninguém sabe o que o outro tá pensando. Tem gente que leva tudo a sério e essas podem ter reações mais violentas né, podem até chegar a matar mesmo.
Aluna 10	Sim, claro que estes casos são bem menores, mas sim, pode. Agente vê isso acontecer muito em outros países, sempre fala na televisão né, e mesmo no Brasil já teve uns quatro casos que passou no jornal, na televisão.
Aluna 11	Pode, mesmo que o número de casos, ainda... Ainda seja menor, eu creio que isso pode acontecer, porque a pessoa de tanto ser humilhada, perseguida ela pode se revoltar e fazer besteira mesmo.
Aluna 12	- Sim, com certeza, mesmo que seja mais difícil, isso pode acontecer sim.
Aluna 13	- Eu acho que por causa do psicológico que fica abalado né, então dependendo da pessoa, de como ela vai reagir. (Em observação a fala da A.09)
Aluna 14	- Sim isso é possível sim, com toda certeza, Se a pessoa for fraca, eu acho que ela pode sair muito prejudicada. Se ela já tiver o lado psicológico fraco, ela pode se descontrolar e tomar uma atitude sem pensar, e aí as coisas podem ficar sérias, porque a pessoa fica tão pressionada, achando que tem que fazer alguma coisa pra acabar com isso, que as consequências podem ser graves, fora que ela pode ficar com depressão, ficar com pânico, se isolar socialmente, ficar muito tímida, é... Retraída, insegura, tudo isso já prejudica muito a pessoa.

Pergunta: 13

Qual o papel da escola em relação à prevenção do bullying?	
•	
Entrevistadas	Respostas
Aluna 01	- Um debate ou palestra com a família e com os alunos, podia também ser um trabalho, tipo um projeto né, com todas as turmas.
Aluna 02	- Não se manifestou
Aluna 03	- Eu acho que isso tem que ser falado na escola e pelos pais.
Aluna 04	- Ou então podia fazer (um trabalho) com os filhos e depois com os pais.
Aluna 05	- Eu acho que falta muito da parte dos pais, porque eles tem que participar mais, porque só na escola pode até melhorar, mas em casa o pai tem que conversar, tem que dar o exemplo, dizer que não pode
Aluna 06	- É, fazerem uma reunião. (Complementando a resposta da A.03) - Podia mesmo era fazer a palestra e convocar os pais pra vir junto, porque na frente dos pais todo mundo é santo. - É porque às vezes o pai consegue dominar o seu filho, e ele vai dizer olha fica aqui do meu lado, prestando atenção aqui do meu lado, porque se não vai acontecer isso e isso contigo, tu vai ficar de castigo. Aí ele fica ali do lado assistindo, de repente ele com o pai do lado começa a prestar atenção na aula e começa a entender o que que ele tá fazendo de errado. (Em relação a resposta da participante A.07)
Aluna 07	- É pra participar todo mundo.
Aluna 08	Na escola agente tem medo, existe o medo, porque o bullying ele tem que ser punido, mas ele também tem que ser alertado. Porque às vezes agente vê uma propaganda de bullying e agente acha não, mais isso não acontece comigo, não acontece no meu dia-a-dia, e não vê o que tá acontecendo, tá na frente dele, anda com uma pessoa que comete ou que sofre bullying, mas pensa que não, comigo isso não acontece. Eu não pratico, eu não sofro, ninguém que eu conheço sofre, e vê comercial, vê palestra, mas parece que não abre a cabeça daquela pessoa
Aluna 09	Deveria ter um trabalho na escola, na família, com os alunos e com os pais para ajudar no combate do <i>bullying</i> , e o melhor lugar seria a escola, porque acontece muito <i>bullying</i> na escola. Então tem que falar de respeito, de combate a violência. Porque é papel da escola sim, não só ensinar o português, a matemática e as matérias que todo mundo conhece, mas também trabalhar o moral, porque isso também ajuda, é importante na vida. Tem que ser falado na escola, nas ruas, na família, e em todo lugar.
Aluna 10	Eu acho que a escola tem que falar sobre a violência, o <i>bullying</i> né, mas também a família, os pai eles tem o dever de falar sobre isso, porque a educação é na escola, mas é em casa também, tem que vir dos dois lados.
Aluna 11	A escola deveria fazer palestras, deveria conversar, ter cartazes, falar sobre esse assunto, porque é como se ele não existisse na escola, e tá acontecendo, agente vê muito.
Aluna 12	- A escola tinha que falar mais sobre esse assunto, porque tá faltando isso na escola, quase não tem nada em relação a ele, que alerte, que chame a atenção. Como esse é um problema que acontece muito nas escolas, falta esse trabalho de alertar, de prevenir.

Aluna 13	- Eu acho que aqui na escola tá faltando falar sobre muitas coisas, não só sobre <i>bullying</i> , mas também sobre outros assuntos que são importantes, por exemplo, sobre drogas, sobre sexualidade, gravidez, sobre certas doenças. Olha, eu vim de outra escola, e já estudo aqui há dois anos. Na escola de onde eu vim sempre tinha alguma coisa, palestra, vídeo que tratava desses assuntos, mas aqui é... Se fala pouco sobre isso, eu vejo que tá faltando sabe, alertar mais os alunos
Aluna 14	- Eu acho que tem pouca coisa na escola que fale a respeito desses problemas, as vezes o professor fala, mas é pouco, deveria mesmo ter palestras, com os alunos, com os pais, falar dessas coisas, inclusive de <i>bullying</i> , porque é um problema que acontece na escola.

Pergunta: 14

Quais os problemas que uma pessoa que é vítima de bullying pode desenvolver?	
•	
Entrevistadas	Respostas
Aluna 01	- Eu acho que a pessoa que sofre bullying ela vai começar a ter uma onda de xingamento contra ela, então ela vai pensar, ah se eles falam isso é porque então eu sou, aí ela pode entrar de depressão, pode até ficar com doenças mais graves, ou tentar se matar, ou coisa desse tipo e quando ela crescer ela pode também se tornar uma pessoa violenta, por causa que as pessoas faziam isso com ela, ela é... é ela teve tipo um exemplo de quando ela sofria, a eles faziam comigo, agora eu vou fazer com outras pessoas, tentar é...eles achavam que era o certo fazer isso, então se é o certo então eu vou fazer, é assim se os meus pais brigavam dentro de casa, então eu vou brigar com os meus filho, eu vou brigar com o meu marido, entendeu?
Aluna 02	- Porque assim, se ela sofre violência desde criança, o tempo todo, ela pode até começar também a praticar, ela pode querer fazer isso com qualquer pessoa, aí prejudica, também ela pode ficar com complexo de se achar menos, ficar excluída, se sentir mal, e ela vai ficar com problema psicológico, se sentindo mal.
Aluna 03	- Acho que pode ter problema mais na frente, até mesmo essa questão que quando o pai quer educar o filho e vai bater, aí a criança vira adulta, quer dizer, vai crescendo e quer fazer a mesma coisa com os outros e depois com os próprios filhos e vai indo do jeito que o pai e a mãe educou, batendo nos outros, então pode ficar uma pessoa violenta.
Aluna 04	- A pessoa pode ficar cada vez mais agressiva, ela pode ficar revoltada e fazer a mesma coisa com as outras pessoas, pode provocar a agressão, a violência, e se a pessoa não tiver um ensinamento ela vai ficar cada vez pior.
Aluna 05	- Eu acho que tem que começar corrigindo, porque se a pessoa ficar fazendo errado e ninguém disser nada ela vai ficar no errado, então tem que mostrar que aquilo não tá certo, tem que corrigir na hora de corrigir, não pode deixar pra lá só porque ela tá passando por algum problema, tem que mostrar o que é o certo, porque bater também não resolve, tem que conversar que é pra pessoa não se perder, não ficar pior, a pessoa quando ela sofre bullying desde criança, eu (pausa).... já sofri, já sofri muito bullying, mas.... eu fingia que não era comigo, eu me colocava pra cima, eu dizia não isso aqui não é verdade, eu tenho

	qualidades e tenho defeitos, não é assim, fulano de tal fala assim de mim, mas ele também tem os defeitos dele, ele pode não demonstrar, mas Deus sabe quais são os defeitos dele, então... se ele tem defeitos, eu também tenho, então não vou deixar isso, ah porque fulano falou mal de mim, eu vou fazer isso, isso e aquilo com ele, não eu não vou dar, eu não vou corrigir ele, se os pais não corrigiram, não sou eu que vou corrigir, mas se a pessoa não ligar, não, é não ignorar ela pode sim ficar com trauma, com vergonha se sentir inferior.
Aluna 06	- Eu acho que pode sim, porque primeiramente a pessoa quando sofre bullying ela fica revoltada, aí nisso que ela fica revoltada, aí tem pessoas que é assim não vão fazer nada, ela só guarda pra ela, mas quando é no futuro ela fica tão assim presa com aquele negócio dentro dela que as vezes ela quer soltar, quer descontar em todo mundo, quer ser violenta, mas tem vezes que a pessoa não consegue soltar vamos dizer que ela assim não consegue fazer aquele tipo de coisa, aí ela fica vamos dizer, doida, vamos dizer que podem até ter problema mentais, psicológicos, aí ela pega e aí..... é pode ser uma pessoa violenta é pode ter problemas psicológicos e assim porque desde a infância tem problema de não ter os pais ou ter os pais separados, ou então o pai e mãe tão juntos, mas eles não são presentes todo tempo, aí fica aquele negócio todo o tempo, as crianças não tem aquela segurança, então isso pode prejudicar mais ainda dependendo da família.
Aluna 07	- eu acho que a pessoa pode desenvolver um problema sim, principalmente se ela sofre bullying desde pequeno, pode ficar triste.....ehh... até com depressão né, com raiva, ficar também violenta, várias coisas, assim.
Aluna 08	Bem, em alguns crimes, éhhh, tem alguns crimes que quando tipo uma...psicóloga vai conversar , ela descobre que aquela pessoa já sofreu bullying né. Tem gente que... Por exemplo, ah eu apanhei muito na escola, vai lá e bate em algumas pessoas, bate nos outros porque também apanhou.
Aluna 09	A pessoa ela fica amarga, fica dura sabe, desconfiada.
Aluna 10	Eu não sei, eu acho que sim e não. Pode ficar se a pessoa dá papo pra isso, se ela se incomoda eu acho que prejudica mesmo, porque sempre tem essas coisas, mas se a pessoa não ligar, não vai ter problema, eu acho que não prejudica não. Tem os dois lados né. Depende do tipo de pessoa que acontecer, quer dizer, vai depender da pessoa, entende.
Aluna 11	Na minha opinião prejudica sim, querendo ou não a pessoa vai ficar incomodada, ou ela vai ficar com raiva, com muita tristeza, chateação, e pode até ter depressão, porque o desanimo ele vai prejudicar, porque a pessoa vai ficar desanimada, desmotivada até mesmo pra ir pra escola, então vai faltar, vai perder assunto, e até trabalho, tudo isso vai prejudicar justo no ensino.
Aluna 12	É, eu também acho isso, que fica uma pessoa violenta, fica uma pessoa revoltada. Não todas né, mas algumas com certeza vão ficar. (Referindo-se a fala da A.08)
Aluna 13	A pessoa pode ficar com complexo de inferioridade, se sentindo menos e virar um problema mais sério. Até aquele caso do menino que entrou na escola, vocês se lembram? Eu não sei se vocês viram, tem um tempo que aconteceu já, que ele atirou e matou um monte de gente numa escola, alunos né. Apareceu uma pessoa falando na televisão que um dos motivos que ele teve pra fazer isso, foi porque ele sofreu muito <i>bullying</i> na infância e na adolescência, na própria escola que ele estudava. Como ele já era uma pessoa problemática, isso influenciou pra que ele matasse os alunos dessa mesma escola, foi tipo uma vingança né.
Aluna 14	Ela pode ficar uma pessoa mais melancólica, como é que eu posso dizer, mais tímida. Por exemplo na hora de arranjar um emprego fica com medo do chefe, até de responder na entrevista, não consegue se sair bem sabe, uma pessoa insegura.

Pergunta: 15

O que pode acontecer com a pessoa que pratica o bullying? Que faz bullying com os outros?	
•	
Entrevistadas	Respostas
Aluna 01	- Eu acho que ele pode ser prejudicado em muitas coisas, mas porque a pessoa que é assim ela não liga muito pra nada, ela não gosta muito de estudo, então pode acontecer de ela não conseguir um emprego, aí começa né, por causa disso ele pode até roubar, fazer coisa errada, porque vai ficar mais sem oportunidade.
Aluna 02	- Acho que futuramente a pessoa que pratica <i>bullying</i> , é... Se ela ficar assim, se não mudar, ela vai se tornar uma pessoa que não tem nada, porque ela vai ser uma pessoa violenta, arrogante uma pessoa ignorante. Uma pessoa que todo mundo, vamos dizer... Não que todo mundo tenha medo, mas que as pessoas não vão gostar, não vão, entende, querer ajudar, querer dar uma oportunidade, que as pessoas não querem conversa, nem dão papo sabe, que se afastam. Com certeza vai ficar uma pessoa com dificuldade pra se relacionar, pra ter um trabalho, até pra ter uma família mesmo.
Aluna 03	- Eu acho que pode que nem elas tavam falando, quem é que vai conseguir trabalho sendo conhecido pelo lado da violência, que briga, que faz confusão, vai ficar marcado como uma pessoa assim e ninguém vai querer ajudar, e que até com a família pode ter problema.
Aluna 04	- Acho que Por causa do jeito difícil, se crescer uma pessoa violenta, é... que briga, que tem um comportamento difícil, que as pessoas não gostam, é uma coisa que vai prejudicar nos relacionamentos e pode se transforma numa pessoa sem oportunidade, é... de arranjar trabalho, de construir família. E essas pessoas que não recebem oportunidade, elas se revoltam, poxa eu fui lá naquele lugar e fui procurar trabalho e não encontrei, aí hoje eu virei bandido, se tornar mesmo uma pessoa sem oportunidade, pode ficar revoltar e acabar fazendo um monte de coisa ruim, roubar, até matar mesmo.
Aluna 05	- Ela pode ficar assim, é... vamos supor que essa pessoa ela vá procurar emprego, e ele pode se prejudicar por ser desse jeito não vai ligar pra ser uma pessoa esforçada, pra se qualificar, pra ter um bom emprego e até pra conseguir uma família, vai ser ruim, porque quem é a mulher que vai querer ficar com um homem violento, agressor, que pode até querer bater nos filhos, bater nela, ela pode até dizer eu não quero ficar contigo, porque se eu tiver um filho teu, tu vai bater no meu filho, tu vai bater em mim e vai virar uma briga, vai infernizar a vida de todo mundo
Aluna 06	- Eu acho que é assim, ela é desse jeito aí vê que no futuro ela não tá conseguindo nada, ela vai pra violência, vai pro roubo, aí ela pega, mais no fundo ela não queria fazer aquilo, ela até queria ser uma pessoa normal, vai que ela se arrependeu naquela hora e pensar que poderia ter feito diferente, aí ai ficar pensando naquela vida, tem risco até de entrar em depressa, de ficar doente, aí ela não vai mais poder fazer nada, agora o único caminho é esse.
Aluna 07	- Olha, além disso que elas já falaram, isso de oportunidade, não ter chance de dar certo, no trabalho, de até ir pro mundo do crime, e também de ser uma pessoa que ninguém gosta, da própria família não gostar, de ser difícil de relacionamento, ficar uma pessoa abandonada, excluída, que as pessoas tem dificuldade pra aceitar, por causa do jeito, eu acho que isso pode acontecer.
Aluna 08	- A senhora sabe aquele tipo de gente que agente vê na novela, no filme? Na

	vida real existe gente daquele jeito, é... Que engana, que mente, passa a perna no outro, que é violenta, bate, agride os outros, que rouba, é criminoso né. Eu acho que esse tipo de gente já é assim desde novinha, porque ninguém fica desse jeito de uma hora pra outra, então já era uma pessoa toda errada, não teve educação, foi crescendo desse jeito. Então eu acho que quem desrespeita, quem faz violência com os outros, quem é mal e cresce desse jeito, fica assim, não muda não! - É porque o bullying não é só na escola, pode ser em casa também, a pessoa pode sofrer em casa e querer descontar, pode se tornar uma pessoa que porque é vítima de violência, também vai ser violenta com os outros. Por que assim todo preconceito, toda coisa parte de casa, porque assim se eu sou educada em casa, eu sempre vou ser em qualquer lugar, seja na escola, na casa dos outros eu vou saber entrar e sair, agora se meu pai me bate, se meu pai não conversa comigo, se meu pai grita comigo, se meu pai xinga em casa, xinga meus irmãos, meu amigos, isso aí ele tá passando pra mim, entendeu. Aí o que que vai acontecer, eu vou xingar os meus amigos, eu vou bater nos meus amigos eu vou querer quebrar as coisas deles, então tudo começa em casa, se meus pais tem preconceito contra homossexuais, contra negros é claro que eu também vou ter, a não ser que as pessoas tenham a mente já muito diferente do pai, porque a influência é grande, não tem como negar isso.
Aluna 09	Ah, às vezes de culpa né, pode se arrepender depois. Também às vezes porque apanha em casa, fazem isso com a pessoa em casa, o pai bate e aí ela quer fazer também com os outros na escola.
Aluna 10	Eu acho que... Quando uma pessoa é muito difícil, e ela não muda, ela continua fazendo coisa errada, é... brigando, desrespeitando, ou fazendo violência contra os outros, geralmente ela vai ter problema na vida dela, tanto no trabalho como em casa com a família, com os amigos.
Aluna 11	Eu acho que depende sabe, tem gente que muda com o tempo, uns pioram, mas tem gente que melhora, eu acho que depende muito.
Aluna 12	Se cresce fazendo isso, vai ter uma ideia errada da vida, achando que pode fazer o que der na cabeça. Vai só amentando, quer dizer piorando sabe! Vai fica cada vez mais sem limite, sem respeito, sem educação, mais agressiva, mais violenta, eu penso assim.
Aluna 13	Ah de culpa não, eu não acho que esse tipo de pessoa se sinta culpada não. Eu acho é que não tá nem aí mesmo, faz porque quer. Não sei, mas acho que pode, tem mais chance de ficar violenta sim, rebarbada. (Referindo-se a resposta da A.09)
Aluna 14	Pra mim tem muita chance de se transformar numa pessoa muito violenta, que não respeita ninguém e até virar marginal. Porque se cresceu assim, batendo nos filho dos outro, sempre disse e fez o que quis, se não mudou quando era criança, depois de grande é que não muda mesmo, vai ficar velho fazendo coisa errada. Pra mim, quem cresce desse jeito não muda mais, se agente for ver... Todo bandido já foi pequeno também. - Eu também acho! É... Que nem ela tá dizendo né, que o exemplo dos pais influencia muito. Porque os pais educam do jeito que eles foram educados, do jeito que eles são. Então se os pais forem pessoas que bebem, que fumam, que vivem nas festas eu acho que os filhos vão ser assim também. (Referindo-se a resposta da A.08)

Pergunta: 16

O bullying, ele pode prejudicar vocês na hora de aprender, de estudar ou prejudicar vocês de alguma forma na escola?	
•	
Entrevistadas	Respostas
Aluna 01	- Acho que, se a pessoa não fica.... é.... fica fingindo que não quer ir pra escola, dizendo que tá doente, acho que é um pouquinho errado porque, tá se privando né? Acho que ela tem que tentar conversar, resolver o que tá acontecendo e... agora... é só (risos). A sim, ela se prejudica porque ela vai ta se privando de estudar, de aprender, pode até ficar reprovada por causa dos outros.
Aluna 02	- Olha o agressor ele vai se dar mal, porque o jeito dele, é comum de quem não quer nada, e o que sofre ele vai ficar oprimido, ele vai dizer que tá doente, que não quer ir pra escola, porque quem é que gosta de ser apelidado, de apanhar, de ficar toda hora sendo avacalhado pelos outros, ele vai preferir não ir pra aula, porque ele não vai querer chorar em público, então ele vai preferir ficar em casa ou então vai e não entra na escola, fica pela rua, que é pior, pode ficar aprendendo coisa errada, se meter em confusão.
Aluna 03	- É eu também concordo com ela, porque o que é que a pessoa vai fazer na escola só pra ser xingada? Ela não vai mais querer ir.
Aluna 04	- Prejudica muito, porque pode trazer trauma, medo da escola, muitas vezes o aluno fica com tanta raiva que quer estudar em outro lugar, aí se ele chegar em outra escola e já tiverem dado um assunto que ele ainda não tinha visto, ele vai ter que correr atrás pra recuperar, também os amigos que já tinha, tudo isso vai fazer com que a pessoa fique desmotivada.
Aluna 05	- É prejudica, principalmente que a pessoa pode nem querer mais ir pra escola e quando a mãe perguntar: Não tá na hora de você ir pra escola? Ela dá uma desculpa que tipo, não tá se sentindo bem, diz que ta com dor em algum lugar, mas é tudo inventado, é mentira! Ela se sente mal na escola, e vai inventar um monte de coisa pra não ter que ir pra lá, aí não tem como... Não se prejudicar.
Aluna 06	- Eu acho que assim, pode até ajudar por um lado, quer dizer ajudar assim, a pessoa se ela for boa, mas ela tá fazendo aquilo errado e o praticante de bullying, vai fica criticando ela, fica criticando, criticando ela, naquilo que vamos dizer, ele tá certo, não de tá criticando ela toda hora, mas vamos dizer que o que ela tá fazendo, tá errado, aí então vamos dizer que ela ficou sentida que aquilo que a pessoa tá falando é pra ajudar ela, e aí ela pega e muda, então aí eu vejo um lado positivo que pra aquela pessoa vai dar pra ela melhorar no que ela tá fazendo, é assim, não que ela sofre bullying vai melhorar, mas vamos dizer assim, que ela tá no início, mas vamos dizer assim, que ela rouba, um exemplo, mas escondido, rouba a lapiseira da amiga, a borracha da outra, rouba a caneta, aí o outro vê e começa a chamar ela todo tempo de “sua ladrona”, “sua ladrona”, tá praticando bullying, mas só que vamos dizer que é pra ela se conscientizar que aquilo é errado, assim eu acho que isso é um lado... não que seja positivo, mas que pode ajudar. E o bullying ele prejudica no estudo porque além da pessoa ficar com aquilo na cabeça, ela vai se sentir rejeitada, humilhada e não vai conseguir estudar, não vai conseguir se sair bem na escola.
Aluna 07	- Prejudica, porque a pessoa, ela pode até querer ir pra aula, mas aí ela se lembra que tem essa outra lá que quer ficar implicando com ela, xingando, ameaçando, até batendo mesmo, e ela não vai, porque vai ficar com medo de apanhar, de acontecer alguma coisa, passar vergonha ... Como as meninas já disseram, começa a faltar aula, vai perder o assunto, a explicação, e numa dessas... Pode até reprovar! Acho que sem dúvida pode prejudicar muito na hora da pessoa

	aprender.
Aluna 08	Eu acho que sim! Porque a pessoa fica com o psicológico dela abalado né. Então isso já vai, é... Influenciar em outras coisas também, até na forma como a pessoa aprende né.
Aluna 09	Sim, porque a pessoa fica com medo, medo de sair, medo de vim na escola, medo de sair da sala também.
Aluna 10	O que pode acontecer é que quem tá passando por isso pode perder a vontade de ir para a escola, porque a escola vai perder o sentido né, vai se transformar num lugar que ela não gosta, não vê graça de estar, acha que a escola não é lugar pra ela e nesse caso tem gente até que para de estudar, abandona!
Aluna 11	Pode então também que ela vai pra escola, aí um grupo já não quer se enturmar com ela, então ela já fica meio retraída e vai querer se enturmar com outro. Ou então não se enturma com ninguém e já vai ficar sem amigo, então isso interfere muito.
Aluna 12	É, isso de ficar sem grupo é chato mesmo! O ano passado tinha uma menina na minha turma, que ninguém queria fazer trabalho com ela, por sinal ela até nem estuda mais aqui! Mas era porque o pessoal dizia que ela era burra, não entendia as coisas direito, e toda vez ninguém queria ela no grupo. Em todos os trabalhos que teve, eu lembro que era a professora que escolhia uma equipe pra ela entrar. Às vezes, ela dizia que não tinha problema, que dava pra fazer sozinha. Eu acho que ela ficava com raiva sim, mesmo que ela disfarçasse né! Pelo menos se fosse eu, eu não ia gostar disso.
Aluna 13	Na minha opinião prejudica, porque a pessoa vai ficar triste, ficar chateada, se sentindo mal! Pode ser porque é excluída do grupo, pode ser porque xinguem, inventem mentira ou batam nela, não tem como passar por isso e não ligar, é impossível... Pelo menos eu né, eu tiro por mim, se fosse comigo, eu ia ficar muito triste! Então é claro que de algum jeito, isso vai prejudicar nos estudos também.
Aluna 14	É. Isso prejudica mesmo, porque às vezes a pessoa acaba querendo fazer sozinha mesmo, porque ninguém quer ela no grupo, e ela decidi fazer sozinha e isso faz que ela própria vá se excluindo. (Referindo-se a fala da A.12)

Pergunta: 17

O que que vocês acham sobre a escola ser um dos locais em que mais ocorre bullying? O que vocês pensam sobre isso?

•

Entrevistadas	Respostas
Aluna 01	- Não era pra ter né? É errado, mas tem tanta coisa que agente faz na escola que não é o certo, mas eu acho que tá errado, que não deveria ser assim na escola não.
Aluna 02	- Eu também concordo com ela, não era pra ser desse jeito, era pra ter suspensão, não sei um castigo que funcionasse pra quem quisesse ficar fazendo, mesmo a escola colocando uma norma que não era pra ter violência, nem bullying com os alunos.
Aluna 03	- Não era pra ter, mas os filhos muitas vezes veem os pais fazendo isso em casa, falando mal, inventando história dos vizinho, brigando e batendo nos outros, se esculhambando, então o filho vai fazer isso também na rua, porque muito ele aprende em casa.
Aluna 04	- Pois é que nem eu falei na outra pergunta, a escola tinha que fazer palestras, ter um projeto pra trabalhar com isso, ter alguma coisa que fosse pra melhorar o

	comportamento, a violência, o bullying, as drogas e outras que tão errada e não era pra ter na escola, porque a escola é lugar de aprender o certo, não o errado.
Aluna 05	- Eu penso assim, vamos supor, eu não gosto.... eu não gosto dela, sei lá se eu não gosto dela, eu não vou chegar e xingar ela por isso, eu vou me afastar, tinha que ser assim, se eu não gosto eu vou ficar na minha e tanto ela vai ficar na dela, aí não precisava ter essas coisas de briga, de desrespeito.
Aluna 06	- Isso não deveria ter na escola não, porque é um lugar que agente vem pra aprender, e vem pra aprender isso? E isso tá acontecendo demais na escola, mas não deveria acontecer. Voltando a falar sobre o respeito, se todo mundo se respeitasse, todo mundo devia ser amigo um do outro, claro que ainda assim ia ter intriga, mas vamos dizer assim que não precisasse fazer aquele tumulto, de vamos dizer, tumulto de violência, de pessoas xingando umas as outras, não era pra ter isso, porque um lugar de aprendizado
Aluna 07	- Aí que nem ela falou ainda agora, se uma não gosta da outra, não pensa que vai ficar na dela, ela vai ficar xingando, batendo nela, falando dela, fofocando, deixar ela reprimida, deixar ela mal, por causa de que, por causa que eu não gosto dela, então eu quero fazer ela ficar mal, ficar pra baixo, vê ela ruim mesmo, mas na escola isso não devia acontecer não, eu acho errado também, na escola era pra ser proibido esse tipo de coisa.
Aluna 08	- Olha a escola é o lugar que mais acontece bullying, principalmente por que tem gente de todo jeito, tem gente que pensa igual e tem gente que pensa muito diferente... e é tudo ao mesmo tempo, a faixa etária também influi, tem pessoas de várias idades, tudo isso né. - E porque também quem sofre bullying não quer contar pra ninguém que tá passando por isso, principalmente não quer que os pais fiquem sabendo, porque se isso acontecer, o que é que os pais vão fazer, eles vão querer ir lá, falar na escola, então o que que os outros vão pensar, a que ele não sabe se defender, que é amamaesado, que é preciso os pais irem lá pra resolver o problema pra ele. Então a pessoa não conta, ela mesmo quer resolver, e ela fica naquele mundo dela, no mundo de bullying, né. Outra coisa, se ela reclamar na diretoria, o diretor vai chamar, e se a pessoa que tá fazendo o bullying for chamada atenção ou for expulsa, ela vai querer revidar. Aí se não reclama é ruim e se reclama é ruim também, o que que ela vai fazer, parece que não tem saída, parece que agente procura uma saída e não tem.
Aluna 09	- Deveria ter uma conscientização de pais, alunos, diretores, professores. A escola devia fazer um projeto que trabalhasse o bullying, e também como elas já disseram outros problemas, como as drogas, a gravidez na adolescência, doenças sexualmente transmissíveis, e outros.
Aluna 10	- Na escola acontece muito por causa que ninguém fala muito sobre isso, e não é só sobre isso não. Às vezes tem problema de roubo de material na sala, de dinheiro e até de bicicleta mesmo, e aí o professor fala e o diretor, mas só naquela hora, depois esquecem, não tem nenhum trabalho ou projeto na escola que fale sobre esses problemas, que tenha palestras, reunião com os pais, com os alunos e os professores, que fale de violência, de bullying, de drogas e outros.
Aluna 11	- Tá faltando na escola e na família também, isso deve ser responsabilidade da família, dos pais, da escola também, de todos. Porque a escola é um lugar para aprender as matérias, mas também a se comportar, aprender coisas boas, e apelidar, agredir, xingar, humilhar não deveria ser algo que estivesse na escola.
Aluna 12	- Eu acho que essas coisas não deveriam acontecer na escola, porque a escola é um lugar de aprendizado, um lugar que agente vem pra aprender, pra ser uma pessoa melhor, mais educada... Mas o engraçado é que isso acontece muito na escola, quer dizer, na verdade não é engraçado, é estranho porque não deveria ser assim, tinha que ser ao contrário né, todo mundo tinha que se respeitar, pelo

	menos dentro da escola, não era pra ser desse jeito.
Aluna 13	- Eu acho que na escola isso acontece porque os alunos fazem as coisas e ninguém diz nada. Quebram as coisas da escola, cadeira, mesa, porta, ninguém diz nada, não fazem nem os pais pagarem, e se eles forem suspensos é capaz de gostarem, porque eles não querem estudar mesmo. Então por isso é muito fácil ficar impune e aí é difícil parar.
Aluna 14	- As pessoas que praticam bullying, continuam porque não têm punição, elas fazem e fica por isso mesmo, isso até na escola que deveria ser proibido, que deveria ter um controle sobre isso, porque lá é um dos lugares em que mais acontece bullying, porquê? Porque ninguém faz nada, é como se já fosse normal.